

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

MARIA DO SOCORRO FONSECA VIEIRA FIGUEIREDO

EXÍLIO: PERTENCIMENTOS E RECONHECIMENTOS EM POPULAÇÕES
DESLOCADAS – O CASO ITACURUBA

RECIFE

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

MARIA DO SOCORRO FONSECA VIEIRA FIGUEIREDO

EXÍLIO: PERTENCIMENTOS E RECONHECIMENTOS EM POPULAÇÕES
DESLOCADAS – O CASO ITACURUBA

Tese apresentada à Universidade Federal de
Pernambuco como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutor em
Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida
Lopes Nogueira

RECIFE

2011

Catálogo na fonte
Bibliotecária, Maria do Carmo de Paiva CRB4 - 1291

F475e Figueiredo, Maria do Socorro Fonseca Vieira.
Exílio: Pertencimentos e reconhecimentos em populações deslocadas:
o caso Itacuruba. - Recife / Maria do Socorro Fonseca Vieira Figueiredo.
– Recife: O autor, 2011.
232 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Lopes Nogueira.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2011.
Inclui bibliografia e anexos.

1. Antropologia. 2. Memória. 3. Identidade. 4. População. 4.
Itacuruba. I. Nogueira, Maria Aparecida Lopes (orientadora). II. Título.

301 (CDD 22.ed.) BCFCH2011-23

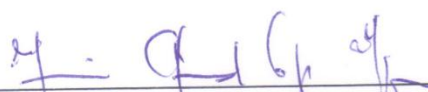
MARIA DO SOCORRO FONSECA VIEIRA FIGUEIREDO

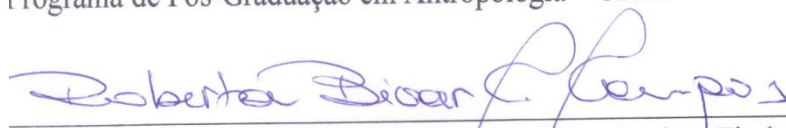
**EXÍLIO: PERTENCIMENTOS E RECONHECIMENTOS EM POPULAÇÕES
DESLOCADAS - O CASO ITACURUBA**

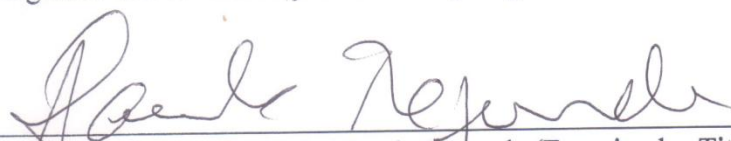
Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Antropologia.

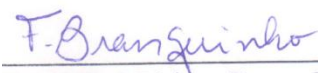
Aprovado em: 15/03/2011.

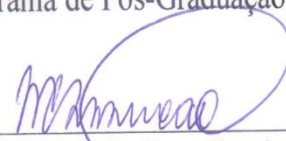
BANCA EXAMINADORA


Prof^a Dr^a Maria Aparecida Lopes Nogueira (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE


Prof^a Dr^a Roberta Bivar Carneiro Campos (Examinadora Titular Interna)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE


Prof^o Dr. Antonio Paulo de Moraes Rezende (Examinador Titular Externo)
Programa de Pós-Graduação em História – UFPE


Prof^a Dr^a Fátima Teresa Braga Branquinho (Examinadora Titular Externa)
Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente - UERJ


Prof^o Dr^o Luiz Carvalho de Assunção (Examinador Titular Externo)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia - UFRN

DEDICATÓRIA

Rogério, sua companhia, nesses vinte sete anos, tem me permitido viver a um só tempo a intensidade das águas duras e a serenidade das águas mansas. Sua entrega a vida, como artesão de sonhos, faz acreditar ser possível empreender qualquer jornada. Foi ao seu lado que conheci Itacuruba e suas dores, mas, também, aprendi a ver a beleza da aridez sertaneja. Quando em campo me sentia só, a ponto de ceder à tentação de voltar ao nosso lugar, você chegava e, mesmo que por apenas um dia ou dois, percorria comigo os caminhos da nova Itacuruba. Esses momentos alimentavam meu espírito, me fortaleciam para continuar a caminhada. A você e aos nossos filhos, Rogério Filho e Germana, parceiros em todos os instantes das nossas vidas, dedico esse estudo e o meu amor mais forte.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Hildebrando e Edísia (*in memorian*), pelo amor, ponto de partida para todos os caminhos.

Agradeço a Profa. Dra. Maria Aparecida Lopes Nogueira por aceitar percorrer ao meu lado todo o trajeto desta pesquisa. Por vezes recuando um pouco, me instigando a ousar. Em outros momentos dando um passo à frente, iluminando a jornada. Este ciclo se fecha, mas fica a certeza de que suas mãos permanecerão ao alcance das minhas.

Agradeço a Jarbas Araújo pela leitura atenta de cada palavra deste texto. Suas críticas francas, que só os grandes amigos se permitem fazer, reorientaram, muitas vezes, a construção deste escrito. Grande parceiro!

À Rosa Souza, pela companhia e escuta paciente em cada etapa deste estudo: foram incontáveis cafés.

À Sandra Simone Araújo, pela amizade e intensa parceria em muitos projetos nesses últimos quatro anos. Que esta relação permaneça no projeto maior: na vida.

À Ana Eliza Lima e a todo pessoal da Coordenação Geral de Estudos Econômicos e Populacionais – FUNDAJ, pela generosa acolhida, que me permitiu acesso a todo um acervo de pesquisas e relatórios, que contam parte importante do que foi vivido quando da construção da Barragem de Itaparica e exílio da população ribeirinha.

Agradeço a Profa. Dra. Roberta Campos, pelas sugestões dadas em sala de aula e na banca de qualificação do ensaio teórico. Muitos dos autores que me foram apresentados nesses momentos me acompanharam durante toda a pesquisa.

À Carmem Lúcia Silva, pela amizade construída entre leituras e conversas.

À Graça Costa pela generosa amizade e criação da capa deste estudo. Amiga artista!

À turma da secretaria: Regina, Ana, Míriam e Jonas, e a Ademilda agradeço o carinho recebido durante este trajeto.

A CAPES agradeço a bolsa, que me permitiu dedicação exclusiva a esta pesquisa.

As pessoas de Itacuruba, que, generosamente, compartilharam comigo um tesouro: suas memórias.

A Deus, fonte de todas as histórias.

RESUMO

Estudos, em diversos países, têm focalizado os processos de desordem/reorganização resultantes da instalação de grandes barragens voltadas à irrigação e à produção de energia elétrica. Essas pesquisas têm demonstrado que a edificação destas obras tece uma rede de extrema complexidade, com a conjugação de diferentes atores humanos e não-humanos. Entretanto, esta teia mostra-se pouco visível em suas especificidades. Na deriva dessas idéias, este estudo busca, por meio de uma aproximação com o universo da cidade de nova Itacuruba, refletir sobre o exílio a que grupos inteiros são condenados, para permitir a construção desses mega-projetos. A antiga Itacuruba, em 1988, teve 27,21% de sua área inundada, incluindo sua sede e terras agricultáveis pela construção da Barragem de Itaparica. No exílio (nova Itacuruba) a população parece viver uma profunda crise de sentido, uma vez que no novo espaço nada parece ter relação com as antigas experiências. Vive-se o lamento pela identidade perdida. Talvez a escuta das memórias/narrativas das pessoas de Itacuruba, tanto dos oriundos da velha cidade quanto dos que nasceram no novo município, e a inserção em seus cotidianos possam revelar astúcias que se movimentam nas entrelinhas do discurso da perda de identidade, dando a ver os pesadelos e sonhos de uma população exilada em um espaço inóspito, sem qualquer possibilidade de retorno ao antigo lugar, agora submerso.

Palavras-chave: Itacuruba, Identidades e Pertencimentos, Populações Deslocadas, Memória, Exílio.

ABSTRACT

Studies, in several countries, have focused on the processes of disorder/reorganization resulting from the installation of large dams focused on irrigation and electricity production. These researches have shown that the construction of these buildings weave a net of extreme complexity, with the combination of different human actors and non-humans. However, this net shows itself barely visible in its own specificities. In the drift of these ideas, this study seeks, through an approach to the universe of the city of new Itacuruba, reflect about the exile to which entire groups are condemned to allow the construction of these mega-projects. The old Itacuruba, in 1988, had 27,21% of its area flooded, including its headquarters and farmlands by the construction of Itaparica's dam. In exile (new Itacuruba) the population seems to live a profound crisis of meaning, since the new space seems to have no relation with past experiences. They live the lament for the lost identity. Perhaps listening to the memories / stories of itacuruba's people, not only who were from the old city but also who was born in the new municipality, and inserting in their daily lives can reveal the astuteness that moves between the lines of the speech of loss of identity, making visible the nightmares and dreams of a people in exile in an inhospitable area, without any possibility of returning to the old place, now submerged.

Keywords: Itacuruba, identity and belonging, Populations Displaced, Memory, Exile.

RÉSUMÉ

Des études dans plusieurs pays, ont mis l'accent sur les processus de désordre / réorganisation résultant de l'installation de grands barrages et d'irrigation visant à produire de l'électricité. Ces études ont montré que la construction de ces ouvrages tissent un réseau d'une extrême complexité, avec la combinaison de différents acteurs humains et non-humains. Cependant, ce spectacle web est à peine visible dans leur spécificité. Dans la dérive de ces idées, cette étude vise, à travers une approche à l'univers de la ville de New Itacuruba, une réflexion sur l'exil à des groupes entiers qui sont condamnés pour permettre la construction de ces méga-projets. L'ancien Itacuruba en 1988, avait 27,21% de sa superficie inondée, y compris son siège et de terres agricoles pour la construction du barrage d'Itaparica. En exil (nouveau Itacuruba) périclité la population vit une profonde crise de sens, puisque rien dans le nouvel espace semble avoir une relation avec les expériences anciennes. Nous vivons par la complainte d'identité perdue. Peut-être l'écoute des souvenirs / histoires de personnes d'Itacuruba, à la fois de la vieille ville et ceux qui sont nés dans la nouvelle municipalité, et en insérant dans leur vie quotidienne peuvent révéler des trucs qui se déplacent entre les lignes du discours de la perte d'identité, ce qui donne le point de vue cauchemars et les rêves d'un peuple exilé dans un espace nu, sans possibilité de revenir à un endroit clé, maintenant submergés.

Mots-clés: Itacuruba, l'identité et les populations appartenant, Déplacées, mémoire, l'exil.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo 1 – Itacuruba velha: cidade raiz.....	18
1.1 - Revertendo a seta do tempo.....	24
1.2 - O Dilúvio.....	33
1.3 - Itacuruba: pedra miúda.....	35
1.4 - Tempo de fartura.....	39
1.5 - À maneira de uma dádiva.....	49
1.6 - Espaço, Lugar, Identidade: um jogo de reconhecimento.....	54
1.7 - A Itacuruba das águas.....	60
1.8 - Tempo de Aproximação.....	64
1.9 - Sobradinho: puxando o fio da meada.....	65
Capítulo 2 - Tempo em Suspense: teia de crises e sentidos.....	69
2.1 - Evas: mensageiras do Apocalipse.....	76
2.2 - Enfrentando o Inimaginável: tempo de luta.....	91
2.3 - Segunda traição: o plebiscito que não se cumpriu.....	107
2.4 - Tempo de vertigem: o ápice dos acontecimentos.....	110
Capítulo 3 - Nova Itacuruba: identidade em tempo de luto.....	117
3.1 - Caminhos de sombras.....	124
3.2 - Cidade Armadilha: beco sem saída.....	139
3.3 - O lago de Itaparica: águas de sombras.....	142
3.4 - Sob as sombras da depressão e suicídio.....	146
3.5 - Outras pragas do exílio: violência, álcool, drogas.....	164
Capítulo 4 - Itacuruba para além das sombras: pela luz que sempre há.....	173
4.1 - Pelas frestas da estagnação: o movimento.....	181
4.2 - Jovens: sonho com novas histórias.....	183
4.3 - Inventando tradições?.....	187
4.4 - Para além da falta de fé.....	193
4.5 - Isso foi depois.....	199
Bibliografia.....	202
Anexos.....	215

INTRODUÇÃO

Este estudo trata do exílio a que grupos inteiros são submetidos para que sejam construídas grandes barragens. Este exílio traz a marca da impossibilidade de regresso ao antigo lugar, carregado de memórias, doravante submerso. O caminho escolhido para a construção deste trabalho segue a direção apontada pela pesquisa “Contadores de Histórias: tradição e atualidade”, que desenvolvi durante o Mestrado, neste Programa. Naquele momento, me questionava: onde, nos domínios da modernidade, encontrar esses contadores que a literatura mantém sentados à luz de candeeiros ou ao redor de fogueiras? Procurava verificar a importância desses contadores como agentes aglutinadores, que, por intermédio do fomento de uma memória comum, fortaleceriam os laços sociais. Nas histórias de cada narrador, ressonâncias diriam respeito ao passado e presente do grupo, sinalizando suas perspectivas de futuro.

Nos caminhos da pesquisa, identifiquei contadores da tradição narrando nos mais diversos espaços e com múltiplos objetivos. E, mesmo nos domínios tecnológicos, como na televisão e cinema, eles se faziam presentes. Entre os filmes, *Os Narradores de Javé*¹ me causou certa inquietação.

O filme trata de questões tais como: a construção das representações sociais e da identidade coletiva e suas relações com os mitos de origem; a resistência de moradores do vilarejo contra a construção da hidrelétrica que inundaria toda a vila; o potencial desestabilizador da submersão de todo um espaço repleto de afetividades e da importância dos contadores de histórias na (re)construção da identidade do grupo.

Os Narradores de Javé fez lembrar que esta desconstrução causada pela implantação de hidrelétricas é uma realidade próxima para o nordestino e muito pesquisada, mas o papel das memórias vivas dos grupos, em movimentos de reconstrução de suas identidades, partindo dos contadores de histórias das comunidades requeria ser considerado como objeto de estudo nesses grupos.

Para Merleau-Ponty², só quando se recupera o nexos entre memória e práticas corporais é que podemos conceber o passado como força que determina o devir. Perpassando pelo subjetivo, o corpo não é mais matéria inerte ante o espetáculo da cultura. Nesse sentido, as

¹ Filme brasileiro dirigido por Eliane Café. Estrelado por José Dumont e Nelson Xavier. Vencedor do Festival do Recife e do Rio, em 2003.

²In: Rabelo, M. C. e Alves, P. C. *Corpo, Experiência e Cultura* [versão preliminar].

memórias do grupo não se revelam através dos contadores de histórias exclusivamente pelo conteúdo das narrativas, mas, também, pela voz do contador, por sua ação corporal colada a estas (Paul Zumthor, 1997).

Dessa forma, defendida minha Dissertação, fui ao encontro de algumas comunidades localizadas na região do Submédio São Francisco, que foram atingidas pela construção da Barragem de Itaparica. Estive nos municípios pernambucanos de Itacuruba, Belém do São Francisco, Floresta e Petrolândia, e nas cidades baianas de Glória e Rodelas [deixei de visitar Chorrochó, município baiano também atingido por Itaparica].

Entre as cidades visitadas Itacuruba chamava especial atenção, tanto pela beleza dos jardins transbordantes de verde, pelas ruas quase desertas, quanto pelos dados estatísticos. Pelo CREMEPE³ 2006, Itacuruba é citada como a cidade brasileira que mais se utiliza de antidepressivos, sendo detentora do maior índice de suicídios, estando este índice bem acima da média mundial⁴. Importante observar que a antiga Itacuruba teve 27,21% de sua área inundada, incluindo sua sede e terras agricultáveis. Na nova cidade a população parecia viver em estado de luto pela perda do antigo lugar.

De acordo com Georges Balandier (1999) a construção de identidades acontece na relação com espaços, valores, fazeres cotidianos; mas, o que fazer quando uma cidade submerge e seus habitantes são exilados num novo espaço, que mais se aproxima de um “não-lugar” (Augé, 1994) em ruptura com toda uma vida, como até então conheciam? Decidi, então, que seria este o meu universo de pesquisa; buscaria, escutando seus contadores de histórias, me aproximar de respostas para algumas questões: nesses contextos de movimento e de incerteza, qual seria o papel do contador de histórias na busca por identidades? As histórias narradas seriam espelhos em que o grupo se reconheceria? Essas histórias poderiam apontar novos caminhos a todo um grupo?

Mas, eu não podia desconsiderar que a construção de uma usina hidrelétrica envolve um complexo jogo de atores e de poder, **“indo de decisões basicamente técnicas até fundamentalmente políticas”**⁵. O exílio dessas populações requer uma malha de articulações, que para além das famílias atingidas e do setor elétrico, envolve desde o cenário político regional, até o nacional e internacional [reconhecidas interferências de agentes

³ Conselho Regional de Medicina de Pernambuco.

⁴ Diário de Pernambuco – viver – 15/10/2006. Dados da Caravana CREMEPE.

⁵ Fundação de Desenvolvimento Administrativo FUNDAP. Centro de Estudos e Projetos em Políticas Governamentais. Interferências de Usinas Hidrelétricas: Remanejamento de grupos populacionais e alterações em seus quadros de vida físico-sociais. Relatório Final – vol. 1. São Paulo, julho de 1988: 130

financiadores internacionais]⁶. A magnitude dos números de alguns desses projetos impressiona: em Itaparica cerca de 40.000 pessoas foram realojadas durante 1987-88, com custo aproximado de 63.000 dólares por família⁷.

Percebi a necessidade de uma aproximação com este universo, para mim novo, antes de partir para Itacuruba. Procurei a FUNDAJ [Fundação Joaquim Nabuco], pois sua equipe de pesquisadores havia realizado intensas pesquisas na área.⁸ Acolhida pela Coordenação Geral de Estudos Econômicos e Populacionais – FUNDAJ me foi permitido acesso a relatórios e pesquisas que contavam parte significativa do que foi vivido pelos diversos atores sociais naquela época. Passei o segundo semestre de 2008 entregue a estas leituras. Ainda na FUNDAJ, busquei nos Jornais: Jornal do Comércio e Diário de Pernambuco, no período de 1980 aos dias atuais, acompanhar as publicações sobre a barragem de Itaparica e os projetos de reassentamento. Em paralelo entrei em contato com os textos resultantes das pesquisas realizadas pela UFPE/FAGES⁹. Este período me permitiu um mínimo de intimidade com aquele que viria a ser meu campo de pesquisa. Em março de 2009 resolvi conviver com Itacuruba.

Mas, chegando lá, onde permaneceria até o final de julho, senti, logo nos primeiros

⁶ Fundação de Desenvolvimento Administrativo FUNDAP. Centro de Estudos e Projetos em Políticas Governamentais. Interferências de Usinas Hidrelétricas: Remanejamento de grupos populacionais e alterações em seus quadros de vida físico-sociais. Relatório Síntese. São Paulo, outubro de 1988: 16, 20.

⁷ Aspectos e Consequências Ambientais de Projetos Financiados pelo Banco no Vale do Médio e Baixo São Francisco – Resumo e Conclusões. Daniel Gross, p.6. O custo por hectare irrigado foi de US\$ 54.000, em relação a população urbana os custos foram menores, conforme estimativa da CHESF US\$ 37.000 por família. Segundo dados da CHESF os custos da construção da usina de Itaparica e o custo total do reassentamento são equivalentes: US\$ 1,5 bilhões cada. (E. B. Rice. Early Experience With Involuntary Resettlement: a follow – up . Case Study: Brazil – Itaparica. December/1997 – relatório de consultoria contratado pelo Banco Mundial)

⁸ A equipe de pesquisadores da FUNDAJ, à qual se uniram pesquisadores da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) realizaram entre 1987 e 1989 o acompanhamento do processo de mudança das famílias rurais, cobrindo as fases anterior e posterior do enchimento do reservatório. Após esse período a FUNDAJ celebrou um contrato com a CHESF para prestar, por dois anos, a partir de fevereiro de 1994, serviços de acompanhamento e avaliação sócio-econômica do reassentamento rural de Itaparica. Desse trabalho eram realizados RATs (Relatório de Avaliação Trimestral) com cópias entregues a CHESF e ao Pólo Sindical, com o qual eram discutidos os problemas detectados e sugeridas soluções.

⁹ Pesquisadores da UFPE, integrados à equipe da FUNDAJ, acompanharam o traslado da população e a constante negociação entre os seus maiores atores sociais. Estes atores incluíam a CHESF, executora governamental da obra; e o Pólo Sindical do Submédio São Francisco. Foram produzidos relatórios regulares de acompanhamento e um extenso relatório final detalhando o processo. Após este período a UFPE e o FAGES continuaram desenvolvendo pesquisas, agora independentes, com os reassentados, na área de Itaparica.(...) O nome Itaparica somente se firmou como rótulo todo inclusivo para a região ribeirinha de sete municípios desde Petrolândia/Glória até Belém/Chorrochó ao virar alvo do reservatório. (Scott, 2009: 13, 14, 23)

dias, que velhos e jovens, pareciam ter como ocupação essencial narrar a vida na velha cidade submersa e os sofrimentos trazidos pela barragem; o discurso vivido era da perda da identidade, em decorrência do exílio a que foram submetidos: **“a identidade aqui [nova Itacuruba] está perdida”; “aqui acabou o referencial de identidade, a situação aqui é muito delicada”; “os jovens estão perdendo a identidade”; “o povo de Itacuruba não tem mais uma identidade devido às perdas que tiveram”....**

Esses depoimentos dão pistas de que o exílio deixou cicatrizes profundas no grupo, que vive a chamada crise de identidade. Na movimentação teórica que envolve este tema, Stuart Hall (1998) sublinha que essa crise encontra seus espaços nas lacunas deixadas pelas inseguranças contemporâneas. Sendo tudo colocado em movimento, inclusive a tradição, perdem-se as orientações que guiam os indivíduos; assim, vive-se uma sensação de vazio.

De acordo com Hall (1998), o conceito de identidade é demasiadamente complexo; pouco desenvolvido e, ainda, pouco compreendido nas ciências sociais. Corroborando com estas ideias, Peter Berger (2004) defende que o mundo moderno enfrenta condições específicas de crises de sentido, que se revestem de muitos estratos e complexidade, sendo, portanto, necessárias pesquisas empíricas profundas sobre essa temática. Só, então, certos questionamentos como: em que medida as identidades são fixas? ou, de forma alternativa, fluidas e cambiantes? (Woodward, 2000), poderão ser respondidos.

Talvez seja bom recordar que identidade nunca esteve, de fato, ausente das preocupações da antropologia, mesmo que, em determinados momentos, se revelasse apenas nas entrelinhas; **“durante décadas os próprios etnólogos, em suas monografias étnicas e em seus inventários de tradições, falaram sobre ela, e até mesmo a produziram, sem sabê-lo ou sem medir todas as consequências”** (Agier, 2001).

Ainda nos anos 60-70, Claude Lévi-Strauss (1977:10), em seus seminários sobre identidade e etnicidade, definia a identidade como um componente do universalismo: **“é o mínimo de identidade que funda a unidade do humano e faz com que as mais diversas experiências humanas sejam, ao menos em parte, mutuamente inteligíveis”**. Argumenta ainda ser a identidade uma espécie de abrigo virtual ao qual é indispensável nos referirmos para explicar um determinado número de coisas, sem que este tenha jamais uma existência real. Assim, tentando uma aproximação do abrigo fluido no qual, em movimento vertiginoso, as identidades parecem brincar de esconde-revela, optei por escutar na nova Itacuruba, não apenas os seus contadores de histórias, mas, múltiplas vozes da cidade, diferentes gerações; artífices de vários saberes. Mas, estava consciente de que, por mais ampla que conseguisse ser esta escuta, o máximo que ela permitiria seria uma aproximação com o espírito da nova

cidade, da sua aura, sempre inesgotável.

Para Berger, **“quando o agir habitual se torna difícil ou impossível em muitos setores, ele protege contra as crises de sentido lá onde ele poder ser conservado”** (2004: 65). Tempos difíceis e ameaçadores, como os vividos em Itacuruba, podem levar ao surgimento de crises de sentido. Mas, mesmo em condições apocalípticas, costumes antigos e significativos, como rememorar, continuam a influenciar setores da vida se opondo à difusão dessas crises. Em situações extremas, **“nosso espírito se debruça sobre si mesmo”** (Carrière, 2004: 11).

Jean-Claude Carrière (2004: 11, 12) perguntou certa vez ao neurologista Oliver Sacks o que, a seu ver, era um homem normal. Depois de hesitar um pouco, ele respondeu que um homem normal talvez fosse aquele capaz de contar a sua própria história.

“Ele sabe de onde veio (tem uma origem, um passado, uma memória em ordem), sabe onde está (sua identidade) e acredita saber aonde vai (ele tem projetos e a morte no fim). Portanto ele se situa no movimento de um relato, ele é uma história e ele se pode narrar. Caso esta relação indivíduo-história venha a se romper, por qualquer razão fisiológica ou mental, eis aí o relato partido, a história perdida, a pessoa é projetada para fora do tempo. Ela não sabe nem o que ela é, nem o que deve fazer. Aos olhos do médico, o indivíduo surge à deriva. O que dizemos a respeito de um indivíduo pode ser dito sobre um grupo social? Alguns pensam que sim. Não ser capaz de contar, de se identificar, de se colocar normalmente no curso do tempo, poderia levar povos inteiros a se apagarem, isolados dos outros e, sobretudo, deles mesmos na falta de uma memória constantemente reanimada.”

Seria essa resistência à morte, enquanto grupo, que levava as pessoas de Itacuruba a um contar obsessivo sobre velhos pertencimentos, e a como foram lançados num vazio de sentidos? O rememorar apontaria saídas para crise de pertencimento vivida na nova cidade? Seria uma estratégia de luta por reconhecimento? A sensação era de ser vital se revelar para além do confinamento a que se viam submetidos, de mostrar os danos que um exílio, sem possibilidade de regresso, pode causar.

Este panorama remete à noção de Marcel Mauss (1974: 189), de “fato social total”, e convida a aceitar o desafio dessa comunidade, de se dá a ver. Afinal, está na razão de ser da antropologia, como a ciência que estuda o próprio acontecimento humano, dar voz a quem foi emudecido, ao “outro”. Em “A Hora da Estrela”, Clarice Lispector lembra: **“os fatos são sonoros, mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro que me impressiona”** (1998: 24). È desses sussurros, silêncios, contradições, que pretendia me aproximar por meio das memórias/narrativas das pessoas de Itacuruba e da inserção em seu cotidiano: rezas, festas,

praças, padarias, posto de saúde.... Talvez eles revelassem astúcias que se movimentam nas entrelinhas do discurso da perda de identidade. Para Balandier (1997: 232), **“a modernidade, gerando em muitas sociedades uma conjuntura de crises e incertezas que têm aspectos destruidores, nos sinaliza que é o momento de investigarmos essa desordem”**, e traçar a cartografia resultante desse (re) conhecimento.

Na deriva dessas ideias, a pesquisa passou a ser construída no cotidiano da cidade: na observação direta dos seus espaços; nas conversas informais, com pessoas de diferentes gerações; com os responsáveis pela administração municipal; com a equipe de saúde... Foram realizadas: entrevistas semi-estruturadas; registros de imagens; histórias de vida; pesquisa de fotos, filmes, mapas e escritos sobre a cidade.

As pessoas a serem escutadas, para além das que eu já escolhera previamente por conta da atividade que desempenhavam: médicos, Secretário de Saúde, contador de histórias, Secretário de Educação, professores, Secretária de Cultura; foram se determinando no dia a dia. Um velho escutado apontava outro que também viera da velha cidade e tinha muito que lembrar¹⁰. Uma grande companhia foi dona Miúda, sogra da dona do hotel em que fiquei; todos os dias ela saía para suas visitas e me convidava a acompanhá-la. Foi ao seu lado que entrei nas casas, escutei os primeiros lamentos de pessoas deprimidas, ouvi pais cujos filhos abdicaram da vida. Aos poucos as memórias interligavam-se em uma imensa teia. Assim, os caminhos seguidos para a construção dessa pesquisa foram surgindo a partir da minha inserção nessa teia.

A trilha de memórias, construída a cada depoimento gravado, determinava ser necessário, antes de me aproximar da nova Itacuruba, conhecer a cidade submersa. Acredito que senti o mesmo que “Kublai Kahn”¹¹ ao penetrar nas cidades do seu império por meio das narrativas de Marco Polo; elas mostravam que cada cidade, mesmo a menor e mais isolada, tal qual as bonecas russas Matrioskas¹², embora únicas, são múltiplas. Era preciso aceitar o convite dos que narravam e iniciar o percurso pelas cidades invisíveis, coração da nova Itacuruba.

Assim, os caminhos de memória se impuseram como suporte para a arquitetura do trabalho. Tal fato reitera a importância do próprio campo na construção do conhecimento antropológico; ao mesmo tempo em que reconhece no referido suporte a ideia de Gilbert Durand (1989), segundo a qual, o próprio pesquisador percorre o trajeto antropológico

¹⁰ Ver anexo I – lista de entrevistados.

¹¹ (Calvino. As Cidades Invisíveis, 1990)

¹² Brinquedo tradicional da Rússia. Constituído por uma série de bonecas, feitas de diversos materiais, que são colocadas umas dentro das outras.

durante seu fazer.

Dividi a tese em quatro partes, ou cidades/tempo: 1ª - Itacuruba velha: cidade raiz; 2ª - Tempo em Suspensão: teia de crises e sentidos; 3ª - Nova Itacuruba: identidade em tempo de luto; 4ª - Itacuruba para além das sombras: pela luz que sempre há.

A primeira delas traz, reconstruída, pelas memórias, a velha Itacuruba, o **antes** da barragem. Um tempo em que a palavra identidade relacionava-se apenas a um documento oficial – RG. A população se reconhecia como ribeirinha, de agricultores, da terra, das ilhas; pertencia a um lugar de fartura. Mas, reconstruída no jogo entre o que deve ser lembrado e esquecido, a velha cidade foi revisitada como o paraíso, templo no qual estavam erguidos altares sagrados.

No “Tempo em Suspensão: teia de crises e sentidos”, situo o início da construção da barragem e os movimentos de organização e resistência da população, que culminaram com a implementação de uma nova política em relação às populações atingidas pela construção de barragens. Esse tempo de luta fala também de medo, incerteza, jogo, poder, luta por reconhecimento.

“Nova Itacuruba: identidade em tempo de luto” traz o **depois** da construção da barragem. Vem à superfície o discurso de uma identidade perdida com a submersão do velho lugar, palco de práticas antigas. Revelam-se feridas abertas pelo exílio a que a população foi lançada; as marcas de duas décadas de tortura se mostram nas suas estatísticas e na sua vida, embora nem sempre de forma coincidente. Diante desse cenário, memória e identidade são armas para enfrentar o desenraizamento.

Trago “Itacuruba para além das sombras: pela luz que sempre há”, enquanto considerações finais desse estudo. Ela revela um pouco do **agora** da nova cidade, dando a ver táticas colocadas em ação, pelas frestas, numa retomada de possibilidades de vida para além de uma aparente imobilidade social.

Essa divisão em quatro cidades/tempos se deu unicamente como estratégia narrativa, respeitando o jogo de memórias dos que narravam, mas cada uma delas traz um pouco das outras, são um todo indissociável, reconstruído no encontro do passado com o presente em direção ao futuro.

Mas a escuta de Itacuruba só tornou-se um empreendimento possível porque não percorri só os seus caminhos. Vários autores me acompanharam durante o percurso, apontando possibilidades, esclarecendo dúvidas, fazendo pensar: Marcel Mauss (a noção de fato social total; a dádiva); Henri Bergson, Maurice Halbwachs, Michael Pollak, Jacques Le Goff (memórias em movimento de reconstrução, memória social, memórias conectadas ao

presente vivido); Walter Benjamin (as narrativas enquanto conselhos tecidos na experiência, trazendo a marca de quem narra; a noção de aura), Edgar Morin (o *homo* numa relação dialógica: *sapiens-demens*, extrapolando as fronteiras da racionalidade e da técnica); Georges Balandier (memória enquanto resistência; figuras e movimentos de desordem); Marshall Sahlins (a cultura na prática); Michel Maffesoli (a cidade sensível; a errância involuntária e a violência totalitária); Gaston Bachelard (as imagens da matéria vivenciadas em sua complexidade primordial; o devaneio conectado à criação); Cornelius Castoriadis (a instituição imaginária da cidade); Michel de Certeau (as táticas, astúcias); Aparecida Nogueira (imaginação dinâmica); Stuart Hall, Peter Berger, Zygmunt Bauman (identidade na contemporaneidade e crise de pertencimento); Axel Honneth, Charles Taylor (luta por reconhecimento); Emile Durkheim (o suicídio enquanto fenômeno social); Marc Augé (não-lugar). Em muitos momentos, vários outros autores se aproximaram ajudando a uma maior aproximação com o universo pesquisado.

Para a análise das narrativas desse universo, foi utilizada a proposta da Mitocrítica, de Gilbert Durand. Método de crítica de texto literário, de estilo de um conjunto textual de uma época ou de um determinado autor, que torna perceptível os mitos fundantes. Ela tem apoio em três dimensões para a identificação do núcleo mítico do texto (do universo narrativo): nos elementos que se repetem de forma obsessiva, no exame do contexto em que aparecem (enredo, personagens, cenários), na apreensão das lições do mito e sua correlação com as de outros mitos de épocas ou espaços culturais determinados.

Gilbert Durand acredita que nada se pode compreender da cultura caso não se aceite que existe uma espécie de algo mais, um excedente de sentido para além da cultura. Este pensamento esteve presente durante todo este estudo, instigou a olhar o campo evitando reducionismos, a não temer o caos nele presente, a transitar nas sombras dos não-ditos, mas, sobretudo, sinalizou a impossibilidade de compreender totalmente uma cultura, haverá sempre os aléns convidando a novas incursões.

Capítulo 1

Itacuruba velha: cidade raiz

Itacuruba velha: cidade raiz

Antes, (...) as mulheres pariam crianças puras. (...) Nunca faltava o que comer. Não havia guerra. Os rios transbordavam de peixes e os bosques de animais. Os homens da terra eram fortes, sábios, serenos e unidos. Estavam quietos e sem raiva. Antes que depois. (Vargas Llosa, 1988: 36)

Viajando a caminho de Itacuruba, município localizado a 481 Kms do Recife, na microrregião do Sertão Pernambucano do São Francisco, construído para reassentar os moradores da antiga Itacuruba, inundada em 1988, a fim de viabilizar a construção da Barragem de Itaparica, parte do complexo hidrelétrico CHESF [Companhia Hidrelétrica do São Francisco], tinha a sensação de percorrer aquelas estradas pela primeira vez. Já estivera lá anteriormente em dois momentos, por curtos períodos, para estabelecer um primeiro contato com aquele que seria o meu universo de pesquisa. Agora, consciente que permaneceria lá por aproximadamente cinco meses, ela parecia mais distante. Quanto mais próxima ficava a cidade, maior era a sensação de estar em meio ao nada. Enquanto outras cidades se revelavam às margens das estradas ou dos rios, ela, construída distante dessas referências, parecia perdida em seus caminhos secos e pedregosos enfeitados de arbustos empoeirados.

Não se passa, casualmente, por Itacuruba, é preciso querer ir lá. Ela não se revela atrás de grandes montanhas, mas, ao término de uma solitária estrada tortuosa que rasga a caatinga, surge plana, inteira. Casas comportadas se enfileiram em ruas simetricamente distribuídas. Extremamente limpa, quase asséptica exhibe um tapete de grama verde, bem cuidada, em frente à igreja e à prefeitura em contraste com os tons cinza que a envolvem. Cheguei por volta de onze horas, o sol a pino aconselhava a buscar uma sombra. Procurei, então, o único hotel, uma casa em que a dona, uma mulher de aproximadamente 35 anos, mora com o filho, e construiu cinco pequenas suítes ocupadas, principalmente, por funcionários da prefeitura, que moram em Recife e ficam na cidade durante a semana. A partir daquele momento estaria só com/em Itacuruba.

Decidi ir à casa de Valdeci, líder comunitária que conhecera em visita anterior, bati na porta, sem resposta, uma senhora que estava sentada a sombra em um pequeno banco, na rua em frente, veio ao meu encontro, abriu a porta que não estava trancada e constatou não haver ninguém em casa. Quis saber quem eu era, o que me levava ali, me identifiquei esclarecendo que buscava conhecer um pouco da realidade daquela cidade; pedi permissão para sentar com ela e a amiga. Concordou, com um sorriso desconfiado, disse chamar-se Tivinha, (Adaltiva

Maria da Conceição Lourenço) 68 anos, trabalhadora rural aposentada, viúva há 22 anos, o marido morreu ainda na velha cidade onde trabalhavam na roça, desde meninos. Apresenta a amiga, Joana d'Arque. Segundo dona Tivinha só mesmo interesse de estudo poderia levar alguém a querer ir ali [Itacuruba]: **aqui é um beco sem saída, por onde entra tem que sair pelo mesmo lugar, só vem pra Itacuruba quem tem negócio aqui, mas o jeito é ficar, a gente aqui ficou no meio da caatinga.** Com voz tímida diz que eu deveria ter conhecido a velha cidade:

Lá todo mundo tinha o que fazer. Amanhecia o dia cada qual colocava sua cesta na cabeça e ia embora, jovem e velho, era tudo em roça. A Segunda era dia de ir para feira, no domingo era dia de ficar em casa pra varrer casa, lavar roupa. A feira era grande, quando veio pra cá foi fracassando, fracassando, ficou deste tamanho. Aqui ninguém trabalha, não tem o que fazer. Na velha tinha suicídio, mas era difícil, agora quando dizia fulano tomou veneno podia saber já era caixão na hora, aqui toma comprimido aí não dar pra matar.

Joana d'Arque da Silva Gaudêncio – 44 anos, trabalhadora rural aposentada e secretária do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, compartilhando dos sentimentos da amiga, fala que na velha cidade a vida era melhor, lembra que desde os dez anos trabalhava na roça, primeiro com os pais, depois com o marido:

Sempre fui da roça, nunca deixei a agricultura, plantava tomate, cebola. Lá tinha um colégio que era do estado, e tinha uns dois que eram do município. Tinha o Rio, a gente tomava banho no fim de semana, vinha gente de fora tomar banho de rio, tinha várias prainhas. Tinha as tradições lá: a festa do Sagrado Coração de Jesus, em agosto; a festa da padroeira Nossa Senhora do Ó, em dezembro. Lá tinha poucos funcionários [públicos], todo mundo trabalhava na agricultura, tinha pouco comércio, era mais mercearia, só tinha uma farmácia. Agora a feira era muito grande, vinha gente de todo município e de outras cidades, a feira de Itacuruba era enorme, era pouca coisa de fora, a maioria vinha daqui, tomate, cebola, pimentão, e muita fruta, muita manga. Agora, aqui, os jovens não têm ocupação, estão fazendo concurso fora, outros vão embora, pra trabalhar. Na velha chegava em casa cansado, tomava um banho, via televisão e dormia, aqui, sem ter o que fazer é beber, aqui tem um índice muito alto de depressão e de suicídio.

Dona Tivinha conta ter apenas uma filha de 31 anos que sofre de depressão, e não sai nem mesmo para ir ao médico, que vem vê-la em casa. Acredita que sua doença começou com as mudanças ocorridas depois da vinda para nova cidade, lembra que a filha era casada, com a indenização recebida da CHESF: **ela combinou com o ex-marido, comprou um carro, que carro foi esse que ela ficou sem nada.** Hoje, toma antidepressivos e não mostra interesse por nada. Naquele momento Joana revela que os moradores da cidade convivem

com a questão da depressão e do suicídio de forma muito próxima, sendo raro encontrar alguma família livre desses fantasmas:

Um filho de um primo meu em 2001 se suicidou. Estava com nervosismo, não sei se era já depressão profunda, era calado. Terminou ele indo pra uma roça, passou o dia sumido, botou uma corda no pescoço, pendurou-se no teto da casa da roça. Lá [cidade velha], era menos, mas também se suicidava, era mais com veneno da roça, aqui toma comprimido forte, não dá pra matar, quando mistura mata.

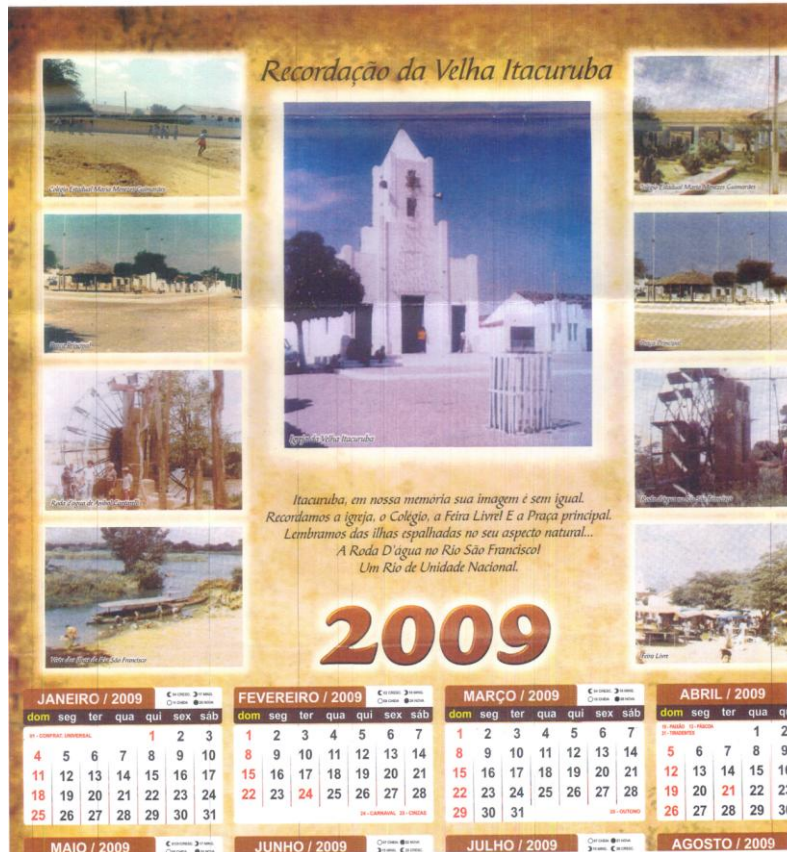
Nesse momento aproxima-se Alexandra de Souza Nascimento – 23 anos, filha de Valdeci, estudante, estava trabalhando em Petrolina, mas resolveu voltar para passar uns dias em casa, faz dois meses que chegou, e está esperando uma proposta de emprego. Senta conosco concordando que a depressão faz parte do cotidiano das famílias:

Meu primo, que mora aqui em casa, sofre de depressão, a dele já ficou quase loucura, ele não se esforça pra melhorar. O jovem aqui é um jovem desocupado, o tempo é livre, não tem nada pra preencher, então muito jovem procura o quê? O caminho das drogas, o álcool principalmente. Muita gente largou os estudos. Muitos aqui se casam novos, dependentes dos pais. E informação tem, mas também tem muita adolescente grávida, os maridos abandonam, e a questão é séria.

Alexandra admite pouco lembrar sobre a velha cidade, mas de escutar os mais velhos contarem, em detalhes, sobre a vida lá, sente como se tivesse vivido intensamente aquela época de trabalho e fé na vida, mas ressalta que: **aqui não tem só desgraça não, a questão da educação aqui não é tão ruim, o serviço de saúde daqui é ótimo. Acho que se a cidade fosse ali, perto da entrada seria melhor, cidades que ficam perto da estrada têm mais desenvolvimento.** Tal qual Jacques Le Goff (1994), que reconhece como fundamental a memória dos seus pais para a edificação de sua visão histórica, Alexandra fundamenta suas críticas e sentimentos em relação a nova cidade nas memórias narradas por aqueles que as construíam no cotidiano da velha Itacuruba. São memórias acalentadas por relações afetivas com outros e com um lugar que concretamente pouco vivenciou.

Enquanto conversávamos, dona Tivinha foi em sua casa e voltou logo em seguida trazendo um calendário 2009 distribuído por um mercadinho com fotos da antiga cidade, carregava – o com enorme carinho e foi mostrando foto por foto: a igreja, a escola, a feira, as rodas d'água, a praça. Buscava reconhecer a mãe e velhos amigos naqueles lugares queridos, embora não fosse possível definir qualquer pessoa naquelas imagens.

MERCADINHO PAGUE MENU
 Org: Manoel de Carvalho Guimarães
Completo Sortimento de Bebidas, Gêneros Alimentícios, Perfumaria e Miudezas em
O PREÇO E O ATENDIMENTO É A NOSSA ESPECIALIDADE
 Deseja aos Clientes e Amigos um Feliz Natal e Próspero Ano Novo
 AV. PATRIARCA ANÍBAL A. CANTARELLI S/N - FONE: (87) 3893.1
ITACURUBA **PERNAMBUCO**
 "...pois tudo que Deus criou é bom" (Tg)



Lembrei de Maurília, uma das cidades invisíveis de Ítalo Calvino:

“Em Maurília, o viajante é convidado a visitar a cidade ao mesmo tempo em que observa uns velhos cartões-postais ilustrados que mostram como esta havia sido. (...) Para não decepcionar os habitantes é necessário que o viajante louve a cidade dos cartões-postais e prefira-a à atual. (...) Às vezes, os nomes dos habitantes permanecem iguais, e o sotaque das vozes, e até mesmo os traços dos rostos, mas os deuses que vivem com os nomes e nos solos foram embora sem avisar e em seus lugares acomodaram-se deuses estranhos. É inútil querer saber se estes são melhores que os antigos, dado que não existe nenhuma relação entre eles”. (Calvino, 1990: 30, 31)

Olhando as fotos do calendário, alguém de fora, como eu, certamente não teria dúvidas em preferir a cidade atual à antiga, mas como aconselha Calvino, louvei a velha Itacuruba reconhecendo a beleza das imagens e com o entardecer trazendo uma brisa abafada e parada,

voltei devagar para o hotel, sabia que os dados estatísticos sobre depressão e suicídio que alarmavam e ocupavam páginas inteiras de jornais¹³ se encarnariam em vários momentos dos meus caminhos nessa cidade, mas encontrar esses relatos de forma tão direta e simples, logo no primeiro banco de calçada, me surpreendeu.

Quando chegou a noite o céu se fez claro de relâmpagos que se sucediam anunciando uma chuva forte, pensava num sertão seco, e no primeiro contato ele era lavado por fortes pingos noturnos de chuva; cada um dos hóspedes recebeu uma vela, caso faltasse energia. A cozinheira, Socorro Soares da Silva, 43 anos lembrou que na noite anterior ficaram às escuras até à manhã e, enquanto falava, um relâmpago mais forte seguido de poderoso trovão deixou tudo escuro. Velas acesas, as histórias fluíam, o tema principal era a velha cidade. Para Socorro a Itacuruba velha era melhor, porque:

Tinha muito plantio de frutas, nas ilhas, a gente trabalhava na roça. Hoje não tem emprego pro jovem. Eu tenho cinco filhos, agora três estão fora pra trabalhar.

A chuva que se fazia mais forte era acompanhada de uma torrente de recordações e, como uma história puxa outra, dona Miúda (Maria Ribeiro de Carvalho – 73 anos) mãe da dona da pousada, cujos olhos extremamente azuis brilhavam a luz das velas, lembrou ter chegado na velha Itacuruba quando tinha 10 anos, recorda que também era da roça:

Eu vou contar tudinho, que eu estou lembrando. A minha vida lá era levantar cinco horas da manhã e ir pra roça, com uma cestinha na cabeça. Já a coisa mais diferente aqui é que tudo é caro, tudo é comprado, lá não se comprava uma verdura, uma manga, um coco, uma banana, era aqueles pés de árvore, tinha tudo nas ilhas. Agora quer uma manga é cinquenta [centavos] ou é no peso

Enquanto as histórias se sucediam, insetos das mais variadas formas compartilhavam o espaço. Naquele dia, apagando a vela, adormeci consciente de que só conseguiria me aproximar da Itacuruba atual depois de visitar, junto com seus habitantes velhos e jovens, a Itacuruba submersa, da qual a nova parecia, nesse primeiro momento, ser apenas projeto de um futuro ainda não concretizado.

¹³Diário de Pernambuco – viver – 15/10/2006. Dados da Caravana CREMEPE.

1.1 - Revertendo a seta do tempo.

Nos dias que se seguiram a sensação era a de viver em uma cidade-memória. Percebia-se que o povo daquele lugar traçava, diariamente, sobre o espaço em que agora vivem, com os fios de suas memórias, o mapa da cidade submersa. Era suficiente uma referência à chuva ou ao sol, à noite ou ao rio para que no mesmo instante alguém começasse a falar de lá, dos lugares de trabalho, de lazer, de oração, rememoravam ruídos queridos como os sons das cachoeiras. Mesmo as pessoas que passavam, com suas sombrinhas coloridas, proteção contra a força do sol, era motivo para lembrar outro tempo, em que o sol não castigava, fazia germinar. Pois **“a terra natal é menos uma extensão que uma matéria; é um granito ou uma terra, um vento ou uma seca, uma água ou uma luz(...) É a ela que pedimos nossa cor fundamental.”** (Bachelard, 2002: 9). Havia entre as pessoas um desejo quase compulsivo de contar, de lamentar o hoje, mas, sobretudo de lembrar, com cada detalhe o passado.

A velha cidade era boa porque a gente dormia na calçada, amanhecia o dia no calor, na conversa, não tinha ventilador, muitas casas não tinham luz, mas era ótimo. Você dormia na rua, sem medo, de manhã quando vinha o menino vender o pão com a buzina da bicicleta, a gente estava na rua. Hoje em dia aqui você tem que trancar a porta, se não for o ventilador... você tem medo. Lá tinha uma briguinha assim, mas não era nada demais. Tenho saudades do passado. Na antiga cidade tinha o rio com aquelas canoas, cheias de cana, de manga, você escolhia a manga que queria, hoje para procurar manga têm que comprar no quilo, tem pessoas que dizem que não chupam manga mais, porque dizem que tem raiva. Eu ia trabalhar de roça, pra ganhar dinheiro, pra comprar roupa; quando eram onze horas, a pessoa pra quem a gente estava trabalhando vinha deixar a gente de canoa pra ir pra escola. Entrava na escola uma hora, uma e vinte. Era trabalhando de roça e estudando; era mudando cebola, limpando, trançando, quando dava onze, onze e pouco almoçava lá mesmo e atravessava, tomava banho e ia pra escola, para ir para as ilhas atravessava o São Francisco, atravessava de canoa, mas pense, quando a gente ia almoçar estava de barriga cheia de goiaba, de água de coco, disso ai eu tenho saudade (Maria Aparecida Souza Freire – 46 anos)

Na cidade missa eu não perdia não, a festa de Nossa Senhora do Ó eu não perdia, só se tivesse de resguardo. Eu ia bater roupa no rio. O Rio Pajeú ficava perto da minha casa, mas a água era salgada, o Rio da rua era muito bom [São Francisco], dá muita saudade de lá, eu achava melhor; criava uns bichinhos: ovelha, galinha, gado, criação de corte. Falar a verdade hoje eu não tenho nada, mas já criei de tudo. Comecei a trabalhar com uns 12 anos, até hoje sinto saudade. Nasci e me criei lá; lá ficou uma bandinha da alma, o umbigo ficou enterrado lá, aí pronto. (Maria Dosléo da Conceição – 96 anos)



14



Nestes discursos o passado parecia vir a tona, conservado em toda sua inteireza. Nesse sentido refletem as ideias de Henri Bergson (1999), para quem a memória é reserva crescente a cada instante, dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida; o passado conserva-se e sobrevive, tanto em si mesmo, em estado inconsciente, quanto chamado pelo presente, sob a forma de lembrança.

Na realidade, aqueles que lembram erguem o véu do tempo, que separa passado e presente, seus espíritos captam, em um único lance, imagens do hoje e do ontem. Nesse encontro, que tem o corpo como *lócus*, elas trocam algo de suas substâncias, então já não são as mesmas, **“não nos banhamos duas vezes no mesmo rio, porque, já em sua profundidade, o ser humano [como as lembranças] tem o destino da água que corre”** (Bachelard, 2002: 6-7) em direção ao futuro. Assim, o ato de lembrar, como deixa claro Bergson, em seu livro “Matéria e Memória”, remete ao diálogo matéria / espírito; aproxima da expressão corpo e alma, frequentemente utilizada para abranger um todo, neste caso: passado, presente e futuro.

Em seus estudos sobre memória, este pensador, traz uma memória viva, atual.

¹⁴ Fotos do acervo de moradores da cidade velha.

Segundo defende, seriam, na verdade, duas memórias; uma, a memória-hábito, existe pela repetição; relaciona-se a mecanismos motores, automatismo, voltando-se à socialização, neste caso o reconhecimento se dá de forma passiva [respondemos automaticamente a regras da nossa cultura fixadas no cotidiano]; já a outra, memória-lembrança, respondendo às solicitações do agora, se dá ativamente, envolve a subjetividade, abrindo espaço ao sonho, à imaginação.

As imagens-lembrança emergem orientando e sendo orientadas pelo presente, mas situam-se para além da percepção imediata. Nesse movimento ajudam a apontar caminhos para um futuro que se apresenta. Para Bergson (1999), pela memória, o passado não só vem a tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também desloca estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Assim, se por um lado a memória tem a função de conservar o já vivido, por outro, ao organizá-lo com o presente afirma sua vocação para o novo. Vivemos o presente, mas, como diz Santo Agostinho: **“o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes e o presente das coisas futuras”** (In: Le Goff, 1984: 294).

Já, para Maurice Halbwachs, falta, nos estudos de Bergson, focalizar a memória enquanto fenômeno social. Trata, então, do seu caráter coletivo. Para este autor, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que é mutável; depende do seu relacionamento com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares ao indivíduo:

“Dissemos, algumas vezes que, num estado de consciência verdadeiramente pessoal, reencontramos, aprofundando-o, todo o conteúdo do espírito visto de um certo ponto de vista. Mas por conteúdo do espírito é preciso entender todos os elementos que assinalam suas relações com os diversos meios. Um estado pessoal revela assim a complexidade da combinação de onde saiu.” (Halbwachs, 1990: 51)

Para Halbwachs memória é trabalho; a situação presente nos faz lembrar. Mas, lembrar não é reviver: é reconstruir, repensar o passado com a ajuda dos dados do presente. Ele também distingue duas memórias, uma interior ou interna, memória pessoal; outra exterior, memória social. A primeira teria apoio na segunda, uma vez que toda história de vida se desenrola no palco da história em geral, **“é na história vivida que se apóia nossa memória”** (Idem, 1990: 60). Ela estabelece uma forte relação com o espaço, cuja organização

material aparece como uma espécie de âncora; garantia de manutenção e transmissão da memória do grupo; suporte ideal para as nossas memórias, tanto coletivas como individuais. Cada indivíduo está inserido ao mesmo tempo ou sucessivamente em diversos grupos, e cada um destes se localiza no tempo e no espaço.

“Embora seja fácil ser esquecido e passar despercebido dentro de uma grande cidade, os habitantes de um pequeno vilarejo não param de se observar mutuamente, e a memória de seu grupo registra fielmente tudo aquilo que pode dizer respeito aos acontecimentos e gestos de cada um deles, porque repercutem sobre essa pequena sociedade e contribuem para modificá-la. Dentro de tais meios, todos os indivíduos pensam e se recordam em comum. Cada um, sem dúvida, tem sua perspectiva, mas em relação e correspondência tão estreitas com aqueles outros que, se suas lembranças se deformam, basta que ele se coloque do ponto de vista dos outros para retificá-las.” (Idem, 1990: 80)

As memórias coletivas retêm do passado o que permanece capaz de viver na consciência da comunidade que as alimenta. Os grupos, principalmente aqueles mais coesos, buscam, por meio da memória **“perpetuar os sentimentos e as imagens que formam a substância de seu pensamento”** (Idem, 1990: 87). Enfim, Halbwachs acreditando ser o caráter livre da memória apenas excepcional amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade.

Na verdade, as memórias narradas pelas pessoas em Itacuruba refletem uma aproximação entre os pensamentos de Bergson e Halbwachs; surgem, nas falas, imagens pessoais, carregadas de emoção, mas estas acabam imbricadas com as do grupo. Os sofrimentos, as saudades aparecem ligadas ao “eu”, mas logo se derramam pelo todo, envolvem os outros de forma que fica quase impossível delimitar os pontos em que se separam.

São memórias compartilhadas em conflito com um presente que não conseguem reconhecer como próprio. O momento atual parece não oferecer substâncias que permitam uma mistura com as do passado. Então, percebe-se a busca por lugares e fazeres de memória, que possibilitem aplacar a solidão; lembrar que compartilham crenças, ancestrais, infortúnios e alegrias; que permanecem um grupo. Talvez por isso o já referido calendário estivesse presente em praticamente todas as residências, quase uma relíquia. Em muitas das casas em que fui os moradores se apressavam em mostrar, nas imagens da folhinha, um pouco da própria vida e da história do lugar: as rodas d’água, a igreja, a feira, o rio...

Fui morador e filho da antiga cidade. Estou aqui por conta do destino. Na velha Itacuruba nossa sobrevivência sempre foi a agricultura. Veja aqui as rodas d'água [segurando o calendário], foi o primeiro sistema de irrigação aqui na margem do São Francisco no governo de João Cleofas, Eraldo Gueiros. Naquela época, foi um grande passo, depois é que veio a eletrobomba. Faziam toda ela de madeira, botavam os lemes que era pra girar com a força da água, aí colocavam os canecos, pra pegar a água e despejar num cocho, lá de cima ele vinha através de uma bica, aí jogava no reservatório e de lá distribuía pra turma irrigar. Aqui em Itacuruba nós tínhamos oito rodas d'água, elas eram bonitas e só foram deteriorando quando veio o anúncio da barragem de Itaparica, aí ninguém cuidou mais, porque iam ficar debaixo da água. Nessa época eu ia pra escola e quando chegava em casa já recebia a ordem do velho: - diga pro menino que é pra ir pra roça. Me orgulho de meu pai ter feito isso. Havia fartura, eu dou o exemplo, Itacuruba por dois anos consecutivos foi classificada em segundo lugar em produção de cebola. Um município pequeno como o nosso você vê como o povo trabalhava. O pessoal começava a trabalhar 4 horas da manhã, não se via ninguém na cidade, todo mundo trabalhava. Mas hoje aqui o pessoal não tem ocupação, e fica naquele vício do álcool. (Jão Gaudêncio Freire – 70 anos)

Nasci na velha Itacuruba, trabalhei foi muito lá, trabalhava em plantar roça, gostava de lá, gostava do rio, gostava de tudo, foi chegar aqui e não ter mais em que trabalhar. Eu mesma trabalhava em tudo, também trabalhava fazendo sal; rapava terra no riacho pra fazer sal, daí pra cá se acabou tudo, não trabalho em nada, só faço comer, dá saudade. Lembro daquele sal que nós fazíamos, era tão alvinho. Meu sal era bom, vendia tudo na feira, a feira era boa, aqui eu acho que era a barraca que eu vendia, aqui parece compadre Enéas [olhava a imagem do pátio da feira]. Feira era lá, aqui é tudo bêbado, tenho abuso de bebida. (Alzira de Sá – 93 anos)

Nasci na Itacuruba velha e fazia era tecer rede, lá todo mundo trabalhava. [mostra no calendário foto por foto] A igreja aqui [lá] era virada pro lado da ilha, depois veio um padre e botou virada de frente para cidade, que não podia ter igreja virada pra cá e a cidade pra lá, aí o padre foi e mudou, mas não foi no meu tempo não, foi antes. No ano passado eu estava dormindo, sonhando, tinha um guarda-roupa assim, e estava Nossa Senhora do Ó com os olhos pra mim, foi ela que veio, acho que foi porque eu andava todos os dias na igreja, para as novenas, os terços, e fiquei doente não fui mais, aí ela veio pra ver se eu estava doente mesmo, eu a vi em pé, encostada no guarda-roupa; aí eu disse oh beleza, ela viu que eu não estava mentindo. No outro dia parece que eu amanheci até com mais saúde. (Zumira Pereira Rezende – 85 anos)

Percebe-se que a velha Itacuruba era retratada como um paraíso perdido onde os problemas pareciam não existir, salvo raras exceções, e mesmo quando surgiam, sob forma de falta de água encanada, nas residências da periferia, ou no trabalho infantil, eram colocados sob a salvaguarda da saudade, que os transformava em pontos positivos, em dificuldades que

fortaleciam o laço social. Para Michael Pollak (1992) a memória é seletiva, de acordo com as solicitações da vida [presente e futura] ela joga com o que deve ser lembrado e esquecido. Nesse movimento alimenta grande parte das significações imaginárias sociais [formas, imagens] que os homens criam e que orientam toda a sua vida em sociedade (Castoriadis, 1985). Depoimentos, carregados de saudades, que destacam os aspectos positivos das velhas cidades também se faziam presentes nas falas de reassentados de Rodelas e de Petrolândia¹⁵:

A cidade antiga era melhor do que essa. Era mais tranquila. Todo mundo se juntava na praça, todo mundo se conhecia.

Na cidade velha pescava por esporte e na Nova Rodelas tem muito pescador... Vêm uns bons, outros ruins, ladrão. Roubam rede um do outro.

A gente tinha carne e agora tem que comprar. Leite das crianças tinha sem problema... agora tem que comprar.

Tinha todo pé de fruteira que você pode imaginar.. só não tinha maçã e pêra. (Falas de reassentados de Rodelas. Galiza; Medeiros, 1996: 5, 8)

Na velha Petrolândia a gente podia dormir até na calçada

Petrolândia cresceu em tamanho, mas em progresso não. Não tem emprego para ninguém.

Dificultou muito as coisas... o contato com os parentes. Ficou um lugar que a gente não tem nada para os filhos se entreter, trabalhar. (Falas de reassentados de Petrolândia. Idem: 20, 21)

Sentimentos semelhantes podem ser percebidos nas falas dos reassentados da nova Canindé do São Francisco¹⁶:

“Eu, se pudesse voltava pra Canindé – o entrevistado se refere a antiga Canindé – Aqui é muito violenta. Temos que trancar a casa toda (...) Fico lembrando a antiga Canindé que era muito bonita. Lembro do meu pai e da minha mãe que nasceram e morreram lá (...) A gente dormia de porta aberta, ninguém bulia com as coisas da gente, todo mundo era amigo. Aqui a gente tem que ficar conversando, prestando atenção para qualquer movimento.” (Homem idoso. Josias V. de Paula Jr. In: Medeiros, 1999: 139)

¹⁵ Estas cidades também tiveram suas sedes atingidas pela barragem de Itaparica.

¹⁶ Nova Canindé foi construída para reassentar os moradores da antiga Canindé por conta da construção da barragem de Xingó. Segundo Josias V. de Paula Jr. In: Medeiros, 1999, a antiga cidade era um pequeno povoado: não havia escolas, bancos, feira, saneamento. Em geral as casas eram de taipa. A nova cidade tem mais de 15000 habitantes. Não é ribeirinha como a antiga; possui: escolas, bancos, feira, as casas para os moradores da antiga Canindé são de alvenaria, com esgoto e água encanada Segundo o autor, os jovens constroem a imagem da Canindé do presente no que ela completa a do passado. Os velhos lembram a velha cidade como um paraíso perdido.

“O paladar lá era melhor. A gente aqui paga água, é muito barulho; o povo parece que não dorme. Lá a gente dormia sossegado; quando tava muito calor a gente dormia do lado de fora e não tinha perigo nenhum (...) Eu tenho saudade daquele tempo onde a gente pescava ou matava uma galinha quando a fome batia. Aqui é tudo no dinheiro, sem dinheiro a gente não compra nada.” (Mulher idosa. Idem)

Cleide Galiza e Rejane Medeiros (1996:5), pesquisadoras da FUNDAJ [Fundação Joaquim Nabuco], em estudo visando avaliar o processo de adaptação dos para-rurais¹⁷ de Rodelas e de Petrolândia, observam que:

“A mudança acontecida na cidade de Rodelas poupa-os, hoje, de enchentes que transformavam algumas ruas e quintais em lamaçais, chegando, em situações mais críticas, a inundar as casas com água vinda do rio e da chuva (...) Mas, em geral, os depoimentos reportam-se à abundância e à alegria dessas famílias de reassentados, antes da chegada do progresso, representado pela construção da UHE” (Usina Hidroelétrica).

Assim, mesmo que as pessoas de Itacuruba, Rodelas, Canindé, Petrolândia... ao lembrar, pareçam presas a um *Eldorado*, o que se vê a luz da razão é, apenas, a ponta de um *iceberg*, convidando a explorar verdades mais profundas (ATLAN, 2000), que permaneceriam submersas. Pelos fios dessa teia de memórias circulam a seiva da tradição, de uma vida em comum e mesmo que esse recordar não seja um fazer conscientemente determinado pelo grupo, se revela como ocupação essencial, como se dela dependesse sua própria sobrevivência, sem ela estariam abandonados a solidão, quem sabe ao desespero. Rememorar não é repetir, é o processo no qual o passado penetra na estrutura do presente, não como um símbolo vago, nostálgico, mas enquanto tempo reconstituído; dessa forma as memórias não constituem uma matéria estagnada, irrompem com força e vitalidade no curso da vida presente (Benjamin, 1994).

A velha cidade tinha água em abundância, pra pegar era só botar lata d'água na cabeça, chegava lá [aponta para a imagem do rio], caía na água com lata e tudo, vinha molhada com a lata na cabeça. A gente lavava roupa no rio, lavava prato no rio, e se divertia também. E toda tarde juntava aquela turma para tomar banho na beira do rio, era

¹⁷ “Essa categoria de reassentado é constituída por agricultores residentes em área urbana com direito a lotes em projetos de irrigação. A denominação para-rural, segundo um técnico da CHESF, surgiu na época da barragem de Sobradinho para designar moradores da cidade que trabalhavam na agricultura”. (Galiza; Medeiros, 1996: 3)

mulher, era menino. Chegava lá, caía na água, tomava banho; era maravilhoso, era um amor. Dia de domingo tinha aqueles encontros, íamos para a beira do rio quase uma praia, bem grande, aquele cais só de areia, aquele rio bem limpo, sem pedra, raso, bom de tomar banho, maravilhoso. Era uma praia de água doce, saudável, que você podia beber, levar a panela pra cozinhar lá. O último dezembro que passamos em Itacuruba fomos, uma turma, passar o dia no Rio, foi o banho de despedida. (Maria Edília Custódio da Conceição – 62 anos)

Lá onde a gente morava tomávamos conta da roça. A gente, pequeno, ligava motor, não era bomba, não tinha energia, molhávamos a roça de cebola. Fomos criados assim, e não era ruim não. (Constância de Menezes Silva – 35 anos)

Lá não tinha saneamento, a minha casa mesmo não tinha. Eu e minha irmã carregávamos água na cabeça, enchíamos os potes, dia sim dia não. Agora pro banho, quando não tomávamos no rio, porque às vezes chegávamos da roça tarde, cansados, íamos para o chafariz, cada um com o seu baldinho. Minha mãe diz que aqui é tudo fácil, mas ela preferia a dificuldade de lá: lavar roupa, botar pra quicar, com cheiro de sol. (Rivoneide Valdomira de Souza – 33 anos).

Enquanto escutava esses depoimentos, as imagens que se formavam em meu espírito pareciam compor um quebra cabeça em que as peças eram sempre desordenadas por sopros de vento; reconheciam que a cidade tinha sérios problemas de infra-estrutura, mas era: boa, maravilhosa, abundante, festiva... Seria conformismo? Almejavam, na velha cidade, apenas o suficiente para sobreviver? Desenhavam, coletivamente, um *Éden* perdido para cobrar benefícios aos atores responsáveis pelo processo do reassentamento, tornando esta a narrativa oficial do passado? Poderia ser desculpa pelo fracasso da nova cidade? Estariam aquém dos apelos do mundo capitalista? Seriam os mesmos lamentos em todas as cidades atingidas? ... Não me pareceu serem estas as pegadas a serem seguidas para vislumbrar os caminhos que me levariam à nova Itacuruba [meu pretendido destino]. Os corpos das pessoas da velha cidade, com as quais eu agora conversava, revelavam o encontro de suavidade e aspereza, de acolhimento e desconfiança. Optei por aceitar o risco da prudência, evitando respostas apressadas. Acreditando que, subjacente aos depoimentos/memórias, encontra-se o desejo do grupo de se dar a ver, talvez com a mesma intensidade da maçã Cézanne.

“Cézanne, por toda vida, desejou pintar a maçã com que lhe presenteou o amigo de escola Emile Zola. Saber pintá-la devia, então, proporcionar ao espectador sentir o sabor acre-doce da maçã e, até mesmo, o odor da paisagem. Só assim revelaria a emoção que sentira ao receber o singelo presente do amigo, uma maçã. Saindo da aula, corre afoito até seu professor de pintura. Pede que lhe ensine a pintar a maçã, presente do amigo Zola. O professor, ingenuamente, julga a tarefa muito fácil e objetiva. A forma da maçã é geometricamente

conhecida, e, para pintá-la, bastariam apenas três tonalidades de tinta – o vermelho, o branco e o verde -, e o desejo do aluno estaria realizado. Ao fim de certo tempo, Cézanne é tomado de raiva e fúria, decepcionado com a redução de seu desejo ao simples colorir uma forma geométrica. Sua reação de desgosto e impotência será explosiva: “o que desejo pintar é a maçã que Zola me deu”. A vida toda Cézanne buscou pintar essa maçã de modo que a tessitura do visível, do real sensível, se entrelaçasse, se fizesse um, com a nervura da subjetividade e do afeto nela também contida. Mais tarde, segundo Gàsquet, seu biógrafo, Cézanne revelará assim seu conceito de pintura e sua proposta de trabalho: “o que eu tento lhe traduzir é mais misterioso, se enreda nas raízes mesmas do ser, na fonte impalpável das sensações”¹⁸.

A escuta [presente] dos moradores da velha cidade, verdadeira teia de antigas lembranças, apontava ser necessário percorrer esses caminhos de memórias buscando ter acesso a todas as luzes que permitissem uma maior proximidade com o trajeto vivido pela população. Assim, longe de um encontro direto com a Barragem de Itaparica e com a Nova Itacuruba, o que se revela, em um primeiro momento, é o antigo lugar. É ele que se impõe [embora não descolado do hoje] em todas as narrativas, agora, no início desse texto, enquanto a nova cidade se mantém apenas nas entrelinhas. Aos poucos, no decorrer desse escrito, como em uma estrada que se percorre pacientemente, com a companhia dos moradores de Itacuruba [velha e nova], a nova cidade se fará ouvir.

Aceitei, então, o convite de conhecer a antiga casa/cidade, construída memória por memória, só então pediria e me seria dada a permissão para percorrer o espaço atual. Mas, embora as pessoas, ao lembrar, parecessem respirar o ar da cidade submersa, e eu mesma tivesse a sensação de sentir seus cheiros, não pude desconsiderar, com certo lamento, que a cidade velha revisitada pela população, com verdadeira adoração, e na qual eu agora adentrara, já não era a mesma em que tinham vivido. Esta, agora rememorada, existe entre a naufragada e a atual. As águas que levaram a primeira lavaram, comungando com o caráter seletivo da memória, as imperfeições da que é lembrada.

De acordo com Edgar Morin, todas as sociedades humanas engendram uma noosfera, onde os seres nascidos do espírito, gênios, deuses, ideias-força, ganham vida por meio da crença e da fé. Essa esfera é profundamente diversa de uma sociedade para outra, mas encadeia todas. **“Com seus saberes, mitos e ideias, a noosfera participa de modo reflexivo**

¹⁸ Em Torno da Dinâmica Espaço-Tempo, José de Anchieta Corrêa, (2007:37). In: Leitão, Lúcia; Amorim, Luiz, organizadores. A Casa Nossa de Cada Dia.

do circuito auto-organizador da sociedade e do indivíduo. Não se trata de um escapamento de fumaça, mas de um fervilhar de potências espirituais” (Morin, 2007: 45).

Como palco, em que se desenrola a trama da vida de cada grupo, as narrativas entrecruzam subjetivo e objetivo; dão voz e contextualizam as experiências vividas; viajam e permitem viajar por caminhos de tempo e espaço só acessíveis por essa via. Por isso podem ser compreendidas como faróis que se abastecem da noosfera, para iluminar a esfera racionalista, positiva. Por meio delas foi possível chegar a uma espécie de marco zero da velha Itacuruba, o momento de sua criação tal qual existia antes da Barragem de Itaparica.

1.2 - O Dilúvio

Durante as entrevistas, ou mesmo nas conversas cotidianas, todas as falas apontavam para a importância das ilhas pertencentes ao município, na vida da comunidade, seja no aspecto econômico, seja no mítico. *Contavam que as ilhas eram férteis, disponíveis para agricultura, para quem nelas quisesse trabalhar.* Mas, também, lembravam que elas teriam surgido após um dilúvio. Ao mesmo tempo natural e sobrenatural, elas remetiam à origem, eram prova efetiva da verdade do mito, ofereciam sentidos para a existência.

Para Eliade (1993), o mito consegue sacralizar a natureza, ele é uma realidade que pode ser abordada, é uma experiência de fé. As pessoas contam que **antes a terra era junta, depois o dilúvio separou e formou as ilhas.** Dentre elas, a de Surubabel estava em todos os discursos, era referida como lugar impregnado de sacralidade. Enquanto narravam, deixavam fluir um orgulho sereno, daqueles escolhidos, por vontade divina; suas histórias se aproximavam da narrativa bíblica de Noé. Constituídas por desígnio sagrado, aquelas seriam terras de fartura e unidade.

Foi um tempo que apareceu um dilúvio de água, aí puxou essa terra de rio e fez essa ilha muito grande. Essa ilha de Surubabel era muito grande. Quando a gente chegava lá mais pai, ele dizia: aqui era a igreja onde a santa vivia; ainda tinha as pedras, as coisas lá de negócio de casa mesmo, eu não sabia de nada, pai é que dizia. (Adaltiva Maria da Conceição Lourenço – 68 anos, Tivinha)

Nossa Senhora do Ó foi achada. A enchente do Rio deixou ela na ilha de Surubabel. Os pescadores foram pescar e acharam a coroinha onde Ela estava e trouxeram. Ai disseram: Nossa Senhora do Ó vamos fazer a igreja pra frente do Rio que é pra Nossa Senhora não voltar mais pra lá. E fizeram. Depois de muitos anos, um padre chegou e disse que

não pode ter uma igreja com as costas viradas para a cidade, aí virou pra frente. Dizem que todo dia a imagem aparecia virada para o rio, aí resolveram fazer as portas do lado da igreja, para Ela poder ver o rio, então Ela ficou no lugar. Dizem que a imagem de Nossa Senhora do Ó era dos caboclos. Eu não era nascida, não era do meu tempo. Os caboclos vieram atrás, mas o pessoal não deu mais. Ela tinha um brincão tão bonito, de ouro. Mãe tinha um parecido, quando eu cresci, ela tirou da orelha dela e botou em mim. Quando levaram pra Recife pra ajeitar, veio a coroa dela, que era muito bonita, veio diferente, e sem brincos. (Zumira Pereira Rezende – 85 anos)

Eu quando criança morava na Ilha de Surubabel. Mas, toda semana, vinha à feira na velha cidade. Naquela época a vida era muito boa. Todo mundo vivia da agricultura; no meu caso além da agricultura, da pesca, meu pai era pescador. A Ilha de Surubabel era uma ilha riquíssima: de plantação de cebola, de algodão, mandioca, casa de farinha. Era uma ilha grande, morava muita gente. Era separada por posseiros, diziam que a ponta da ilha da parte de baixo era de Sr. Martins, outra região era de João de Alcides, outra parte era da minha tia Belinha Maniçoba, que era onde a gente morava, outra já no final da ilha era de José de Alcides. Fui morar nessa ilha tinha 6 anos. O plantio principal era cebola, plantava a cebola, jogavam na canoa e traziam para terra firme, e aí as caminhonetes levavam pra vender em Belém. Na ponta da ilha foi encontrada Nossa Senhora do Ó e vestígios de desconhecidos. A gente achava que era tudo dos índios. Segundo os estudiosos daquela época, diziam que encontraram aqueles que chamam aguidá, um caribezão, cheio de ossos desconhecidos, que a gente nem imagina, uma corrente, que achavam que era do sino da igreja. Essas ilhas foram formadas com uma enchente no século XVIII, que foi quando encontraram Nossa Senhora do Ó, uns falam em dilúvio. Lá encontraram muita coisa desconhecida. (Maria da Conceição Maniçoba Guimarães – 55 anos)

Procurei, então, outros indícios dessa enchente/dilúvio, mas se fotos e mesmo alguns filmes caseiros da velha cidade são facilmente localizados, de casa em casa¹⁹, não se encontravam relatos escritos sobre os primeiros passos da cidade submersa. Entretanto, o entrelaçar de memórias levou ao encontro de pequenos escritos²⁰, que ajudam ver “a cidade lá de baixo”. Neles, havia breves referências a esse episódio. Registram que:

Em 1792 veio uma grande enchente do Rio São Francisco, provocando inundações e rompimento de terras, transformando Surubabel em uma grande ilha. Em conseqüência, houve a destruição das instalações existentes. A imagem de Nossa Senhora do Ó, de origem holandesa, que havia chegado a região em 1696, pelas mãos do

¹⁹ Fotos e filmes da velha cidade podem ser comprados a uma moradora de Itacuruba. Ela informa que resolveu organizar e vender essas imagens pela grande procura dos moradores por lembranças do passado.

²⁰ Histórico de Itacuruba. Texto, em versão preliminar, arquivado na Secretaria de Educação de Itacuruba. Organizado, segundo informes, pela professora Cláucia Rocha Cantarelli.

frei Serafim Leite, foi levada pelas águas e ficou encalhada numa volta do rio, nas proximidades do local chamado Várzea Redonda (perto de Petrolândia). Os pescadores, passando ali, encontraram a imagem e a conduziram para Tacaratu, onde permaneceu por 100 anos, aproximadamente. Houve, então, um movimento do povo ribeirinho, liderados por Manoel Florêncio de Sá, para que a imagem voltasse para região. Em 1872, Padre Miguel Arcanjo, aceitando as solicitações do povo, lançou a pedra fundamental para a construção da capela de Nossa Senhora do Ó, consagrada padroeira. Foi escolhido o ponto mais alto da margem do rio, nas terras doadas por Enéas Alves da Luz Cantarelli. A capela foi erguida com a frente voltada para o Rio São Francisco, supondo que as futuras residências fossem construídas na parte baixa; posteriormente aconteceu o contrário.

1.3 - Itacuruba: pedra miúda

Mas, esses textos, também contavam que em tempos pretéritos o lugar, situado no Submédio São Francisco, no Estado de Pernambuco, era habitado por índios, que lhe deram o nome de Itacuruba: em tupi guarani ita–pedra, curuba–miúda²¹. Os frades capuchinhos, holandeses, também se faziam presentes, desenvolvendo trabalho missionário junto a esta população. O êxito deste trabalho permitiu ao frei Francisco Dom Fort assumir o domínio das terras ribeirinhas²². Em 1870, nestas terras localizadas à margem esquerda do Rio São Francisco, o Sr. Manoel Quirino Leite construiu uma casa que serviria como sua residência ao mesmo tempo em que seria lugar de comércio; ponto de apoio para os habitantes das duas margens do rio, base para os tropeiros e boiadeiros. Neste ponto, no ano seguinte, nos dias de

²¹ Encontra-se, também ita–pedra, curuba–cascuda ou furada (<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/histótico>). Maurício Antunes Tavares (2009) na esteira das ideias de vários autores que trataram da colonização do Sertão focaliza os obstáculos naturais: sucessão de cachoeiras, formações rochosas, serras e estreitos, existentes a partir da foz do rio São Francisco, rumo aos sertões, como refúgio para grupos indígenas: Caetés, Cariris, Pancarus, Tapuias e Caraibas, que estavam em conflito com os colonizadores. Já para outros estudiosos a região era habitada por povos autóctones de uma mesma linhagem, denominados Avis ou Jeritacós. Em tese, para muitos pesquisadores, o grande rio, antes mesmo da chegada dos portugueses, já era núcleo de convergência de várias etnias ali instaladas desde muitos séculos e que, depois, serviu também de abrigo para aquelas etnias que foram sendo acucadas pela violência do colonizador europeu. Ainda hoje, nessa região formada pelo Pajeú, Moxotó e Raso da Catarina, vivem vários povos indígenas: Pankararu, Pankará, Truká, Tuxá, Pipipãe, Kambiwá, Kapinawá e Aticum. (Tavares, 2009: 103)

²² A ação missionária buscava converter os índios ao cristianismo. E, embora, esta ação tenha sido civilizadora em sua concepção, impondo outra escala de valores do mundo e da vida, a presença dos religiosos serviu, na região do São Francisco, para amortecer a violência dos fazendeiros (Tavares, 2009: 103).

segunda feira, surgiu a feira, que atraía grande número de pessoas vindas das localidades próximas. A partir de 1879, outras casas foram se juntando à primeira; o lugarejo foi crescendo, mantido por Floresta, a quem pertenceu até 1938, quando passou a ser distrito de Belém do São Francisco.

Desde o princípio, a atividade agrícola era o suporte econômico. A base estava no plantio de mandioca e cana de açúcar; em menor escala se desenvolvia o cultivo de arroz, batata doce, feijão de arranca, criatório de animais, extração de sal nas margens do Rio e tecelagem de algodão. Em 1948 a população começou a se voltar para o plantio da cebola; com ela o povoado entrou num maior ritmo de desenvolvimento. As moradias antes de taipa passaram a ser construídas de alvenaria consolidando a formação das ruas e logradouros do povoado.

Em 1958, a CVSF [Comissão do Vale do São Francisco] criada em 1948 com o objetivo de promover a agricultura irrigada e o desenvolvimento regional, começa a atuar na área e implementa o Projeto Piloto de Eletrificação Rural, proporcionando energia elétrica; a mesma Comissão também cria uma cooperativa de eletrificação rural com o objetivo de gerar energia para o consumo doméstico e incentivar o uso na irrigação e nas indústrias [engenhos de rapadura, moinhos e teares].

Com as grandes safras de cebola, o local tomou impulso e, em 20 de dezembro de 1963, Itacuruba foi elevada à categoria de cidade pela Lei Estadual 4939. Foram estabelecidos seus limites: ao norte os municípios de Floresta e Belém do São Francisco; ao sul o Estado da Bahia; ao leste o município de Floresta; a oeste o município de Belém do São Francisco. As ilhas do São Francisco localizadas nessa região passaram a fazer parte do município.



MAPA DA ANTIGA CIDADE DE ITACURUBA

23

²³ Foto In: BEZERRA, Tercina Maria Lustosa Barros. Recife, 2006.

A maioria da população residia na zona rural e dedicava-se à agropecuária. O percentual de chefes de família que se engajava nesta atividade atingia 93% (O. Galindo; Neto, 2000)²⁴. A comunidade se reconhecia como de agricultores, e sentia orgulho por possuir uma história de experiências modernizantes em atividades de irrigação; foi a primeira cidade do sertão pernambucano que implementou um projeto de irrigação para fruticultura, ainda na década de 1960 (Ferraz de Sá, 2000: 70)²⁵. Com a irrigação outros produtos passaram a contribuir para a sustentação econômica: o tomate, o melão, a melancia. O povo de Itacuruba tinha um *sentimento de diferença* em relação aos sertanejos sofridos das terras secas do interior; o que se reflete na fala do Sr. José Jerônimo da Silva – 63 anos, do Sr. José Eliseu Menezes, 76 anos e de M. R. S, 78 anos. Eles fazem questão de lembrar que eram ribeirinhos, não eram agricultores de caatinga, de terra seca:

Nós [família] éramos da Itacuruba velha. Quando veio a Barragem a vida complicou, porque no tempo de plantar não tinha onde plantar não. Aí fomos para caatinga, mas as águas ficaram difíceis. E, para acabar de acertar, quando a gente dava fé chegava a polícia, chegava bandido; a gente não sabia quem era polícia nem quem era bandido. Eu disse: sabe de uma coisa, eu vou voltar pra beira do rio que é o meu lugar. Aqui não é o meu lugar. Eu não sou cobra pra morrer no pau no meio de pedra. (José Jerônimo da Silva – 63 anos)

Nós saímos lá da nossa terra na barra do Pajeú, paralelo com o Rio São Francisco, com a borda do lago. Nós tínhamos terreno na borda do lago, tinha no Pajeú, no Retiro. Eu digo aos netos, se perguntarem de onde você vem, responda: minha terra era na barra do Pajeú. (José Eliseu Menezes - 76 anos)

Olhe, essa mudança a gente estranhou muito, porque a gente não tinha o costume de morar em área de caatinga, né? A gente nasceu na beira do rio vendo a fartura de água né? A gente plantando aquilo que a gente sempre gostava, a maneira como a gente sabia plantar, quer dizer, todo mundo era livre né? (M. R. S.-78 anos. Reassentado de Itaparica. In Silva Filho, 1992: 216)

Não se reconheciam no sertão nordestino que tem como sinônimos: seca, fome, miséria; aquele em que grande parte dos sertanejos vê a realidade refletida e que Luiz Gonzaga traduz em poesia:

“Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João,

²⁴ In: ARAÚJO, Maria Lia Corrêa de; CALDAS NETO, Magda de; LIMA, Ana Eliza V. (Org.). *Sonhos Submersos ou Desenvolvimento? Impactos Sociais da Barragem de Itaparica*. Recife: FJN, Editora Massangana, 2000.

²⁵ Idem. PP. 69/86.

Eu perguntei a Deus do céu,
 Por que tamanha judiação?
 Que braseiro, que fornalha.
 Nem um pé de plantação.
 Por falta d'água perdi meu gado.
 Morreu de sede meu alazão.” (Asa Branca, Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira)

Esse estranhamento reafirma a relevância da tensão entre o contraste e a semelhança em relação a outro grupo, na configuração da identidade coletiva. Roberto Cardoso de Oliveira entende que **“quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com o qual se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente.”** (1976:5). Portanto, ele destaca o caráter contrastivo e manipulador da identidade constituída em situação de contato.

Já Thomas Eriksen, ao discutir etnicidade, defende ser um equívoco acreditar na total liberdade dos atores sociais na construção da identidade. Considera que neste caminho as escolhas são condicionadas por elementos históricos e culturais dos grupos, o que aponta para a importância do contexto das interações, que, segundo ele, tem sido negligenciado pelas abordagens que se fecham na análise do processo. Ele alerta que o contexto é anterior à interação (Eriksen, 1991). Em consonância, Michel Agier (2001) sublinha que o caminho que vai da cultura à identidade, e vice-versa, é social, complexo e contextual, não é transparente, único, nem natural. Portanto, a identidade seria realmente algo formado ao longo do tempo, de modo que, como apontam muitos teóricos, em vez de identidade como uma coisa acabada deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. Assim, na velha cidade, embora houvesse um estranhamento em relação aos sertanejos da caatinga, na fala do grupo as identidades apareciam, de forma recorrente, ligadas ao contexto, ao vivido por gerações naquele lugar; elas estavam entrelaçadas nas tranças de cebola, nas tramas das redes, misturadas ao sal e as águas.

Nós fomos criados lá [velha cidade], com a nossa agricultura. Nossa identidade está ligada a terra, ao rio. Nossos avós e pais eram da agricultura. Somos netos e filhos de agricultores. Lá, no meu lugar, comecei a trabalhar de novinha; com sete anos mudava cebola junto com minha mãe. Trabalhava com a terra e não vou deixar morrer essa tradição. A gente lá tomava muito banho de cachoeira. Tinha a tradição que chamava panela d'água, que era o lugar onde fazia aquelas voltas d'água, e a gente não podia ir, nosso pai dizia que a gente não podia ir. Meu pai tinha roça na Ilha dos Tanques. A gente atravessava o primeiro rio, depois atravessava o segundo rio, não era

de canoa não, era de nado, que a gente sabe nadar. Era uma água limpa mesmo, saudável, azulzinha, quando a gente entrava no rio, ali debaixo d'água, abria os olhinhos e via tudo: as pedrinhas, os peixinhos. (Constância de Menezes Silva – 35 anos)

1.4 - Tempo de fartura

Em Itacuruba o trabalho na agricultura, na tecelagem, nas salinas, mantinha um ritmo que passava dos pais para os filhos. Na realidade mais que atividades com fins meramente econômicos mostravam-se como um fazer inscrito na própria vida. Na velha cidade, as narrativas das pessoas revelam que, primordialmente, suas atitudes, em relação ao cálculo e à previsão, se achavam conectadas com as chuvas, os movimentos do rio, com a fecundidade da terra. Remetiam a uma lógica, calcada no *pensamento selvagem*, como tratado por Claude Lévi-Strauss. Esta interação com o meio em que estavam inseridos permitia, repetir no tempo, uma boa colheita, os produtos se renovam geralmente no espaço de um ano. A sobrevivência estava garantida no presente vivido.

Itacuruba já plantava de vazante, o Rio enchia cobria aquelas terras, aquelas ilhas, então ficavam bem molhadas. A gente plantava cana, puxávamos nas canoas, barcos, levávamos para os engenhos. Em Itacuruba tinha seis engenhos; era uma rapadura de boa qualidade, boa mesmo, nossa rapadura não tinha sal. Depois, com as rodas d'água, começamos a plantar nos terrenos mais altos. Continuamos plantando cana, principalmente pra rapadura. Nossas canas eram maravilhosas, lembro que em casa minha mãe fazia alfinim; pegava aquela cana tirava a capinha fina, deixava branquinha, raspava todinha, aí ela quando o mel estava bem grosso rolava, rolava, aí puxava. (João Gaudêncio Freire – 70 anos)

Itacuruba pra nós era uma cidade rica. A gente plantava feijão, arroz, milho, mandioca, batata, cebola, tomate, melancia, melão, essas coisas todas entendeu? E a gente não tirava uma safra só por ano; eram duas. Digamos, a gente tinha o Rio Pajeú, e tinha o Rio São Francisco, aí a gente plantava no Pajeú quando ele saia com água, quando secava a água do Rio Pajeú nós íamos para o São Francisco. Era uma vida movimentada; era uma vida em que nós todos éramos ricos, (Maria Edília. Custódio da Conceição – 62 anos)

Nasci na Itacuruba velha e me casei lá. De tudo por tudo lá era melhor. Teci muito; fazia rede, aprontava todinha pra vender em Floresta. Fazia um barrigão, tive doze filhos, e não tenho uma veia quebrada, tudo parto normal. Mas tecendo, meu tear ficou lá embaixo d'água. (Maria Umbelina – 68 anos)

Sou formado em contabilidade, mas sou homem da roça, trabalhei na roça, e me orgulho. Os homens iam pra roça, e as mulheres guerreiras estavam nos teares, tecendo. Hoje, se sou formado, agradeço a minha mãe, também, o dinheiro que ela ganhava tecendo rede. Minha avó também era tecedora de rede; vendia o fio para a cidade toda, e assim foi que me eduquei. Trabalhei, desde menino, na roça e hoje estou aqui com 42 anos; vivo e forte, pronto pra tudo. (Regivaldo de Souza, conhecido como Régis – 42 anos)



26

A fecundidade da terra e a da casa parecia indissociável, dessa forma, alguns comportamentos só poderiam ser percebidos para além do espírito de cálculo econômico racional; donos de ilhas ou pequenos roceiros, não se desfaziam de tudo que colhiam:

Lembro como se fosse hoje: era alfinim, mel, repadura, farinha, feijão ficavam de um ano para o outro. Em casa tinha aqueles depósitos de madeira, aqueles caixões, que às vezes até mofava era uma pobreza de barriga cheia. (João Gaudêncio Freire – 70 anos, agricultor, dono de ilha)

Minha casa era cheia de tudo. A sala era grande, cheia de batata. Tinha as prateleiras da casa, a gente botava aquelas batatas pelas prateleiras, criava os olhos e vinha descendo assim pelas prateleiras os olhos de batata, era muito bom, a gente tinha abóbora, melancia a vontade pra comer e dar. (Olímpia Maria dos Santos – 84 anos. Pequena roceira)

João Gaudêncio, dona Olímpia e muitos outros com quem conversei reafirmavam, sempre, a importância dos bens que produziam [farinha, feijão, sal, mel, redes, batata...] no seu cotidiano. Guardavam parte desses produtos, para serem utilizados pela família, tanto para consumo como para confraternizar com os amigos, até a próxima colheita.

Não há dúvida de que para os moradores da velha Itacuruba a tradição informava a vida. Mas tradição não é sinônimo de atraso ou imobilidade. As sociedades, mesmo as mais tradicionais, estão *instituindo sempre o já instituído*, há sempre frestas prontas a se deixarem

²⁶ Fotos do acervo de moradores da velha cidade.

penetrar pelo devir. Comungando o mesmo espírito que a memória, o tempo de cada sociedade se institui, segundo Castoriadis (1986), na relação entre permanência e criação. Aponta duas dimensões de tempo: tempo-repetição e tempo-criação. O primeiro estaria ligado à imposição, ao tempo de uma medida; o segundo voltado à significação, ao imaginário social. Mas, há um imbricamento entre as duas dimensões, elas se retroalimentam.

Para esse autor **“cada sociedade tem uma maneira própria de viver o tempo, mas cada sociedade é também uma maneira de fazer o tempo e de o fazer ser o que significa: uma maneira de se fazer ser como sociedade”** (Castoriadis, 1985: 243). Subjaz a este saber fazer o diálogo entre natureza e cultura, ou seja, os fenômenos cíclicos da natureza se oferecem à sociedade, mas ela os retoma diferentemente, e arbitrariamente, em e por sua instituição. Na velha cidade o tempo era marcado, predominantemente, pelo recomeço dos trabalhos; agricultura, tecelagem, extração de sal; pelas festas; pela fé.

Sou mãe de seis filhos, tenho oito netos quatro bisnetos. A velha cidade era maravilhosa. Nasci e me criei lá; meus avós, meus pais, tudo de lá. Era uma cidade que tinha muita tradição: tinha o festejo do dezoito de dezembro que era de Nossa Senhora do Ó, tinha 27 de agosto que era o Sagrado Coração de Jesus, e assim por diante, fora os festejinhos que tinha nas fazendas, naquelas fazendinhas. Tinha o festejo de Nossa Senhora da Saúde, o São Sebastião, que festejava no Coité. A gente ia, aquela turma de mocinha, rapazinho, nessa época, dois de fevereiro é Nossa Senhora da Saúde. Pois tinha isso minha filha na nossa velha cidade, tinha festa de São Gonçalo. A velha cidade tinha engenho de fiar, para fazer o fio, minha avó mesmo tinha um engenho que fiava, que pegava o algodão descaroçava, batia, fazia aquela pasta, tirava aquelas tiras, cansei de fazer com minha avó, acabar fiava, fazia aquele fio pra tecer, rede, lençol, capacho para os homens carregarem na sela dos cavalos quando iam pras festas. Eu mesma fiei muito, no engenho com minha avó, eu achava uma maravilha. Tinha o tempo da favela; a gente ia catar favela, favela é um pau que tem no mato, espinhento, que bota uma frutinha, ali a gente catava, quebrava, fazia um fubá pra comer. Tinha também a marí que é um pé de pau que bota a fruta a gente catava cozinhava, quebrava pra comer aquilo que tinha dentro, xique-xique que botava fruta no tempo dele. Meus pais mesmo iam catar e traziam aquele cestão pra gente comer, era uma maravilha, tudo isso que tinha meu amor. Lá tinha quem fizesse panela de barro, pote de barro, fazia pratinho pra gente comer, fazia aguidá o povo chamava aribé que era para as donas de casa lavarem prato, fazia cuscuzeiro, pra fazer o cuscuz, de barro, tudo isso era bom demais, Itacuruba era muito linda, tinha grupo de penitentes, penitente é um grupo de homens, a gente sabe que são os homens da nossa cidade, mas na hora que estão trajados a gente não reconhece, eles vestem aquela batina preta com a cruz branca, o capuz na cabeça, branco, uma cruzinha preta no capus, até eu sei fazer, ai eles saem rezando na frente, com o cruzeiro, a gente rezando atrás, aquela devoção, aquela fé que a gente tem de pedir aquela graça e alcançar, a gente pede muita graça pro cruzeiro e

alcança, aí a gente rezava com os penitentes até alta noite, e os búzios tocando, coisa linda, muito lindo.. Por exemplo, eu fazia uma promessa para os penitentes rezarem o ofício na minha casa, aí eu fazia aqueles bolos, aquelas tapiocas, pra dar o lanche dos penitentes. Os penitentes vinham, rezavam meu ofício como eu pedi e a graça que eu alcancei, aí eu dava o lanche a eles eu, como dona da casa, pegava a cruz saía com ela na frente e eles rezando Mesmo que eu soubesse algum penitente eu não podia dizer a você fulano é penitente não. Em Itacuruba velha tinha as rodas de São Gonçalo, que o povo dançava, as mulheres dançavam, muito bonito. Tudo isso a gente tinha em nossa cidade, as tradições. (Maria Edília Custódio da Conceição – 62 anos)

E, embora o pensamento ocidental predominantemente tenha estabelecido uma ruptura do tempo - trabalho e lazer – os agricultores-sertanejos da antiga cidade refletem outra forma de pensar e estar no mundo. Para eles o trabalho não é peso, há uma interação com o ritmo da natureza um pulsar junto. Em suas vidas, natureza e cultura não se excluem, constituem, entrelaçadas, o tecido social. O tempo, segundo Aparecida Nogueira (2008: 62), se impõe ao sertanejo como objeto de investigação:

“Ao focalizar seu olhar nas relações entre o homem e o meio, o sertanejo acredita lidar melhor com o semi-árido, integrar-se nele por meio da elaboração de estratégias que reiteram o exercício de uma escuta poética da natureza. Os almanaqueiros- sertanejos- [agricultores] optam por praticar uma ciência aventureira, aquela que não teme arriscar-se, que aposta, que se ancora em sinais sempre prontos a ludibriá-los. O sertão que emerge dessa instigante bricolagem, faz do sertanejo um Édipo da Modernidade, mobilizado para o deciframento de conexões, ordens, sombras, devaneios, sonhos, que, desde sempre, acometem todos os humanos.”

Na esteira das formulações dessa autora, vê-se que o conhecimento construído pela experiência cotidiana, de muitos dos agricultores sertanejos, é permeado por **“um sopro divinatório, conspiração com o oculto, sacralização”**. Sendo eles considerados verdadeiros **“profetas, decifradores de enigmas. São hermeneutas que nos ajudam a redescobrir o mundo, através de um intenso exercício de religação de indícios”**. (Idem: 43-33)

Na Itacuruba velha o tempo era um tempo diferente; quando era final de ano a gente já sabia quais os meses de vir chuva. Aqui ninguém sabe mais não. Negócio de agosto e setembro era chuva, muita. Aí a gente derrubava, no machado, aquelas catingueiras, aqueles pés de pau, e eu com o facão. Quando a chuva caía já estava tudo cortadinho. Aí, cada qual pegava a enxada e ia limpar aquelas terras, (Olímpia Maria dos Santos – 84 anos)

Acho que herdei esse dom, de rezar, do meu avô, Zequinha, José Antônio de Souza, pai do meu pai. Ele morreu a dois anos, com idade de 96 anos. Ele era um velho muito sábio, sinto saudade dele. Aprendi com ele rezar: de quebrante, de espinhela caída, de dor de dente. Ele tinha o dom de rezar, era crente nas rezas. Saber dos antepassados, uma reza de fé; de fazer um fogo apagar, de fazer um vento diminuir, uma chuva diminuir, uma chuva ficar forte. Hoje, chegam em casa: Régis reza pra mim que eu estou com a espinhela caída, eu rezo, acredito, tenho fé. Quem cura é a fé. Fiquei com pena porque não aprendi mais, ele sabia muito mais. Tenho meu avô como um sábio. (Regivaldo de Souza – 42 anos)

Lá dava prá saber quando ia chover. Os mais velhos tinham aquela ciência de quando ia chover; se o tempo fosse bom de chuva eles diziam, se fosse seca eles diziam – minha gente pode segurar que esse ano é seca. Eles sabiam pela experiência, aquela experiência. O povo mais velho tinha uma experiência. Diz que tinha uns bichinhos que viviam embaixo dos paus, no chão, eles vinham e cavavam, se tivesse os dois diz que era bom, mas se tivesse só um bichinho daquele aí não, podia esperar que o ano era ruim de chuva. Os mais velhos é que sabiam. Eles cavavam, aí olhavam e diziam: pronto minha gente estão os dois, pode esperar que o ano vai ser bom de chuva. Agora se tivesse só um aí eles avisavam: esse ano não vai ser bom de chuva não. Era justamente. Os antigos falavam e é tudo verdade. Era tudo certinho. Pense que era bom, era o tempo melhor que nós já passamos, (João Carabeira da Silva 62 anos)

Essa ciência, de que fala João Carabeira, remete à *ciência do concreto*²⁷, desenvolvida, tal qual a ciência tradicional, por meio da observação sistemática dos fenômenos sobre os quais se debruça, com rigorosos critérios de análise. Como reitera Nogueira: “**essa ciência do concreto supõe uma sofisticada operação de abstração, (...) é capaz de refletir as tensões existentes entre o homem e o meio no qual está imerso**”. Assim, “**é no âmbito da ciência primeira, concebida como ciência do concreto, que devem ser compreendidas as experiências feitas pelos profetas da chuva**”. Eles, como os Almanques Sertanejos, refletem, na deriva das ideias dessa autora, “**uma pulsão direcionada para a manutenção da abundância do mundo que habitamos**” (Nogueira, 2008: 59, 61). Lamentando que muitos dos mais velhos, já falecidos, não tenham ensinado toda a sua ciência, João Carabeira, admite, com saudosa serenidade, que a técnica calcada no vivido e a da ciência formal são igualmente válidas:

Agora são os artistas [serviço de meteorologia dos tele jornais] que dizem se vai chover. A gente assiste na televisão, eles dizem: hoje tem chuva, e tem mesmo. Eles agora estão sabendo, dizem: vem uma nuvem aí, e vai ter chuva em tal lugar, e representa mesmo. Mas os

²⁷ (Lévi-Strauss, 1970)

mais velhos ainda têm a experiência deles, aquela fé, ainda dizem e pode esperar que é certo. Do mesmo jeito que esses dizem aí na televisão, os mais velhos também dizem, pode esperar que a chuva vem, é verdade.

Seu pensamento aponta para uma *razão aberta* (Morin, 1990: 138), capaz de, como defende Morin, reatar articulações que são destruídas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento.

Embora transbordasse de natureza sugerindo **“um mundo recém-criado. Virgem de homens, um paraíso”** (VARGAS LLOSA, 1988: 66), a velha cidade não desconhecia a linguagem do capital, do lucro e da técnica. Nesse sentido, além do plantio de chuvas e vazante e a irrigação por sulcos e valetas estivessem garantidos, orgulhavam-se das rodas d'água, da irrigação com motores a diesel e bombas elétricas.

Nasci e me criei na velha cidade, lá eu era feliz e não sabia. Lá eu tinha muita terra pra trabalhar. Comigo tinha 25 meeiros trabalhando. Eu tinha uma casa boa, uma roça com 100 pés de coqueiro, 100 pés de mangueira, uma coisa beleza. Lá a terra era macia, uma terra que dava prazer de trabalhar. Qualquer enxada entrava até o olho, todo mundo tinha a manga, coco, arroz, leite, era fartura. Na velha cidade eu tinha bem cinco casas, três carros, tinha gado, tinha ovelha, tinha tudo. Eu era rico e não sabia, Lá, eu tinha três motores bons, duas bombas, tudo assentado. Eu morava numa ilha. Passei oito anos nessa ilha. Domingo, bem cedo, voltava mais ela [esposa] pra cidade. Tinha uma caminhonete muito boa. Quando eu chegava tinha dinheiro por todo canto. (Antônio de Almeida – 69 anos)

Sr. Antônio destacava, com orgulho, as conquistas [casas, carros..] alcançadas por meio do trabalho com a agricultura. Para ele aquela era uma época de progresso, em que todos sabiam lidar com a terra e dela ter uma vida farta. Diz que comercializava bem seus produtos, pois tinha bons compradores, mas sua maior riqueza era o bom entendimento que tinha com a terra. As falas dos meeiros parecem apontar na mesma direção:

Na velha cidade eu não tinha terra, trabalhava nas terras dos outros, mas vivia bem. Minha casa era bem arrumada. Na velha cidade eu criava meus filhos no luxo. Eu morava na cidade e arrendava terreno pra trabalhar, mas da minha metade pagava a quem eu devia, comprava colchão, lençol e tudo o que precisasse até abrir a outra roça. A vida era boa, (Edivirgens Margarida Pereira Freire – 53 anos)

Fui da antiga cidade, vivia de roça e agricultura. Trabalhava de meeira, achava bom. Amanhecia o dia a gente já sabia pra onde ia, já sabia o que ia fazer. Os jovens já sabiam, seguiam o ruma dos pais, que era ir pra roça. Eu mesma trabalhava até meio dia, mudando

cebola. Quando eram onze horas o dono da roça soltava a gente para ir para escola. Depois casei e fomos morar na roça (Lúcia Pereira dos Santos – 49 anos)

O desenvolvimento que construíam era baseado no repertório do próprio grupo. O que remete ao pensamento de Marshall Sahlins (1990) de que uma cultura, dita mais tradicional, em contato com outra, considerada mais sofisticada, assimila referências simbólicas para a manutenção de seus próprios valores:

Por volta dessa época [1812], marcada pelo lucrativo comércio do sândalo, também desenvolveu-se uma intensa competição por status no seio da aristocracia havaiana. Essa competição tomou a forma do consumo conspícuo de bens de luxo vindos da Europa – mas também o mana esteve sempre associado a um estilo de luminosidade celestial. O item principal de consumo eram as roupas finas. (...) O objetivo dos chefes era ter algo que jamais tivessem visto. Logo, tecidos finos da China e da Nova Inglaterra eram acumulados em superabundância estéril, apodrecendo nos armazéns dos chefes, para finalmente serem jogados no mar (Sahlins, 1990: 177).

Nesse sentido, aquilo que se reproduz não é uma cópia, mas uma transformação; uma atualização simbólica das estruturas de relação. Sublinha, ainda, que essa mudança é constante dentro das estruturas históricas das culturas. A velha Itacuruba não compartilhava com o padrão desenvolvimentista homogeneizante que se imiscuía pelas regiões vizinhas. Nelas, os estímulos governamentais, aos grandes empreendimentos agrícolas, para exportação, a valorização das terras com a modernização agrícola acabaram por excluir grande parte dos pequenos agricultores desse programa de crescimento:

“Os proprietários acabaram expulsando os trabalhadores para ampliar as áreas ocupadas pela pecuária ou aumentar sua produção agrícola. Expulso da fazenda, o pequeno lavrador viu-se obrigado a migrar (...) aumentou o número de trabalhadores sem-terra, de trabalhadores volantes e contribuiu para a menor produção de gêneros alimentícios.” (Andrighetti, 1998: 82, 83)

Diferentemente, na antiga Itacuruba os projetos de irrigação para agricultura objetivavam abastecer a região. Os investimentos, embora visassem o lucro não se fechavam nele, estavam subordinados a um forte sentimento de solidariedade e de honra. Na fala dos habitantes da velha cidade, percebe-se que a terra não era dividida igualmente, havia os donos das ilhas, os pequenos proprietários, os que não possuíam terras próprias. Mas, é geral o

sentimento de homens da terra; todos reiteram não faltar terra para quem quisesse trabalhar e dela tirar o suficiente para viver com dignidade. Trabalhavam em regime de meação, como diaristas assalariados, mas também plantavam suas roças, seja nas margens dos rios, nas ilhas, em terras de familiares, ou mesmo nas propriedades dos patrões. Não se faz ouvir a voz do subjugado em oposição a um opressor:

Nós éramos trabalhadores rurais, plantava diretamente arroz. Chegamos a tirar, numa carrada só, 15 toneladas; plantava arroz, tudo no mundo, só não plantava maconha. Lá, com seis meses, podia matar um cabrito que era um bode de vinte quilos. Eu mesma, no batizado da menina, matei um carneiro de vinte e um quilos. Meu patrão me dava uma vaca pra eu tirar leite. Essa vaca dava 13 litros de leite, eu cozinhava cinco; fazia requeijão de dois em dois dias, a borra eu dava a lavagem, aos porcos, ninguém comia. (Antônia Maria dos Santos – 60 anos)

Eu já tinha os meninos, seis filhos. Tinha um pé de Juazeiro, ali era o ranchinho da gente. Eu armava as redinhas debaixo do pé de Juazeiro, botava eles pra dormir ali. A roça era pertinho. Era trabalhando, limpando os legumes e olhando eles. Quando era a tardinha o velho Zeca chegava, que era meu patrão, com aquele bastãozinho; chegava olhava, olhava, ele era um velhinho, mas ele respeitava todo mundo, dizia que respeitava pra ser respeitado. (Olímpia Maria dos Santos – 84 anos)

Eu ia pra a beira do Pajeú. Lá pra Erundina, catar feijão. Eu catava feijão pra ganhar dinheiro. Quando era do meio dia pra tarde ela dizia: quem quiser pode levar um saco de feijão pra casa. Eu levava o bem maduro. (Maria Edília Custódio da Conceição – 62 anos)

Eu morava na cidade e arrendava terreno pra trabalhar. Lá eu morava em casa alugada e trabalhava em terra arrendada, de meia; era com Zé Pequeno, foi um belo patrão que eu tive na minha vida, era como se fosse um irmão (Edivirgens Margarida Pereira Freire – 53 anos)

Cenário semelhante foi percebido por Guiomar Ines Germani, no Paraná, com os expropriados²⁸ para a construção da Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu:

“Pessoas das mais diferentes condições quanto à ocupação da terra, se vêem envolvidos num mesmo conflito e se unem para enfrentar o inimigo comum – Itaipu Binacional - que ameaça a sua condição de pequenos produtores – quer como proprietários, posseiros, arrendatários, chacreiros – e de pequenos comerciantes.” (2003: 176)

²⁸ A autora faz a opção pelo termo expropriado em lugar de reassentado ou relocado.

Apontariam essas falas para uma alienação grupal? Essa comunidade teria encontrado a harmonia ideal, que excluía qualquer tipo de exploração, entre donos de ilhas/terras e meeiros? Maria Lia Araújo e Rosa Maria Amorim, em avaliação do reassentamento rural de Itaparica (CHESF/FUNDAJ, 1989: 25), sublinham que:

“Um aspecto interessante a registrar é que esse anseio por trabalhar em terra própria e, até mesmo, a consciência da exploração a que estavam submetidos quando trabalhando em terra alheia entram em conflito com o saudosismo registrado quanto às relações de trabalho anteriores ao reassentamento. Os elogios tecidos aos ex-patrões refletem um certo grau de dependência em relação ao sistema paternalista a que estavam habituados, o que, em alguns casos poderá inibir a capacidade de iniciativa necessária ao novo empreendimento nos projetos.”

Estas, entre outras, são possibilidades. Mas, voltando à maçã de Cézanne o que percebi, nesses depoimentos, foi um movimento grupal de afirmação de uma identidade de agricultores ribeirinhos.

Fica evidente, ao escutar suas narrativas, que era primordial, para o grupo, a identificação enquanto comunidade produtiva em harmonia com a natureza; é essa a auto-imagem que essas memórias constroem coletivamente; é dessa forma que querem ver, hoje, reconhecida a velha cidade.

Assim, quando falam do trabalho na terra, os moradores da velha cidade o colocam na teia de suas vidas, em que os donos de terras, muitas vezes da família, e meeiros compõem, juntos, o espírito do antigo lugar. As pessoas, embora não necessariamente de forma intencional, excluem qualquer experiência de desrespeito que possa ter existido entre elas no passado. Acredito que assim, priorizando o que os une, buscam, em meio a todas as adversidades, manter o sentimento de pertencer a um todo, fundamentado na dignidade, pelo qual vale lutar. Juntos, estariam mais fortes para refutar opiniões negativas sobre eles próprios, induzidas por alguns dos responsáveis pela política de implantação de barragens.²⁹

²⁹ A carta do superintendente do Projeto Sobradinho, Dr. Eunápio Peltier, ao presidente da ELETROBRAS, sobre os sertanejos, ribeirinhos, pode ser considerado um bom exemplo de como se pode tentar imputar uma imagem negativa ao outro: “analfabeto, sem usufruir qualquer benefício de comunicações de massa, seus contatos humanos restritos ao seu próprio nível, com os vizinhos e nas feiras, sua mentalidade não pode evoluir, conservando-se primitivo, sem poder aquisitivo, sem aspirações, conformado e dominado pelo pavor do desconhecido. Assim agarra-se ao rio, que lhe assegura a sobrevivência e às crenças, que o confortam. Além de tudo, com justa razão, profundamente sentimental para com o seu rio, por afeição – o Velho Chico. Socialmente é, pois, um ser desvinculado, cultural e economicamente do resto do país.” (CEEIVASF In: Siqueira, 1992: 51)

Pois, como sugere Charles Taylor (1994), alguns aspectos da política atual, por vezes, exigem a luta por reconhecimento:

“O não reconhecimento ou o reconhecimento incorreto podem afectar negativamente, podem ser uma forma de agressão, reduzindo a pessoa [grupo] a uma maneira de ser falsa, distorcida, que a restringe. (...) Perante estas considerações, o reconhecimento incorreto não implica só uma falta do respeito devido. Pode também marcar as suas vítimas de forma cruel (...) Por isso, o respeito devido não é um acto de gentileza para com os outros. É uma necessidade humana vital.” (Taylor, 1994: 15, 16)

Na deriva dessas ideias, vejo que embora em um primeiro momento, nas linhas dos discursos dos moradores da velha cidade, a repetição obsessiva de que viviam na fartura, possa sugerir que a fome saciada fosse o grande ponto positivo do antigo lugar; o que realmente parecem querer dizer aos de fora, nas entrelinhas de suas falas, é que a imagem do sertanejo faminto, em eterna luta com uma natureza hostil, não lhes cabe.

Dessa forma, mostram aos outros, com orgulho, sua capacidade de sobrevivência por seus próprios meios, porque **“a auto-imagem normativa de cada ser humano [grupo social], (...) depende da possibilidade de um seguro constante no outro, vai de par com a experiência de desrespeito o perigo de uma lesão, capaz de desmoronar a identidade da pessoa [comunidade] inteira”** (Honneth, 2003: 213). Uma escuta mais atenta das memórias dessas pessoas da velha cidade revela que para além da mera sobrevivência elas tinham uma vida constituída pela educação, sociabilidade, lazer...

Lá, a gente tinha o maior contato também com as pessoas; eu ia tomar um banho no rio com mais quatro, mais cinco, mais dez, mais quinze, mais vinte. Quer dizer, aquela questão da sociabilidade, a gente tinha vários momentos de estar conversando, discutindo assuntos, mesmo sendo jovem. Naquela época a gente discutia violência, agressividade e tudo. Era uma cidade pequena, a gente estava no privilégio, essas coisas não aconteciam aqui. Dentro de Itacuruba nunca aconteceu. A gente estava sempre conectada com todo mundo, e construía a identidade. Até os eventos escolares, a gente transformava numa grande festa. (Rita Dante)

Na cidade velha eu ia à feira, ia à festa. Mas não morava lá; morava no rio, na fazenda, nasci e me criei na Fazenda Fortaleza, era meia légua da cidade. (Maria Dosléo da Conceição – 96 anos)

A educação lá, na cidade velha, também era boa. (Rivoneide Valdomira de Souza – 33 anos)

Lá [velha Itacuruba] a gente dançava: dançava moça, dançava rapaz, dançava menino, dançava velha casada já de idade. Lá tinha a casa dos

velhos. O rio lá era bem pertinho, bem pertinho mesmo, a gente ia tomava banho a vontade, era muito bom. (Olímpia Maria dos Santos – 84 anos)

1.5 - À maneira de uma dádiva

Todas as declarações remetem a um sentimento de solidariedade. A dádiva, segundo a formulação de Marcel Mauss (1974), parecia regra a ser cumprida por todos, humanos e não-humanos, que constituíam aquela comunidade. Para esse autor, dádivas têm na essência comunicar, estabelecer relações, circulam de um para o outro num movimento contínuo. Estão fortemente ligadas à pessoa, ao grupo, seriam veículos de sua força, implicando reciprocidade.

Em seu “Ensaio Sobre a Dádiva”, somos defrontados com a noção de *mana*; força espiritual, moral, de autoridade, presente nos seres. Partindo dessa noção, podemos entender mais facilmente a força da terra e da água na vida da comunidade, que extrapola qualquer registro unicamente utilitário. Em Itacuruba visualiza-se um processo de troca simbólica generalizado, que envolve: terra, água, sol, agricultores etc. Nessa teia de reciprocidades, todos, na velha cidade, sentiam-se protegidos da fome; principal fantasma que assombra o sertanejo.

Lá se eu não tivesse o feijão verde, a macaxeira, o pimentão, o coentro, pra botar na minha panela, minha vizinha que tinha dava; se ela não tivesse a outra tinha e dividia. A gente não comprava essas coisas. Até o sal a maioria do povo de Itacuruba produzia, tinha aquelas salineiras, raspava aquela terra, coava, fazia o sal. A maioria da nossa população não comprava sal. O sal nós mesmos fabricávamos. Tinha aquele terreno salinoso, a gente ia lá, raspava aquela terra do sal, trazia, botava nos aguedás grandes, botávamos água, escoava, tirava aquela água, botava no fogo, cozinhava, virava um sal, aí aquele sal a gente botava num saco, levava pro rio, lavava, enterrava, com dois dias tirava. O sal tava fininho (Maria Edília Custódio da Conceição – 62 anos)

Na velha cidade era assim, muitas famílias, as vezes não tinham o que jantar, aí o marido dizia: fica aí que eu vou ali, pegava uma tarrafa, que é tipo uma rede que joga no rio e o peixe fica enroscado nela, o marido ia pegava o peixe. Lá arrancava um pé de mandioca, trazia. Ele ia tratar o peixe, a mulher raspava a mandioca, ralava, botava o peixe no fogo. Ali mesmo espremia a mandioca fazia a farinha no caco e ia jantar. Jantava e dormia feliz, com coisa tudo natural, (Maria da Conceição Maniçoba Guimarães – 55 anos)

A gente tinha abóbora, melancia, a vontade, pra comer e dar. Lá a gente fazia era dar as colegas, uma melancia ninguém vendia, ninguém vendia uma abóbora; fazia era dar aos colegas da gente, Olímpia Maria dos Santos – 84 anos)

Anteriormente a assistência à saúde era feita através de curiosas [chás, garrafadas feitas com plantas medicinais] ou consultas feitas através de cartas ao médico de Belém do São Francisco. Quando a situação era mais grave o médico vinha atender. O Sr. Aníbal Cantarelli, um dos patriarcas da cidade, agricultor, acompanhava os médicos, foi adquirindo algum conhecimento. Mediante a necessidade e boa vontade de servir se dedicou a assistência. Era chamado pelas parteiras, quando uma parturiente se encontrava em perigo de vida. Pele graça divina foi bem sucedido em todos os seus momentos, de forma que ganhou a confiança do povo. Com a assistência dada pela CVSF a cidade passou a contar com assistência médica direta, duas vezes por semana. Mas a população preferia Sr. Anibal, que apresentava os médicos, só então aceitos pela comunidade. (Glaucia Cantarelli – professora aposentada)

Fortemente conectados com o sagrado, as pessoas, velhos e jovens, trazem em suas falas a importância, fundamental, de São Gonçalo e dos penitentes, para a vida do grupo; e a dádiva permeia essas relações. São testemunhos de fé. Nos dois casos, são feitas promessas, pedem-se graças às forças divinas. No São Gonçalo, o pedido é feito diretamente a Este santo, recebida a graça, é realizada, como retribuição, na casa de quem fez a promessa, a roda de São Gonçalo [são doze rodas ou duas rodadas de doze – vinte e quatro]. O dono da promessa tem por obrigação fornecer transporte ao tocador e aos que vão dançar [que nada cobram], além de uma mesa farta para todos, incluindo os que vão apenas assistir; o que é feito com muito orgulho, oferecendo-se o que têm de melhor.



30

São Gonçalo ficou do tempo dos mais velhos, eu não alcancei. Dizem que São Gonçalo era um padre; ele fez um pensamento: como é que ia

³⁰ Dança de São Gonçalo na velha cidade. Foto In: Reassentados de Itaparica: memória, realidade e perspectivas pastorais, 1995:43.

fazer pra tirar as mulheres da vida. Aí foi e estudou: eu vou pegar elas e vou dançar a noite toda, e de dia elas vão dormir. E assim ele fez. Elas dançavam a noite, e de dia não podiam namorar porque estavam cansadas. Foi assim que ele tirou as mulheres da vida. E, no final, as casadas passaram tomar na dança, e as moças e meninas e tudo. Quando nasci já existia a dança de São Gonçalo. Aí, fui crescendo e vendo eles dançando. Na idade de 10 anos comecei a dançar. Meu avô era tocador, tinha uma tia que dançava, eles me levavam quando iam dançar; quando chegava lá eu dançava com ela, de noite. São doze rodas, cada uma tem o seu nome. Tem umas que eu não estou lembrada, mas outras eu ainda lembro: a 1ª que é o começo, chama a tesoura; a 2ª é a das costas, a gente dança dando as costas; tem uma que a gente dança arrodando, eu não sei mais o nome; a 4ª é a do pé; 5ª é quatro, dança as quatro pessoas assim, trocando; aí tem a do oito; tem a do furto; tem uma que chama do rolo; tem uma da umbigada e tem uma do cochicho. Parece que só. A zoadá que eu mais gosto é a tesoura, a do pé, o oito, e tem a roda redonda que a gente não dança, porque é pouca gente que sabe. Gosto de todas as músicas. Vou dizer só um pezinho, deixa eu ver qual o pé mais bonito: Gonçalo de Amarante obrou um milagre ontem/ O menino pediu água, do seu peito fez a fonte/ O São Gonçalo é um santo que não é interesseiro/ Ele obra seu milagre não recebe dinheiro. Aí nós cantamos o dia inteiro, ele é milagroso. (Maria do Socorro de Sá – 61 anos)

No tempo da Itacuruba velha eu dancei muito, lá no Coité; com um primo meu chamado Duda. Ele tocava e eu, com ele. Quem faz a promessa oferece a comida, o carro que vai buscar o tocador também é por conta do dono da promessa. (José Jerônimo da Silva – 63 anos)

Maria Edília explica, lembrando da velha cidade, que em relação aos penitentes, se faz promessa ao cruzeiro, **o cruzeiro é uma cruz grande, de madeira pesada, cheia de fita, enfeitada, que fica na capela dos penitentes, próximo ao cemitério.** Conseguida a graça se solicita orações dos penitentes; que por sua vez, têm a obrigação de seguir em oração, até a casa de quem fez a promessa para rezar o ofício. Mas os penitentes rezam também: fazendo penitência nas cruzeiras; quando morre alguém; nos cemitérios, em intenção das almas daqueles falecidos; na quaresma e na semana-santa.

Meus avós, meus pais, eles todos já eram penitentes. Ser penitente é a pessoa andar meia – noite rezando, fazendo aquelas penitências, rezando nas cruzeiras, reza nas casas, porque tem pessoas que pedem para rezar nas casas; aí a gente vai, rezar nas casas. Toda cruz a gente visita. Agora a gente veste uma batina toda preta, a cara coberta e tem aquelas cruzeiras. A gente sai meia – noite fazendo penitência rezando, só homem. Lá pra Petrolina tem mulher também, mas aqui é só homem. A gente vai fazendo aquelas penitências de noite, meia – noite. Anda escondido, sem ninguém conhecer, com o cruzeiro. A gente tem o cruzeiro; tem o búzio de tocar. A gente tem o cruzeiro grande, a gente carrega aquele cruzeiro e sai rezando, fazendo penitência nas cruzeiras, rezando nas cruzeiras. Isso tudo já vem dos mais

velhos, agora quem anda nessas penitências não carrega nada, nem um canivete, só com aqueles mantos mesmo, não carrega nada. Morre uma pessoa agente chega, reza aquela reza, um padre nosso com uma ave – Maria, oferecida as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, em intenção daquela alma que morreu ali. A gente reza nos cemitérios, também, em intenção das almas daqueles falecidos lá. Isso vem desde o meu bisavô; aqueles mais velhos vão morrendo e vão ficando os mais novos. A gente tem dois decuriões, o decurião é aquele que manobra o grupo: é assim, se querem que a gente vá rezar numa casa falam com a gente que é decurião, aí o decurião manobra todo o grupo; são dois, o decurião e o ajudante, esses dois é que manobram todo o grupo. O decurião pode falar com todo mundo, porque ele anda abertamente, o grupo anda encoberto, com a cara toda encoberta, aí não pode, pra ninguém conhecer eles. Isso vem desde a bíblia, até na bíblia a gente já achou. Eu, que sou o decurião e o ajudante, todo mundo pode saber, já os que andam encobertos ninguém pode saber quem são. A gente chega, lá do trabalho que a gente vai, a gente tem a capela, tem a capelinha nossa, tem os cruzeiros, a gente chega lá meia – noite, as vezes uma hora da madrugada, duas horas, aí quando chega, cada qual sai escondido pra sua casa; quando chega, entra, ninguém dar o saber a ninguém. Qualquer pessoa pode entrar pra ser penitente; ele chega com a gente que é decurião, aí ele fala com a gente, aí a gente leva ele lá dar as explicações. A gente é tudo uma irmandade só, a gente não procura brigar com ninguém, porque tem que ser tudo uma irmandade não carrega nada de arma, nem canivete, é só pra rezar mesmo pra Deus e pra quem morre e assim por diante, a gente se ajuda também. Agora tem aqueles que acompanham também, mas não usam farda, andam assim apaisana. As freiras gostavam muito, elas iam pra lá assistir a gente lá, elas diziam: esses que não andavam vestidos eram Coam, davam o nome de Coam. Até os padres ficaram admirados com a gente, porque a gente aprendeu o ofício, o ofício assim todo, onde o padre não sabe. O ofício é uma reza que a gente reza, pega os livros, os catecismos que ensinam, aí a gente ler e aprende, grava na cabeça. A gente reza assim: dois puxam, dois tiram a reza, vou rezar um pedacinho do ofício “agora lábios meus dissei anunciai o grande louvor da virgem mãe de Deus – aí os outros respondem atrás, sete meio favor virgem soberana livrai-me do inimigo com vosso valor, glória seja o pai, o filho amor também que ele é um só Deus em pessoas três, - aí os outros respondem, e agora e sempre sem fim amém” e continua assim. Lá em juazeiro da Bahia tem o grupo dos homens e o das mulheres também, a farda das mulheres é branca com a cruz preta, a dos homens é preta com a cruz branca. Eu gosto muito, eu me sinto muito bem, quando eu chego e está aquele horror de colega, tudo junto, tudo rezando pra Deus, pensando a mesma coisa, tudo sem maldade com ninguém, porque não existe maldade, estamos ajudando as almas do purgatório, a gente reza por todos os defuntos, os falecidos, os irmãos também, que eram penitentes e rezavam também; a gente reza oferece um pai - nosso pra eles, tem muita reza. A gente reza também pelos vivos: pelos vivos, pelos mortos a gente reza por todos, mesmo sem ninguém pedir a gente reza, a gente vai para o cemitério e reza por todos eles. Na semana santa, no derradeiro dia, no sábado, quando a gente vai se despedir, muita gente chora; ali a gente lembra aqueles que eram colegas da gente do mesmo grupo, que já morreram também. A gente começa na quaresma, todinha, parece que são sete semanas, aí vem a

semana santa, e no sábado termina tudo. A gente reza a quaresma todinha: na segunda, na quarta e na sexta. Agora na semana santa começamos da segunda, terça, quarta, quinta, sexta até o sábado. Tem aqueles dias que umas pessoas dizem: vamos rezar lá em casa, aí a gente chega e reza naquela casa até meia – noite uma hora; aí reza o ofício todo, aí reza outras rezas e oferece tudo. No natal a gente reza também nas igrejas lá, é penitência porque toda reza que a gente faz é penitência, mas não é com o grupo de penitentes. A força maior é na semana santa, porque a gente acompanha todo aquele sofrimento de Cristo. (Elias Antônio da Silva – 69 anos)

Itacuruba era muito linda, tinha grupo de penitentes. Penitente é um grupo de homens, a gente sabe que são os homens da nossa cidade, mas na hora que estão trajados a gente não reconhece. Eles vestem aquela batina preta com a cruz branca, o capuz na cabeça, branco, uma cruzinha preta no capus, Eles saem rezando na frente, com o cruzeiro, a gente rezando atrás, aquela devoção, aquela fé que a gente tem de pedir aquela graça e alcançar. A gente pede muita graça pro cruzeiro e alcança. Aí a gente rezava com os penitentes até alta noite; e os búzios tocando, coisa linda! muito lindo! O cruzeiro é uma cruz grande, de madeira pesada, cheia de fita, enfeitada, que fica na capela dos penitentes, próximo ao cemitério. Na antiga cidade a capela, a primeira, ficava na Umburana. Nós íamos meia noite, subíamos aquele riacho, rezando com os penitentes e voltávamos o galo cantando e nós rezando. Por exemplo, eu fazia uma promessa para os penitentes rezarem o ofício na minha casa, aí eu fazia aqueles bolos, aquelas tapiocas, pra dar o lanche dos penitentes. Os penitentes vinham, rezavam meu ofício, como eu pedi, eu dava o lanche a eles. Eu, como dona da casa, pegava a cruz saía com ela na frente e eles rezando. Mesmo que eu soubesse algum penitente eu não podia dizer a você: fulano é penitente, não. Só os amigos da mesma crença, da mesma turma, é que podem saber quem é uns os outros. Tem o decurião, que é o chefe deles. Quando eles querem, precisam de uma batina, que é a veste deles, eles fazem um bilhetinho, entregam ao decurião e ele entrega a mim, aí eu compro, faço e entrego ao decurião, para ele entregar a eles. O decurião qualquer um pode saber quem é, porque ele é descoberto, ele veste as vestes, mas é descoberto, ele é o disciplinador, ele é o que resolve. Se eu preciso dos penitentes na minha casa eu tenho que falar com o decurião; é como um padre, a pessoa por quem a gente tem o respeito. Quando morre um eles se juntam pra rezar o ofício. É muito lindo essa história, essa crença que nós temos. Na quaresma, eles andam na quarta e na sexta; na semana santa eles andam a semana todinha. Mas se alguém precisar é só falar com o decurião e eles vêm, marca a hora, agora é só a noite, 9 horas 9 e tanta eles vem, fazem as preces, muito lindo mesmo. (Maria Edília Custódio da Conceição – 62 anos)

Sr. Elias, decurião e agricultor, deixa emanar uma energia que pode, perfeitamente, ser nomeada como espírito da dádiva; sereno, firme e gentil, parece jogar a favor do tempo, não tem pressa nem alimenta mágoas, diz que graças a Deus tudo para ele sempre tem dado certo. Quando, no banco da praça, atendendo meu pedido, canta a oração que acha mais

bonita: **“Senhora Santana subiu lá aos montes/ lá onde ela andou deixou doces fontes/ desceram dois anjos, beberam água nelas/ que fontes tão doces, Senhora tão bela/ Senhora Santana vós pedis vem/ daí –me as Vossas graças já que eu não tenho”**, ergue-se uma catedral de fé, que envolve todos que escutam. Nesse movimento se estabelecem alianças que não pertencem ao registro meramente utilitário. Para Alain Caillé (2002), condição primeira de todo empreendimento, de toda prosperidade e de toda felicidade, a aliança representa em certo sentido aquilo que há de mais útil nesse mundo. Mas ninguém pode ter acesso a esse tipo de bem se não for capaz de sair do registro do quantificável.

1.6 - Espaço, Lugar, Identidade: um jogo de reconhecimento

Seguindo a formulação de Mauss (1974), a proibição constitui uma regra da dádiva. A regra, na velha cidade, afirma que aquela terra e o Rio São Francisco não poderiam ser tratados como matéria prima que se deveria explorar; ambos são objetos do mais profundo respeito. Bourdieu (1979: 43) sublinha que para o camponês argelino **“a terra nunca poderia ser tratada como material vulgar, a terra é objeto de um respeito misto de temor (elhiba). Ela saberá exigir contas e pedir reparação pelos maus tratos que o camponês azafamado ou desajeitado lhe inflige”**. Da mesma forma, os índios machiguenga, da Amazônia peruana, acreditam que:

“Se um dano acontece na terra é porque a gente não lhe presta mais atenção, porque não a cuida como se deve cuidá-la. Pode a terra falar, como nós? Para dizer o que quer algo terá que fazer. Tremer quem sabe. Não se esqueçam de mim, dizendo. Eu também vivo, dizendo. Não quero que me maltratem”. (Vargas Llosa, 1988: 198)

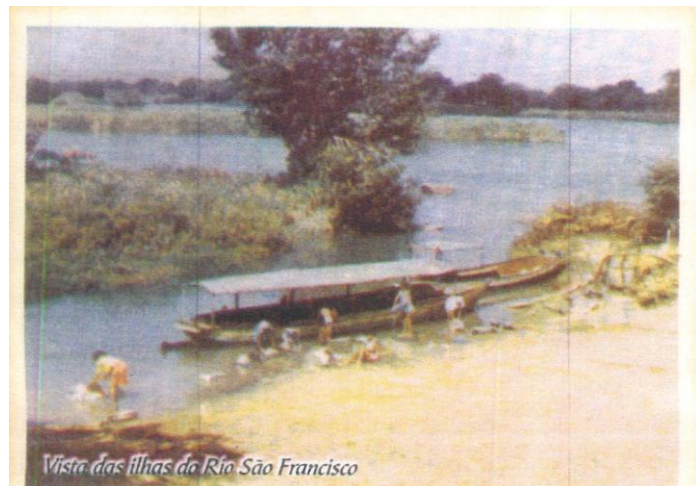
Partindo desses pensamentos, e, concordando com Michel Maffesoli (2004: 57) quando diz que a cidade é constituída por uma série de altares, no sentido religioso do termo, nos quais são celebrados diversos cultos de forte componente estético-ético, percebe-se, na antiga cidade, a existência de alguns cultos: da amizade, da agricultura, do lazer, da tecelagem etc. Havia lugares, como as ilhas, o rio, as cachoeiras, que, nos depoimentos da população, eram impregnados de uma afetividade quase sagrada. Lugares em que várias gerações deixaram suas marcas, que de longe ultrapassam o mero utilitarismo.

Lá tinha as ilhas, as cachoeiras que faziam aquela zoadá, o rio, onde todo mundo tomava banho, lavava roupa. Lá, a importância do lugar era uma coisa muito séria. (Maria da Conceição Maniçoba Guimarães – 55 anos)

Morei na Ilha de Surubabel. O rio era muito bom: tomava banho, lavava roupa a vontade, brincava. Eu achava bom demais. (Ermínia Maria da Silva – 58 anos)



31



32

Conceição e Ermínia trazem em suas falas um pouco desses lugares. Esses territórios, **“que é preciso compreender no sentido etológico, são compostos [também] por afetos e emoções comuns, consolidados pelo cimento cultural ou espiritual, em suma existem por e para as tribos que neles escolheram seu domicílio”** (Idem:59). Os altares são envolvidos por odores, ruídos, sabores... Todos esses elementos alimentam o espírito do lugar. Para Maffesoli a lição do espírito do lugar é acentuar o *ethos* ligado a um espaço vivido em comum, em que circulam as emoções, os afetos e os símbolos, no qual se inscrevem a memória coletiva, o espaço, enfim, permite a identificação.

Talvez seja bom recordar que o espaço nunca esteve, de fato, ausente das preocupações da antropologia. Ainda no início do século XX, Emile Durkheim (2002) afirmava ser o espaço indissociável da sociedade que o habita, e seria na relação que se estabelece entre ambos que se deveria procurar a explicação para os tipos de organização que manifesta. Na deriva dessas ideias Lévi-Strauss trabalhou o espaço na sua dupla realidade: a

³¹ Mapa, foto In: BEZERRA, Tercina Maria Lustosa Barros. Recife, 2006.

³² Foto do acervo de moradores da cidade velha.

material e a de representação. Associou-o à organização social do grupo e, por essa via, à problemática das identidades coletivas.

Corroborando com essas formulações, Halbwachs (1990) defende que cada grupo molda o espaço ao mesmo tempo em que se deixa moldar por ele: quando um grupo é inserido num espaço transforma-o à sua imagem, ao mesmo tempo submete-se às coisas materiais que lhe resistem. Assim, todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos. Elas têm suas geografias imaginárias³³,

“Suas paisagens características, seu senso de lugar, de casa-lar (...) O lugar é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com os quais nossas identidades estão estreitamente ligadas (...) é neles que temos raízes” (Stuart Hall, 1998: 71, 72).

Os depoimentos dos moradores da velha cidade expressam tais ideias:

Na antiga Itacuruba nós lembramos, ah... Quando a gente lembra lá daquelas matas, aquelas cachoeiras zoando e hoje nós não vemos mais nada disso. Olha a gente tem uma lembrança muito grande. A gente vivia trabalhando ali, naquelas ilhas, naquelas águas, atravessando com canoas. E hoje cadê, acabou tudo né. (João Caraiqueira da Silva - 62 anos)

As pessoas mais idosas, que já estavam com as raízes ali, sofreram muito, quando foram obrigadas a sair de lá. Como a minha mãe; sofreram e ainda sofrem. (Maria Aparecida Souza Freire – 46 anos)

Em seus discursos, as referências em relação ao antigo lugar em que viviam, trazem o passado para o presente: **sou da cidade velha, da velha Itacuruba; meus avós, meus pais, eu, somos todos da Itacuruba velha**. Essas expressões revelam um sentimento de pertença que os ligava ao grupo e ao lugar. Ainda em 1937, Evans-Pritchard já focalizava a importância da noção de *cieng* [que poderia ser traduzido por: ser de] para os Nuer, do Sudão. Essa noção ressalta o caráter contextual da pertença, dos indivíduos ou dos grupos; sou da minha palhoça, da minha aldeia, da minha tribo. Nesse sentido a pertença é posicional.

Poder-se-ia falar, como sugere Phillippe Robert (In, Bauman, 2005: 22) em sociedades de conhecimento mútuo. No interior dessa rede de familiaridade do berço ao túmulo, o lugar de cada pessoa era evidente demais para ser avaliado. Zygmunt Bauman (2005: 23) faz

³³ Edward Said In: Stuart Hall (1998: 71)

lembrar que pouco antes da última guerra mundial irromper realizou-se um censo na Polônia, então uma sociedade multétnica:

“Os recenseadores foram instruídos a coletar informações sobre a auto-identificação nacional de todos os indivíduos do Estado polonês. Os funcionários falharam: os entrevistados não entendiam o que significava ter uma nacionalidade. Eles se atinham teimosamente as únicas respostas que faziam sentido: “somos daqui”, “pertencemos a esse lugar”. Por fim os administradores do censo tiveram de se render, acrescentaram pessoas do lugar a lista oficial de nacionalidades”.

A ideia de identidade, particularmente a de identidade nacional, foi forçada a entrar no espírito de homens e mulheres modernos; chegou como ficção. O Estado moderno buscava estabelecer sua marca: nós em oposição aos outros.

Nesse contexto, o vale do São Francisco torna-se palco de uma política desenvolvimentista defensora da ideia de que a construção de grandes usinas hidrelétricas além de alimentar a indústria e o comércio, tornaria viável a produção agrícola em escala empresarial. Dessa forma os sertanejos nordestinos seriam integrados ao progresso do país. Antunes Tavares (2009: 99) faz referência a como emergiu o sertão nordestino no cenário nacional:

“Fruto da relação sertão-litoral e sertão-cidade, sendo gestado durante quatro séculos da história, passando de substantivo comum a substantivo próprio. Na primeira nomenclatura, como espaço anti-civilização, os sertões, refúgios dos índios bravios, dos inimigos protegidos por uma natureza hostil, das riquezas desconhecidas e das mitologias. Depois, como substantivo próprio, passou a nomear um lugar, um espaço longínquo, habitado por gente de valor, mas desgraçada, castigada pela natureza, um lugar que necessitaria da ação modernizadora para melhor aproveitar suas riquezas e incorporá-lo à civilização nacional, tal como requer Monteiro Lobato em Urupês”.

Portanto, não importava quão diferentes seus membros pudessem ser, uma cultura nacional precisava unificá-los e representá-los numa identidade mais ampla. Ser indivíduo de um Estado era a única característica confirmada pelas autoridades nas carteiras de identidade e passaportes. Outras identidades menores eram incentivadas-forçadas a buscar o endosso-seguido-de-proteção dos órgãos autorizados pelo Estado e, assim, confirmar, indiretamente, a supremacia da identidade nacional. O anseio por identidade vem, então, do desejo de segurança, nasce da crise de pertencimento.

Lá [velha Itacuruba], quando dei fé, chegou uma fulana de tal, e vinha uma equipe. Aí disseram: quero conversar com o senhor; encostamos lá pra casa, aí ela disse: você sabe que a barragem vai inundar isso aqui? Eu disse: não, eu estou por fora de barragem. Ela disse: olhe você não pode mais plantar bananeira aqui, não pode mais plantar arroz aqui, coqueiro nem pensar, só a cebola, outra coisa não pode plantar. Coisa que demore não pode plantar. Aí eu cocei a cabeça e disse: agora aí é danado, ela me pegou na surpresa, eu era dono da terra nem sei a quantos anos e vem alguém mandando eu me retirar que a água vinha aí... (Mário Joaquim dos Santos – 64 anos)

Eles [governo, por meio da Chesf] diziam que era o custo do progresso. Justo o custo do progresso assim dessa parte, se o governo desse assistência de direito, de benefício, dos direitos que a gente tem pra melhorar de situação. Podia ser justo. Mas como eles mudaram a gente, jogaram aqui como quem joga jumento, cavalo morrendo de fome; não têm o direito de dizer que foi justo. (...) O governo não tem esse direito. Ele faz por causa dos direitos dele. Que tanto faz prá ele nós viver como morrer, prá ele enterrar; como também enterrar vivo aqui. (Dioclécio. Itaperá, reassentado de Sobradinho. In; Siqueira, 1992: 230)

A natureza pragmática da identidade se tornou ainda mais evidente com o recuo do Estado social e, mais especificamente, com a revolução neoliberal. Momento em que os indivíduos são orientados a buscar soluções privadas para problemas socialmente produzidos não podendo esperar muita ajuda do Estado, cujos poderes restritos não prometem nem garantem muito. Assim, pertencimento e identidade revelavam não ter a solidez de uma rocha, não serem garantidos para toda vida. Neles as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre e a maneira de agir são fatores cruciais (Woodward, 2000). Nesse movimento, percebe-se, nos depoimentos da gente de Itacuruba, ao mesmo tempo, um lamento pela perda de antigas tradições e um apego a identidades que sentem cada vez mais distantes; por isso reverenciam seus antigos altares.

Sou mãe de família e estou como Coordenadora de educação de jovens e adultos, 2º segmento, Escola Cícero Freire. Trabalho direto com a juventude. Quando saí de antiga cidade tinha 17 anos. É muito emocionante lembrar. A vida da gente era muito simples, poucas pessoas tinha vínculos empregatícios porque a maioria das pessoas eram agricultores, eram donos de suas terras, os que não eram trabalhavam como meeiros, como também a gente trabalhava, plantava cebola, feijão. Toda a economia era voltada praticamente para beira do Rio e para as ilhas, onde se cultivava cebola, feijão... Lembro da minha escola que poucas vezes foi pintada porque era muito bem preservada. A gente acompanhava os pais, de manhã a gente saía pra trabalhar na roça, na agricultura. Se a gente estudasse à tarde meio dia já estávamos em casa, pra tomar banho no rio e ir direto pra escola; a noite era descanso, Nos finais de semana a gente se

divertia no Rio. O dia – a – dia do povo estava ligado ao Rio, a gente tomava banho, fazia a parte de lazer, lavava a louça, a roupa, tudo era direcionado ao Rio. Na rua que eu morava não tinha água encanada, a gente dependia direto do rio, a água tratada que a gente pegava era do chafariz. A água tratada era só pra beber. Agora, para lavar, cozinhar, passar pano, a água era toda do rio, e por incrível que pareça, tinha menos doença. A água era pouco tratada, mas as doenças eram menos. A noite, quando estava calor, como hoje está aqui, era só ir para o banho. O Rio era abertamente, não tinha cercado. Veja só, a gente tinha uma identidade ligada com qualidade, era todo mundo voltado para a agricultura, todo mundo tinha sua ocupação. A gente já tinha uma rotina organizada; questões simples de costumes que a gente tinha; hábitos de fazer. Lá tinha a rainha do milho, a rainha da cebola, a gente pode fazer uma festa da cebola? Naquela época a cultura da cidade estava muito ligada a cebola, Itacuruba era a terra da cebola, aqui tem uma rua chamada rua da cebola, lá também tinha. Eu morava na rua da cebola. Aqui não temos nenhum referencial cultural; faça um trabalho de pintura e veja o que os meninos vão desenhar; eles não tem um referencial cultural. Ninguém vai representar uma ciranda, ninguém vai representar os penitentes. Lá a gente entrava o ano novo com os penitentes na igreja, todo ano, já era um ritual, a gente sabia que ia entrar o ano novo na igreja com os penitentes fazendo as orações deles, tinha a dança de São Gonçalo. Hoje os jovens não têm um referencial de identidade. Eu falo assim: eu sou da velha cidade, aí voltam, na mente, todas as imagens. Todo nosso referencial a gente pega da velha cidade. (Rita Dante)

O depoimento de Rita expressa o ideário de Maffesoli (2004), segundo o qual a cidade sensível é essencialmente relacional. Seus locais de encontro, seus odores e seus ruídos são constitutivos da teatralidade que faz dela um objeto animado, uma materialidade dotada de vida. Aponta que: **“o espaço urbano é pontilhado por uma multiplicidade de pequenos pontos de referência, de pequenos altares para uso tribal. Vez por outra, um deles se torna emblemático, reúne mais na constelação urbana, transforma-se numa estrela de primeira grandeza”** (Maffesoli, 2004: 74).

Certo que o autor refere-se a metrópoles da magnitude de: Tóquio [estátua do cão Hachiko, símbolo da fidelidade]; Paris [a fonte de Saint-Michel que evoca a comunhão na revolta]; Rio de Janeiro [o Posto 9 em Ipanema, faz referência a socialidade hedonista da praia]. O que estaria em jogo, em cada um desses pontos, seria um imaginário urbano, que serviria de banho matricial para os diversos atores sociais. Mas é indubitável que, para Rita, e demais moradores da velha cidade, ao lado da terra, o Rio São Francisco era uma estrela guia, e ao seu redor brilhavam também, como pequenos faróis, as águas de cachoeiras.

1.7 - A Itacuruba das águas

Nos vários depoimentos dos moradores da velha cidade, transborda afetividade quando são feitas referências ao rio, às cachoeiras. Eles reverenciam a água que retira a aridez da terra ligando-os ao lugar, criando vida: ela irriga; lava; sacia a sede; diverte; ao lado do fogo transforma os alimentos.



34

Entretanto, a água: dura, corredeira, fria, doce, cristalina jamais é por eles reduzida a uma dimensão utilitária.

Na deriva das ideias de Gaston Bachelard (2002), para quem as imagens da água são vivenciadas em sua complexidade primordial; nós as sonhamos substancialmente, dando-lhes, muitas vezes, a nossa adesão irracional. Essas águas são, para Itacuruba, líquido vital, que irriga o corpo social. Em seus leitos, em suas quedas, carregam **“algo de imponderável, um certo mistério da criação ou de transfiguração”** (Maffesoli, 2001: 75). Vivendo a intimidade das águas que correm o grupo vê a própria imagem, sempre em construção, refletida; elas contam a realidade.

Lembro que frente ao Lago de Itaparica me sentia diante do Rio São Francisco, me

³⁴ Fotos do Rio São Francisco do acervo de antigos moradores.

encantava a sua imensidão e o azul das suas águas. Na verdade, para qualquer estranho seria muito difícil perceber que ali não existia mais o espírito do rio. Entretanto, para todos os moradores isso era evidente; aquelas já não eram as mesmas águas, estavam secas de significados de vida. Com a paciência e generosidade, comuns ao sertanejo, faziam questão de contar, em detalhes, as diferenças entre as águas do rio e do lago:

Esse aqui [lago] não corre não é? Pra mim é uma água velha parada, poluída, suja. (Maria Aparecida Souza Freire – 46 anos)

Lá a água era cristalina [rio]. Aqui [lago] a água é grossa, não é boa . (José Eliseu Menezes – 76 anos)

Decidi compartilhar da paciência; passei a observar as águas por onde andava, na região. Era prudente aceitar o conselho de Bachelard (2002: 8): **“é permanecendo bastante tempo na superfície irisada que compreenderemos o preço da profundidade”**. Tinha sido pega em uma emboscada espiritual (VARGAS LLOSA, 1988), não conseguia mais perder o olhar na superfície das águas; era preciso vivê-las. Após alguns meses, passando sobre uma das pontes da cidade de Paulo Afonso, olhei as águas que passavam: fortes, rápidas, crespas, num misto de azul/verde; compreendi que elas eram vivas, que aquele era o Rio São Francisco que Itacuruba amava. Assim, seguindo os caminhos de Bachelard, a água já não se reduz a um grupo de imagens conhecidas deslizando na superfície, torna-se uma contemplação profunda; revelam e associam imagens, dissolvem outras, aproximam o espírito.

É verdade que as águas estavam presentes em praticamente todos os discursos da velha cidade, mas respeitando sua fluidez, a dificuldade de apreendê-la por meio de discursos formais, trago aqui, o relato do Sr. Caraibeira: agricultor aposentado, auxiliar de serviços gerais da Escola Cícero Freire e contador de histórias. Várias pessoas da cidade alertaram que era preciso escutá-lo:

Bom mesmo é ouvir as histórias de Caraibeira, ele sabe contar tudo. (Luiz Joaquim da Silva)

Na cachoeira do Croá, na ilha de Surubabel, era inavegável, ninguém podia passar por lá porque ela puxava a canoa pra baixo; até um passarinho voando, se passasse perto, a cachoeira engolia. Foi seu Caraibeira que me contou; quando ela fazia um barulho muito forte era próximo de chover, podia se preparar. É bom ouvi-lo. (Rita Dante)

Para Benjamin (1994: 200), o narrador é um homem que sabe dar conselhos tecidos na substância viva da existência. A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores: **"o narrador retira da experiência o que ele conta; sua própria experiência ou a relatada pelos outros, e incorpora as coisas narradas a experiência dos seus ouvintes"**, rompendo com a distância entre o passado, o presente e um futuro que também se supõe em comum. Como sublinha Morin (s./d. : 154) **“ Nem todos os nomes têm os mesmos poderes e nem todos os seres disporiam dos poderes mágicos da Palavra. (...) Os detentores desses poderes são os feiticeiros ou os magos [ou os contadores de histórias]. É através deles que a palavra se torna Verbo ”**. Concordando com estes autores, segui, ao cair de uma tarde morna, para a casa do Sr. Caraiqueira; fui recebida com uma generosidade transbordante, não parecia surpreso, disse, vaidoso, que sempre é procurado para contar histórias, tanto por pessoas da cidade quanto por gente de fora, até para estudos. Apresentou a esposa, que estava deitada no sofá da sala, muito gripada (atribuía as frequentes gripes e viroses à água tratada, para ela, cheia de produtos tóxicos) e o irmão Luiz Joaquim da Silva 71 anos, também trabalhador rural aposentado. Sentamos, ele, o irmão e eu no terraço, próximo a porta da sala, assim sua esposa poderia continuar deitada enquanto ele contava as histórias da velha cidade. Com um largo sorriso acendeu um cigarro de palha, perguntando se a fumaça não me incomodava começou a contar:

Olha, a gente tem uma lembrança muito grande daquelas matas, das cachoeiras zoando. A gente vivia trabalhando naquelas ilhas, naquelas águas, atravessando com as canoas só via as cachoeiras zoando. Tinha uma cachoeira grande chamada do Croá; ela só zoava quando estava perto prá chover; aí o cabra via a zoada dela, era violenta, então, a chuva estava perto de aparecer; ela não zoava sem nada não, só zoava de ano em ano, aí podia esperar que a chuva caia. Ela era uma cachoeira que não deixava passar nada, até um pau que caísse sumia, desaparecia, ninguém via mais. Batia dentro acabou-se, ninguém via mais nada. Diz que lá tinha um peixe, era um Surubim muito grande, tinha lá uma jóia, que se chama pedra brilhante. Os gringos desciam prá tirar, mais quando chegavam lá, que iam botando a mão, passava o surubinzão; que era aquela coisa esquisita, atravessava na frente, no instante eles tiravam a mão, nunca puderam tirar, até hoje tá lá debaixo da água, quem é que vai lá? Os antigos falavam da história e é tudo verdade, não é história de trancoso, é tudo verdade, era tudo certinho. Naquela ilha era bom demais, lá a gente trabalhava nas roças; plantava cebola, tomate, plantava de tudo. No rio todo mundo tomava banho. Era água limpa, água correndo direto, nunca secou; ele baixava, ele enchia, mas quando baixava só ficava naquela medida; só enchia quando chegava o tempo mesmo, das chuvas, mas não sendo, o rojão dele era aquele, agora secar nunca secou. O Rio São Francisco trabalhava direto, nunca secou, era motor elétrico, à diesel, e água aí para o povo: água doce, boa. Lá tudo o que fosse ruim batia e ia embora, era corrente. Lá, ninguém vivia em doutor; era difícil doutor aparecer, mas era difícil adoecer, O Rio Pajeú caía dentro do Rio São Francisco: quando o Rio Pajeú voltava cortava o São Francisco, aí ele descia e o São Francisco voltava, e era tudo

água corrente. O Pajeú tinha muita força cortava o São Francisco: quando eles estavam lá, brigando, as águas, roooooo, o Rio voltava, o Pajeú velho descia. Eram duras essas águas. A gente via tanta coisa bonita, só vendo aquela água roooo, e os cabras naquelas barcas, pescando, Era o lugar que tinha mais ilhas; o povo trabalhava, plantava cebola, quando era pra tirar, tirava que enchia aquelas canoas. Era bom demais, a gente criava um gadinho: lá a gente tinha como criar o bicho, tinha aquela molhação que criava a pastagem. Pense que era bom, era o tempo melhor que nós já passamos, Lá , quando era boca da noite, só era correr prá beira do rio: toda vida era fria a água, toda hora que chegava, batia dentro da água e ela estava mesmo que gelo, era bom demais. A gente não comprava água, a gente bebia do rio e não tinha essas coisas que botam aí, e a gente não vivia doente, Aqui tinha muitas cachoeiras nesse rio, e tinha aquele povo que saia pescando pra pegar aqueles peixes, à noite; aí quando era bem cedo estava em casa com o peixe. Naquela época tinha muito Surubim, Dourado, tinha a Matrinxá, o Pacú, que é um peixe da água corrente, da água dura, ele só gostava da água dura ou do fervedor, água revirando assim. Água dura é nas pedras, descendo, aí quando ela descia, eles achavam melhor passar naquela água, naquelas pedras, em lugar que nem a canoa passava; esse peixe aí gostava dessa água, porque nela ninguém podia jogar a tarrafa, era muito dura, agora é tinha o Mandim são peixes que gostam mais da água corrente, da água parada eles não gostam. Tinha a de Surubabel mais embaixo e a Croeira mais encima eu, passava a semana na ilha, numa barraca, sábado e domingo vinha para feira, para rua, a feira era na segunda-feira, vinha gente de todo canto. Lá nas ilhas tinha o juá, o trapiá; o trapiá era uma fruta como a laranja, só que nascia no mato, na caatinga; o juá ainda tem muito, é uma frutinha miudinha; às vezes o cara comia a fruta do xique-xique, do mandacaru, da palma. Era só a enxada velha cortando e ninguém achava ruim, ia pro almoço deitava debaixo daqueles paus, e a enxada pra cima, e não parava não, entrava ano e saia ano e a gente achava bom, e não via adoecer; os mais velhos diziam: rapaz eu estou com uma dor nas costas, mas isso é do serviço, que bom! no outro dia já acordavam no mesmo rojão, já tava bom, encarcavam a enxada, o machado, cortar pau, não sentia nada. Lá, quando o dia amanhecia, o cabra se fosse pra rua não via um pé de pessoa, tudo trabalhando. Tinha a cachoeira lá que não descia nada, mas um tempo desceu um doido, com a canoa. Desceu e ela não fez nada, e ainda desceu cantando “Jesus Cristo eu estou aqui”, nem a canoa mergulhou nem nada. Pegaram já lá embaixo. Diz que tinha uns cabras lá em baixo, pescando, correram: que voz é essa cantando dentro dessa cachoeira? Os pescadores saíram correndo foi danado, no outro dia souberam que tinha sido um doido de Rodelas, que empurrou a canoa velha e desceu cantando “Jesus Cristo eu estou aqui”. Ele desceu e não teve nada, agora por quê? Deus sabe que o que faz; ele desceu, chamou Jesus e desceu livre, a água não chamava ele não, agora se fosse um bom...Tinha também a cachoeira do Canta-Galo, quando dava meia-noite, diz que o galo cantava na cachoeira. Ela também era perigosa como a do Croá; o cabra já passava mais afastado, não podia passar muito perto. Aí os meninos do colégio, que eu cuido, quando querem saber como era as coisas na cidade velha vem me perguntar como eram as histórias lá; aí eu conto para uns, para outros e eles vão fazer os trabalhos deles, contam aquelas histórias. Agora tem vezes que eles vêm me procurar pra contar aí eu digo: hoje não, deixe quando eu tiver com a cabeça bem boa, que eu sento com vocês e conto tudo, as vezes chegam uns que dizem: é pra contar só para a gente, não conte para os outros, aí eu digo: eu conto pra todo mundo, porque tenho que contar, para todo mundo saber. (João Caraiqueira da Silva 62 anos)

Após escutar essas narrativas, a esposa do Sr. Caraiqueira passou a falar da saudade que sentia da velha cidade, lembra que tinha saúde; diz que hoje vive doente, depende da ajuda do marido e da filha em tudo, até para fazer um chá e que mal tem ânimo para levantar. Enquanto falava ergueu-se, foi à cozinha e fez questão de servir um café, bem forte. Nesse momento não pude deixar de pensar no brilhante, guardado pelo surubim, acabara de receber, generosamente, parte de um tesouro. O narrador me permitiu compartilhar memórias caras a todo o grupo. Recriando a memória, pelas histórias, nos caminhos das águas, ele nos fez transitar com a leveza das nuvens, pelo espírito do grupo, ouvindo instruções ancestrais ali embutidas.

Na realidade, enquanto conversava com a família Caraiqueira, a sensação, quase mágica, era de que tendo compartilhado da exuberância da natureza do antigo lugar, que se misturava harmoniosamente com os fazeres cotidianos das pessoas, fortes e serenas, agora sim, eu estaria preparada para me aproximar de outras memórias, de outro tempo vivido por aquelas pessoas. Embora, ainda não fosse o momento de cruzar os limites da nova cidade.

1.8 - Tempo de Aproximação

Em todos os encontros vividos em Itacuruba, nesses primeiros meses, era possível perceber o trabalho da memória em reconstruir os altares físicos e emocionais do grupo: a própria terra, seus frutos; a água dos rios e suas cachoeiras; as ilhas; os penitentes; o São Gonçalo; as histórias de origem. Estes pontos de referência ofereciam, antes da inundação, um manancial de experiências, de sentido, que asseguravam a conformidade subjetiva com as necessidades vividas. Firmemente enraizada poderia ser comparada, segundo a metáfora utilizada por Peter Berger (2004: 44), a um sistema de regras de trânsito, sendo a observância dessas regras do interesse e domínio de todos os transeuntes. Assim, alojadas em tempos, lugares, histórias e tradições específicas, as identidades pareciam garantidas para sempre.

Orgulhavam-se de seus pertencimentos, suas identificações, do contexto em que se construíram: se reconheciam como grupo privilegiado, em todos os sentidos. A terra- mãe-ribeirinha acolhia, alimentava, protegia. Mas, o que mais inquietava e seduzia, em todos os depoimentos, estava justamente, no que transbordava, excedia; em nenhum momento se reduziam aos pertencimentos e identificações, remetiam a algo mais amplo, singular.

Maffesoli, na esteira da idéia de Gilbert Durand, defende que nada se pode

compreender da cultura caso não se aceite que existe uma espécie de algo mais, uma ultrapassagem; uma superação da cultura, uma **“força social de ordem espiritual, uma construção mental que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. (...) É o estado de espírito que caracteriza um povo”**, o imaginário do grupo (Maffesoli, 2001: 75). Acredito que esse algo além, o espírito do grupo, aproximar-se-ia do que Benjamin chama de aura, que envolvia a velha cidade; aquela que pulsa nas narrativas/memórias de seus integrantes-moradores.

Elas contaram sobre o *trajeto antropológico*³⁵ percorrido pela comunidade, que assegurava simultaneamente, tanto a certeza de que o poderoso rio jamais deixaria de correr e suas terras seriam sempre férteis, quanto a continuidade da vida tal como conheciam. **Antes que depois.**

1.9 - Sobradinho: puxando o fio da meada.

Ao mesmo tempo em que sinto me aproximar da nova Itacuruba percebo que antes será necessário conhecer um pouco da Barragem de Sobradinho. Estivera lá há muitos anos, quando de passagem por Petrolina; a barragem era ponto de parada obrigatório para quem visitava a região, mas lembro, apenas vagamente, do imenso lago e de enormes paredes de concreto. Entretanto, agora, Sobradinho se repetia compulsivamente nos diálogos com os moradores da velha Itacuruba, passara a fazer parte do meu cotidiano:

A gente sabe que nessas coisas de barragem essa [Itaparica] melhorou um pouco em relação à Sobradinho. (Manoel Joaquim Freitas – 72 anos)

Viu o que aconteceu em Sobradinho? Ali foi um desastre, aquele povo ali ficou sem direito a nada. (João Gaudêncio Freire – 70 anos)

A barragem de Sobradinho foi anunciada em 1971 e concluída em 1978. Seu objetivo inicial seria acumulação das águas do rio para regularizar o fornecimento às usinas do complexo hidrelétrico a jusante, mas teria, também, como função a irrigação agrícola em

³⁵ “a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (Durand, 1989: 29)

escala empresarial (Siqueira, 1992)³⁶. Sua localização, no salto do Sobrado, divisa dos municípios de Juazeiro e Casa Nova, Médio São Francisco, seria ideal por **“apresentar uma área economicamente inexpressiva, considerada das mais pobres do país”** (Juca, 1982:199). Esta justificativa não parece encontrar eco na fala dos reassentados de Sobradinho:

Não faltava nada, com seca e verde; quando acabava a de vazante, que o rio comia, aí tinha as desmancha, o rio tava cheio, tinha chuva, aí tinha as de chuva, então, não faltava. (Almerinda, Quadra 2, Remanso In: Siqueira, 1992: 125)

A gente trabalhava mais como era antigamente. Porque, lá, nós tínhamos uma ilha grande. Nós plantávamos de chuva e de vazante. Aqui só plantamos de chuva, porque ninguém tem terra de vazante. (Félix, Casa Nova, Idem)

O trabalho de vazante começava no mês de maio, junho. De abril, rapaz, entrava na vazante do rio. Do mês de abril até o mês de dezembro você estava colhendo coisas na roça: abóbora, batata, melancia, feijão. (...) O que fosse de necessidade podia plantar lá. (Antero, Pilão do Arcado, 1980 Idem: 1992: 121)

Desencontros de interpretação, como estes, não são novidade; Marshall Sahlins (2007) lembra que na década de 1830, em expedições a algumas das regiões mais pobres da Austrália ocidental, Sir George Grey desmascarou as comunicações de alguns de seus colegas a propósito do suposto desespero econômico vivido pelos australianos nativos que, segundo acreditavam, tinham meios escassos de sobrevivência e sofriam intensamente com a falta de alimentos. No entanto, segundo Sir George seria praticamente impossível um estranho julgar se uma área permitia abundância de víveres. Já o nativo, em sua própria região sabia exatamente o que ela produzia, bem como a época dos diferentes artigos e os meios mais rápidos para obtê-los.

Em Sobradinho os reassentamentos urbanos foram considerados relativamente bem sucedidos³⁷. Em contrapartida, os assentamentos rurais programados fracassaram; a área prevista para a maior parte do assentamento rural foi localizada a 1500 km a montante, ele foi

³⁶ Viviam-se os momentos denominados do milagre econômico; incentivados por investimentos e empréstimos estrangeiros, buscava-se imprimir ao país um forte ritmo de desenvolvimento econômico. Para tanto, foi anunciado em 1969 o I PND (Plano Nacional de Desenvolvimento), para o período de 1970/73; em 1974 foi divulgado o II PND, para o período 1975/79. No que se referia ao Nordeste, essa política tinha como objetivo, segundo seus dirigentes, a modernização da Região com um crescimento maior que o das demais, o que diminuiria sua diferença em relação ao eixo Centro-Sul.

³⁷ SEPLAN – Secretaria de Planejamento Orçamento e Coordenação da Presidência da República; SEAIN – Secretaria de Assuntos Internacionais; IEEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Seminário sobre Aspectos Ambientais de Projetos Financiados pelo Banco Mundial. Relatório para Discussão, outubro de 1993

praticamente abandonado, os relocados optaram por ficar na periferia do lago, onde estavam previstos assentamentos para a menor parte da população. Nestes, os solos se mostraram muito pobres e acabou faltando: infra-estrutura nas agrovilas, dispositivos para irrigação e crédito. Consequentemente houve muito abandono ou venda dos lotes para agricultores mais capitalizados³⁸. Muitos dos ex-proprietários ficaram como assalariados rurais nos projetos de irrigação privados que se desenvolveram no Vale³⁹. Deslocando cerca de 50000 rurais e os projetos tendo capacidade para absorver no máximo 20000, aconteceu uma expulsão de mais da metade da população. O tom dos depoimentos dos que ficaram é de lamento e saudade:

Abóbora, melancia, essas coisas lá não faltava. Hoje, aqui, nós estamos lutando e trabalhando, e não conseguimos, não dá. Se bate aí com essas plantas e não dá. Uma mixaria. Lá era só plantar. Na beira do rio era só empurrar a batata no chão, a mandioca, a melancia, dava com vantagem mesmo. (Milton, Santo Sé In. Siqueira, 1992: 115)

Não podemos desconsiderar que as grandes barragens são foco de interesse, também, para agências internacionais de financiamento. Segundo a CMB (Comissão Mundial de Barragens)⁴⁰, a ajuda estrangeira representa menos de 15% do total de verbas destinadas à construção de barragens nos países em desenvolvimento; esses fundos, superando os US\$ 4 bilhões por ano, entre 1975 e 1984, financiaram a construção de grandes barragens em vários países [incluindo China, Índia e Brasil]. Mas, as barragens inclusas na Base de Conhecimento da CMB revelam haver um fracasso generalizado em se reconhecer as pessoas afetadas como parceiras, com direitos, no processo de planejamento e em dar-lhes poder para participarem do processo.

O Banco Mundial, um dos mais fortes financiadores dos mega-projetos desenvolvimentistas do setor energético, sem o qual a CHESF e o Governo Federal dificilmente poderiam ter realizado a construção de Sobradinho e Itaparica, vinha enfrentando forte pressão internacional devido aos resultados sociais negativos de grandes projetos que

hectares à Fuch³⁸ Em 1975, as empresas já instaladas na região de Sobradinho abrangiam cerca de 41 mil hectares, assim apropriados: 14 mil hectares pertenciam a Cicanorte, 6500 hectares ao Tomate Brasil, 2000 s-Gewurze, 2500 hectares ao Grupo Coelho, 15000 hectares à Agrosafra e 1000 hectares à Agrocere. Na mesma época, estavam sendo implantados outros projetos que correspondiam a mais de 20 mil hectares de terras. (Andrighetti, 1998:160,161).

³⁹ SEPLAN – Secretaria de Planejamento Orçamento e Coordenação da Presidência da República; SEAIN – Secretaria de Assuntos Internacionais; IEEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Seminário sobre Aspectos Ambientais de Projetos Financiados pelo Banco Mundial. Relatório para Discussão, outubro de 1993: 24

⁴⁰ Barragens e Desenvolvimento: Um Novo Modelo para Tomada de Decisões - Um Sumário Comissão Mundial de Barragens - Novembro de 2000 : 23.

tinha financiado, sendo proeminente entre eles o caso de Sobradinho (Scott, 2009:122). O Banco, ao avaliar Sobradinho, não tinha políticas definidas quanto a reassentamentos impositivos de populações;

“Sobradinho foi concebido essencialmente como um projeto hidrelétrico e as considerações sociais e ecológicas foram marginalizadas. Durante esse período, o Banco não considerava as questões humanas e ambientais na elaboração e implantação dos projetos. A experiência de Sobradinho foi muito importante para a formulação das políticas do Banco sobre reassentamento involuntário. O Manual de Operações (OMS) de 1980, a Política Operacional (OPN) de 1986, e as diretrizes publicadas em 1988”.⁴¹

Todo esse contexto apontava não ser mais aceitável repetir a experiência traumática de Sobradinho em Itaparica; seria necessário, para a nova barragem, um amplo plano de reassentamento, que: consultasse o desejo dos futuros beneficiados considerando o seu restabelecimento sócio-econômico, minimizasse o nível de remoção forçada e oferecesse empregos alternativos num programa de desenvolvimento rural estruturado a longo prazo aos que desejassem esse apoio⁴². Mas, a existência de uma nova política sobre reassentamento, não pode ser considerada como garantia de sua adoção.

⁴¹ Aspectos e Consequências Ambientais de Projetos Financiados pelo Banco no Vale do Médio e Baixo São Francisco, Resumo e Conclusões – Principais Impactos de Projetos Financiados pelo Banco, vol. IV s.d p.8; Daniel Gross

⁴² Idem:10

Capítulo II

Tempo em Suspenso: teia de crises e sentidos

2 - Tempo em Suspenso: teia de crises e sentidos

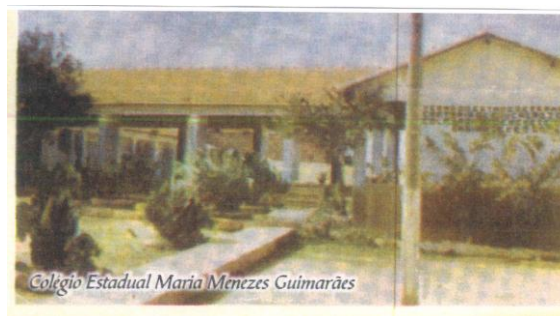
Os rios mudavam de curso, as paliçadas rebentavam as balsas, os charcos viravam rios. Assustados, os homens caíam em suas próprias armadilhas e não reconheciam o caminho de regresso do mandiocal a sua casa. Que está acontecendo no mundo? Onde estão meus parentes? As almas perderam a serenidade. Os que iam já não voltavam. Na noite o rio cresceu tanto que, ao amanhecer, eles se encontraram rodeados de águas revoltas armadas de paus e arbustos, mato e cadáveres que se desfaziam estalando contra as margens. (Vargas Llosa, 1988: 37, 39)

A vida na velha cidade se movimentava com tranquilidade nas 14 ruas que recebiam, em seus traçados sinuosos, duas escolas e 364 casas⁴³ em torno da praça e da igreja. A população era de 4.410 habitantes – 1.652 residentes na área urbana e 2.758 residentes na área rural⁴⁴. Naquele tempo os moradores traziam, em seus semblantes coloridos pelo sol, a serenidade dos protegidos por uma identidade de raízes profundas, fincadas a várias gerações naquelas terras ribeirinhas; sabiam que a vida correria sempre por caminhos conhecidos, como as águas do São Francisco que deslizavam seguras pelo seu leito.



⁴³ [344 residenciais e mistas e 20 comerciais]. (Relatório elaborado por uma equipe multidisciplinar de Itacuruba: sociólogo, assistente social e técnico agrícola. Enviado a CHESF em 20 de Julho de 1988).

⁴⁴ Dados do IBGE, censo populacional de 1980. Importante observar que as pessoas, da velha cidade, com quem conversei não se reconheciam, naquela época, em sua expressiva maioria, enquanto urbanos. Dizem que eram trabalhadores rurais residentes na cidade.



45

Não chegavam a perder a serenidade nem mesmo com as mudanças que aconteciam a sua volta, com as construções das barragens de Moxotó (1977) a 30 km, e a de Sobradinho (1979) a 350 km⁴⁶. Sequer imaginavam que o projeto para construção da barragem de Itaparica já se encontrava em vias de execução⁴⁷. Mas, contam que por volta de 1973, começaram a surgir as primeiras profecias⁴⁸ de que **“ia ser feita uma barragem e que as terras da beira do rio iam ficar debaixo d’água, e que o povo deveria organizar-se para enfrentar a CHESF”** (Reassentados de Itaparica, 1995). Embora nesta época nada estivesse

⁴⁵ Fotos da praça, de um desfile estudantil e da escola estadual; do acervo de moradores da velha cidade.

⁴⁶ Moxotó com mil atingidos, dos quais muitos nos próprios municípios de Glória e Petrolândia, posteriormente atingidos novamente com Itaparica; Sobradinho, nesta, os atingidos, cerca de setenta mil, foram expulsos, no máximo recebendo indenizações irrisórias ou nulas. Efetivamente não tiveram acesso a projetos organizados para o seu benefício. (Scott, 1998)

⁴⁷ “Em 1985, durante a fase eufórica do processo de democratização brasileira, a CHESF, na sua condição de agência governamental responsável pela geração, gestão e distribuição de energia elétrica para muito do Nordeste, publicou o seu “Plano de Desocupação” da área do entorno do Rio São Francisco. (...) O plano fazia parte de um outro plano muito mais amplo de desenvolvimento de recursos hidrelétricos, iniciados com a construção do complexo de barragens de Paulo Afonso – Moxotó, nos anos quarenta, e cuja fase mais recente incluía a recém construída barragem e reservatório de Sobradinho (...) Itaparica e Xingó” (Scott, 2009: 21)

⁴⁸ Consta que os primeiros a percorrerem as comunidades alertando sobre a chegada da barragem, pelos idos de 1973 foram: Alcides Modesto, Padre Cristiano, Josefina e Padre Afonso In Reassentados de Itaparica: memória, realidade, perspectivas pastorais. Pastoral dos Reassentados Diocese de Paulo Afonso, Juazeiro, Floresta e Petrolândia, 1995: 11; Segundo Celso Pereira de Souza, em 1973 havia, basicamente, trabalhos de conscientização dos impactos que viriam com a construção da Barragem de Itaparica apenas pelas pastorais da Igreja Católica In O Sertão Virou Mar: a luta em Itaparica In; Proposta, n.46, 1990.

indicando a efetiva construção da barragem, buscava-se despertar as comunidades que seriam atingidas sobre o dilúvio que se abateria sobre elas e as consequências dramáticas que refletiriam em suas vidas.

Já que a população desta região tinha conhecimento dos problemas causados pelas grandes barragens de Sobradinho e de Moxotó, esperava-se que as pregações caíssem em solo fértil, o que pode ser percebido em alguns depoimentos de moradores de Rodelas⁴⁹:

“Sabia que ia acontecer. Tinha o caso de outras barragens – Sobradinho e Moxotó -, já conhecia as histórias. (...) Eu não vou ser do contra [pensava à época]. Era coisa que eu não podia empatar. Estava esperando esse dia [da inundação]”.

“Eu acreditava na construção da barragem, sempre, porque já existia Sobradinho. Do mesmo jeito que inundou Sobrado podia acontecer em qualquer parte, não é?! As vezes pensava até que podia morrer de fome. Me preocupava muito, muito mesmo”.

Entre os moradores de Rodelas outros relatos expressavam incredulidade em relação a construção de Itaparica⁵⁰:

“A gente nunca pensava que isso [a barragem] ia chegar aqui”

“A gente vivia tão satisfeito lá [na velha Rodelas] que ninguém acreditava”.

“A gente ouvia só falar que iam fazer a barragem e que ela ia abafar nós. Ficava sem acreditar mas quando ela veio, veio com tudo”.

Relatos de pessoas atingidas pela construção de Itaipu também demonstram que tiveram dificuldade em admitir que seriam retirados de seu lugar:

“Embora se comentasse nas rodas de chimarrão e nos bolichos a notícia de que realmente ia ser construída uma usina hidrelétrica no rio Paraná (...) não tínhamos ideia que tivéssemos que sair. Iam fazer aquela barragem, talvez 3, 4 ou mais no rio Paraná. E como o leito do rio é lá no fundo, a gente, assim, não tinha nem ideia que nós teríamos que sair.” (Fala de morador In Germani, 2003:69)

Em Itacuruba as falas que ouvi exprimem descrença em relação às informações de que seriam atingidos por uma barragem, que prometia mudar a vida dos ribeirinhos da região:

⁴⁹ Depoimentos In: Galiza de Oliveira; Medeiros, 1996: 10.

⁵⁰ Idem: 09

Passou um bocado de tempo dizendo: vai inundar, vai vir uma barragem. Mas quem sabia nem o que era a barragem? (Maria Aparecida Souza Freire – 46 anos)

Desde criança que eu ouvia minha mãe falando que ia vir essa barragem; eu dizia: ôche, vem nada, o povo sempre fala isso e nunca vem. (...). Eu mesmo não acreditava que vinha essa água pra cobrir a minha cidade. (Lúcia Pereira dos Santos – 49 anos)

Lá quando disseram [CHESF] a barragem vai cobrir, eu era menina nova nesse tempo, mas chorei, pensei que era o mundo que ia se acabar. Aquele medo. Eu mesma fui das que chorei; meu Deus o que vai acontecer? Depois achava que não ia acontecer. (Maria Aparecida Souza Freire – 46 anos)

Em um primeiro momento esses depoimentos me pareceram carregados de ingenuidade; como poderiam desconsiderar todo movimento em torno da construção da hidrelétrica? Mas esta impressão foi se dissipando a medida que as falas repetiam o absurdo de imaginar toda uma vida coberta pelas águas. Era recorrente a comparação com o dilúvio bíblico e, neste caso, o povo também não acreditou na chegada destruidora das águas. Muitos me perguntavam o que eu pensaria, caso dissessem que a minha cidade seria levada pelas águas. Naqueles momentos, embora em silêncio, julgava que se as informações recebidas fossem lógicas e bem fundamentadas, eu jamais duvidaria.

Entretanto, uma lembrança gozadora veio brincar com a arrogância da minha racionalidade. Lembrei que ainda estudante da graduação, tinha vindo de Garanhuns para estudar em Recife, ficara sabendo da intenção de se construir o TIP [Terminal Integrado de Passageiros]. A notícia atingia os estudantes que viajavam frequentemente para o interior, os lojistas que comercializavam em torno do Terminal Rodoviário do Cais de Santa Rita [localizado no Cais de Santa Rita], os comerciantes de várias regiões que vinham fazer compras naquele lugar. Não se podia admitir uma rodoviária distante do centro, falávamos de perigos, falências...Com o passar do tempo a ideia virou projeto, depois obra em que muitos operários trabalhavam. Ainda assim não acreditávamos que se concretizasse, e mesmo depois de pronto, para a grande maioria da população, o TIP continuava invisível. Acredito que a falta de infraestrutura de transportes para acesso e a recusa da população em aceitar a obra fizeram com que permanecesse fantasma por longos anos, até que um dia começou a funcionar. Terminei a graduação tendo como ponto de partida e chegada a velha rodoviária. Essa lembrança me fez pensar não ser tão estranho apostar na recusa da realidade como possibilidade de enfrentamento a um novo ameaçador:

A verdade é essa, parecia um sonho, ninguém acreditava. Não vem, não vem [a barragem]. (João Gaudêncio Freire – 70 anos)

Estão programando outra barragem, que vai cobrir Orocó, Santa Maria, uma boa parte. É como quando eu era pequeno, em 76, falavam na Barragem de Itaparica, eu não acreditava, ninguém acreditava que ela vinha, todo mundo trabalhando, por pouco ela aparece, é um sonho. (Régis – 42 anos)

Falas, como as de João Gaudêncio e Régis, trazem o sonho, geralmente desconsiderado, por ser visto como desvinculado da realidade, mas Bachelard (1985) conecta o devaneio, o sonhar acordado, à criação, ao futuro: um mundo se forma no nosso devaneio. E esse mundo sonhado ensina-nos possibilidades de engrandecimento no nosso universo. Parceiro da liberdade o sonho irriga o mundo com desejos de futuros melhores. O sonhador é capaz de ver a terra brotando mesmo que ela esteja ameaçada de desaparecer; e continua trabalhando, preparando o amanhã.

À maneira do sonhador, os profetas também subvertem o tempo, se afastam do instante presente, sobrevoam o devir e retornam ao tempo vivido na linha de frente das batalhas cotidianas, apostam na harmonia do universo. Esses homens e mulheres especialmente generosos, são profetas e profetizas na vida; ao mesmo tempo em que plantam, partejam, rezam... alertam, apontam caminhos. Na velha Itacuruba os profetas continuavam pregando; tinha início a luta para trazer ao conhecimento das comunidades o projeto de construção da barragem de Itaparica para instalar a Usina Hidrelétrica Luiz Gonzaga [Usina Itaparica, renomeada Luiz Gonzaga em homenagem ao cantor sertanejo; mas no cotidiano a Usina continua sendo chamada por Itaparica]. Membros das pastorais da Igreja Católica foram os primeiros a percorrerem as comunidades, aproveitando as liturgias e reuniões pastorais para alertar sobre a necessidade de organização para luta em defesa de seus direitos. O “Clamor e Desafio na Beira do Rio São Francisco”⁵¹ era um dos cantos de alerta entoados nessas ocasiões:

REFRÃO: Sem casa, sem terra/ Sem ter o que comer/ O povo de Sobradinho/
O que é que vai comer?/ E nós com casa e terra/ Ameaçados de perder/
Companheiros lavradores/ O que devemos fazer?

Queremos terra por terra/ Na beira do grande lago/ Terra boa pra lavoura/
Solta pra ovelha e gado/ Águas livres para pesca/ Escola, luz e estrada.

Nós somos trabalhadores/ Planta da beira do rio/ No trabalho da lavoura/
Crescendo com nossos filhos/ Criando nossas ovelhas/ Enfrentando os desafios.

⁵¹ Reassentados de Itaparica – Memória, Realidade, Perspectivas Pastorais. 1995:62.

Aí vem chegando a CHESF/ E o DENOCS também vem/ CODEVASF e Agrovale/ Fazendo o que lhes convém/ Engolindo casa e terra/ Oferecendo uns vinténs.

A barragem Itaparica/ Vai fazer revolução/ Desabrigando o povo/ E toda população/ Só quem nos pode valer/ É nossa organização.

Vamos aprender a lição/ Meus amigos e companheiros/ Juntando as nossas forças/ Com fé no Deus verdadeiro/ Nossos sindicatos unidos/ Valem mais do que dinheiro.

Como a maioria da população a ser atingida era de trabalhadores rurais, buscou-se o fortalecimento e a criação de sindicatos em toda a região (Souza, 1990). Em cada lugar, aos poucos, mais homens e mulheres participavam das reuniões, depois:

“Visitavam as casas no seu lugar, iam para as comunidades vizinhas contar o que o que estava acontecendo, falar da importância de todos se reunirem nos sindicatos para defender os seus direitos. Eram os primeiros líderes, animadores de comunidades, rezadores de novenas, parteiras; muitos se tornaram líderes de sindicatos que puxaram a luta. (...) O primeiro desafio que as lideranças animaram os trabalhadores a enfrentar foi conquistar os sindicatos dos municípios a serem atingidos, formando uma articulação que passou a ser o Pólo Sindical.” (Reassentados de Itaparica, 1995)

Em geral, os depoimentos das pessoas em Itacuruba não remetem, quando lembram esses primeiros tempos, a um enfrentamento. Mesmo com a chegada de representantes da CHESF na cidade, parecia consenso entre a população recusar a realidade que se anunciava. Era mais coerente aceitar esse dilúvio para mais perto do fim do mundo, não para já, para eles seus filhos e netos.

Quando a gente soube [que a usina seria construída] foram muitos anos de preparação, de organização, de conversa, e a gente sem acreditar. (Maria Edília Custódio da Conceição – 62 anos)

A barragem era uma coisa que estavam fazendo, e o povo sem acreditar. Eu soube que cinquenta mil homens circulavam em torno da Barragem de Itaparica, pra construir, e ninguém acreditava, ninguém acreditava que ela vinha. (Regivaldo de Souza – 42 anos)

2.1 - Evas: mensageiras do Apocalipse.

Nesses momentos de rememorar era possível perceber, ou melhor, era visível nas pessoas que lembravam o encontro do passado com o presente: seus olhos ainda guardam muito da perplexidade da época dos primeiros anúncios da vinda da barragem, mas refletem, também, os mais de vinte anos de abandono; o tom de voz torna-se, sempre, mais grave; as mãos em movimentos curtos e duros remetem à aridez do novo espaço. Não consigo ainda definir o que senti nesses momentos, o complexo de sentimentos que fluía desses corpos era de tamanha grandeza e simplicidade que tornava o ar mais seco; as memórias impregnavam a atmosfera de uma dor que envolvia ao mesmo tempo todo o grupo e cada um que lembrava.

Eles admitem um longo período de *conversas* dos técnicos da CHESF na área comunicando sobre a construção da barragem, mas deixam claro que desses encontros não se construiu um diálogo. Não pude deixar de constatar, em conversas com as pessoas da velha Itacuruba, que as queixas, quanto aos primeiros momentos, voltavam-se, principalmente às mulheres; ainda não se referiam a CHESF, ao Governo ou aos demais técnicos, o que só ocorreria depois.

São às mulheres em quem se depositam as mais antigas mágoas; falam da beleza e da suavidade com que as técnicas da *área social*⁵² se imiscuíam em suas vidas, teriam tecido a teia na qual todo grupo seria envolvido. Mas, é importante sublinhar que não se trata de uma questão de discriminação em relação à gênero; em momentos futuros pude encontrar depoimentos favoráveis à engenheiras da empresa. O que fica claro é não aceitarem ter aberto suas vidas para aquelas que estariam ao lado dos futuros *inimigos*.

Pelo que eu lembro, a CHESF tinha uma assistente social muito linda, muito simpática, daquele tipo de pessoa que quando chegava nas comunidades conquistava as pessoas. Ela já fazia parte de muitas famílias, como se fosse alguém da família. Ela aprendeu até danças culturais da cidade que eu nunca aprendi. E sempre colocava assim: que a barragem viria. No entanto, a população que já tinha ela como da comunidade não pensava mesmo que fosse vir aqui [a barragem], ela não ia querer nada ruim para a comunidade. (Rita Dante)

A gente morava na beira do Pajeú, vinha fazer feira na cidade velha, tinha o terreno da gente. Aí uma mulher que andava por lá, com muita conversa bonita, chegou um dia e falou que a gente ia ter que sair de lá. (Gersom dos Santos – 77 anos)

⁵² Falam mais especificamente das assistentes sociais da CHESF, mas também se referem a sociólogas e antropólogas.

As assistentes sociais e técnicos da CHESF fizeram a cabeça de muitos, dizendo que iam encontrar um paraíso, (Reassentados de Itaparica. 1995: 22)

A alusão a estas mulheres também se faz presente em depoimentos de atingidos por Sobradinho, o tom de traição parece o mesmo:

“Aí, quando dei fé chegou aquelas mulheres da CHESF, fazendo as reuniões e tal, tanta faculdade (...) passava filme, né, com pé de milho, sabe, que dava mais alto que um poste desse aí, as espigas eram dessa grossura. É uma ilusão mesmo, sabe.” (Olegário. Quadra T, Casa Nova – Sobradinho. In Siqueira, 1992: 233)

“Uma doutora C. falô, “ó vocês não vão confiá na beira do rio, não. Vocês vão plantá, a água sobe e desce...”, Aí pronto, se ajoguemo lá pro seco. Aquela a gente ia batê nela de cansação [arbusto espinhoso que ao contato irrita a pele, coça mais que urtiga], se ela aparecesse aqui. Tenho uma raiva daquela mulher... porque foi quem mais iludiu o pessoal, não foi boa informante não.” (Vicente, Grupo de Aldeia, Sento Sé. Idem, 1992: 235)

Em relação à Itaipu, surgem queixas no mesmo sentido. Entretanto, lá às referências são às advogadas. Nessa usina o setor jurídico, em lugar do social, foi o primeiro a entrar em contato com a população:

“Até largaram eles [técnicos da Itaipu] ali, não deu nem pra conversar com aquela mulher⁵³, tinha um outro encarregado, ali do lado, muitas vezes, quando ele via que as coisas apertavam demais, então ele metia a boca, falava pra acalmar o pessoal”. (Germani, 2003: 72)

A primeira imagem que me veio, quando escutei falar dessas mulheres, principalmente em Itacuruba, foi a das sereias, que envolvem os navegadores com seu canto atraindo-os para a morte nas águas dos mares e rios. Certo que elas estavam a serviço das empresas [CHESF, Itaipu], preparando o terreno para o que viria depois; mas por que aprender as danças típicas? Por que entrar na vida das pessoas? A posição dessas profissionais marcou tão profundamente a alma dos moradores da velha cidade, que temi sentir os reflexos dessa mágoa. Tal qual elas, eu também era de fora e, no decorrer dos meses, aos poucos me tornara presente na cidade: não raro, vindo de algum lugar, encontrava procissões à caminho da igreja (no período da quaresma), e as acompanhava. Nessas ocasiões sempre encontrava alguém com quem já

⁵³ “Refere-se a Dra. Mariza, do Departamento Jurídico de Itaipu, de quem os colonos não gostam. (proseia mais que a mãe de sarampo! (...), é advogada)”

mantivera contato, algumas vezes era com os braços de algumas delas em minha cintura que terminava de seguir o cortejo; em outros momentos, enquanto caminhava sob o forte sol era chamada por alguém para tomar um café ou dividir com eles, a sombra de uma árvore, nas calçadas, um prato de acerolas maduras. Mas, para minha paz, essas pessoas viam com clareza que eu estava ali enquanto pesquisadora, o que se resume na fala de dona Tivinha: **somente interesse de estudo para querer vir aqui.**

As queixas quanto a traição por parte dos que têm em sua prática a convivência com os grupos durante um certo período, compartilhando das suas tradições remete, também, aos velhos fantasmas do fazer antropológico, ao nosso mito de origem; ter nascido no encontro-colonial parece ter deixado na etnografia, e em cada um de nós, uma certa marca de *pecado original*. Está escrito na nossa narrativa de origem que o império britânico se dissolvia, colocando o seu governo frente a uma série de fenômenos sociais e políticos inesperados e novos. Nesse contexto, a Antropologia britânica se apresentou como uma ciência que poderia ser útil à administração colonial:

“Os governos e interesses coloniais ofereciam as melhores perspectivas de apoio financeiro, sobretudo nas décadas anteriores ao reconhecimento da disciplina pelas universidades. (...) Os diplomas de Oxford, Cambridge e Londres eram justificados, em parte, como uma forma de fornecer treinamento para funcionários coloniais”. (Kuper, 1978: 122, 123).

Tentando afugentar os fantasmas, Adam Kuper (1978) defende que até meados da década de 1930, tomando-se o Império na totalidade, pode-se dizer que a contribuição antropológica direta para a administração era insignificante, e, mesmo depois da Guerra, poucos se dedicaram, primordialmente, a estudos aplicados. Entretanto, o antropólogo social britânico foi, frequentemente, objeto de suspeita nos países ex-coloniais porque era ele o especialista no estudo de povos coloniais; e, ao identificar o seu estudo na prática como a ciência do homem de cor, ele contribuiria para a desvalorização de sua humanidade. O que se ataca aqui é a etnografia como demarcação de diferenças.

Uma questão levantada era que a distância entre duas culturas é acentuada ao se manter a unidade e a coerência de cada uma delas e a impossibilidade de que uma seja avaliada em função dos valores e da visão da outra. Esses dois pontos conduziram ao etnocentrismo. A etnografia estava, então, sob suspeita porque marcaria diferenças de costume entre povos e grupos, sobretudo, visando populações subordinadas dentro de regimes políticos opressivos. Por outro lado, Kuper (1978) lembra que o antropólogo perturbava, frequentemente, a opinião branca local ao privar da intimidade do nativo. Os comissários

distritais mais ortodoxos eram frequentemente convencidos de que os antropólogos se tribalizavam. Para este autor, os antropólogos desafiavam os pressupostos básicos e tácitos de todos os regimes coloniais ao demolir as barreiras de cor:

“Seus exemplos individuais de como europeus refinados podiam adotar com êxito muitos hábitos tribais e viver numa base de amizade com povos pobres e analfabetos, era motivo de constante irritação para os colonos e muitos funcionários coloniais” (Idem, p. 144).

Esse exemplo, para Kuper, se reveste, ainda hoje, de um valor significativo para todos os antropólogos. Já os antropólogos pós-modernos, aqui representados por James Clifford (1998), tocando em nossa ferida narcísica, põem sob suspeita a autoridade etnográfica. Segundo Clifford uma questão central é que **“o modo predominante e moderno de autoridade etnográfica no trabalho de campo poderia ser expresso assim: você está lá... porque eu estive lá”** (Clifford, 1998: 18), a relação do eu [antropólogo] e o outro [nativo] está marcada pela desigualdade; o controle está nas mãos do primeiro. Exorcizar fantasmas antigos não é simples, a psicanálise o demonstra; velhos mitos retornam sempre: para ensinar, para apontar caminhos, para nos fazer pensar.

Mas, em meio a este cenário, algumas perguntas pareciam postas: por que as mulheres eram, predominantemente, as escolhidas, pelas empresas, para estabelecerem os contatos mais próximos com os grupos? Seria por conta de uma maior sensibilidade, muitas vezes, atribuída ao feminino? Estaria a causa ligada, inconscientemente, ao arquétipo da grande mãe⁵⁴, que aconchega e conforta tornando menos doloroso o infortúnio?

Compartilhei com Georges Balandier (1997) minhas inquietações, consciente de que não me depararia com esclarecimentos precisos, pois há perguntas que guardam em segredo as respostas; para este autor, o imaginário impõe sua marca nos lugares, rege uma topologia a que se opõem: o normal e o anormal ou monstruoso; o espaço humanizado e os aléns onde o homem se encontra em perigo, entregue ao desconhecido⁵⁵. Esta apropriação mental do espaço distingue uma natureza ainda selvagem e os lugares ordenados. A desordem, os males e a morte resultariam da não separação desses dois mundos: a natureza selvagem/a cidade

⁵⁴ De acordo com Carl Gustav Jung (2000), todo símbolo tem os dois sentidos, o sentido positivo e o negativo. Nesse caso, a madrastra é o negativo.

⁵⁵ Balandier (1997: 100) observa que “a interpretação do espaço imaginário a partir de um corpus homogêneo de narrativas leva a precisar melhor essas relações em sua complexidade e ambivalência. É com essa intenção que Marcel Drulhe propõe a análise de um conjunto de contos de fadas provençais recolhidos em Sault, pequena região de Aude. O estudo mostra como as narrativas tratam a relação de dois espaços (o do microcosmo social, o do mundo caótico), a relação de dois universos ou campos (o do homem, o do animal e o do monstro) e a questão de seus respectivos limites.”

organizada, da hibridação dos seres e da confusão de categorias [as do bem e do mal].

O espaço policiado, ordenado, corresponde à cidade e seus arredores imediatos: é o que se situa sob a égide da lei e do poder. O espaço caótico é designado pela extensão florestal e a aquática ou próxima da água: é o lugar da vida animal, refúgio dos monstros e dos homens rejeitados, de identidade inquietante, sítio das energias misteriosas. Entretanto, a fronteira entre os dois universos tem limites incertos; bordas mal definidas os separam, passagens estão abertas de um lado para outro.

Balandier (1997) lembra que a desordem e o caos não estão somente situados, estão exemplificados; à topologia imaginária, simbólica, associa-se um conjunto de figuras que manifestam sua ação dentro do próprio espaço policiado. Figuras ordinárias, no sentido de que se encontram presentes na sociedade, mas em situação de ambivalência por aquilo que é dito delas e aquilo que designam. Tais figuras são, ao mesmo tempo, instrumentos de ordem e agentes potenciais de desordem; a mulher, o filho mais novo, o cativo e o estrangeiro estão entre as figuras mais frequentemente exploradas pelas culturas das sociedades tradicionais. Em primeiro lugar, a mulher; a topologia imaginária a coloca nos confins da natureza e da cultura:

“Ela detém o poder da fecundidade, o que lhe permite criar, reproduzir, ser a origem de uma descendência. (...) A incerteza em relação ao ser da mulher se manifesta na maioria das culturas. O imaginário grego, pela intermediação dos mitos, já revela uma certa interrogação sobre sua alteridade inquietante. A figura da mulher guerreira, a amazona, exprime isto sob três aspectos: o da feminilidade perigosa, o da inversão dos papéis sexuais e da exclusão dos homens da reprodução, roubando o seu sêmem e a geração unicamente de meninas; o da barbárie, do retorno ao estado selvagem pela recusa dos valores masculinos que instituem a cidade. Uma parte da feminilidade parece, desse modo, estar ligada à regressão e à desordem. A relação de incerteza recai principalmente sobre a natureza da mulher. Esta, segundo os lugbaras da Uganda, deve ser definida como o inverso da natureza masculina, o que a coloca ao lado das forças que agridem a ordem.” (Balandier, 1997: 105)

Na deriva dessas ideias, a velha Itacuruba estaria mais próxima do universo da desordem; embora na cidade sua população percebia-se rural, conectada a terra e a água, extensão da natureza. Por outro lado, a CHESF seria um universo da ordem, domínio da técnica, do previsível, do trabalho do homem. Já a mulher, seria a ponte entre esses dois mundos, mais próxima à natureza, como informariam as memórias que se movimentam pelo cosmos desde os primeiros grupos humanos e, ao mesmo tempo, detentora do saber acadêmico; transitaria e se faria entender tanto nos domínios da ordem quanto da desordem.

Contraditoriamente, as técnicas, mesmo convivendo com o grupo, e aceitas em seu seio não conseguiram se tornar elo, fonte de comunicação; a sensação era de que tal qual mensageiras do apocalipse, traziam as primeiras sombras que ameaçavam a ordem vivida pelos ribeirinhos. Elas teriam ideia do desafio que enfrentariam? Acreditavam poder tornar mais leve o fardo que a comunidade teria que carregar? Pensariam, apenas, em passar os dados do grupo para a empresa [CHESF], visando uma dominação mais fácil? Difícil responder; pensei, então, que mito emergia dessas falas carregadas de mágoa, ajudando na difícil tarefa de informar sobre o fim das velhas cidades?

Seguindo a trilha apontada pelos grupos [traição, beleza, sedução], inicialmente pensara nas sereias; depois, na esteira das ideias de Silva Filho (1992: 212), imaginei vampiras que, enganando, levariam à morte. Mas, essas mulheres seriam, também, segundo os depoimentos colhidos, emissárias dos males e dores que viriam de fora; nesse sentido, Pandora pareceu-me o mito narrado:

“Pandora (a que possui todos os dons), na mitologia grega, foi a primeira mulher que existiu, criada por Hefesto (deus do fogo, dos metais e da metalurgia) e Atena (deusa da guerra, da civilização, da sabedoria, da arte, da justiça e da habilidade) auxiliados por todos os deuses e sob as ordens de Zeus. Cada um lhe deu uma qualidade. Recebeu de um a graça, de outro a beleza, de outros a persuasão, a inteligência, a paciência, a meiguice, a habilidade na dança e nos trabalhos manuais. Hermes, porém pôs em seu coração a traição e a mentira. Feita a semelhança dos deuses imortais, destinou-a Zeus à espécie humana, como punição por terem, os homens, recebido de Prometeu o fogo divino. Foi enviada a Epimeteu (aquele que reflete tardiamente), a quem Prometeu recomendara que não recebesse nenhum presente dos deuses. Vendo-lhe a radiante beleza, Epimeteu esqueceu quanto lhe fora dito pelo irmão e a tomou como esposa. Ora tinha Epimeteu em seu poder uma caixa que outrora lhe haviam dado os deuses, que continha todos os males. Avisou a mulher que não abrisse. Pandora não resistiu à curiosidade. Abriu-a e os males escaparam. Por mais depressa que providenciasse fechá-la, conservou um único bem, a esperança. E dali em diante, foram os homens afligidos por todos os males.”⁵⁶

Mas, se por um lado eu conseguia perceber a presença da esperança em alguns depoimentos colhidos à época da mudança⁵⁷:

⁵⁶ In: www.wikipedia.org/wiki/Pandora acesso em 29/08/2010

⁵⁷ CHESF/FUNDAJ. Avaliação do Reassentamento da População Rural de Itaparica: primeiro relatório de estudos de caso. Coords. ARAÚJO, Maria Lia; AMORIM, Rosa Maria. Recife, 1989.

“O que mais me animou a tomar a decisão foi a promessa de ter um lote irrigado meu mesmo. Sempre sonhei trabalhar em terra própria, porque trabalhar pros outros não dá futuro”. (meeiro/Borda do Lago – PE)..

”Logo achei que a promessa do lote era uma coisa boa; sempre tive desejo de ter uma terra minha”. (diarista/meeiro/Borda do Lago – PE).

“O que o pessoal da CHESF dizia a respeito da vida na agrovila dava pra pensar que seria uma coisa muito boa; casa própria, escola, posto de saúde e terra própria irrigada”. (assalariado/meeiro/Projeto Caraíbas).

por outro lado, escutando hoje muitos dos moradores da velha cidade, sobre o anuncio da vinda da barragem, sinto que retiram de suas lembranças qualquer traço de esperança sobre o que viria após o fim do local em que viviam. É importante observar que a esperança de vida melhor pode ser mais facilmente percebida no discurso dos moradores que fizeram a opção de mudança para os projetos. Já as pessoas com as quais convivi, na sua expressiva maioria optaram por continuar em Itacuruba que, paradoxalmente embora fosse outra cidade, deveria ser a mesma. Para elas, se houve esperança de dias felizes com a mudança, o poder seletivo da memória não revela; o que se impõe são as perdas. Quando lembram parecem abrir a caixa de Pandora, da qual surgem fortes lamentos:

Era da velha cidade, casei lá com 18 anos, vivi 14 anos da minha vida lá e vivi no céu, lá vou dizer, se uma mulher ficasse sem marido se prostituía se quisesse, porque tinha como ela sobreviver e criar os seus filhos, aqui ficar sem marido só Deus sabe o que acontece, com a mulher e com os filhos porque aqui não tem como viver. (Edivirgens Margarida Pereira Freire – 53 anos)

Gostava da cidade velha. Lá eu tinha saúde, depois que cheguei aqui [cidade nova] é só doente. (Francilina Ribeiro de Carvalho – 67 anos)

Eu me casei, fui criar minha família lá [velha cidade], toda minha família lá. Lá era 90%, ou melhor não era 90% era 100% melhor do que aqui [cidade nova]. (José Eliseu Menezes – 76 anos)

Assim, embora acreditasse que a esperança continuava existindo no espírito dessas pessoas e me seria dada a ver em momentos futuros, decidi continuar a busca por uma mulher capaz de refletir a dimensão da destruição anunciada pelas barragens, de modo que nem

mesmo a esperança restasse⁵⁸, o foco seriam as perdas sofridas. Resolvi buscar alguma pegada dessa mulher nos caminhos da poesia e dos romances, espaços mais propícios para que os mitos se revelem, uma vez que privilegiam a metáfora.

Após várias incursões por esses domínios, deparei-me com Luke, “O Príncipe das Marés”⁵⁹; americano, da Carolina do Sul, tinha regressado da guerra do Vietnã e buscava a paz em Colleton, sua cidade natal, situada no encontro de rio e mar. Ele havia morado durante toda vida na ilha da família, e, como o pai, pescava camarão; os irmãos haviam deixado a cidade para cursar faculdade, ele optou por ficar, aquele era o seu lugar. Mas, a Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos tinha outros planos para o município de Colleton, a região inteira seria desapropriada para o que seria conhecido, a partir dali, como Projeto do Rio Colleton. Seriam construídas usinas que produziriam materiais para fabricação de armas nucleares e combustíveis essenciais à operação de usinas atômicas.

O porta-voz da comissão declarou, no ginásio da cidade, que a região fora escolhida após exaustivo estudo, enfatizava ser uma das mais pobres e esparsamente povoadas de todo o estado, apenas 8.200 pessoas seriam removidas. As terras seriam adquiridas a preço justo de mercado. Prometia, também, que a Nova Colleton, distante 65 km, seria uma das mais belas cidades do país. As pessoas ouviam as promessas em silêncio, quando Luke postando-se diante do microfone falou:

“Desde que o governo anunciou a tomada da minha cidade, fiz o que qualquer sulista faria: li a Bíblia à procura de consolo e força, tentando descobrir ali alguma mensagem de conforto nessa hora de infortúnio. Procurei a história de Sodoma e Gomorra para ver se encontrava ali algum termo de comparação entre aquelas cidades pecaminosas e Colleton. Confesso que nada encontrei. Colleton é uma cidade de jardins, barcos de lazer e sinos de igrejas aos domingos. Não é permissiva sob nenhum ponto de vista. Seu único erro foi produzir pessoas que não a amam o suficiente, pessoas que a venderiam a estranhos por trinta moedas de prata. Mas continuei a ler a Bíblia, buscando agora uma mensagem de Deus que me desse socorro durante a vingança dos filisteus. Porque se eu não tentar salvar a única cidade

⁵⁸ ITACURUBA - Esperança. Neste município, localizado no Sertão do estado, essa é uma palavra abolida do vocabulário dos moradores. Parada no tempo, a cidade que possui o menor eleitorado de Pernambuco (3.374) é um dos principais exemplos das ações mal elaboradas de políticos. Na expressão de cada morador, a revolta de ter sofrido o descaso de prefeitos, vereadores, deputados e governadores. (A cidade esquecida no tempo. Silvia Bessa – Enviada Especial. Diário de Pernambuco. Recife, Domingo, 26 de Abril de 1998)

⁵⁹ O Príncipe das Marés, romance escrito por Pat Conroy, que inspirou o filme de mesmo nome estrelado por Barbra Streisand e Nick Nolte. Título original “The Prince of Tides”. Lançamento em 1991 (EUA). Direção Barbra Streisand. Estúdio/distribuição, Columbia Home Vídeo.

que verdadeiramente amei neste mundo, quero que Ele me transforme em uma coluna da sal, porque não olhei para trás. (...) Ao não descobrir o que queria, resolvi retornar ao início (...). Foi quando estava lendo sobre a Criação que conclui que o Gênesis não é um livro de revelação, mas de profecia. Ele prevê o futuro e não fala sobre o passado. É difícil para quem cresceu às margens do rio Colleton e conheceu a beleza das estações e dos pântanos; é difícil para nós acreditar que ainda estamos no paraíso, e que o jardim do Édem está para nos ser negado? É difícil imaginar que Adão e Eva ainda esperam para nascer e que estamos vivendo no paraíso sem saber? Todos sabem que Jesus falava por meio de parábolas. É possível que o livro do Gênesis seja apenas outra parábola, a maneira que Deus usou para nos prevenir contra os perigos do mundo. E, se vocês concordarem, por um momento que o Gênesis pode ser uma parábola, pensem no seguinte: quando Eva estica o braço e toca o fruto proibido, perde o paraíso e é forçada a abandonar a felicidade perfeita do Édem; será que Deus não está se dirigindo a nós aqui em Colleton, hoje? O que vai destruir nossa cidade natal? O que nos forçará a abandonar o paraíso e ir para terras desconhecidas? O que vai nos privar de tudo que conhecemos, amamos e agradecemos a Deus todos os dias de nossas vidas? Meus amigos e vizinhos, eu li o Gênesis e sei a resposta (...). O Gênesis é a parábola pela qual Deus tenta chegar ao povo de Colleton para adverti-lo e advertir o mundo inteiro contra aquilo que vai nos destruir o paraíso. Não foi a maçã que Eva tocou... O fruto proibido é o plutônio. (...) Temos em Colleton o que todos estão procurando. É uma cidade pela qual vale a pena lutar. Aliás, pela qual vale a pena morrer.” (Conroy, 2008: 612, 613, 614)

Não pude deixar de concordar com Luke, talvez com uma rusga de frustração, afinal como não ter pensado em Eva? Parecia óbvio. O paraíso perdido está presente, nas entrelinhas ou de forma explícita, na maioria das memórias das pessoas obrigadas a abandonar seus lugares por conta de barragens; essa narrativa bíblica permite compreender um pouco do caos vivido por estas populações.

Embora os mitos de Pandora e de Eva sejam muito semelhantes, acredito que Eva refletiria melhor o estado de espírito das pessoas, naqueles primeiros momentos de desesperança. Ao perder o paraíso Eva ganha a consciência, e com ela a liberdade de escolha, embora relativa uma vez que não poderia optar por permanecer no paraíso. Coloca-se frente às primeiras bifurcações humanas: quem ela realmente era? Para onde ir? O que fazer? Mas, admite o fato de que teria que enfrentar o novo.

Na deriva dessas ideias, talvez a maior revolta dos moradores da velha cidade seja não terem reconhecido as evas que entraram em suas vidas, e, assim, não compreenderam, em toda sua dimensão, a parábola que narravam. Passado o tempo, o gosto amargo da traição, parece não sair de suas bocas. Essa sensação pode, também, ser identificada, facilmente, em estudos sobre outras populações atingidas pela construção de barragens:

“Sabe como são essas firmas, essas firmas que estão indenizando nós, elas foram criadas para esse fim, já indenizaram outras glebas. Vieram aqui já (...) a primeira coisa eles se colocam do lado do povo, não contradizem, mas botam as leis. (...) Estas firmas são feitas pra isso, pra indenizar e uma firma que é feita pra isso, que tem esse ramo, ela sabe como chegar no povo.” (expropriado de Itaipu. Germani, 2003:72)

“Ô! Diziam que era uma coisa muito boa, que era prá habitar o povo, prá tirar das ilhas que ia afundar..... que o freguês tinha terra, água aí, à vontade do corpo pra trabalhar....você quando chegar lá vão é viver bem.” (M. R. S, Sobradinho. In Silva Filho, 1992: 212)

As várias pesquisas apontam para um sentimento geral que poderia ser resumido em um misto de traição, impotência e desencanto. Rubem Alfredo de Siqueira (1992), realizando estudos com os reassentados de Sobradinho, percebe na fala de seus interlocutores, que esses sentimentos marcam a passagem de cada fase do processo de reassentamento: promessas de vantagens e atrativos, mostradas em filmes e panfletos, para que aceitassem o reassentamento nas agrovilas, posteriormente avaliada como engodo; indenizações, consideradas injustas; promessas não cumpridas de que seria dada toda assistência no novo local. Na mesma direção apontam os depoimentos colhidos por Guiomar Inez Germani (2003), em pesquisas junto aos expropriados pela construção da Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu: **“hoje me dá vontade de pegar aquele livrinho que a Itaipu soltou, pegá e ir lá mostrar e dizer: olha a proposta de vocês, olha aí e o que vocês estão fazendo hoje!”** (fala de colono. Germani, 2003: 74). José de Carvalho Silva Filho (1992), trabalhando, também, com os relocados de Sobradinho, percebe que:

“Sob as bandeiras de Vida Nova, Mudar para Melhor o mal, vindo de fora, age por intermédio do encantamento, da sedução. (...) O sentimento de terem sido traídos, enganados, iludidos pelas promessas e a impotência na correlação de forças em jogo na nova situação trazem a tona as imagens do cativo.” (1992: 212, 213)

Entretanto, não se pode desconsiderar que à época da construção de Itaipu, no interior do setor elétrico brasileiro foram desencadeados debates que, somados a ações coletivas envolvendo grupos de atingidos por barragens em varias partes do país⁶⁰, levaram a

⁶⁰ A luta dos atingidos teve início nos anos 70, a partir de focos locais de resistência e mobilização contra a construção das barragens. Em 1987, na Região Sul, foi firmado acordo com a Eletrosul e o Ministério de Minas e Energia, estabelecendo critérios para tratamento das populações atingidas, particularmente para as usinas de Itá e Machadinho, na bacia do Rio Uruguai. Em 1989, em

reavaliar as práticas anteriormente privilegiadas no atendimento às populações desalojadas pelos grandes empreendimentos hidrelétricos.

Diante desse cenário, a CHESF tinha como diretriz inicial, para Itaparica, realojar a população urbana e oferecer compensação monetária aos produtores rurais qualificados. As pessoas da região viviam o medo do que se anunciava, desejando que tudo não passasse de um pesadelo:

“Esse período é frequentemente lembrado como sendo marcado por tensão e insegurança. O temor do desconhecido e a desconfiança em relação a CHESF, muitas vezes reforçado por informações contraditórias e boatos, deixava os então reassentáveis em dúvida sobre a melhor opção a fazer. (...) Contribuíram para essa falta de maior clareza nas informações levadas aos reassentados a própria complexidade do processo e as freqüentes redefinições dos critérios e procedimentos adotados, além de problemas de comunicação ocorridos entre as equipes que atuavam em nome da CHESF e os agricultores – problemas estes agravados por eventuais mudanças no quadro de técnicos que lidavam diretamente com os reassentáveis.(...) mesmo considerando-se a possibilidade do pré-julgamento, de um modo geral, a impressão (...) é de que, não obstante os esforços despendidos para facilitar o processo de negociação entre CHESF e os reassentados, não se conseguiu evitar que falhas ocorressem ao longo do processo. Essas falhas provavelmente decorreram do próprio gigantismo do empreendimento e do caráter secundário que, de uma forma ou de outra, a questão do reassentamento representa para a empresa, uma vez que a geração de energia constitui, sem dúvida nenhuma, o seu principal objetivo.⁶¹” (CHESF/FUNDAJ, 1989: 23, 24)

Os técnicos da CHESF, mesmo aqueles considerados mais capacitados para realizar um diálogo com o grupo, não conseguiram estabelecer uma comunicação com a comunidade. Falavam sobre o que estava por vir, mas tendo como referência o próprio registro. Difundia-se a ideia de que um adequado programa de reassentamento pode se constituir um fator de superação da pobreza, na medida em que contempla as formas de recomposição – sempre que possível em melhores condições – das bases econômicas de subsistência das populações

Goiânia/GO, foi realizado o I Encontro Nacional de Trabalhadores Atingidos por Barragens, que deliberou pela necessidade de iniciar uma articulação nacional dos atingidos. Em 1991, em Brasília/DF, ocorreu o I Congresso Nacional de Trabalhadores Atingidos por Barragens que instituiu o MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens), movimento popular de massa, que visa direitos sociais, colaborando com isto para a construção de um novo modelo energético. (A Educação no Movimento dos Atingidos por Barragens: caderno pedagógico. 2005: 13, 14)

⁶¹ CHESF/FUNDAJ. Avaliação do Reassentamento da População Rural de Itaparica: primeiro relatório de estudos de caso. Coords. ARAÚJO, Maria Lia; AMORIM, Rosa Maria. Recife, 1989.

atingidas **“todo reassentamento deve ser considerado e executado como um programa de desenvolvimento”** (World Bank, 1990: 3). Não foi considerado um processo de negociação que implicasse no estabelecimento de um conhecimento comum sobre o que viria; o que permitiria a definição de seus limites.

“A medida que todas as partes envolvidas não dispõem do mesmo nível de informação sobre os elementos do projeto, a ausência de um processo de comunicação configura ou reforça uma assimetria de poder. Essa situação assimétrica é caracterizada nas discussões pela contraposição entre suposições elaboradas por alguns dos atores sociais envolvidos e que orientarão sua ação política, e as certezas de que dispõem os proponentes do projeto, detentores de informação. A omissão ante as necessidades de comunicação social pode, assim, criar situações particularmente conflitivas.”⁶²

Os depoimentos a seguir dizem dos problemas de informação e da pressão vividos naqueles dias:

Dei uma cabeçada por causa dos outros que diziam vai afundar o mundo, vamos todo mundo embora, se assombraram, mas não era o dilúvio não, foi só para fazer o medo. Ficamos alesados, porque num tinha nem hora, estava trabalhando na roça, chegavam, vai ter uma reunião aqui, quando saía tinha outra reunião com advogado, de pior a pior, como a história da perua; um chegava dizia vá por isso que isso é bom, não fique não que aqui vai ficar embaixo d’água, vai se inundar e vocês morrem afogados. (José Eliseu Menezes – 76 anos)

O povo da CHESF era todo estudado, aí pegou nós aqui de bobeira, tudo abestalhado, sem entender tudo como ia ser. (Mário Joaquim dos Santos – 64 anos)

“O que aconteceu foi que a gente ficava desorientado, agoniado, e tomava logo a solução” (pequeno proprietário/diarista/Borda do Lago – PE. In: CHESF/FUNDAJ, 1989: 23, 24).

Na realidade, pareciam duas narrativas paralelas, que não poderiam encontrar um caminho comum; a sensação é de que o nosso capitalismo ocidental, unindo povos em torno de um objetivo comum, o lucro, e de uma mesma linguagem, a do capital acredita trazer a única mensagem inteligível, as demais seriam inferiores, desprezíveis. Nesse pensamento vem embutida a opressão, a recusa de um reconhecimento igualitário.

⁶² Centro de Estudos e Projetos em Políticas Governamentais. Fundação do Desenvolvimento Administrativo – FUNDAP. Intererências de Usinas Hidrelétricas: remanejamento de grupos populacionais e alterações em seus quadros de vida físico – sociais. Relatório Final – vol. 1. São Paulo – julho de 1988: 116.

Entretanto, recordamos que ainda nos anos 60-70, Lévi-Strauss (1977:10), em seus seminários sobre identidade e etnicidade, defendia que as mais diversas experiências humanas seriam, ao menos em parte, mutuamente inteligíveis. Suas reflexões em “O Pensamento Selvagem” põem de lado dicotomias como: sábios/selvagens, ciência/mito, a preocupação era, sobretudo, encontrar a matriz de todas as formas de pensamento que permitisse concluir a unidade do espírito humano. Já defendia a premissa de que todos os grupos são igualmente dignos de respeito.

Na deriva dessas ideias Sahlins privilegia, em seus estudos, construções interpretativas que focalizam a distintividade cultural dos povos nativos em relação ao imperialismo. Para Sahlins (2007) o capitalismo ocidental pôs à solta, no mundo, imensas formas de produção, coerção e destruição, mas a despeito das terríveis perdas sofridas, a diversidade não está morta. Ela persiste na esteira dessa dominação.

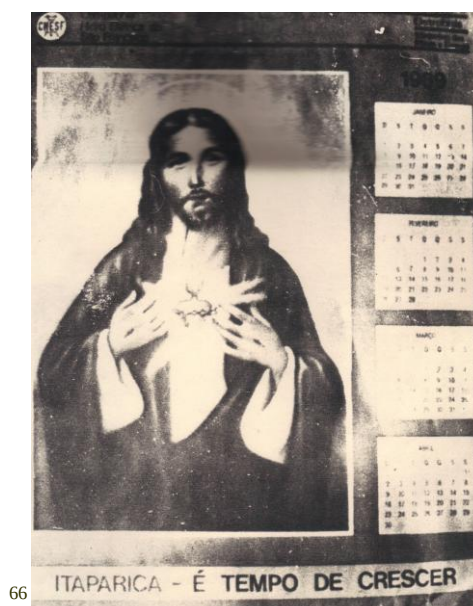
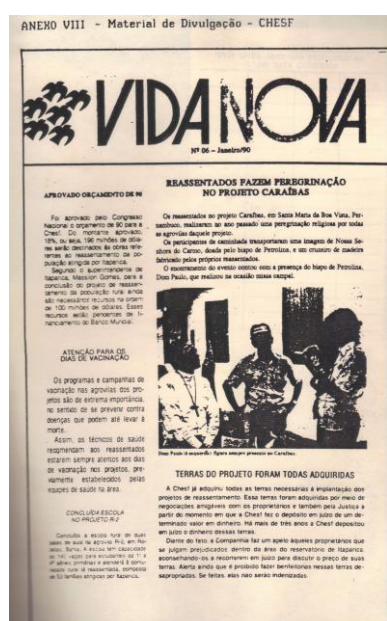
Alguns dos seus textos são emblemáticos quanto aos encontros e desencontros de diferentes narrativas. Em *Cosmologias do capitalismo: o setor transpacífico do “sistema mundial”*⁶³, escrito em 1988, conta que em setembro de 1793, época do octagésimo terceiro aniversário do imperador chinês Quianlong, o visconde George Macartney, emissário de George III, desembarcou na China com a dupla missão diplomática: liberar o comércio de Cantão e abrir novos mercados para os produtos britânicos, dos quais levava alguns exemplares, considerados dos mais belos, para presentear o imperador. Estas oferendas, embora descartadas por Quianlong que julgava esses artigos engenhocas estranhas sem o menor atrativo, foram interpretadas como tributo ao Imperador Celestial e reconhecimento da superioridade chinesa. Os ingleses por mais que considerassem absurda essa posição, tiveram que suportar; precisavam dos artigos de porcelana, seda, nanquim e, principalmente do chá, que, como disse Macartney, se tornara uma necessidade vital indispensável. Sahlins focaliza que se por um lado os ingleses não conseguiam entender o desprezo dos chineses por suas mercadorias, consideradas sem nenhum atrativo, por outro, em seu próprio esquema cósmico o chá era **“o deus a que tudo o mais era sacrificado”** (Pritchard, 1936: 163 apud Sahlins, 2007: 453).

Na esteira desses pensamentos vemos que, para os responsáveis pelo setor elétrico nacional, as pessoas a serem atingidas seriam reparadas por meio de uma justa indenização; questões afetivas de amor ao lugar e à vida que construíram, não tinham espaço diante da

⁶³ Idem: 443

magnitude do projeto Itaparica. A barragem teria uma altura de 105 metros⁶⁴, 4,7 km de comprimento e capacidade planejada de 2.500 megawatts (Rice, 1997); o lago de Itaparica com 834 km poderia armazenar 11 bilhões de metros cúbicos de água⁶⁵.

A demanda por energia elétrica, para atender ao desenvolvimento econômico da Região e do país, tornava, para o Estado, a construção de Itaparica inquestionável; a produção de energia justificava sacrifícios. Este discurso, baseado nas razões do progresso, aos poucos era incorporado às falas dos moradores, dando indícios do dano que a situação que se apresentava estava causando à auto-imagem do grupo, a sua inter-subjetividade; aos poucos interiorizavam a ideia de inferioridade frente aos que chegavam trazendo a *evolução*:



Havia a necessidade do país em gerar energia, mas ela [barragem] trouxe muito transtorno pra gente. Energia é uma coisa boa, precisamos de energia, mas eu acho que o governo deveria agir de uma maneira mais humana, que dê condições ao povo, (João Gaudêncio Freire – 70 anos)

⁶⁴ De acordo com a ICOLD (Comissão Internacional sobre Grandes Barragens), uma grande barragem tem altura igual ou superior a 15 metros (contados do alicerce). Se a barragem tiver entre 5 e 15 m de altura e seu reservatório tiver capacidade superior a 3 milhões de metros cúbicos, também é classificada como grande. (Barragens e Desenvolvimento: Um Novo Modelo para Tomada de Decisões – Um Sumário, Comissão Mundial de Barragens – Novembro de 2000)

⁶⁵ Operations Evaluation Department, 1992

⁶⁶ Fotos In: SILVA FILHO, José de Carvalho. Recife, 1992.

Meu avô, parte de pai, contava muitas histórias do passado. Mas não reclamava não, dizia: é o que tem que acontecer, vem o progresso, vem a energia, vem a evolução. (Regivaldo de Souza – 42 anos)

“É para o bem do Brasil”; “vai dar de comer a muitas famílias”⁶⁷

De acordo com Morin (2007) Os progressos técnicos dos séculos XIX e XX, com a utilização da força motriz do vapor, depois a do petróleo, da eletricidade, do átomo, acionaram forças extraordinárias de: produção, construção, destruição. A formidável energia obtida rompe as barreiras meramente econômicas. **“O Estado emprega-a, também, para sua própria glória e a de seus deuses”** (idem: 2007:184). Utiliza o domínio da técnica que possui para materializar o seu imaginário. Por meio de monumentos colossais busca a própria eternidade, a morte é desafiada:

“Com os milhares de soldados petrificados protegendo a tumba escondida do imperador Qi Shihuangdi ou as titanescas pirâmides faraônicas [ou as grandes barragens].(...) Toda complexificação e todo progresso têm um preço. O progresso industrial do século XVIII implicou a destruição de uma cultura camponesa e a prolevarização dos camponeses desenraizados nos subúrbios urbanos. O desenvolvimento do Ocidente europeu, no século XIX, comportou a subjugação dos povos dominados e colonizados. Até o presente, as complexificações num domínio foram inseparáveis de dilapidações e destruições. O progresso técnico-econômico atual continua a ser pago com culturicídios e etnocídios. Não existem leis históricas. A única lei é que todo desenvolvimento comporta desorganização e degradação do que lhe era anterior. De qualquer maneira não há evolução que não seja desorganizadora no seu processo de transformação ou de metamorfose. Não há progresso, mas um verdadeiro jogo duplo da história – uma dialógica – entre progresso e regressão, civilização e barbárie, complexidade e destruição, desorganização e reorganização. Barbárie e civilização só se excluem parcialmente, uma está profundamente incluída na outra”. (idem: 2007:184, 221)

Às vezes mal nos damos conta desse duplo jogo. Vivemos com a sensação de estarmos livres dos deuses terrificantes que povoavam a noosfera das sociedades antigas exigindo sempre novos sacrifícios. Olhamos para os templos gigantescos do passado e imaginamos deuses para sempre enclausurados. Mas os dados continuam rolando, em nome do progresso *nós erguemos e destruimos coisas belas*; e os deuses da civilização, da mesma forma que os

⁶⁷ Depoimentos de atingidos por Itaparica In: CHESF/FUNDAJ. Avaliação do Reassentamento da População Rural de Itaparica: primeiro relatório de estudos de caso. Coords. ARAÚJO, Maria Lia; AMORIM, Rosa Maria. Recife, 1989.

antigos, também pedem sacrifícios de humanos e não-humanos.

A barragem de Itaparica, monumento ao progresso, teve reconhecida a sua magnitude e importância, mas os deuses que a inspiraram impuseram que **“uma população de mais de oitenta mil moradores da beira do Rio São Francisco, metade dos quais agricultores, enfrentava[sse] um iminente traslado de suas velhas moradias para novas áreas”** (Scott, 2009: 13)⁶⁸. O sacrifício se estenderia a um extenso território que seria coberto pelas águas do lago.

2.2 - Enfrentando o Inimaginável: tempo de luta

De 1974 a 1978, segundo Souza (1990), com o apoio das pastorais da Igreja, decidiu-se pela criação e fortalecimento dos sindicatos de trabalhadores rurais como instrumento de luta. Eram realizadas reuniões buscando conhecer a realidade sobre os impactos da construção da barragem e sobre os direitos da população local. Como fruto dessa mobilização foi criado o Pólo Sindical do Submédio São Francisco, nascido com o objetivo de organizar e fortalecer a luta pelo reassentamento de Itaparica, através da articulação dos oito sindicatos de trabalhadores rurais dos municípios a serem atingidos:

“Quando o Pólo Sindical do Submédio São Francisco levantou a bandeira de “terra por terra na beira do lago” (Araújo, 1990) e prosseguiu com as negociações, estava lutando por um reassentamento que, se cumprido, segundo as expectativas, haveria hoje, na região circundante ao grande lago artificial formado pela construção da barragem, farta produção de gêneros alimentícios.” (Galiza; Medeiros, 1996: 14)

O Pólo surgia em reação à agressão infligida àquelas pessoas [aos reassentáveis]; elas, na verdade, não escolheram mudar. Essa errância involuntária a que seriam submetidas faz lembrar o que Maffesoli (2001) tem chamado de violência totalitária: quando alguns [homens políticos, tecnocratas, gente com poder de decisão de todo tipo] dirigem e organizam a vida

⁶⁸ O relatório de E. Rice usa o total de 4900 famílias rurais reassentadas, que corresponde ao número de beneficiários de lotes irrigados e de casa na agrovila (caso dos para-rurais, que são cerca de 1000 famílias). Além dessas há 3500 famílias urbanas deslocadas para os novos centros urbanos. Aproximadamente 1000 famílias receberam compensação em dinheiro e deixaram a área. O que representa, no final, um total aproximado de 10400 famílias deslocadas pela barragem, que, por sua vez, significa um aumento no número estimado inicialmente de 8000 famílias que seriam atingidas pela construção da usina.

social em lugar de seus diversos protagonistas. A explicação, baseada nas razões do progresso, não eram convincentes para a expressiva maioria, para quem a situação posta poderia ser resumida em “mudar é preciso”:

Ninguém dava jeito, pensar mesmo em cair fora, caçar outro rumo.
(José Eliseu Menezes – 76 anos)

Com um ano e tanto antes o pessoal já não podia trabalhar, deixou o pessoal todo parado. (Manoel Joaquim Freitas – 72 anos)

Aí a mulher que estava fazendo isso [negociando as indenizações] mandou me chamar lá no escritório dela, eu fui, quando eu cheguei lá ela disse: olhe eu vou lhe dar tanto, eu disse: é, não tem o que fazer, era uma mincharia. (Mário Joaquim dos Santos – 64 anos)

Diante desse cenário, em lugar de reassentáveis talvez fosse mais apropriado falar em exiláveis, esta palavra traz a marca da usurpação, do sofrimento, da imposição por força desigual, da humilhação; mas remete, também, a uma força emocional, afetiva, a uma aura de resistência. O Pólo estava convicto de que só com pressão organizada poderia fazer-se ouvir junto a CHESF. Esse enfrentamento remete à ideia de Axel Honneth (2003) de que, quando o meio de articulação de um movimento social está disponível, a experiência de desrespeito pode tornar-se uma fonte de motivação para ações de resistência política:

“A experiência de desrespeito pode tornar-se o impulso motivacional de uma luta por reconhecimento. Pois a tensão afetiva em que o sofrimento de humilhações força o indivíduo [ou grupo] a entrar só pode ser dissolvida por ele na medida em que reencontra a possibilidade da ação ativa; mas que essa práxis reaberta seja capaz de assumir a forma de uma resistência política resulta das possibilidades do discernimento moral que de maneira inquebrantável estão embutidas naqueles sentimentos negativos, na qualidade de conteúdos cognitivos. Simplesmente porque os sujeitos humanos [grupos] não podem reagir de modo emocionalmente neutro às ofensas sociais; (...) pois toda reação emocional negativa que vai de par com a experiência de um desrespeito de pretensões de reconhecimento contém novamente em si a possibilidade de que a injustiça infligida ao sujeito se lhe revele em termos cognitivos e se torne o motivo de resistência política.” (Honneth, 2003: 224)

Mas, “o **sertão vai virar mar**”⁶⁹, essa realidade era confirmada pela forte presença de representantes da CHESF na região. Concretizava-se a impossibilidade de deter o processo de construção da usina deflagrado pelo Governo Federal, que culminou em 1979 com o início

⁶⁹ Profecia atribuída a Antônio Conselheiro. <http://www.tvcultura.com.br/aloescola/estudosbrasilieiros/sertoes/sertoes3.htm>.

das obras civis.

Frente ao inevitável, na visão da população, a empresa passou a incorporar todos os órgãos governamentais; empresa e governo confundiam-se em um todo. Importante observar que nem sempre essa posição era decorrente de uma confusão; alguns apenas consideravam que, como seriam recolocados devido a uma obra da CHESF, esta seria a principal responsável pelo atendimento de suas necessidades (ARAÚJO; AMORIM. 1989: 124). Chamada de **“a poderosa”, “gatona sabida”, “velha ladrona”,** ou simplesmente **“ela”,** era a adversária que impunha a desestruturação de suas vidas⁷⁰; **“tal qual uma “mensageira do mal”, transforma-se na inimiga, a combater, a negociar, de quem reclamar e exigir direitos”** (Galiza; Medeiros, 1996: 10).



71

Nessa época o Pólo Sindical desenvolve uma intensa atividade em defesa de **“terra por terra na beira do lago”** (Araújo, 1990); negociava, sem trégua, o direito dos moradores afetados à terras e meios de vida alternativos. O movimento sindical tinha consciência da necessidade de conhecimentos técnicos para enfrentar os embates com a CHESF:

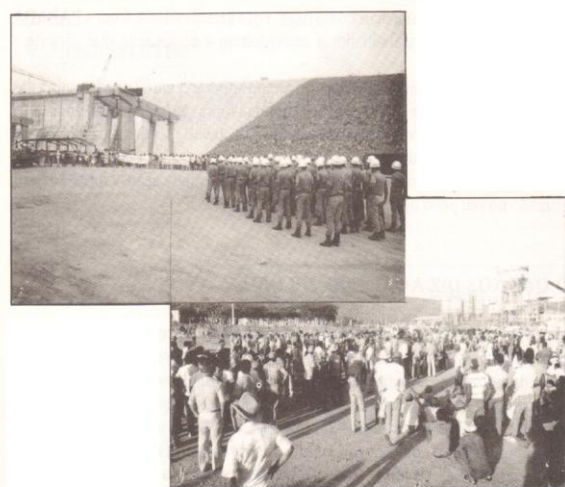
“Daí o desenvolvimento pelo movimento sindical de encontros específicos com técnicos comprometidos com a luta dos trabalhadores para elaboração de propostas alternativas ao tecnicismo burocrático. Aliava-se o conhecimento técnico com o saber popular dos trabalhadores. (...) Esse conhecimento técnico é que fez evoluir a luta do “Terra por Terra na Margem do Lago” para “Terra por Terra”, desde que na mesma região. Grande parte das margens do lago são imprestáveis para agricultura irrigada intensiva. Desse esforço, o movimento sindical produziu um documento, aprovado por assembléias de trabalhadores, chamado “Diretrizes Básicas para o Reassentamento”, onde os trabalhadores colocavam todas as necessidades para sua vida futura em novas terras. Foi o documento

⁷⁰ CHESF/FUNDAJ. Avaliação do Reassentamento da População Rural de Itaparica: primeiro relatório de estudos de caso. Coords. ARAÚJO, Maria Lia; AMORIM, Rosa Maria. Recife, 1989: 33.

⁷¹ Fotos do acervo do Pólo Sindical In: Reassentados de Itaparica: memória, realidade e perspectivas pastorais, 1995: 13.

base nas negociações com a Chesf e na proposta de alternativas técnicas viáveis.” (Souza, 1990: 36)

Frente ao persistente silêncio das autoridades quanto a seu destino e sensibilizados pela experiência de Sobradinho, a população recorreu a manifestações públicas, que receberam cobertura tanto nacional, quanto internacional⁷². Mas as lutas pareciam insuficientes para garantir as reivindicações dos trabalhadores que resolveram, no dia primeiro de dezembro de 1986, ocupar o canteiro de obras da barragem. Ali acampados impediram o funcionamento da obra por seis dias, até que em negociação com a Eletrobrás/CHESF obteve-se um acordo, chamado “Acordo de 86”, que assegurava o reassentamento garantindo: terra boa para irrigação/ casa para morar/ terra para criatório/ assistência técnica/ garantia de 2,5 salários mínimos até o início da produção [VMT – Verba de Manutenção Temporária]/ indenização justa/ participação efetiva nas decisões do reassentamento (Reassentados de Itaparica, 1995).



73

Desocupado o canteiro de obras passou-se à construção de agrovilas nas terras adquiridas pela CHESF e aprovadas pelos trabalhadores⁷⁴. Esta greve, denominação utilizada

⁷² Aspectos e Consequências Ambientais de Projetos Financiados pelo Banco no Vale do Médio e Baixo São Francisco, Resumo e Conclusões vol. IV s.d p.6

⁷³ Fotos da ocupação do canteiro de obras – acervo do Pólo Sindical In: Reassentados de Itaparica, 1995.

⁷⁴ O Banco Mundial aprovou em novembro de 1987 o financiamento do projeto de irrigação e reassentamento de Itaparica. O banco começa a participar das ações planejadas em 1985, abandonando planos anteriormente adotados, baseados apenas na oferta de compensação em dinheiro em favor de instalação de sistemas de irrigação para acomodar famílias. A irrigação permitiria manter, na medida do possível, os padrões anteriores de vida. Em junho de 1986 o Banco aprovou um crédito de U\$ 500

pelos exiláveis para toda forma de mobilização e pressão a partir da ocupação de 86, foi um marco na organização das populações atingidas pela construção de barragens. As pessoas, pela primeira vez desde que tiveram consciência da construção da barragem, demonstravam orgulho da própria força, mesmo não perdendo de vista que enfrentavam uma luta desigual, em que a negociação era necessária; mas se apropriaram, também, da linguagem da pressão⁷⁵. Em dezembro de 1987, por exemplo, promoveu-se a paralisação das obras de construção de nova Itacuruba, que se encontrava em fase final. A cidade foi ocupada como resposta a situação precária em que se encontravam várias famílias que já haviam parado de plantar seguindo orientação da CHESF. Obteve-se da empresa um acordo que garantiu às famílias a serem exiladas o recebimento de duas cestas básicas até a realização da mudança⁷⁶. São frequentes os relatos que colocam o sindicato como um instrumento de peso na resolução de questões surgidas nesse período:

Sou presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais já pelo terceiro mandato. Fui fundador desse sindicato no período de 80 e 96; depois da Barragem de Itaparica fomos todos para Orocó, e Itacuruba ficou praticamente sem representação política do movimento sindical. Como eu fui reassentado também nesse município daquele período pela CHESF; cadastrado por ela pra trabalhar nesse município, eu reestruturei o sindicato novamente em 96. Fiquei depois 10 anos afastado, depois retornei a negociação com Itaparica, porque eu via

milhões para a Eletrobrás, para o programa referente ao reassentamento rural e o das populações urbanas; em maio de 1987 liberou um empréstimo adicional de U\$ 132 milhões; em fevereiro de 1990 outro de U\$ 100 milhões (E. B. Rice. Early Experience With Involuntary Resettlement: a follow – up . Case Study: Brazil – Itaparica. December/1997 – relatório de consultoria contratado pelo Banco Mundial). “Em 1985, a CHESF completou a primeira etapa da realização de cadastros detalhados para orientar as indenizações e compensações para a população a ser removida. (...) O Acordo de 1986 estabelece os cálculos de força-de-trabalho concretamente, com clareza, para ambos os lados. (...) Chega-se a uma decisão sobre o direito dos reassentados a um lote irrigado cujo tamanho é relacionado ao potencial de trabalho familiar. (...) Não há como negar que o estabelecimento do cálculo de uma força-de-trabalho familiar foi uma medida conveniente de interesse mútuo, para administradores e reassentados. (...) O resultado do cadastro foi visto pela equipe administradora como, fundamentalmente, um mapeamento definitivo para determinar a exclusão/inclusão em compensações advindas do *status* de reassentável em agrovilas e para dimensioná-las. Estes benefícios incluíram indenizações monetárias, bem como o acesso a uma casa e a um lote irrigado de tamanho apropriado para a família (segundo os cálculos da CHESF) bem como a verba de manutenção temporária. (...) Uma vez cadastrada a família, não havia mais espaço para modificação. Muitos dos administradores desconfiados sobre a boa fé da população, interpretavam as ações de modificação das famílias como, acima de tudo, esperteza. (...) De fato, houve famílias que apressaram casamentos, construíram barracos e chamaram de volta filhos que estavam viajando, para poderem participar de uma forma mais plena de distribuição de compensações e benefícios. ” (Scott, 2009: 76, 77, 79, 156, 157)

⁷⁵ Ver anexo II.

⁷⁶ CHESF/FUNDAJ. Avaliação do Reassentamento da População Rural de Itaparica: primeiro relatório de estudos de caso. Coords. ARAÚJO, Maria Lia; AMORIM, Rosa Maria. Recife, 1989: 94.

que Itacuruba não estava realmente tendo uma representação. Retornamos então a luta com Itaparica. Também sou representante e diretor financeiro, hoje, do Pólo Sindical, dos trabalhadores do Submédio São Francisco. (Ademilson Nunes de Souza)

A sorte da gente foi a força sindical. Virou um trabalho pesado; deu uma parada [nas obras] e daí foi que houve aquele acordo de 1986 em que o governo assumiu pagar a Verba de Manutenção Temporária, a VMT. (João Gaudêncio Freire – 70 anos)

“O sindicato está sendo bom demais. Se não fosse ele, a gente estava muito pior. Pela CHESF, a gente não tinha nada” (meeiro/ Projeto Borda do Lago-PE. In: Araújo; Amorim. 1989: 96).

“A valência é o sindicato. Se não fosse a ajuda do sindicato, estava tudo pebado. Ele tá dando ajuda boa. Se dependesse da CHESF, estava pior ainda”. (pequeno proprietário/diarista/Projeto Caraíbas. In: idem).

Muitos dos exiláveis pareciam conscientes de que as decisões que eles tomavam, a sua maneira de agir eram fatores cruciais para assegurar um futuro em que pudessem permanecer na agricultura. Organizados sob a proteção da identidade de ribeirinhos, agricultores, eles enfrentaram as negociações diretas com a CHESF, com o Estado, e até mesmo com o Banco Mundial⁷⁷.

Embora o discurso global fosse de que a energia limpa gerada pela construção das barragens seria via importante para promover o progresso e a inclusão social das populações afetadas, para os exiláveis de Itaparica, essa não parecia ser a realidade, pois a partir daquele momento, mais que em qualquer outro que pudessem lembrar, passaram a se perceber como o outro de alguém, o outro do outro. Descobriam que o sentimento de pertença a um lugar não lhes garantia uma ancoragem estável no mundo social, e assim passava a ser necessário uma preocupação, profunda, com a identidade, com o que ela significa e com o modo como é produzida e contestada. Antigamente não precisavam pensar a si próprios a partir de identidades: agricultores, ribeirinhos, a única identidade a que se referiam era aquela da cédula oficial; agora, identidade tornava-se um fator importante de luta, sendo o Pólo Sindical seu maior veículo.

⁷⁷ “Em março de 1997, reassentados representados pelo Pólo Sindical apresentaram, ao Banco Mundial, um pedido e auditoria das ações relacionadas com o reassentamento” (E. B. Rice. Early Experience With Involuntary Resettlement: a follow – up. Case Study: Brazil – Itaparica. December/1997 – relatório de consultoria contratado pelo Banco Mundial)

Na época eu trabalhava no Sindicato, e nós fizemos uma forma para que o pessoal juntasse, fosse mais ligado com a questão social. Eu fazia parte do pólo sindical; nós tivemos um passo bom, o pessoal mais amigo. O Sindicato esteve do lado dos trabalhadores, e depois do Acordo, participou do cadastro e da escolha das terras para os projetos. Mas para as próximas barragens é preciso tratar do reassentamento antes, do começo, não deixar pra cima da hora. Aqui teve bem uns dez anos e só em 1986 quando a gente parou a barragem foi que começou a coisa a andar, meio lento, meio lento mas começou a andar alguma coisa. Acredito que nas próximas, como nós estamos num regime mais democrático isso talvez não aconteça, eu acredito muito. Mas naquela época nós estávamos na ditadura, aí nós sofremos. (Manoel Joaquim Freitas – 72 anos)

O colapso da velha ordem em que aquelas comunidades ribeirinhas viviam abriu espaço para uma crescente mudança, quando falavam sobre esse tempo de movimento e incerteza demonstravam lamentar a perda irremediável de uma confiança cega no mundo, sabiam já não serem os mesmos. Isso não significa estarem descontentes com eles mesmos, aqueles mais engajados na luta valorizavam e falavam com orgulho da força com que enfrentavam os desafios e dialogavam com os atores responsáveis pela grande cadeia desenvolvimentista:

só recebia [VMT] os ribeirinhos, o pessoal que vivia na margem do São Francisco a minha mãe, por exemplo, e outros, que eram agricultores, não foram beneficiados com a VMT por morarem em uma vila fora da cidade. Queriam forçar esse pessoal a ir para outras regiões⁷⁸. tem pessoas que tinham comércio mas também sobreviviam da agricultura aí recebiam a VMT, porque foram cadastrados como agricultores, senão receberiam só um ponto aqui, um terreno para construir. Essa esmola, mesmo assim, só foi recebida por causa da paralisação da barragem, depois da parada houve esse acordo, daí então a CHESF resolveu pagar; inclusive era pra pagar dois salários e meio, na verdade esses dois salários e meio nunca saíram. Os velinhos [já aposentados] não receberam, não tiveram esse direito, os aposentados, por questão de ser aposentado, não tiveram esse direito, e outros como não moravam na Itacuruba teriam que ir para os projetos, eu jamais aceitaria e outros também, não foram de acordo mandar seus pais, mesmo que eles não recebessem. (João Gaudêncio Freire – 70 anos)

Entretanto, ao mesmo tempo em que assumiam a própria força se reconheciam impotentes frente ao exílio já determinado, para o qual foram oferecidas diferentes

⁷⁸ O Projeto Brígida (para onde foi à maioria dos trabalhadores rurais de Itacuruba) situa-se no município de Orocó/PE; o Projeto Caraíbas localiza-se no município de Santa Maria da Boa vista/PE; o Projeto Pedra Branca fica em Curaçá, na Bahia. Ver anexo III.

possibilidades⁷⁹: 1- por conta própria, 2- nas novas cidades, 3- na borda do lago (solicitação da população), 4- nos projetos especiais, 5- nas piscigranjas⁸⁰. Quem optasse pela solução própria, receberia a indenização a que tivesse direito e transporte até 50 Km do seu local de origem.

“Acontece que alguns não tiveram direito a qualquer indenização, e mesmo os que se caracterizavam como beneficiários, na maioria das vezes, não recebiam um valor que lhes permitisse essa empreitada. No caso dos meeiros e arrendatários, a indenização a receber incidia apenas sobre uma casa, uma bomba de irrigação ou alguma benfeitoria realizada. Além disso, como em qualquer processo de desapropriação coletiva, os valores das indenizações ficavam sempre abaixo dos preços de mercado, problema agravado pelo contexto econômico inflacionário no qual valores estabelecidos em tabelas tornavam-se ultrapassados em pequenos espaços de tempo. Desse modo, em se tratando de pequenos agricultores, optar pelo reassentamento em agrovilas muitas vezes não representou propriamente uma opção, mas a única escolha viável.”⁸¹

Certo que em Itaparica, a intervenção do Estado, expressa através de ações desenvolvidas pela CHESF, apresentou traços peculiares, definidores de uma nova postura em face dos problemas sociais e ambientais, relacionados com a construção da barragem. A voz da população se fez ouvir através do Pólo Sindical e uma equipe formada por cientistas sociais das mais diversas especialidades, experientes em estudos do Nordeste e ligados a instituições da região, desenvolveu pesquisas *in loco*. (Manuel Correia de Andrade, 2000; Ferraz, Araújo, 2000). Entre 1987 e 1989⁸², em resposta a termos de referência elaborados

⁷⁹ Os projetos do Sistema Itaparica foram classificados, tanto pela sua localização quanto pela natureza: Projetos Especiais (Caraíbas, Brígida e Pedra Branca); Projetos Borda do Lago (Icó-Mandantes, Barreiras, Rodelas e Glória) e Projetos Não Co-financiados (Manga de Baixo, Apolônio Salles e Jusante) (GEEPI – Grupo Executivo Especial do Projeto Itaparica. Relatório Mensal de Monitoria. Coordenação Eng. José Novaes Diniz Carvalho; elaboração eng. Luiz Antônio Miranda de Souza Duarte. Colaboração Eng. Natércio Melo. Petrolina, janeiro de 1996). O Governo Brasileiro, através da Eletrobrás/Chesf financiou os Perímetros Irrigados de Manga de Baixo, Apolônio Salles e Jusante, os demais projetos foram co-financiados pelo Governo Brasileiro e pelo Banco Mundial. (GEEPI – Grupo Executivo Especial do Projeto Itaparica. Relatório Mensal de Monitoria. Petrolina, novembro de 1997).

⁸⁰ Houve a possibilidade de outros pequenos projetos organizados por solicitação de pequenos grupos.

⁸¹ CHESF/FUNDAJ. Avaliação do Reassentamento da População Rural de Itaparica: primeiro relatório de estudos de caso. Coords. ARAÚJO, Maria Lia; AMORIM, Rosa Maria. Recife, 1989: 21, 22.

⁸² Em janeiro de 1994 a CHESF celebraria um contrato com a FUNDAJ, para prestar, nos dois anos seguintes, serviços de acompanhamento e avaliação sócio-econômica do reassentamento rural de Itaparica. Foram elaborados, também, estudos ambientais de acordo com termos de referência aprovados pelos órgãos licenciadores, abrangendo todo o empreendimento, seus impactos e medidas mitigadoras/compensatórias. Foram previstas atividades de observação das condições climáticas,

pela CHESF, essa equipe acompanhou o traslado da população e as frequentes negociações entre esta e os maiores atores sociais envolvidos: CHESF e Pólo Sindical. (Scott, 2009).

Entretanto não se pode desconsiderar que mesmo diante desse cenário tenha havido falhas de informação e compreensão a cerca dos procedimentos adotados naquela fase. A própria complexidade do processo por si já facilitava desvios de comunicação, mesmo que os critérios e procedimentos definidos a partir da CHESF estivessem sujeitos a redefinições com base em reivindicações que a população atingida apresentava através de seus representantes. Aliás, estas redefinições que acompanharam todo o processo, tanto em decorrência das negociações quanto do aprofundamento de estudos realizados - sobre a qualidade dos solos, por exemplo -, também tornavam difícil uma compreensão exata por parte das populações com relação às ações da CHESF.

O temor do que estava por vir, muitas vezes reforçado por informações contraditórias e boatos, deixava as pessoas em dúvida sobre a melhor opção a fazer⁸³; mesmo para aqueles que não tinham queixas quanto ao entendimento a cerca do que viria não poderia ser simples decidir sobre uma questão de tamanha importância, uma vez que a decisão a tomar culminava com o rompimento de todo um passado e determinaria o futuro:

“Não tinha costume de lidar com essas coisas e, na época, fiquei muito nervoso, pensando no futuro dos filhos, e não atinava pras coisas direito”. (pequeno proprietário/diarista/Borda do Lago – PE. In: CHESF/FUNDAJ. Avaliação do Reassentamento da População Rural de Itaparica: primeiro relatório de estudos de caso. 1989: 23.)).

“As vezes, a cabeça esquentava um pouco, porque o sindicato dizia umas coisas, os homens da CHESF diziam outras, o povo dizia outras, e a gente ficava tonto, sem entender nada direito”. (arrendatário – Projeto Caraíbas. In: idem)

“Foi uma fase muito ruim, porque a CHESF não dizia as coisas direito; a gente ficava confuso, desconfiado... A CHESF ficava cobrando que a gente se decidisse logo e, ao mesmo tempo não dava condições”. (meeiro/diarista/Projeto Caraíbas. In: idem).

controle de impactos geológicos e monitoria de pesca. (GEEPI – Grupo Executivo Especial do Projeto Itaparica. Relatório Mensal de Monitoria. Coordenação Eng. José Novaes Diniz Carvalho; elaboração eng. Luiz Antônio Miranda de Souza Duarte. Colaboração Eng. Natércio Melo. Petrolina, janeiro de 1996: 19). Word Bank Approaches to the Environment in Brazil: a review of selected projects. Volume IV: the middle and lower San Francisco Valley. April 30, 1992. (reporte n. 10039)

⁸³ CHESF/FUNDAJ. Avaliação do Reassentamento da População Rural de Itaparica: primeiro relatório de estudos de caso. Coords. ARAÚJO, Maria Lia; AMORIM, Rosa Maria. Recife, 1989.

Percebe-se que, na prática, os desvios de informação limitaram as escolhas de muitas pessoas. Alguns se consideraram prejudicados, porque a CHESF, buscando resolver o problema da retirada das pessoas da área de inundação, não colocou a disposição daqueles que seriam exilados a orientação e os esclarecimentos necessários para que fizessem a opção que acarretasse menos danos.

“Os mais velhos se aperreavam e terminavam indenizando tudo que tinham por qualquer dinheiro. Aí a CHESF aproveitava e indenizava logo, para se livrar do problema, ao invés de orientar as pessoas para não terem prejuízo”. (pequeno proprietário – Nova Petrolândia. In: idem).

“O que aconteceu foi que o pessoal da CHESF ficava apressando o povo para decidir logo o que fazer e a gente ficava desorientado, agoniado, e tomava logo a solução” (pequeno proprietário/diarista/Borda do Lago – PE. In: idem).

Em entrevista com Rita [moradora de nova Itacuruba] esse quadro se revelou em todas as cores:

Na cidade velha entre zona rural e urbana a população chegava a 18000, tem os dados, só no Fulgêncio [Projeto Caraíbas] são 10000 pessoas, a maioria de Itacuruba, sem contar os que foram para o Brígida. Veja como foi uma lógica muito bem aplicada: eles diziam que quem fosse da zona rural teria que ir para os projetos para poder receber a VMT, quem fosse da zona rural e optasse pela cede, pela cidade simplesmente só receberia uma casa inacabada, sem o recurso da VMT⁸⁴. Agora foi falta de maturidade e de orientação, se o Brígida

⁸⁴ O trabalhador rural que morasse na área rural era orientado a optar pelos projetos de irrigação nas agrovilas, nesse caso receberiam indenização de acordo com o que possuíam, lote irrigado, casa e a VMT (até o lote produzir). Caso optassem pela nova cidade receberiam apenas a indenização, o chão para construir a casa e material de construção. Já os trabalhadores rurais que moravam na cidade poderiam optar pelos projetos ou pela cidade; receberiam: indenização, casa, VMT e direito a projetos de agricultura ou piscigranjas. Em relação a moradia, aquelas famílias proprietárias que decidiram pela troca de suas casas por outras, construídas pela CHESF, são identificadas como famílias permutantes. O seu atendimento provinha de uma correlação entre o imóvel possuído e o que a CHESF oferecia em troca; além do modelo popular a CHESF decidiu pela construção de outros tipos de casas com metragens e acabamentos superiores as casas populares, objetivando atender aos permutantes que possuíam suas casas de um padrão melhor, incluindo atendimento, também, às famílias proprietárias de imóveis rurais que decidiram por residir na cidade. Para a negociação das permutas houve a participação de diferentes técnicos da CHESF, conforme a natureza da permuta. Assim foram três tipos de negociação: - permuta popular (281 casos) cujas negociações ficaram sob a responsabilidade do técnico social da área, sendo estas mais simples, observando-se apenas a tabela de correspondência; - permutas especiais, estas foram negociadas com um engenheiro e um arquiteto, por terem sua caracterização considerando também o seu valor econômico, tendo ocorrido 47 casos; - permutas especialíssimas, caracterizadas por extrapolarem a capacidade de negociação com os técnicos da área. Estas permutas foram efetuadas pela direção da CHESF, foram 05 casos. Residiam, também, em Itacuruba, 161 famílias identificadas como inquilinas, por não possuírem, na cidade, imóvel próprio.

era projeto, o Fulgêncio era projeto, Itacuruba sendo cidade não seria um projeto não? Não seria um projeto? No meu caso particular eu morava com meus avós, que o destino deles seria a cidade nova, e minha mãe iria para o Brígida, a assistente social sempre vinha em casa, disse que era para que eu decidisse que tinha que fechar o cadastro, mas ela poderia ter me orientado o seguinte: olha Rita você pode fazer um cadastro individual. Agora tendo em vista Brígida que lá o processo educacional, eu teria que me locomover até Cabrobó, ou Orocó, para estudar porque lá não tinha escola, na época, e aqui já tinha, eu fiquei aqui [nova Itacuruba] na casa da minha avó, perdi os direitos. (Rita Dante)

Mesmo considerando os problemas de informação, fica evidente que a razão mais forte pela opção nas agrovilas foi a garantia, a cada família, do direito a uma casa e a um lote irrigado. Essa promessa animou principalmente diaristas e meeiros, que não tinham terras. O futuro promissor, tão apregoado pelo discurso oficial acerca do exílio, vinculado às vantagens que a vida nas agrovilas proporcionaria: casas de alvenaria, infra-estrutura, lotes irrigados, assistência técnica etc⁸⁵, foi se incorporando ao imaginário das pessoas⁸⁶, convictas da irreversibilidade do processo de mudança, o que abrandou as resistências:

Estas famílias recebiam da CHESF o material básico para a construção; como a maioria era muito carente e sem recursos próprios para complementar suas obras, acabaram recebendo da CHESF o apoio também da mão de obra. Foram: 118 casos de inquilinos não proprietários (apoio de material e mão de obra); 25 casos de inquilinos proprietários de imóveis rurais (permuta); 18 casos de inquilinos casos especiais (casa padrão apoio). (Relatório elaborado por uma equipe multidisciplinar de Itacuruba: sociólogo, assistente social e técnico agrícola. Enviado a CHESF em 20 de Julho de 1988).

⁸⁵ Em um caso estudado (CHESF/FUNDAJ, 1989: 139), “o agricultor saiu de Itacuruba para uma agrovila (Projeto Brígida) a fim de garantir um lote de boa terra (as terras de Nova Itacuruba, segundo disse, não são de boa qualidade), espaço para o criatório e proximidade da família. Em outro caso analisado proprietário/arrendatário morava anteriormente na cidade de Itacuruba e foi para o Projeto Brígida por três motivos: as terras próximas à Nova Itacuruba não seriam boas; lá ele não teria onde pôr seu criatório e, além disso, ele não queria se afastar da parentela, toda relocada no Brígida. Achava, porém, que o futuro das três filhas ficara comprometido porque na agrovila não havia ensino de 1º grau maior nem de 2º grau, ao contrário do que ocorria na cidade. Além disso, segundo ele, numa agrovila não havia futuro para meninas, em termos profissionais, pois o único trabalho disponível era a agricultura’.

⁸⁶ além da opção pelo reassentamento, uma questão que se colocou para os agricultores atingidas pela construção da barragem foi a escolha do local onde seriam reassentados, ou seja, do projeto e da agrovila para onde se mudariam. No que diz respeito aos projetos, o que se verificou nas entrevistas realizadas foi que, de uma forma geral, as pessoas acompanhavam sua comunidade, que, por sua vez, seguia a indicação que a CHESF – consultando o Pólo Sindical – dava para os oriundos de cada localidade. (...) De uma forma geral, a predileção dos reassentados era por acompanhar a comunidade de origem, parentes e amigos, o que, na maioria das vezes ocorreu. Outros fatores que determinavam a preferência por este ou aquele local de reassentamento – preferência esta nem sempre atendida – foram a boa qualidade do solo, a proximidade da pista e a existência, nas cercanias, de áreas adequadas para soltar o criatório. (idem: 26, 27)

“O que mais me animou a tomar a decisão foi a promessa de ter um lote irrigado meu mesmo. Sempre sonhei trabalhar em terra própria, porque trabalhar pros outros não dá futuro”. (meeiro/Borda do Lago – PE).

”Logo achei que a promessa do lote era uma coisa boa; sempre tive desejo de ter uma terra minha”. (diarista/meeiro/Borda do Lago – PE).

“Disseram que o pessoal da Ilha tinha de vir para essa agrovila do Brígida. Eles mesmos marcaram. É bom porque é tudo vizinhança antiga”. (meeiro/arrendatário/diarista/Projeto Brígida).

“Estava sem saber se vinha pro Brígida, mas, pelo controle da assistente social, o povo de Surubabel tinha que ser prá cá”. (meeiro/arrendatário/diarista/Projeto Brígida)⁸⁷.

As pessoas com as quais eu convivera durante esses últimos meses tinham feito outra escolha, não decidiram seguir para as agrovilas, escolheram ficar na nova Itacuruba, mas entre aqueles com quem dialoguei Edivirgens Margarida Pereira Freire, 53 anos, que hoje mora na nova Itacuruba, contou que à época da mudança ela e o marido optaram pelo Projeto Brígida [os motivos de seu regresso serão discutidos posteriormente], sua fala coincide com as acima citadas:

Lá a vida era boa [velha cidade]; então pensei que lá no Brígida ia ser melhor, porque a terra ia ser minha, não ia dividir nada com ninguém.

Já Socorro Soares da Silva, 43 anos, que quando do exílio era trabalhadora rural, e hoje é cozinheira no hotel da cidade, optou por nova Itacuruba. Lembra que para sua mãe a decisão foi mais difícil porque não envolvia apenas o próprio futuro, mas dos filhos menores. Em suas lembranças traz a importância da vizinhança no instante da tomada da decisão:

O pessoal da CHESF andou lá pra cadastrar o povo, minha mãe estava com pouco tempo tinha ficado viúva, aí ela não queria ir para os outros projetos, só queria ir para o Brígida, o Brígida que ela queria era só o da agrovila III que era o do pessoal conhecido da gente. Desse povo mais longe tinha muita gente ruim, mãe tinha medo porque os filhos eram todos pequenos. Ela se aposentou e nesse tempo o salário era bem pouquinho; no Brígida só tinha vaga na IX e na X, e ela não queria ir; tem a agrovila 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, a 11 é mais longe, é o cantinho do cemitério. Ela tinha medo de ficar aqui [cidade nova] porque não sabia se ia dar roça, e tinha os meninos pequenos, aí o pessoal da CHESF mandou chamar ela; só que ela morava na zona rural, aí não tinha direito ao salário [VMT] aí eles disseram: como a

⁸⁷ Falas de exiláveis. (In: idem 26)

senhora é viúva e tem cinco filhos pequenos, porque nós somos sete irmãos, mas dois, casados, já estavam fora, a gente garante fazer uma casinha aqui na nova cidade, agora direito a salário não, porque quem morava na zona rural que queria vir para cidade nova não tinha direito a salário. Mãe como era viúva eles iam dar uma casa, mas ele não quis, porque pensava: meu Deus! meus filhos são pequenos, meu dinheiro pouquinho. Não sabia se aqui ia dar roça, e tinha medo de quando os meninos crescessem dá pra bandoleiro, ficar tudo malandra. Aí foram inventar [CHESF] de botar 40 famílias em Remanso, na Bahia; da cidade de Remanso para essa agrovila dá 24 Kms; aí meu cunhado foi olhar lá com meu irmão e se agradaram. Aí ela foi pra lá, lá ela tinha direito a salário. Minha mãe foi pra Remanso com a outra filha casada. Eu lá [cidade velha] tinha feito uma casinha de taipa na terra de Romero [patrão]; quem não tinha casa recebia o terreno pra fazer a sapata e a CHESF levantava. A gente não tinha condições, aí toda semana recebia uma carta da CHESF, dizendo que a gente tinha que vir medir o chão e fazer a sapata, senão perdia, o chão ia pra outro o chão. com a ajuda de Romero falando com a CHESF a gente conseguiu a casinha aqui. Eu não era filha natural de Itacuruba velha, mas sinto falta de lá, aqui tudo é comprado. (Socorro Soares da Silva – 43 anos)

Enquanto conversava com as pessoas sobre essa fase da vida na velha cidade, percebi mudança de tom. Quando se remetiam ao início as falas estavam impregnadas de perplexidade e a traição frequentava todos os discursos, depois, frente ao inevitável, o foco passou para a luta⁸⁸, agora, passada a época do cadastramento, os depoimentos trazem ansiedade, medo, dúvida, tristeza. Aquela população viveu um longo período de afirmação/construção coletiva da identidade de agricultores ribeirinhos atingidos pela barragem, as memórias mais caras foram acionadas durante esse processo; desde as primeiras profecias já haviam se passado quinze anos. Certamente aquelas comunidades não eram mais as mesmas, a palavra identidade estava no discurso de todos, aprenderam a força da memória, e como jogar com o que devia ser lembrado e esquecido em nome do bem do grupo. A história tem mostrado que exílio, identidade, memória e lugar parecem compor uma única substância, indissociável. Por mais que seja permitido ao exilado existir em lugares mais desenvolvidos, em que o respeito à cidadania seja regra, o desejo pela possibilidade de retorno ao antigo lugar parece ser sempre o fim perseguido. Assim, muitos dos considerados para-rurais, tendo a opção de escolha entre a nova cidade e os projetos irrigados resolveram pela

⁸⁸ O movimento maior da mobilização ocorreu na época do cadastramento, entre 1983 e 1984, quando havia uma presença muito forte do sindicato. (Oliveira; Medeiros. 1996: 35)

nova cidade; é bom lembrar que eles jamais usam o termo para-rural, se dizem trabalhadores rurais ou agricultores residentes ou que possuíam casa na cidade velha.

Quem era da zona rural era pra sair pra lá, para o Brígida, e recebia terra irrigada, casa e salário, mas muita gente não queria ir pra lá. Eu era da zona urbana, trabalhava na roça e tinha minha casa na cidade, aí era da zona urbana, para eles [CHESF] eu não era da zona rural. Quem era da zona rural, que queria vir pra cá e não quiseram ir pra lá [projetos] eles disseram logo: vocês vão pra lá sem direito a salário? sem direito a nada? Muitos disseram que queriam vir, aí foi quando se atrapalharam; porque nós da zona urbana tivemos direito, eles que eram da zona rural que era pra ir e não quiseram, preferiram vir, ficaram sem direito de nada. Eu acho que isso foi errado, porque se a pessoa era um agricultor, ele porque era da zona rural e se ele vivia e morava dentro da roça eu acho que esse agricultor era para ter o direito, porque ele é o agricultor legítimo, porque vivia dentro da roça. Nós tivemos direito porque trabalhávamos na roça mais morávamos na cidade, tínhamos casa na cidade, aí ainda recebemos essa micharia, e quem era da zona rural que não quis ir para os projetos e quis vir pra cá ficou sem direito a nada os coitados; conheço muitos nessa situação. (Elias Antônio da Silva – 69 anos)

No momento da escolha a nova cidade parecia, ao imaginário das pessoas, ser extensão da outra; compartilhavam o mesmo espírito. Talvez este sentimento tenha levado a que muitos trabalhadores rurais tenham decidido ir para a nova Itacuruba, mesmo sabendo que perderiam o direito a VMT e a projetos para agricultura. Não se pode negar, que o acesso a educação e saúde de melhor qualidade seriam pontos importantes a ser considerados⁸⁹, para que desejassem à cidade; mas, entre todos que entrevistei apenas um utilizou este argumento, e nesse caso havia como agravante, para a decisão, o fato de um dos filhos ser cadeirante:

Nós não fomos para o Brígida por causa dos filhos; tinha uma menina que ainda estava estudando que hoje tem bem umas cinco formaturas. Nós que éramos trabalhadores rurais e não quisemos ir para os projetos só tivemos direito a permuta da casa e ao caminhão para mudança, mais nada. Aí viemos pra cá só com a noite e o dia e os

⁸⁹ Credita-se, muitas vezes, ao acesso à educação a opção de muitos pela nova cidade. Mas, havia garantia de acesso à educação e saúde também nas agrovilas. Ou quando não fosse possível atender a demanda na própria agrovila o acesso a esses serviços seriam disponibilizados fora das agrovilas. Um trabalhador rural, que antes da mudança residia na velha Itacuruba, e fez opção pelo Projeto Brígida, reconhecia haver ônibus para transportar, diariamente, os estudantes até a cidade mais próxima, mas isso não resolvia o problema dele, pois, segundo disse, não ficaria tranquilo “soltando” a filha ‘num ambiente desconhecido (Cabrobó ou Orocó). Onde existe muita gente ruim”. Disse ainda “eu pensei muito antes de me mudar, e só me mudei porque era o jeito. Lá [cidade velha] eu sabia onde estava pisando, aqui [Projeto Brígida] eu nunca vou saber. Aqui eu vou viver sempre assustado”. (CHESF/FUNDAJ, 1989: 87)

milagres de Deus. Eram oito filhos, morreram dois, hoje são seis. Não fui para o Brígida pelos filhos, pelo estudo deles, que aqui [na nova cidade] era melhor. Nós tínhamos uma menina na cadeira de rodas, ia ficar difícil pra estudar no Projeto; como é que iam estudar lá? Resolvi ficar [ir para a nova cidade]. (Pedro Benício dos Santos – 69 anos)

A decisão dos trabalhadores rurais por ficar, que na realidade significava partir para nova cidade, parecia fugir a racionalidade, seria optar por perder todos os direitos pelos quais se lutara durante tantos anos. Talvez por isso os próprios representantes do Pólo tinham dificuldade em admitir essa decisão⁹⁰, lutavam por terras produtivas, mesmo que longe das de origem. Ademilson Nunes de Souza, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais já pelo terceiro mandato, fundador desse sindicato no período de 80 e 96, que à época da mudança foi para o Projeto Brígida, com quem conversei, defende que forças políticas interferiram na escolha dessas pessoas. Manoel Joaquim Freitas, 72 anos, optante pelo Brígida, que também integrava o sindicato, naquele tempo, concorda com o antigo companheiro, mas reconhece que, para além de questões políticas, uma força maior pode ter motivado aquelas pessoas:

As pessoas que tinham muito amor a cidade [velha Itacuruba] ficavam assim mesmo [sem nenhum direito], deixavam o resto de lado. Desde o começo a CHESF já avisou que as terras daqui não eram agricultáveis.

Reconheço, que enquanto escutava essas pessoas meu pensamento, predominantemente, domesticado, duvidava que, tal qual havia contado o Sr. Elias, muitos trabalhadores rurais tivessem feito essa escolha; mas, um entrevistado que fizera esta opção indicava outro, por vezes na mesma rua. Seus relatos demonstram subversão a uma ordem econômica programada; apostavam em estender os laços que os uniam, entre si e ao lugar, para a nova cidade, pouco importando se o preço fosse nada receber:

Minha esposa não queria ir para cidade nova. Mas, minhas irmãs, meus irmãos todos iam [para nova cidade]; pra onde é que eu ia pra longe? Aí eu disse: não Marieta vou fazer a casa lá [cidade nova]. Aí eu fiz essa aqui pra mim. Fui eu que fiz, não foi CHESF que deu não.

⁹⁰ Creditada, muitas vezes, à utilização que foi feita da desinformação como arma a serviço de interesses contrários ao reassentamento— firmas particulares e fazendeiros que procuravam evitar a evasão de mão-de-obra e políticos locais que temiam perder suas bases eleitorais teriam estimulado a difusão de informações confusas com a finalidade de desencorajar o deslocamento das populações para os projetos. (idem: 18)

Ai depois, quando fui receber o dinheiro da CHESF [indenização], ainda foi descontado o dinheiro da casa; foi descontado 10 mil e 800 reais do meu dinheiro. Eu fiz a casa do meu dinheiro e a Chesf comeu 10 mil e 800 reais. A CHESF é a pior ladrona, isso eu digo a verdade; vai cobrar o dinheiro da casa, a casa era do camarada? Tira de lá e depois vai cobrar a casa dos pobrezinhos aqui..., paguei dez mil e oitocentos nessa casa aqui, os documentos estão aí, quando foi indenizado lá tiraram do meu dinheiro. Mas, mesmo assim, achei melhor ficar. (Antônio de Almeida – 69 anos)

A gente morava na beira do Pajeú, tinha o terreno da gente; indenizaram o terreno lá, fizeram só um arranjinho lá e deixaram a gente sem nada. Uma mulher que andava lá falou se a gente queria ir para o Brígida. Eu tinha uma casa lá [cidade velha], aí eles me deram essa, pequena, trocaram a de lá por essa. Nós não recebemos mais nada até hoje, nós quisemos ficar aqui, não queríamos ir para os projetos, a gente disse que não queria. Eles [CHESF] disseram que se a gente não fosse para os projetos não tinha direito a nada; aí nós não ganhamos o salário [VMT]. Mas eu não queria ir para outro lugar, queria ficar aqui na região, perto de onde era a minha cidade velha, se fosse pra lá ia ficar longe; pra outro lugar eu não quis ir. Eu andei ainda uma vez no Brígida, mas não quis não, era melhor ficar por aqui mesmo sem receber o salário; não me arrependo nenhuma vez até hoje. (Gersom dos Santos – 77 anos)

Meu coração não pedia pra ir pra lá não [projetos], eu queria ficar aqui, não quis ir não pra longe não. Não me arrependo de não ter ido não, agora eu não queria era ter saído do meu lugar, eu tenho muita saudade de lá, ainda choro com saudade do meu lugar, ainda hoje tenho muita pena. Eu, no começo, achava que nunca ia acontecer de inundar, mas quando chegou eu quase que fico louca. Não queria nunca sair do meu lugar; no dia que foram me buscar chorei de lá até chegar aqui, ainda hoje choro, aqui [cidade nova] eu não me acostumo, não me sinto bem aqui como sentia lá, eu tinha muito amor ao meu lugar. (Josefa Gomes Santos – 76 anos)

Tem o pessoal que não quis ir para o Brígida, porque o pessoal daqui [velha cidade] é aquele pessoal de raiz; eles nasceram e se criaram nas suas propriedades e resolveram não sair, mesmo com a insistência da CHESF de fazer do Projeto Brígida sua nova moradia eles resolveram não ir. Mesmo sabendo que iam perder os direitos, e não receberam nada, e hoje vivem aí dependendo de uma aposentadoria, era gente que nasceu e se criou dentro da agricultura. (Djalma dos Santos – 43 anos)

Sou professor da língua portuguesa e também trabalho aqui [nova Itacuruba] na Secretaria de Educação, como agente administrativo. Quando saí da antiga cidade eu tinha um ano. Naquela época queriam obrigar meu pai a ir para o Brígida, mas ele não quis ir; aí disseram que se ele não fosse não ganharia VMT, ele morava na zona rural e resolveu permanecer na zona rural. Quando a água chegou, ele só afastou mais um pouco a casa. Ganhou uma casa na área urbana e não recebeu a VMT. (Adriano João – 21 anos)

Esses depoimentos mostram que embora todo o planejamento da CHESF indicasse que os trabalhadores rurais iriam para as agrovilas, tendo em vista todas as vantagens oferecidas [lote irrigado, casa, verba de manutenção], o homem é capaz de subverter, tal como refere Morin (2007), a organização mais autoritária ou totalitária. Os organizadores do Projeto explicavam aos rurais, que outra opção levaria à perda de todos os direitos, o que seria insensatez, loucura. Mas, a história vem revelando que o ser humano extrapola as fronteiras da racionalidade e da técnica, o *homo* se exprime numa relação dialógica: *sapiens-demens*, *faber-ludens*, *economicus-consumans*, *prosaicus-poeticus*, *functionalis-esteticus*:

“As crenças em deuses e nas idéias (...) têm raízes que mergulham nas profundezas humanas. Há relação manifesta ou subterrânea entre o psiquismo, a afetividade, a magia, o imaginário, o mito, a religião, o jogo, a despesa, a estética, a poesia, é o paradoxo da riqueza, da prodigalidade, da infelicidade, da felicidade do *homo sapiens-demens*.” (Morin, 2007: 141)

Esse *homo complexus* inventa a vida entre estradas sinalizadas e desvios tortuosos, assim foi que os trabalhadores rurais, optantes por nova Itacuruba, desviantes do processo desenvolvimentista, recusaram o fruto que os tiraria do paraíso, assumindo o risco de serem protagonistas da própria história.

2.3 - Segunda traição: o plebiscito que não se cumpriu.

Acredito que hoje poucos duvidariam de que toda cultura é constituída de modos narrativos. A tragédia grega, as histórias hebraicas, as epopéias germânicas, representam diversos modos de narrar. As narrativas orais são documentos vivos, refletem: costumes, ideias, decisões e julgamentos. Talvez seja o primeiro leite intelectual. Os primeiros heróis, as primeiras cismas, os primeiros sonhos, os movimentos de solidariedade, amor, ódio, vêm com as histórias (Câmara Cascudo, 1999).

Mas, elas não têm que ser necessariamente fabulosas. Um ouvinte atento vai encontrar nos espaços em que circula grandes catedrais narrativas. De acordo com Schechner (1988) a prática narrativa é permeada por uma espécie de jogo, atuaria como uma estratégia subversiva; os narradores, tecendo suas narrativas com os fios das próprias memórias e com as que circulam de um para outro num movimento contínuo, fariam emergir num ritmo solto, em intensa harmonia,

“como o falar geral das conversas em redor do fogo”⁹¹, aquilo que a história oficial mantém submerso, elas dão a ver as forças que agem nas sombras; apontam as descontinuidades em caminhos aparentemente contínuos.

Assim, foi por meio das narrativas dos moradores da antiga cidade que fiquei sabendo da existência de um plebiscito para a escolha do local em que seria erguida a nova Itacuruba, não havia tido acesso a esta informação em nenhuma fonte consultada: livros, relatórios, jornais. A população era redundante, sejam idosos, adultos ou jovens, todos contam, em detalhes, a mesma história; repetiam sempre e com tanta ênfase que ficava evidente a importância desse acontecimento para as suas vidas, ele diria respeito ao passado e presente do grupo, sinalizando suas perspectivas de futuro:

Eles [CHESF] fizeram uma votação para escolher onde ia ficar a cidade [nova Itacuruba]. A ideia menos mau era ficar na beira do lago, ali no Coité, porque ficava vendo o rio; como a outra cidade [Rodelas]. Ficava até curioso pra mente da gente, os olhos nas águas, os olhos sob o vento, sob sol quente, ele se anima, se entristece, ele faz tudo; o que os olhos vêem a mente imagina. Então seria importante o pessoal vendo o lago, a água, o som da maretá, se quisesse tomar um banho ia, você ia poder plantar alguma coisa. A ideia não era vir pra cá, pra esse meio que chama Cipó, a ideia era pra beira do rio, ou BR, mas isso foi política, aqui foi erro, seria melhor beira do rio ou pista. (Regivaldo de Souza – 42 anos)

O velho prefeito Ialter, que já morreu, botou a gente pra cá; o terreno aqui era dele, botou a gente pra cá. Mané Freire queria lá pro posto, a cidade era pra ser lá, teve votação pra decidir pra onde a cidade ia, pra lá ganhou [posto, próximo a BR], mas quem estava no poder, o prefeito Ialter Rocha Cantarelli, trouxe pra cá. (Antônio de Almeida – 69 anos)

Acho que Itacuruba teria que ir ou para BR, como realmente houve um plebiscito para saber se Itacuruba ia para BR ou para a margem do lago; pra BR foi aprovado pela maioria em primeiro lugar, em segundo lugar na margem do lago, ficaria de frente à Rodelas, num lugar bom, teria uma área de lazer, uma boa orla, uma coisa que você não vê aqui em Itacuruba. Itacuruba está aqui por força política, o terreno não era meu nem seu, era de pessoa do poder, mesmo porque tem o plebiscito, o povo vota pra ser perto da pista, e não tem o direito de botar a cidade onde o povo quis? Aqui era terreno dos políticos, e todo mundo sabe. Tenho vergonha de dizer que já fui vereador na velha cidade, fui vice-prefeito aqui; sempre fui homem de oposição, quando penso que estou na oposição vira e mexe já estou na situação, virou uma bagunça. (Jôao Gaudêncio Freire – 70 anos)

Teve uma votação, acho que em 1985, pra saber onde a cidade ia, veio votar até o povo que estava fora, em Belém, aqui [lugar em que foi erguida a cidade nova] era a fazenda Porcos. Tinha três opções: aqui, na beira do rio no Coité, e a BR, ganhou na BR, mas as pessoas influentes nas coisas desviaram, as coisas funcionam assim. (Carlos José de Souza – 48 anos)

⁹¹ LIMA, Francisco Assis de Sousa, 1985: p.57

Passou um documento para a escolha se realmente seria aqui Itacuruba ou se seria na saída no Cafundó, mas segundo informações, na época, das pessoas que tinham mais autoridade dizem que a escolha foi aqui, no entanto a população não optou que fosse aqui optou que fosse no Cafundó (Rita Dante)

Aqui não ficou melhor por causa da localização, não era pra ser aqui, aqui é muito escondido, acho que se fosse ali, perto da entrada seria melhor, tem cidades menores assim Cabrobó, Orocó, são mais desenvolvidas que aqui, vou dar uma olhadinha, vou tomar um refrigerante, vou almoçar, ficam perto da estrada, aí traz mais desenvolvimento pra cidade (Alexandra de Souza Nascimento – 23 anos)

Itacuruba não era para ser aqui; houve uma eleição e as pessoas decidiram que era pra ser no trevo, mas entra a questão política aí... (Manoel Joaquim Freitas – 72 anos)

Estas narrativas colocavam cartas na mesa; a população havia sido convidada a participar de um jogo, acreditava poder interferir em seu resultado, mas as cartas pareciam marcadas. Quando contam o acontecimento, mesmo sem que sejam indagados sobre ele, fazem questão de que seja lembrado como a segunda grande traição. É um dos eventos passados, considerados exemplares, pois, contem lições fundamentais de uma experiência coletiva. Essas lições são articuladas com o presente vivido; essa conexão entre passado e presente ajuda o grupo a compreender-se e se fazer entender. Nesse sentido, essas narrativas representam um importante papel na manifestação do imaginário da comunidade⁹².

Os mais velhos, que participaram da votação para escolha do destino da cidade, falam com indignação sobre esse episódio. É possível perceber em seus depoimentos um duplo exílio: o primeiro advindo de forças vindas de fora, que determinava a saída do lugar de origem; o segundo parte de dentro, de pessoas do grupo, cuja força, contradizendo o desejo da maioria, determinava o novo espaço em que a comunidade viveria. Fazem, então, questão de lembrar e de contar aos mais jovens sobre como lhes foi negado o direito de decidir sobre o próprio destino, instigam a juventude a ficar alerta tanto aos males que chegam por vias desconhecidas, como aos que estão entre eles próprios. Já os jovens quando narram esse fato não o fazem com o ranço da traição, trazem toda uma cidade imaginada que embora não tenha sido concretizada poderia ter existido mudando o curso de suas vidas; um lugar movimentado

⁹² Perguntei sobre o plebiscito a um político da nova Itacuruba, que fizera parte do cenário político que estava no poder à época da votação; ele admitiu a existência da consulta pública, mas referiu que houve manipulação por parte da oposição, então a decisão passou a ser da câmara de vereadores, que decidiu pelo local em que a cidade foi construída. Segundo esse interlocutor, o posto de combustíveis abandonado, localizado próximo à BR, teria sido erguido por um adversário político do então governo municipal, acreditando que aquele seria o local escolhido para a nova cidade; o proprietário do posto, de acordo com este interlocutor, teria induzido a população e escolher este local.

pleno de possibilidades, do qual o posto de combustíveis abandonado, na beira da pista, continua sendo a pedra fundamental.

2.4 - Tempo de vertigem: o ápice dos acontecimentos

O tempo da velha Itacuruba estava chegando ao fim. O movimento sindical defendia a proposta de saída só com os espaços de destino já prontos para morar e produzir, mas de acordo com os depoimentos dos moradores da velha Itacuruba a CHESF tinha pressa em resolver o seu problema, da retirada da população das áreas que seriam inundadas, o mais brevemente possível; recordam da pressão para que decidissem logo com respeito a mudança:

Ela [técnica da CHESF] dizia não fique não que aqui vai ficar embaixo d'água; vai se inundar e depois é ruim pra vocês que vão morrer afogados. (José Eliseu Menezes – 76 ano)

Porque a gente estava apegado a nossa casinha, ao nosso lugar, por sinal nós fomos as últimas pessoas a sair daquela região, nós saímos assim posso mesmo dizer empurrados pelas águas, era as águas invadindo e o pessoal responsável pela CHESF era pressionando. Meu sogro era um velho decente, e ele dizia que o que estava acontecendo com muita pessoas era que a CHESF dava o apoio para tirar, depois que tirava as famílias não dava mais aquele apoio para tirar os bens, encanação, motor...aí muita gente perdia; aí eles se amarraram, meu esposo e meu sogro se amarraram – a gente só sai daqui com os carros pra tirar todos os nossos pertences, e a água foi tomando conta e nós continuávamos lá, eles cortaram a energia eu acho que era bem uns 15 dias antes, que era para o pessoal desabitar, eu lembro que era uma agonia. (Maria da Conceição Maniçoba Guimarães – 55 anos)

O homem mais rico da cidade se chamava finado Zé Padre, filho do dono da primeira casa de Itacuruba, Manoel Padre, ele morreu pelo choque que ele sentiu quando disseram sua propriedade é tanto, ele sentiu aquele impacto, dali não foi mais homem. (Regivaldo de Souza – 42 anos)

Zé Rufino tinha muita propriedade na margem do São Francisco, eu fui na casa dele levando um povo da CHESF, a mulher tirou uns documentos e foi dizendo as propriedades e os valores ele botou a mão na cabeça e disse: dona só esse valor dos meus terrenos?, ela disse: - é seu Zé, ele disse: eu não acredito numa coisa dessa não; ela disse:- eu vou chegar até o último que eu posso chegar, por minha conta, a partir desse valor se o senhor não aceitar vai ter que ir até Recife; ele puxou, puxou, mas era tão pouco que ele se obrigou a ir até Recife, ele veio a falecer, segundo informações, de desgosto. (Carlos José de Souza – 48 anos)

“Diziam [os negociadores da CHESF] que se não aceitassem o oferecido, perdia tudo: ‘A água vai cobrir e você não vai receber nada’ Quem tinha paciência pouca, chamava de ladrão mesmo”. (pequeno proprietário/diarista/Projeto Caraíbas. In: CHESF/FUNDAJ. Recife, 1989: 24).

Diante desse contexto, aos poucos, desde fins de 1987, foi sendo feita a mudança e, em fevereiro de 1988 foram fechadas as comportas da barragem de Itaparica⁹³. Iniciava-se o enchimento do lago; era chegada a hora da partida definitiva para o exílio. Vivia-se o ápice de uma cadeia de acontecimentos que teve início com as primeiras profecias sobre a inundação. Entendemos, na esteira das ideias de Morin, que o acontecimento é inesperado, imprevisto, novo; provoca: quedas, acelerações, mudanças de rumo da torrente histórica; os eventos modificadores resultam de encontros ou interações entre diferentes princípios de ordem.

Os depoimentos das pessoas, da velha Itacuruba, sobre os quais me debrucei, até aqui, vêm contando sobre as transformações em suas vidas, enquanto indivíduos e grupo, desde a chegada da CHESF com seu sistema de ordem. Falam de um formato de vida anterior, construída por gerações, sendo desviada; mas, se o impacto do primeiro acontecimento, ao longo dos quinze anos que se seguiram, teve sua dimensão atenuada pelo enfrentamento, pela luta por reconhecimento, esse que agora seria teoricamente apenas seu desfecho, a formação do grande lago, revestia-se de tamanha significância imaginária que ficaria marcado em suas mentes, como o grande acontecimento, impossível de ser reduzido a partir de qualquer propriedade objetiva:

Fomos dos últimos a sair, já não tinha mais energia, não tinha mais água, a gente pegava água do Rio, não tinha luz, de noite era na vela, mas eu ainda não acreditava como a água ia cobrir tudo, vai cobrir tudo como minha gente? quando a gente saiu de lá a água já estava subindo na baixa, e a casa daqui ainda não estava pronta, tinha subido, não tinha torneira, lavanderia, muro atrás, depois que a gente veio a CHESF terminou, com a gente lá dentro. (Socorro Soares da Silva – 43 anos)

No dia que eu saí da minha casa eu me ajoelhei e disse – oh meu Jesus será que eu vou para aquela cidade e vai ser tão boa quanto essa, e chorei tanto, a CHESF mandou um caminhão pra trazer as coisas, mandou as caixas pra gente botar as coisas da gente tudo dentro, o coração ficou triste, chorando. (Zumira Pereira Rezende)

Quando começou a encher mesmo, as águas subindo, teve pessoas que saíram praticamente já quase dentro d’água, teve pessoas que ficaram até a casa está cercada pela água, porque não acreditavam, só

⁹³ Relatório Rice, 1992.

acreditaram quando a casa ficou ilhada.(Regivaldo de Souza – 42 anos)

“A maior dor que senti foi quando fui obrigada a sair de casa e reparei, à minha volta, ainda dentro dela, e vi cobras se abrigando na sala e nos quartos fugindo da água que se avolumava e já encobria toda a praça e parte da igreja da antiga Itacuruba. Só lembro que corri feito doida e fui ver o Rio, chegando lá não o via mais; ele já não corria mais e eu gritava: o Rio está morrendo, o Rio está morrendo.... depois disso não senti mais as pernas e o mundo escureceu.” (professora Glaucia Cantarelli. In: Rio São Francisco: o Rio da integração)⁹⁴



Seria possível traduzir este acontecimento? Como uma catástrofe programada e executada que interrompe a um só tempo o ritmo de vida do grande rio e das populações à sua margem, que seguiam o mesmo curso há tempo suficiente para acreditar que seria eterno: um rio forte, generoso, de águas duras é, aparentemente, amansado, torna-se lago que cobre as terras férteis; ao povo que vivia tranquilo resta unicamente o exílio. Como sublinha Sahlins (1990: 326) há, praticamente, um consenso entre diversas disciplinas de que o evento é uma diferença; algo que se destaca contra uma função de uniformidade e faz diferença. E o resultado é um destino mudado.

⁹⁴ Figueiredo, Rogério. Rio São Francisco: O Rio da Integração [on line] <http://pe360graus.com.br> Nordeste Rural / Aqüicultura 14/03/2005.

⁹⁵ Casas destruídas para apressar a retirada da população; fotos do acervo de moradores da antiga cidade.

Com o enchimento do lago as pessoas partiram para o exílio no meio da caatinga **“de onde eles mesmos ou seus pais tinham fugido em busca das terras mais férteis na beira do rio. (...) As pessoas foram simbolicamente retornadas às suas origens históricas, em locais ecologicamente inóspitos e desconhecidos.”** (Scott, 2009: 35). Em conversa com Sr. Jerônimo, trabalhador rural da velha cidade, ele refere:

Meu pai era de lá, das caatingas, eu sou da beira do rio. (José Jerônimo da Silva – 63 anos)

Nesse momento de mudanças drásticas, um dos efeitos mais perversos, gritante nos depoimentos dos que seguiam para o exílio, foi a desagregação das famílias. Até o momento da saída todos estavam juntos; tinham construído aquele lugar, e se constituíram nele, agora diante das águas que chegavam seguiriam caminhos diferentes:

Com as minhas irmãs eu toda vida fui bem unido, com meus pais também. Aí quando foi pra vir pra cá minhas irmãs foram morar em Botirama e disseram: Elias, e mãe o que é que a gente faz? eu disse: bom minha mãe vai escolher, se ela quiser ir com vocês eu não digo nada, se ela quiser ficar comigo eu fico. Ela quis ficar comigo que era o único filho homem, eu cuidei dela, penteava o cabelo dela, fazia tudo, até que ela morreu com 94 anos. (Elias Antônio da Silva – 69 anos)

Lá [Itacuruba velha] morava a família todinha num lugar só. Com a barragem todo mundo se separou; uns foram pra Remanso, outros pra outros cantos. (Antônia Maria dos Santos – 60 anos)

Nós, enquanto jovens, na mudança, não tivemos uma participação atuante; não sei se no contexto permitia até isso. Fomos desvinculados, perdemos os vínculos, nas famílias algumas pessoas ficaram aqui [cidade nova], outros tiveram que ir para os projetos. Alguns foram praticamente coagidos, porque não tiveram alternativa; quem vive da terra gosta de estar sempre na terra e aqui não daria tanta oportunidade pra isso como nos projetos Brígida, Projeto Caraíbas, que hoje é o Projeto Fulgêncio. Aconteceu a divisão das famílias; antes, o natal, Ave-Maria! Agora, como é que eu vou proporcionar o natal se minha mãe mora em outra cidade, devido à Barragem de Itaparica, a gente mora aqui, outro irmão mora não sei pra onde, esse vínculo familiar ele se quebrou muito. Na cidade velha, entre zona rural e urbana, a população chegava a 18000, tem os dados, só no Fulgêncio são 10000 pessoas, a maioria de Itacuruba, sem contar os que foram para o Brígida, enquanto aqui temos em torno de 4100 habitantes, muitas das famílias que estão lá eram daqui de Itacuruba, ribeirinhas, moravam nas ilhas. (Rita Dante)

Foi uma debandada de gente da velha cidade, foi gente pra todo canto, pra poder receber o salário da CHESF, foi para os projetos né. (Antônio de Almeida – 69 anos)

Eu tenho muita família que foi morar no Projeto Brígida, muita família que morava lá no lugar que chamava Saco, na velha cidade, lá pra baixo, um município da velha Itacuruba. Minha família foi mais para o Projeto Brígida, tenho tio, tudo lá; eu fiz minha opção por aqui, ia para o mato nada, mas se quisesse teria ido. (Maria Aparecida Souza Freire – 46 anos)

Na vinda de lá prá cá nós perdemos familiares, que com certeza se a gente estivesse lá não tinha perdido. (Constância de Menezes Silva – 35 anos)

Diante desses depoimentos, a imagem da árvore, como tratada por Michel Serres (2008), me pareceu a metáfora mais próxima daquela realidade; de um caule surgem ramos novos, descontinuidade fratura em um caminho anteriormente contínuo, saídas inesperadas, diferentes do projeto original. No encontro de tronco e ramos a história se bifurca; os moradores da velha Itacuruba, tal qual ramos frágeis se viram afastados do equilíbrio do caule de uma vida compartilhada no velho lugar: o ramo frágil trará vida? Lançado a amplidão do desconhecido secará, na distância da seiva mãe? A raiz, sustentáculo da velha árvore, apodrecerá submersa? Resistirá sob a terra molhada, seguindo novas direções? Não havia como retornar às entranhas seguras do tronco; o exílio estava determinado⁹⁶. Assim, em seis de março de 1988 a população partiu da velha cidade levando em procissão a imagem da padroeira Nossa Senhora do Ó⁹⁷:



⁹⁶ “O processo de transferência das famílias residentes na sede municipal de Itacuruba, estava previsto para ter início na segunda quinzena de 1987, finalizando em janeiro de 1988. No entanto o prazo final foi elastecido até o dia 23/03/88, devido a várias dificuldades apresentadas na experiência da equipe técnica junto a população. Paralelamente a isto, fisicamente a cidade apresentava limitações diversas.” (Relatório elaborado por uma equipe multidisciplinar de Itacuruba: sociólogo, assistente social e técnico agrícola. Enviado a CHESF em 20 de Julho de 1988).

⁹⁷ Fotos do acervo de moradores da velha cidade.

ainda me lembro que foi no dia 6, quando trouxeram Nossa Senhora do Ó pra cá [cidade nova], era gente, tudo de pé: de Recife, de Floresta, de Belém; era carro só com os motoristas dentro, o pessoal ia todo de pé, e era longe, não sei quantas léguas daqui pra lá, quando trouxeram Nossa Senhora do Ó pra cá, era todo mundo emocionado; avião era por cima, e todo mundo de pés, eu vim de carro com meu neto. (Zumira Pereira Rezende – 96 anos)

Eu mesma quando vim pra cá as águas já estavam começando a entrar em Itacuruba, porque ela era uma cidade baixa. Na vinda de lá pra cá a gente trouxe Nossa Senhora do Ó, que é nossa padroeira; os homens com Ela nos braços e a gente rezando atrás, - Nossa Senhora do Ó teus filhos aqui estão, unidos em procissão até Sua nova morada. Eu vim trazer meus trecos, como hoje a tarde, joguei dentro da casa, que não era essa, depois que eu construí essa minha, deixei tudo do jeito que trouxe, voltei pra Itacuruba [velha] de manhãzinha pra buscar Nossa Senhora do Ó, pra nós irmos em procissão, foi muito lindo. (Maria Edília Custódio da Conceição – 62 anos)

Agora, ao término da procissão chegarei a Itacuruba atual, e serão as suas narrativas que a partir de agora se farão ouvir; mas, ainda acompanhando a procissão, a sensação é de que a árvore de Serres foi tombada e andando sobre seu tronco as pessoas partiam juntas, mas iam se dividindo pelos vários galhos que se estendiam incertos: Projeto Brígida, Projeto Caraíbas, Inajá ⁹⁸ apenas alguns seguiriam até nova Itacuruba, seriam estes os meus companheiros pelos próximos meses⁹⁹.

⁹⁸ Para acompanhar os que seguiram para as agrovilas, nos projetos de irrigação ver, entre outros: Scott, 2009; Araújo; Caldas Neto; Lima, (Org.), 2000. Ver, também, anexo IV.

⁹⁹ Embora fosse do conhecimento da população a insuficiência de terras agricultáveis na nova cidade, das famílias, consideradas urbanas, apenas 65 optaram pelos projetos especiais: 62 escolheram o Projeto Brígida, 03 o Caraíbas. Foi peculiar à Itacuruba a relocação de famílias em pequenos grupos; essas famílias identificavam terras férteis em localidades mais distantes que eram adquiridas pela CHESF e repassadas para as famílias com beneficiamento de infra-estrutura básica [água, luz e área agrícola preparada para o plantio], enquanto aguardavam as benfeitorias recebiam a VMT. Essa alternativa não obteve muito sucesso, apenas dois grupos fizeram essa opção; o grupo de Jeremoabo, formado por 12 famílias, o grupo de Inajá formado por 09 famílias Tuxá [escolha assessorada pela FUNAI], apenas uma família Tuxá se engajou ao grupo de Ibotirama. (Relatório elaborado por uma equipe multidisciplinar de Itacuruba: sociólogo, assistente social e técnico agrícola. Enviado a CHESF em 20 de Julho de 1988). O Projeto Caraíbas era composto por 47 agrovilas, o Brígida por 10 agrovilas (Reassentados de Itaparica. 1995: 32).

Em Itacuruba a população diretamente atingida pela Barragem de Itaparica foi: população urbana 2.635 pessoas, população rural 2.875 pessoas, total 5.510 pessoas. (dados publicados pela Gazeta mercantil, 25/08/1998: p. A). Esse número excede em 1.100 pessoas a população do censo IBGE 1980 de 4.410 habitantes: 1.652/urbana, 2.758/rural.



100

O relatório Rice informa que aproximadamente 10.400 famílias foram deslocadas pela Barragem de Itaparica, o que significa um aumento no número estimado de 8.000 famílias.

Segundo informe de moradores da antiga cidade, muitos familiares, que na época do cadastramento pela CHESF estavam morando em outras localidades, retornaram para a velha Itacuruba, buscando não perder possíveis direitos.

Foram utilizados artifícios para obter indenizações. “Um diarista, que era solteiro e morava com os pais, construiu, no quintal, um barraco de apenas um cômodo, para que a CHESF lhe desse algo em troca. Segundo informou, a assistente social lhe disse que ele poderia até receber uma casa e um lote à parte por conta desse barraco, onde, de fato, não morava. Mas ele preferiu pegar uma pequena indenização e continuar com os pais. Outros teriam usado do mesmo artifício.” (CHESF/FUNDAJ. Avaliação do Reassentamento da População Rural de Itaparica: primeiro relatório de estudos de caso. Coords. ARAÚJO, Maria Lia; AMORIM, Rosa Maria. Recife, 1989:32).

¹⁰⁰ Barragem de Itaparica; fotos Socorro Figueiredo.

Capítulo III

Nova Itacuruba: identidade em tempo de luto

3 - Nova Itacuruba: identidade em tempo de luto

Minha cidade se transformou em ruínas, mas, ao contrário dos restos eternos e sólidos das civilizações antigas (...) desapareceu sem deixar sinal da sua existência. (...) - Recomeçar? Como é que se recomeça quando não se pode olhar para trás? O que acontece quando um homem olha por cima do ombro para ver de onde veio, para saber quem ele é, e o que ver é um cartaz que diz: “Entrada Proibida”? (Conroy, Pat. 2008: 625, 618)



Localização de Itacuruba em Pernambuco



maps.google.com.br



101

A imagem de Nossa Senhora do Ó foi recebida na igreja, recém construída, sob forte emoção, quando foi celebrada a primeira missa da nova Itacuruba, ainda no dia seis de março de 1988. A partir daí, já sem energia, água e sem a padroeira, a velha cidade vivia seus últimos dias¹⁰².

¹⁰¹ Foto In: BEZERRA, Tercina Maria Lustosa Barros. Recife, 2006.

¹⁰² As famílias, que chegavam a nova Itacuruba, se deparavam com diversas dificuldades; falta de imóveis de permuta concluídos, muitos imóveis com problemas de construção e instalação básicas, atraso nas obras das casas dos inquilinos e auto construtores, falta de transporte suficiente, etc. Só após três meses, aproximadamente, as ruas começaram a receber calçamento, o comércio e as escolas passaram a funcionar, os trabalhadores da construção começaram a sair e os agricultores passaram a receber a VMT, aguardando receber a nova terra para retomar as atividades no campo. (Relatório

Todos que participaram dessa travessia ainda trazem a flor da pele, muito da emoção daquele momento. Contam de uma sensação nova: ser forçado a deixar o lugar de vida, a gerações, e se deparar com um novo espaço, virgem de marcas de memórias¹⁰³. Segundo Balandier (1997), cidades assim construídas são produto de um imaginário ordenador absoluto, mas frequentemente mal dirigidos; utopias que se tentam realizar produzindo **“um espetáculo de ordem”**. Nessas condições gera-se um desencantamento, o social empobrece, uma vez que as memórias coletivas e identidades requerem uma materialidade, relações que o homem/grupo estabeleceu com o lugar, valores e fazeres cotidianos, onde o passado trouxe suas inscrições.

“Aqui já morreu muita gente de constrangimento da natureza. Só de imaginar deixar tudo, ver a água cobrir uma vida inteira...Só de matutar, morre! A retirada mata, sabia?”¹⁰⁴

Foi um processo muito negativo, imagine só perder uma cidade, eu falo assim eu sou da velha cidade, fui mudada aqui para a nova. (Rita Dante)

Difícil imaginar a atmosfera que envolveu a primeira missa no exílio. Talvez fosse apropriado falar em vertigem, como tratada pelo filósofo alemão Peter Sloterdijk (1992). Para ele, a modernidade desencadeou uma dinâmica de eliminação do evidente. Em virtude do seu sucesso tudo que pretende ser evidente não se entende mais por si só. Assim, diante da urgência por maior produção de energia, houve a mobilização do mundo que a velha Itacuruba conhecia até o ponto em que tudo pareceu estranho. Acredito que a sensação, naquele momento, poder ia ser traduzida pela vertigem total.

elaborado por uma equipe multidisciplinar de Itacuruba: sociólogo, assistente social e técnico agrícola. Enviado a CHESF em 20 de Julho de 1988).

¹⁰³ A nova cidade tinha, em 1988: 53 ruas, 09 praças, 632 lotes residenciais, 62 lotes comerciais, 22 lotes comunitários, 02 escolas (Idem).

¹⁰⁴ Entrevistado no exílio em Barra do Tarrachil afirma ter perdido muito nesse processo de mudança; (CHESF/FUNDAJ. Avaliação do Reassentamento da População Rural de Itaparica: piscigranja: uma opção de reassentamento. AMARAL, Ana Elizabeth P. do; GUIMARÃES, Sueli M. P.. Recife, Nov 1994:12)



105

Quando falam sobre o início da vida, no local de exílio, as pessoas lembram que, embora as pedras da velha cidade tivessem sido aproveitadas no calçamento da atual, nada parecia possível de ser reconhecido como próprio:

Aqui, de início tudo era diferente. O encanto, logo no começo, enganava, foi bom: as casas bonitas, pintadas; só que até hoje nós sofremos com encanação mal feita, alicerce mal feito, feito de barro, se não me engano, e o sal vai comer e aí pode acabar vindo a baixo. (Rita Dante)

Quando nós chegamos aqui era uma casa estranha, e meu menino, que hoje tem vinte três anos, quando chegou aqui olhava embaixo da cama, embaixo do armário, com medo; eu dizia: – menino não tem bicho não, e pensava como é que ele ia se acostumar com a casa, mas terminou se acostumando. (Maria Aparecida Souza Freire – 46 anos)

Arrancados, violentamente, de suas vidas, mesmo os que reconheciam haver *melhorado as condições* na nova cidade, não mostravam entusiasmo, apenas admitiam o fato de poder contar com serviços públicos mais eficientes. Mas, quase sempre complementam suas falas com sombras de saudades; paira no ar, entre palavras e silêncios a certeza de que **“algo se perde nesse esforço de acomodação, algo de profundamente humano [e não humano]”¹⁰⁶. E é esse [todo] humano quebrado que precisa ser refeito. Novos laços precisam ser criados**” (Reassentados de Itaparica. 1995: 24):

Lá a gente não tinha terra e aqui conseguimos, sinto falta de um lado mas do outro foi bom, tem a casinha da gente que lá nós não tínhamos, lá não tinha nem a casinha nem terra, mas sinto saudade de lá, era melhor que continuasse

¹⁰⁵ Fotos do acervo de moradores da velha cidade.

¹⁰⁶ Um entrevistado, referindo-se a morte de seus animais diz que em sua antiga propriedade, a terra destinada ao criatório era coberta de algaroba; hoje ele acha que os animais não se adaptaram à nova realidade, daí a perda em massa. (CHESF/FUNDAJ. Avaliação do Reassentamento da População Rural de Itaparica: piscigranja: uma opção de reassentamento. AMARAL, Ana Elizabeth P. do; GUIMARÃES, Sueli M. P.. Recife, Nov 1994)

lá, porque lá não existia o que a gente vê aqui, tanto jovem parado só nas praças, muitos se dedicando a cachaça a outras coisas. (Lúcia Pereira dos Santos – 49 anos)

Aqui, para os jovens a situação é muito difícil, eles querem trabalhar e não tem onde; para os velhos também, muitos não se acostumaram com a mudança. Agora aqueles que pensaram: bom a vida continua, vamos batalhar e vamos trabalhar, como meu esposo mesmo, conseguiu alguma coisa. Para mim eu não tenho que falar, eu gosto de Itacuruba, pra mim foi bom; mas espero que eles [jovens] também consigam realizar seus sonhos. (Maria da Conceição Maniçoba Guimarães – 55 anos)

Aqui pra mim está melhor, pra mim, para outros não, porque aqui todo mês você tem seu dinheirinho, lá tinha hora que a safra perdia, você plantava uma roça de cebola ou do que fosse, e se não desse? Aqui trabalho no CRAS, preencho cadastro de bolsa família, agora uma prefeitura desse tamanho não pode colocar todo mundo pra trabalhar. Mas foi difícil, tem pessoas, mãe mesmo, que são revoltadas de está aqui, tem quem morreu revoltada de estar aqui. tem muita gente que é revoltada, agora eu mesma gosto daqui; eu vou pra Serra, pra Petrolina, mas fico doida pra voltar, eu amo a minha cidade, eu gosto mesmo, minha cidade é toda limpinha. Mas mãe é isolada. (Maria Aparecida Souza Freire – 46 anos)

Lá [cidade velha] era tudo bom. daqui eu gosto coisinha pouca, porque eu já estou velha não posso mais carregar água, e lá nós carregávamos água no pote, e aqui se paga mas não carrega, é dentro de casa, minha perna é doente se fosse lá não dava pra carregar. (Zumira Pereira Rezende – 96 anos)

Na velha eu não tinha terra, era só arrendando, era só trabalhando e pagando, meu esposo diz que aqui eu estou achando melhor do que lá; lá era só arrendando, aqui achei quem me desse terreno pra eu trabalhar, e ninguém tem direito de tomar. Mas, para os jovens aqui [cidade nova] falta trabalho, muitos vão para bebida; perdi um menino meu em um acidente de moto, ele e um amigo, que eram amigos desde pequenos, tinham bebido. (Maria Ribeiro de Carvalho – 73)

Eu sou nervosa, mas acho que é por conta do meu pai, que é muito nervoso, e também com a mudança; com a mudança minha mãe não quer mais sair de casa, chora pela velha cidade o tempo todo, ela não quer ver fotos, ela diz que lá era sadia, hoje ela não tem saúde. Uma feira que era dia de segunda agora é dia de domingo, eu nunca vi, tomara que se acabe, ela é muito revoltada porque foi mudada de lá, não se adaptou nem vai se adaptar, ela chora muito, reclama muito, diz que aqui é tudo fácil, mas ela preferia a dificuldade de lá. Eu acho melhor aqui o saneamento básico, a educação, se bem que a educação lá também era boa. Minha mãe não vai nem na igreja; agora está fazendo caminhada cinco da manhã, anda por aqui por acolá, mas quando chega perto da igreja ela volta, o nome dela é Valdomira Rezende de Souza, ela está com 70 e alguma coisa, mas não parece, ela acorda cinco da manhã, reclama o tempo todo da saúde, mas digo: a senhora está melhor que eu. Aqui sou Chefe de Divisão da Cultura, da Secretaria de cultura. (Rivoneide Valdomira de Souza – 33 anos)

Aqui eu não me acostumo, não me sinto bem aqui como sentia lá, eu tinha muito amor ao meu lugar, lá a convivência era outra, muitas coisas mudaram, coisas que a pessoa sente muito; agora aqui tem farmácia perto, pra tirar o dinheiro é perto, lá eu tinha saúde pra dar e vender, lá eu não sabia o que era

pressão alta, colesterol, diabetes, e a gente trabalhava, mudava cebola, trançava, agora é tudo doente, lá a gente plantava e não botava veneno em nada, hoje é tudo com agrotóxico, vou dizer lá era muito bom, não esqueço nunca do tempo que eu morava lá, tenho mais saudade do que tudo. Minha filha gosta daqui, casou aqui, já tem dois filhos. Lá todo dia de segunda a gente ia para feira. Quando cheguei aqui, criava criação, ainda hoje tenho muita pena, quando viemos pra cá foi morrendo tudo, acho que eles também não se acostumaram aqui. A velha cidade mora no meu coração (Josefa Gomes Santos – 76 anos)

Na verdade, as falas revelam o jogo das memórias, trazem o esquecimento da sedução urbanística. Mesmo que na chegada tenham se envolvido por seu encanto, dificilmente poderemos saber, porque as primeiras imagens estão impregnadas de outras, relacionadas à desordem e ao trágico, que impuseram demasiadamente a sua presença ao longo dos últimos anos. Balandier (1999:43) lembra que **“a memória não se deixa abolir, se fortalece, revela seus guardiões, os que velam e lutam contra a amnésia coletiva, e também os que a fazem renascer dos escombros, mantém culto aos lugares de memória e transmite as novas gerações”**. Na nova Itacuruba, a memória tornou-se onipresente, praticamente toda a população que viveu as imagens horríveis do exílio imposto, parece ter assumido, na vida, o ofício de lembrar, fazem da memória arma de uma resistência contra o desenraizamento:

“A convocação do passado, os apelos à memória coletiva manifestam ainda a busca de respostas para a necessidade de identificação e enraizamento, para a necessidade de se situar em um mundo onde as referências são instáveis. (...) Em situações em que o laço social encontra-se enfraquecido a relação com o passado faz às vezes de remédio para esta carência.” (Balandier, 1999: 46, 51)

Era intrigante, reverenciavam, incansavelmente, em quase todos os depoimentos, os antigos altares: terra, ilhas, o rio, cachoeiras...; mas, chamava atenção as referências feitas a feira: lugar de encontros, de trabalho, de lazer, de vida animada. A importância que tinha para a comunidade era tamanha que muitos, dos mais velhos, fazem questão de mantê-la viva, pelas lembranças, ao ponto de recusar viver a feira da nova cidade:

A feira de lá era muito grande, tinha os municípios; a barra do Pajeú, tinha o sarro que era de meu pai, dos meus avós, aí o povo vinha todo de lá pra fazer feira na velha Itacuruba, aí a feira era grande, mãe mesmo disse: – não me acostumo com esse lugar; a feira mudou para o domingo, ela diz: – eu não me acostumo com essa feira dia de domingo, que lá era na segunda-feira, ela diz: – se eu pudesse eu desmanchava, eu digo: - mãe, feira todo dia é dia, mas lá a feira era grande, tinha caldo de cana, que a gente tomava, tinha os parques, circo, era uma festa. (Maria Aparecida Souza Freire – 46 anos)

A feira [na velha cidade] era muito grande, vinha gente de todo município e de outras cidades, a feira de Itacuruba era enorme, era pouca coisa de fora, a maioria vinha daqui, tomate, cebola, pimentão, e muita fruta, muita manga, lá tinha bastante manga, pouca coisa era de fora; tem muito dos mais velhos que não aceitam a feira daqui, que é mesmo muito fraca. (Joana d'Arque)

Segunda era dia de feira; a feira de Itacuruba era na segunda, tinha o barco que vinha cheio de gente de Rodelas pra feira; depois [na nova] mudou pra domingo, aí só vem os restos das feiras dos outros lugares, ficou por último. (Adaltiva Maria da Conceição Lourenço – 68)

A feira na nossa cidade (velha) era dia de segunda, era uma animação na cidade. (Carlos José de Souza – 48 anos)

Eu mesma trabalhava [na velha cidade], era em salina, fazendo sal; vendia tudo na feira, a feira era boa, aqui [cidade nova] eu não ando na feira, não vejo feira, feira era lá, aqui é tudo bêbado, tenho abuso de bebida, não gosto de bebida não. Nem meu marido nem meus filhos bebiam, aqui um filho começou bebia, eu dizia: - Zé, meu filho, seu pai não gostava de cachaça, e você bebendo assim; mas ele agora deixou. (Alzira de Sá – 93 anos)



107

Sabe-se que a presença da feira na vida das sociedades perde-se no tempo, embora atribua-se à idade média sua oficialização (Souto Maior, 1978). Segundo Paul Singer (1987), a economia de mercado é muito antiga; desde os pródomos da história, diferentes sociedades organizavam sua vida econômica sob forma de produção especializada de bens que eram intercambiados em feiras. Mas, a emoção com que as pessoas da nova Itacuruba se referiam à feira da velha cidade tinha tons de sacralidade. A carga afetiva dos depoimentos me levou a retornar, participando do jogo da memória, à feira da minha infância, em Garanhuns; sábado, realmente era um dia desejado, com meus pais, escolhia mobília de madeira para casa de

¹⁰⁷ Feira na velha Itacuruba; foto do acervo de moradores da antiga cidade.

bonecas, uma peça a cada semana; comprávamos panelinhas de barro coloridas, que não resistiriam intactas por muito tempo; tomávamos caldo de cana com pão doce, nas barracas em burburinho. Hoje, lembro daqueles como os mais doces entre todos os pães futuros. Marc Augé (2001: 57) sublinha que:

“A sacralidade dos locais onde se concentra a atividade ritual é uma sacralidade que se poderia dizer alternativa. Assim criam-se as condições de uma memória que se vincula a certos lugares e contribui para reforçar seu caráter sagrado. Para Durkheim, em *As formas elementares da vida religiosa*, a noção de sagrado está ligada ao caráter retrospectivo que decorre ele próprio do caráter alternativo da festa ou da cerimônia.”

Repetindo-se, em intervalos semanais regulares, a feira da velha cidade, mobilizava todo o grupo em uma comunhão festiva, estava, portanto, investida de sacralidade. De acordo com Augé (2001: 62) uma reclamação frequentemente dirigida às cidades novas, originárias de projetos de urbanismo tecnicistas é **“não oferecerem um equivalente aos lugares de vida, produzidos por uma história mais antiga e mais lenta, onde os itinerários singulares se cruzam e se misturam, onde trocam-se palavras e esquecem-se as solidões por instantes.”** A nova Itacuruba, tem seu espaço para feira: amplo, calçado, em área próxima ao centro; mas vazio de marcas de lembranças, acontecendo, agora, em novo dia, se destituiu da aura sagrada, parece, pelo contrário, ser um monumento a morte da animação, da festa.

3.1 - Caminhos de sombras

Começava o mês de março, haviam se passado os meus primeiros dias na nova Itacuruba e a ansiedade inicial dava lugar a uma angústia difícil de domesticar. A saudade do meu lugar tornava os dias mais difíceis, e, as dificuldades de comunicação também inquietavam¹⁰⁸, mas, o peso dos dias vinha, principalmente, dos relatos que escutara até então.

O calor era forte e o caminhar da sombra determinava o lugar em que grande parte das pessoas passava as manhãs e tardes. Quando, no começo do dia, a sombra estava cobrindo a calçada de um lado da rua, era ali que as pessoas ficavam: para conversar, lancha, tomar

¹⁰⁸ Não havia sinal de telefonia celular acessível na cidade, ele só era captado na estrada perto de um cruzeiro; a internet, a rádio, era restrita aos órgãos públicos. Atualmente, a administração municipal, liberou o sinal para toda cidade, sem qualquer custo para os moradores

conta das crianças, costurar, ver o tempo passar; sentavam nos batentes das casas, embaixo de árvores, no meio fio das ruas, em cadeiras de balanço, em bancos; ao chegar a tarde as pessoas acompanhavam a sombra até a calçada do lado oposto. Foi nas calçadas que fiz grande parte das entrevistas, conheci muitas pessoas, tomei café, água, compartilhei pratos de frutas maduras. Era praticamente impossível não fazer parte dessa dança de sol e sombra, assim rapidamente me vi aceitando o aconchego da sombra, seguindo sob sua proteção¹⁰⁹.



As pessoas, velhas e jovens, com as quais compartilhei as calçadas sombreadas admitem que sem ter o que fazer a melhor opção é ficar à sombra, vendo o movimento e falando sobre a vida¹¹¹. Dona Olímpia conta que embora tenha muita dificuldade para se locomover, pede ajuda para chegar até a calçada:

Levei uma queda, ainda na Itacuruba velha, naquele tempo eu morava lá, pisei numa casca de banana e escorreguei; eu brinquei com essa queda, não cuidei logo um médico, pra tirar um raio x, e vim pra cá tomando remédio, sentindo dor. Hoje só ando dentro de casa e até a calçada, quando é hora de sombra. Quando ela vai embora fico aqui dentro. Se adoecer um filho, que todos moram aqui, pra eu ir é um sacrifício. (Olímpia Maria dos Santos – 84 anos)

Mas, a mesma sombra cúmplice de lembranças, de encontros, de momentos tranquilos, é referida, também, como guarita para os desocupados, bêbados, muitos dos quais vivem, segundo depoimentos, à sombra das aposentadorias dos pais e avós:

Hoje estamos aí, hoje ninguém trabalha e o cabra só vive prá riba e pra baixo nessa rua. Nós ficamos num lugar meio desmantelado, pra trabalhar não presta não, é ruim, complicado, pode acreditar que é complicado. O cabra chega aqui se aposenta; ninguém quer mais saber de trabalhar. Trabalho no colégio, mas sou aposentado, graças a Deus,

¹⁰⁹ Fotos Socorro Figueiredo.

¹¹¹ Ver anexo V.

como trabalhador rural, é verdade que na cidade é quase tudo aposentado como trabalhador rural. (João Caraiqueira)

Hoje a gente vive aqui só esperando o tempo passar; quem é aposentado como eu e outros vive passando com o saláriozinho mínimo que temos, eu tenho a pensão do meu marido, que ele é falecido a 23 anos, e agora eu tenho o meu benefício de idade. (Maria Edília Custódio da Conceição – 62 anos)

Na velha cidade não tinha ninguém embaixo de um pé de pau, sem trabalhar, todo mundo trabalhava, aqui não, ou trabalha na prefeitura, ou o pai é aposentado, o filho não quer trabalhar, vive tudo vagabundo, na rua. Aqui tem muito vagabundo; cachaça aqui eu vou dizer uma coisa, é que dá muito, porque diz: meu pai é da prefeitura, minha mãe aposentada, pra que eu vou trabalhar, fica tudo vagabundo, aí quando o pai morrer, quando a mãe morrer, aí vai trabalhar filho da puta. (Antônio de Almeida – 69 anos)

A família é grande, sou aposentado, eu e a mulher, no tempo que a gente morava em Itacuruba [velha], tanto eu como eles [filhos] tinha dinheiro no bolso, pouco mais tinha, hoje dos três filhos só a menina trabalha e tem uma casinha, os dois homens não tem trabalho, um mora numa casa alugada e o outro lá em casa com a família, é tanta gente que eu nem sei, eles precisam das coisas não tem e eu não posso dar, nós fomos lesados. (Mário Joaquim dos Santos – 64 anos)

De lá [cidade velha] viemos pra cá, morando em casa alugada 10 anos, pagando 130 reais sem ter, amarrando o bucho com um cinturão, depois é que fizemos o rancho. O aperto ainda é grande, o dinheiro da aposentadoria é pouco, não dá pra resolver os problemas da gente; tenho três filhos, eles vivem aqui, quando acham um dia de serviço eles trabalham alugada, quando acham; tenho uma filha e uma neta que trabalham na prefeitura e tenho dois que não trabalham em nada, um tem quatro filhos e o outro tem três, quem está sustentando somos nós. (Maria do Socorro de Sá – 61 anos)

Muitos querem trabalhar, como eu e outros pais de família; e não acham oportunidade. A vinda pra cá foi um caso que ninguém esperava na vida, foi uma viagem quase como se fosse uma morte. (José Eliseu Menezes – 76 anos)

Em Itacuruba velha ninguém via esses cachaceiros que a gente ver por aqui não; aqui tem hora que eu estou aí na frente desse maromba de rapaz: cinco, seis, sete, oito, tudo bêbado, caindo, em Itacuruba [velha] ninguém via isso; todo mundo trabalhava, mas não adianta, não podemos voltar. (Olímpia Maria dos Santos – 84 anos)

Aqui, se for pra trabalhar são poucos que vão, já se viciaram ser sustentados pelos pais, e lá não tinha que ajudar os pais, já eram criados assim. (Lúcia Pereira dos Santos – 49 anos)

Os depoimentos que escutava não se harmonizavam com a beleza da cidade, que mais parecia saída de um conto de fadas: prédios públicos com linhas modernas, jardins bem cuidados, ruas calçadas e limpas, igreja bem iluminada, praça, amplo pátio da feira...



112



¹¹² Fotos Socorro Figueiredo.

Mas, aos poucos, sombras de mágoas iam compondo o cenário. Aqueles que optaram por nova Itacuruba o fizeram, principalmente, para permanecer próximo ao lugar de origem, onde tinham raízes: **“não saberia viver em terras perdidas, [como] verdadeiros zumbis”**¹¹³. Mas, todos estavam conscientes da necessidade de ter acesso a uma vida produtiva, nos moldes anteriores, com base na agricultura¹¹⁴, principal promessa feita aos exilados:

Inicialmente, a CHESF tinha uma proposta de fazer um reassentamento aqui, como nos outros lugares; projeto de irrigação, plantio de ciclo curto, que seria cebola, melancia, melão, porque realmente era o que o pessoal já trabalhava na época; a cultura do povo de Itacuruba era, e ainda é, a agricultura. Era um projeto de alto custo e a CHESF achou que se fizesse isso poderia ser pega pelo Banco Mundial, que era quem financiava, na época, o projeto, então ela mandou fazer um estudo pedológico, e até fomos nós do sindicato que pedimos, porque o nosso solo era completamente diferente da velha Itacuruba. Nesse estudo se constatou que nosso município não tinha terra fértil pra trabalhar com esses tipos de cultura, e aí a gente começou a trabalhar outra forma de projeto. (Ademilson Nunes de Souza - presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itacuruba, já pelo terceiro mandato e atual diretor financeiro do Pólo Sindical, dos trabalhadores do Submédio São Francisco)

Nós ficamos num lugar meio desmantelado, pra trabalhar não presta não, é ruim, complicado, pode acreditar que é complicado. Aqui é tabuleiro começaram a plantar, que era o que todo mundo sabia fazer, mas viram aqui que não dava certo, aí acabou tudo. Ela [CHESF] tinha ficado de fazer [na nova cidade] algum projeto pra plantar, mas ela não fez, o projeto ia ser no tabuleiro encostado na rua. (João Caraiqueira)

Era pra ter projeto irrigado aqui [cidade nova], mas não teve não. Agora graças a Deus desde que eu cheguei aqui eu sempre trabalhei. Comprei uns terrenos aqui; muita gente mangava, porque a gente lá [cidade velha] era acostumado a trabalhar nuns terrenos que não tinha pedra, aqui é tudo pedra, todo terreno tem pedra; mas graças a Deus tem dado certo, eu comprei uns terrenos ali e trabalhei e tem dado certo, aqui, dentro de Itacuruba, o primeiro que produziu aqui [cidade nova] fui eu, com tomate. Aí foi que muita gente

¹¹³ “depoimento de um entrevistado que lutou pela opção da piscigranja [na nova Itacuruba] e a conseguiu na raça, com muita dificuldade quando a CHESF não queria cadastrá-lo, “alegando que seu perfil não era compatível com os critérios estabelecidos para a seleção, como nível de instrução (1º grau completo) e uso de transporte próprio”. Para ele não interessava outro projeto que o afastasse da antiga cidade. (In: CHESF/FUNDAJ. Avaliação do Reassentamento da População Rural de Itaparica: piscigranja: uma opção de reassentamento. AMARAL, Ana Elizabeth P. do; GUIMARÃES, Sueli M. P.. Recife, Nov 1994.)

¹¹⁴ Foram constatados erros técnicos que comprometeram o programa desde o início. A começar pela escolha das áreas, realizadas dentro de normas internacionais de condições pedológicas, que determinam se o solo tem espessura suficiente para garantir o desenvolvimento agrícola. Quando propícia, essa espessura varia de 1 metro à 1,5 metro até a primeira camada de rochas. A primeira vista, os terrenos da caatinga mostraram-se recomendáveis, mas, quando preparados para a agricultura, revelaram, que na verdade têm profundidade muito heterogênea, podendo apresentar variações em apenas um hectare. Também ficou comprovado que os terrenos são muito pobres e salinosos, inadequados à culturas de ciclo curto. (Gazeta Mercantil, 25/0/1998: p.A/B)

veio acreditar e achar que os terrenos davam para trabalhar. (Elias Antônio da Silva – 69 anos)

Hoje estou aqui na estaca zero, aqui não tem em que recomeçar, porque o terreno aqui é péssimo, terreno velho carrasco, e uma roça de irrigação você tem que ter dinheiro, se perder uma roça de irrigação acabo-se. O prefeito foi quem mais plantou roça aqui, vê se ele planta mais roça, planta não, só dá prejuízo. (Mário Joaquim dos Santos – 64 anos)

Entretanto, a agricultura, que até então se confundia com a própria vida da comunidade, mostrava-se inviável na nova cidade. Para quem sempre viveu em solo fértil parecia impossível, até o exílio, dissociar terra de produção farta; mas, em vertigem, não lhes restou opção, senão aceitar o único projeto que seria executado no município, as piscigranjas¹¹⁵.

Este Projeto foi concebido com base em escassas informações econômico-financeiras resultantes de explorações desenvolvidas em caráter experimental pela CODEVASF, na região de Petrolina. Os seus idealizadores consideraram que as piscigranjas provocariam grande impacto no desenvolvimento da região, a ponto de afetar a oferta de alimentos básicos e melhorar o nível de vida da população. Uma das metas a atingir era a geração de renda líquida de 7 salários mínimos por mês para cada família.

Na tentativa de tranquilizar a população a CHESF teria assegurado que o projeto seria

¹¹⁵ “Constituiu-se a piscigranja de uma fazenda de peixes que utiliza outros animais criados em regime de consórcio na totalidade do seu espaço físico útil – 12 há/família. O modelo idealizado compõe-se de dois viveiros, cada um com 0,6 há de área molhada, com capacidade total de estocagem de até 9.000 alevinos, uma pocilga para engorda de até 36 animais e duas áreas para criação de 90 marrecos em cada uma. A área total do viveiro é de 90 x 67, com profundidade média de 1 metro; a instalação para marrecos constituiu-se de galpão de 9m2. e a pocilga possui 62,5m2 (...) se previa para o reassentado, além da posse de uma piscigranja, um lote de 118m2 de área total, onde localizar-se-ia sua casa com 45m2 de área coberta. A agrovila seria abastecida de luz, água encanada e manteria uma escola, a fim de atender às necessidades básicas do reassentamento. Os piscigranjeiros também receberiam assistência, durante todo o processo de produção na piscigranja, até a comercialização. (...) O Projeto teve o início de sua execução, em 1987, em Barra do Tarrachil, município de Chorrochó, Bahia. Posteriormente, foram implantadas as piscigranjas da Península do Coité, da Fazenda Angicos, e a “Pisigranja Demonstrativa e Experimental” do centro de Itacuruba, Pernambuco. Totalizam 86 unidades construídas, sendo 38 na Bahia e 48 em Pernambuco. No caso do Coité, Itacuruba tem-se o seguinte quadro, segundo relato dos piscigranjeiros: das 22 piscigranjas, embora tendo sido construídas pocilgas, marrequeiros, viveiros e aviários, estes deixaram de funcionar a partir de 1991. (...) Em Angicos, Itacuruba, há 24 piscigranjas não concluídas. (...) A presença da CHESF é fortemente observada na documentação referente ao Projeto, segundo a qual, a empresa absorvia os custos das construções nas piscigranjas e da aquisição de sementes e de insumos entregues para utilização do piscigranjeiro, assumindo, inclusive, a comercialização dos produtos. O reassentado ficava, desse modo, em situação de total dependência, dificultando a sua adaptação a um novo modelo de produção. (CHESF/FUNDAJ. Avaliação do Reassentamento da População Rural de Itaparica: piscigranja: uma opção de reassentamento. AMARAL, Ana Elizabeth P. do; GUIMARÃES, Sueli M. P.. Recife, Nov 1994: 9, 27, 29,46)

considerado uma experiência e, caso não desse certo, seria facilitado para o grupo, projetos irrigados em outras áreas (CHESF/FUNDAJ. Amaral; Guimarães. Recife, Nov 1994)¹¹⁶. A falta de experiência dos agricultores com essa nova cultura, seu alto custo de manutenção e dificuldades de comercialização, tornaram as piscigranjas um grande fracasso (Araújo, 2000; Osmil Galindo, Bacelar, Lima, M. Galindo, 2000). Dessa forma não se gerou uma nova cadeia produtiva.

Conversando com Ademilson Nunes de Souza, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itacuruba, ele lembrou a posição do Sindicato:

Não adianta, cultura ninguém muda de uma hora para outra, por mais que você queira, é processo, a gente provou isso. Nós do Movimento Sindical, quando a CHESF começou com a piscicultura, que se chamava piscigranja, na época, a gente disse que não ia dar certo; não porque não era viável, porque em algumas partes do país era viável, mas em Itacuruba não era, porque o que o povo sabia mesmo era trabalhar com roça, criar boi, criar galinha, criar porco, se você muda de imediato, se você não faz, então, as duas coisas conjuntas as pessoas não conseguem se adaptar; e a prova está aí, foram recursos gastos, e hoje estão os poços abandonados. (Ademilson Nunes de Souza)

Fizeram aquelas piscigranjas ali, o projeto ia ser no tabuleiro encostado na rua; ta tudo feita acolá, mas só que não funcionou. Fizeram casas, lugar pros porcos, peixe, tudo, mas não conseguiu acabou tudo, não teve mais condições. (João Caraiqueira)

As piscigranjas não foram pra frente não; foi só dinheiro perdido. (Maria Aparecida Souza Freire – 46 anos)

Tinha as piscigranjas, na época, mas não sei como eles fizeram os estudos da viabilidade econômica, que terminou não dando certo, porque os custos eram muito altos, era muito dispendioso, tinham que trazer as matrizes de fora; quando não é produzido no lugar acaba ficando caro demais e inviabiliza, ração muito cara, e não tinha como funcionar e chegou um determinado tempo inviabilizou. (Manoel Joaquim Freitas – 72 anos)

¹¹⁶ “Em 17/08/94, reunião realizada em Barra do Tarrachil, a qual contou com a presença de representantes da CHESF, HYDROS, CODEVASF, Pólo Sindical, agricultores da área: piscigranjeiros, e da FUNDAJ, na qualidade de observador. Segundo propõe a CHESF, seria possível reassentar os piscigranjeiros em lotes irrigados, em áreas a serem demarcadas na borda do lago. Esta solução atenderia demandas de grupos de agricultores, excluídos por razões diversas do reassentamento e optantes do projeto piscigranjas, prevendo-se neste caso, a troca do direito à piscigranjas, por um lote para irrigação. Deve-se notar, porém, que a distância pode representar um problema, uma vez que o local previsto para os novos lotes fica a cerca de 15 km da moradia dos reassentados, que, por sua vez, não dispõe de transporte para os deslocamentos diários.” (Idem: 53)

Em entrevista a Ana Elizabeth Amaral e Sueli Guimarães (CHESF/FUNDAJ. 1994: 54,55), um representante do Pólo Sindical, da mesma forma que Ademilson, reitera que esse projeto foge à cultura da região:

“O que o trabalhador sabe mesmo é plantar e o Projeto foi mais uma questão política para que os reassentados não saíssem do município. Se a área não tinha solo agricultável, em outras regiões teriam condições de sobreviverem melhor.”

No entanto, ele afirma não saber, realmente, se o motivo que levou os trabalhadores a aceitar o Projeto seria não saírem do município por amor à terra.

Habitados ao trabalho, a população se viu diante de uma inatividade pela qual não decidiram, e que, na medida em que os meses e anos iam passando, parecia, para a grande maioria, não ter fim. A essa época, muitos jovens foram embora em busca de emprego, e, muitos idosos, mais vulneráveis às mudanças, morreram. Outros velhos foram morar em cidades próximas (Galiza; Medeiros, 2000). Mas, a regra foi permanecer esperando uma solução, sobrevivendo com a VMT.

Foi muito difícil, essa situação da barragem levou a morte de muitas pessoas, eu digo assim, porque se deprimiam; meu sogro mesmo começou a achar que a vida não tinha sentido, que tinha perdido o lugarzinho em que ele tinha nascido e se criado, e por aí foi. A importância do lugar era uma coisa muito séria. (Maria da Conceição Maniçoba Guimarães – 55 anos)

Meu pai veio pra cá endoidou, morreu logo; pai se enfraqueceu logo e morreu. Na fazenda de pai [velha cidade] só a casa dele eram treze cômodos, cada um cômodo era de uma cor; ao redor da casa tinha bananeira no munturo, os cachos desse tamanho..., amadurecia e caía, as galinhas é que comiam, tinha um pé de laranja que supria nossa casa todinha, coqueiro, tudo, era uma beleza a casa de pai. Quando ele veio [nova Itacuruba] ficou logo desgostoso, não quis nem se aposentar, ele ficou sofrendo, mas já se foi. (Antônia Maria dos Santos – 60 anos)

Tenho meu avô como um sábio. Quando a casa ficouilhada, meu avô, parte de pai, foi para o Projeto Brígida, comprou uma propriedade, ficou trabalhando, com dois anos ele foi e faleceu. (Régis – 42 anos)

Enquanto as pessoas aguardavam, um novo projeto que permitisse voltar às suas atividades no campo, um aspecto novo despontava, a ociosidade. Centenas de homens, mulheres e jovens sem perspectiva de emprego ocupavam-se em jogar cartas, dominó, beber e

mesmo usar drogas, provocando desordens diversas (Lima, Galindo, 1991; Araújo, 2000). A nova cidade sugere a imagem de um labirinto, constituído de caminhos não experienciados, **“espaço fechado que não traz nenhuma informação que permita dele sair”** (Balandier, 1999: 34), labirinto que encobre as violências sofridas pelo grupo, seus medos e desejos.

Qualquer tentativa da população em buscar uma saída, em meio a toda aridez em volta, se deparava, também, com as dificuldades de comunicação que acompanharam todo o processo da construção da usina; havia informações desencontradas sobre as atividades produtivas que seriam permitidas, pela CHESF, sem o risco de perder a VMT, e o direito a futuros projetos. A sensação era de completa incerteza e dependência. É necessário levar em consideração que a esta época a preocupação com a própria autonomia tornava-se ainda maior, uma vez que havia uma desmobilização do movimento sindical¹¹⁷ na área:

“O traslado das populações provocou a desarticulação de entidades sindicais, alguns dos quais, como os sindicatos dos trabalhadores rurais dos municípios de Itacuruba e Belém do São Francisco, perderam consideráveis contingentes de suas bases – grande parte dos oriundos de Itacuruba ficou no Projeto Brígida, município de Orocó, onde se constituiu uma delegacia sindical ligada a FETAPE.” (CHESF/FUNDAJ, 1989: 96)

“Os reassentados optantes do Projeto Piscigranja encontram-se, na grande maioria, à espera de decisões da CHESF quanto ao seu destino, Perguntados sobre a participação de algum órgão em sua defesa, eles declararam “não existir nem o sindicato, pois este não é a favor da piscigranja, já que ela não é propriedade rural”. (...) “O sindicato, atualmente, não defende os interesses dos piscigranjeiros, sendo justificado pelos seus representantes que eles não se enquadram na categoria de trabalhadores rurais, cujas reivindicações, relativas à terra e as relações de trabalho, diferenciam-se do dos piscigranjeiros”.” (CHESF/FUNDAJ. 1994: 25, 42)

Aos poucos se retirava das mãos daquelas pessoas as rédeas de suas vidas; é marcante a perda de autonomia do grupo, incapaz de por seus próprios meios determinar para si e para

¹¹⁷ “os reassentados se utilizaram de outras alternativas, como a “Associação dos Piscigranjeiros”, que funcionou apenas enquanto o projeto mantinha-se em atividade. Um entrevistado de Barra do Tarrachil descreveu a formação dessa associação: “ele foi induzida a ser criada pela engenheira de pesca da CHESF, justificando que isto levaria os piscigranjeiros a ficarem mais fortes”. Embora a criação da associação não tenha sido de forma espontânea, mas induzida, constituiu um canal para o reassentado reivindicar junto a CHESF e outros órgãos envolvidos, a compra de insumos e o pagamento da VMT.” (CHESF/FUNDAJ. 1994: 42)

as próximas gerações possibilidades de uma vida boa. Acho que dona Tivinha resumiu bem a situação vivida naquele momento, que se estende até hoje: **é minha filha, ficamos aqui, no meio do tempo, vivendo do salariozinho que a CHESF pagava, sem ter o que fazer, só esperando.** Suas palavras me fizeram, vertiginosamente, imaginar um tempo do meio, sem pontes, visíveis, para um futuro.

Ali, no meio do tempo, subtraía-se dos sujeitos toda a possibilidade de atribuir um valor social às suas próprias capacidades. Como sugere Axel Honneth (2003) a elaboração coletiva de privação de direitos que se encontra na degradação cultural de uma forma de vida, é a categoria de vexação; assim, ao sofrimento do desrespeito corresponde reações emocionais negativas que se expressam no sentimento de vergonha social. Percebo que se no início do exílio o sentimento de indignação, de dívida social, dava o tom dos discursos, com o passar do tempo foi a vergonha/vexação que se fez presente nas entrelinhas da expressiva maioria dos depoimentos que escutei:

É, a gente ficou aqui, sem ter outro jeito, se mantendo com o salário que a CHESF dava todos os meses. (Socorro Soares da Silva – 43 anos)

A CHESF não fez projeto pra gente, pior que não fez, ela ficou pra fazer e lá se vai, faz hoje faz amanhã, e passou quatro anos, cinco anos, dez anos, só pagando a VMT, e nada. (João Caraiqueira)

Era só receber a VMT e ficar no banco da praça; mas se vinha para o banco de uma praça não era questão de malandragem, o que é que ia fazer dentro de uma casa um homem que já tinha seu costume de acordar de madrugada ir pra sua roça, e aqui? (Rita Dante)

Aqui eu recebi a casa, só levantada com a porta, porque lá eu não tinha casa, eu era inquilina, e nós terminamos; e ficamos recebendo a VMT. (Lúcia Pereira dos Santos – 49 anos)

Parry Scott (1994: 129), em estudos com os atingidos pela barragem de Itaparica traz o conceito de violência administrada:

“Este processo, que denomino de “violência administrada”, se configura num uso particular do poder de organizações burocráticas, encarregadas de executar programas de desenvolvimento, em criar expectativas para as populações atingidas e, logo em seguida, na execução do programa, frustrá-las.”

Concordando com este autor, e, ainda na esteira das ideias de Honneth (2003: 215), para quem:

“Toda tentativa de se apoderar do corpo de uma pessoa, empreendida contra sua vontade e com qualquer intenção que seja, provoca um grau de humilhação que interfere destrutivamente na auto-relação prática de um ser humano, com mais profundidade do que outras formas de desrespeito, pois as particularidades dos modos de lesão física, como ocorrem na tortura ou na violação, não é constituída, como se sabe, pela dor puramente corporal, mas por uma sensação de estar sujeito à vontade de um outro, sem proteção, chegando a perda do senso de realidade.”

Acredito que essa violência, administrada diariamente, ao ponto de subverter a própria noção de tempo em que as pessoas exiladas vivem, pode, então, ser definida como tortura social. Submetida a maus-tratos, com o sentimento de estar sujeito à vontade dos outros, sem proteção, a população da nova Itacuruba revela desconfiança em si e no mundo:

"Não tem água para todo mundo. Se eu não tivesse aproveitado uma casinha perto daqui, eu tinha morrido de fome", afirmou seu Francisco Gomes da Cruz, um caseiro de 64 anos, pai de 6 filhos que vive a alguns quilômetros do Centro do município. Seu Francisco tem como fonte de renda a roça e, quando consegue fisgar um peixe no pequeno açude em um tanque perto da sua casa, leva para cidade para negociar. No caminho, encontra um cenário que lhe causa tristeza: dezenas de outros tanques inúteis¹¹⁸.

"Itacuruba é muito bonita, nova, mas as pessoas são infelizes", define o agricultor de José Frei Leite, de 58 anos, acusando a CHESF de ser irresponsável com a relocação da população para uma área improdutiva. "Só vivo porque sou teimoso", lamenta José, lembrando da sua vida antes de morar na nova Itacuruba. A penúria em que vive seu José Frei Leite é a mesma da maioria da população. (...) a Verba de Manutenção Temporária (VMT) - é ironicamente conhecida por alguns moradores como Vítimas de Morte Temporária. (...) "Tudo pode mudar, mas nós dependemos dos políticos e nem sempre eles querem", disse seu José Frei Leite, "não acredito em mais nada. Eu estou vendo a bagunça de Brasília"¹¹⁹.

Diante desse cenário, a CHESF, no final da década de 1990, por intermédio do GEEPI (Grupo Executivo Especial do Projeto Itaparica), entrou em contato com a população de nova Itacuruba com o objetivo de indenizar de forma definitiva aqueles cadastrados como para –

¹¹⁸ Falas de moradores de nova Itacuruba In: Diário de Pernambuco. Recife 26/04/1998.

¹¹⁹ Idem.

rurais que optaram pela cidade¹²⁰; dessa forma reconhecia o fracasso de projetos para a agricultura na área e das piscigranjas:

De 1998 a 1999 já que não teve projeto com agricultura, a Chesf veio e deu uma mixaria para cada um da gente, e parou com a VMT. Foi quando o GEEPI veio, uma empresa coligada com a Chesf; aí teve uma reunião, eles principalmente amedrontaram o povo, chegaram junto e disseram: – ou vocês vão receber por essa tabela aqui ou vão receber o restante dos lotes que sobrou dos outros pra lá; aí começaram amedrontar o povo, o povo ficou com medo aí receberam essa mixaria. Eu mesmo tinha direito de receber com seis hectares de terra de trabalho, que eu tinha seis filhos, quem tinha mais recebia mais, no fim me pagaram por três hectares, recebi trinta e dois mil e pouco; quem soube aplicar ficou com alguma coisa, quem não soube ficou sem nada, eu aproveitei, apliquei nos terrenos. (Elias Antônio da Silva – 69 anos)

Quando a CHESF indenizou as terras em 1999; recebi R\$ 34 mil reais. O dinheiro foi todo gasto na dessa casa. O dinheiro foi dividido com minha filha. (Adaltiva Maria da Conceição Lourenço – 68 anos)

Teve uns que vieram com uma indenizaçãozinha, um dinheirinho que ela deu, aí cortou o gás [VMT], o dinheirinho que ela deu foi logo, acabou, aí pronto, quem soube aproveitou uma coisinha, quem jogou no mato ta aí na pior. (João Caraibeira)

Com o processo se estendendo muito e a pressão do Senado e do Congresso e até do próprio Banco Mundial que Itaparica não avançava e só virava aquela bola de neve, e como tinha uma verba de manutenção paga a todos os trabalhadores daquela época, só Itacuruba eram 298 [famílias], reassentados fora todo complexo de Itaparica que dava mais de seis mil famílias, isso era um ônus muito alto para a nação, e nós como trabalhadores também não abríamos mão, porque foi um acordo firmado também com o ministério na época de Sarney, e aí ficamos nessa discussão perante o projeto de irrigação, porque o projeto em si tinha que ser viável economicamente; Itacuruba naquela época tinha em torno de 3000 pessoas, atingiria três a três mil e poucas pessoas, então o que é que acontece, com esse grupo executivo que o governo federal mandou pra cá, não foi pra estruturar nem trazer a questão econômica para o nosso município, foi pra provocar uma situação muito difícil, porque foi para indenizar, comprar os direitos dos trabalhadores que já estavam sendo constituídos a mais de quinze anos, pagar uma indenização compensatória, o qual existiu aqui e em outras áreas de outros projetos, e livrar a CHESF, porque na época

¹²⁰ “Em 1999, com a onda de privatizações que ameaçava engolir a CHESF, a empresa quis se livrar do compromisso de sustentar as 300 famílias que ainda esperavam receber suas terras. Suspendeu a VMT e pagou indenizações, deixando uma legião de ex-agricultores que haviam sido providos por ela durante 12 anos e cujos filhos cresceram vendo os pais passarem o dia inteiro ociosos.” Itacuruba - A represa que engoliu uma geração – 25/09/ 2007. In: <http://novochico.wordpress.com/category/itacuruba/>.

seria uma intenção de privatizar¹²¹, porque era naquele auge daquelas privatizações. (Ademilson Nunes de Souza)

Não fica difícil imaginar o que veio após o recebimento das indenizações: compra de pequenos terrenos, nas proximidades; reforma de casas; compra de carros, muitas vezes mesmo sem saber dirigir; compra de eletrodomésticos. O dinheiro rapidamente acabou, e, sem a VMT toda uma população se viu a deriva, refém de uma política assistencialista¹²²; mesmo os que investiram em terrenos enfrentavam dificuldades para obter crédito e lidar com uma nova terra:

Aqui, hoje, os jovens não têm emprego nem um referencial de identidade, acabou o referencial de identidade, a situação aqui é muito delicada. A questão do alcoolismo é séria, uma coisa que a gente observa aqui na nossa cidade é o número de bares que só aumenta; raramente um bar aqui é fechado, e se estar aumentando o número de bares é porque nós temos um número elevado de consumidores, e eu me preocupo, porque sou mãe de adolescentes, tenho quatro filhos. (Rita Dante)

Agora uma prefeitura desse tamanho não pode colocar todo mundo pra trabalhar, tem é que trazer empresas para o povo trabalhar, porque roça aqui não tem não, porque só algumas pessoas plantam, tem alguns agricultores, mas é pouco, não é igual a lá [cidade velha], lá se vivia da agricultura, tinha a prefeitura, mas não era esse monte de gente que tem empregado hoje na nossa cidade. (Maria Aparecida Souza Freire – 46 anos)

Aqui o único trabalho que tem mesmo é a prefeitura, mas não adianta a pessoa depender só de prefeitura. (Ilana Novaes de Souza – 18 anos)

Eu como sou professora, acho que a gente tem que começar trabalhar também com os nossos alunos saber a sua identidade, que é uma identidade saber de onde veio, o que se fazia antes é preciso os jovens saberem, porque eles estão perdendo a identidade. (Constância de Menezes Silva – 35 anos)

Itacuruba [nova] é uma cidade ainda com muito por fazer para que as pessoas encontrem sua identidade. Não foi fácil para as pessoas saírem de um município com terras férteis para morar no inverso, tendo só a prefeitura para suprir tudo. Estamos tentando fazer o melhor, enquanto Secretária de Cultura, para dar um novo caminho para as pessoas. (Cristina Almeida da Silva Freire – Secretária de Cultura Esportes e Turismo)

¹²¹ Ver anexo VI.

¹²² Segundo o IBGE, 20,9% da população de Itacuruba é de servidores municipais. A nova Itacuruba se transformou em uma cidade de funcionários públicos, ao contrário da primeira, que tinha vida própria. In: <http://novochico.wordpress.com/category/itacuruba/>.

Em Itacuruba, era uma vida rica, nós não lembrávamos de muita coisa não, se lembrava de Deus, não olhava para uma porta de prefeitura, só no dia que fosse votar, hoje estamos dependendo do governo do estado em muitas e muitas coisas, a população vem se acabando porque estão morrendo à míngua, outros morrendo de preguiça, porque não querem trabalhar, porque a prefeitura dando a ele assim de graça e eles não querem trabalhar. (José Eliseu Menezes – 76 anos)

“Éramos humildes, pobres, mas não miseráveis. Não havia desemprego. Saímos da margem do rio, o que foi um prejuízo imensurável”, comenta o prefeito de Itacuruba Romero Magalhães Lêdo.¹²³

“O povo de Itacuruba não tem mais uma identidade devido às perdas que tiveram”. (Romero Magalhães, prefeito da nova Itacuruba)¹²⁴

Os depoimentos remetem a uma crise de identidade¹²⁵; **“As instituições que deveriam disponibilizar o sentido para o agir do grupo, não trouxeram para nova Itacuruba uma reserva de sentido e valores de maneira coerente”** (Berger, 2004: 34). As transformações vividas convergiram para a emergência de agricultores sem agricultura, deixando uma população inteira em suspenso, mergulhada em contradições e marcada pela ambiguidade, instabilidade e angústia. A população da nova Itacuruba, segundo o IBGE, censo populacional 2011 é de 4.362 habitantes – 3.708 urbanos e 661 rurais. Em relação aos dados da velha cidade, a população rural diminuiu em 76% e a urbana teve um acréscimo de 124, 45%. Nesse quadro, vive-se a desordem. Embora continuassem se reconhecendo enquanto agricultores ribeirinhos, já não podiam ser percebidos dessa forma pelos outros. Até aquele momento o reconhecimento nunca havia constituído um problema, ninguém punha em causa; agora, embora defendessem a condição de serem agricultores, ao mesmo tempo, mostravam, em suas falas, estar observando a si próprios através dos olhos dos que os exilaram:

¹²³ <http://novochico.wordpress.com/category/itacuruba/>. Itacuruba - A represa que engoliu uma geração – 25/09/ 2007.

¹²⁴ Figueiredo, Rogério. Rio São Francisco: O Rio da Integração [on line] <http://pe360graus.com.br/Nordeste Rural / Aqüicultura>

¹²⁵ Kathryn Woodward (2000) faz notar que a noção de identidade em crise, também, serve para analisar a desestabilização que se seguiu ao colapso da ex-União Soviética e do bloco comunista do Leste Europeu, causando a afirmação de novas e renovadas identidades étnicas além da busca por identidades perdidas. Afinal, o comunismo, simplesmente, deixava de existir como um ponto de referência na definição de posições políticas. Para preencher esse vazio, têm ressurgido na Europa Oriental e na ex-União Soviética formas antigas de identificação étnica, religiosa e nacional.

A identidade aqui [nova Itacuruba] está perdida, as pessoas parecem viciadas em não querer trabalhar, ficaram preguiçosas, ficam na dependência da prefeitura. (Adriano João – 21 anos)

Lá [cidade velha] tinha poucos funcionários [públicos], todo mundo trabalhava na agricultura; aqui [nova cidade] a maioria do pessoal ficou viciada só com emprego de prefeitura, qualquer prefeito que entrar tem que manter aquele ritmo. (Joana d'Arque)

De acordo com Taylor (1994: 56, 57):

“A importância do reconhecimento é agora universalmente admitida, estamos todos conscientes de como a identidade pode ser formada ou deformada no decurso da nossa relação com os outros-importantes. A sua recusa pode prejudicar as pessoas visadas. (...) A projeção de uma imagem do outro como ser inferior e desprezível pode ter um efeito de distorção e de opressão, ao ponto dessa imagem ser interiorizada. O que se deve evitar a todo custo é a existência de cidadãos de primeira classe e de segunda classe.”

Era possível perceber a mudança de significado da VMT ao longo do tempo: no início as referências eram de orgulho, um direito conquistado; depois passou a ser mencionada como uma esmola necessária à sobrevivência, que alimentava a preguiça, a vagabundagem. Ademilson Nunes reconhece que é preciso acabar com o assistencialismo:

Todo mundo aqui quer poder viver sem depender de político a ou político b; quer ser um cidadão liberto, e não um cidadão preso a alguma coisa ou algum assistencialismo, muitas vezes indo contra suas ideologias, só porque tem que sobreviver. Você não pode viciar o assistencialismo ao cidadão; mas a gente só vai poder tirar o assistencialismo quando fizer o cidadão produzir, se ele não começar a produzir e você tirar o assistencialismo o que é que vai acontecer?

A fala de Ademilson me fez lembrar o texto “Dois Pesos...”, nele, Maria Rita Kehl (2010) responde a uma dupla indignação que lhe chegou: uma por caixa postal vinda de diversos destinatários, outra pela internet. As denúncias, partindo de fontes diferentes, tratavam da mesma queixa: a indolência dos trabalhadores não qualificados que preferiam viver na moleza, com o dinheiro da Bolsa-Família; corre pela internet que em uma cidade do interior do Piauí todos os moradores vivem do dinheiro dos programas do governo. Kehl responde:

“Se for verdade, é estarrecedor imaginar do que viviam antes disso. Passava-se fome, na certa, como no assustador Garapa, filme de José

Padilha. Passava-se fome todos os dias. Continuam pobres as famílias abaixo da classe C que hoje recebem a bolsa, somada ao dinheirinho de alguma aposentadoria. Só que agora comem.”

Ferido em uma compreensão positiva de si mesmo, pois, o longo período de total dependência de uma política assistencialista consolidou a ideia de que nova Itacuruba era um insucesso, o grupo vive a humilhação de ser visto, por si mesmo e pelos outros, como símbolo de fracasso. No exílio da nova Itacuruba, segundo percebe-se na fala de seus moradores, o sentimento de apropriação do novo espaço não se consolidou, os sentimentos remetem a perdas irreparáveis, desânimo e falta de rumo.

3.2 - Cidade Armadilha: beco sem saída.

Estávamos em Abril, a rotina do hotel já não me parecia tão estranha, normalmente acordava às sete horas, quando o movimento dos que iam para a prefeitura já havia diminuído; exceto quando dona Miúda, mãe da dona do hotel, chegava logo cedo, às vezes cinco e meia, e batia na porta do meu quarto chamando para tomar um cafezinho e passear pela cidade, **pra conversar com os velhos, pra ouvir as histórias deles**; ela tornara-se uma espécie de anjo da guarda, por vezes saíamos bem cedo e só voltávamos no começo da tarde. Compartilhávamos sua sombrinha azul, que passei a segurar, pois, como indica o apelido, ela é pequenina. Querida em toda cidade, foi com quem entrei em muitas casas, visitei doentes, joguei conversa fora; conhecia todos.

Enquanto tomávamos café, dona Miúda e eu, Socorro¹²⁶, que acumulava as funções de cozinheira e arrumadeira, sentava, ao nosso lado, para conversar; falava sempre da filha de vinte três anos que tinha ido para o Recife trabalhar como doméstica, diz que em Itacuruba ela não conseguiria um emprego com carteira assinada e o salário mínimo, além de, na capital, ter a possibilidade de estudar à noite. Acha que ela sente saudades, pois engravidara com

¹²⁶ Para mim, chamar alguém pelo nome Socorro era uma sensação que a mais de trinta anos não experimentara, acho que a última Socorro que chamei pelo nome ainda foi na adolescência, em Garanhuns, desde que fui morar em Recife (1979) não encontrei mais ninguém com meu nome; passei a acreditar, naquela época, que este não era nome para bebês de capital; em um mês de Itacuruba já encontrara três Socorro.

dezessete anos, e, desde que viajou, é a irmã mais nova, Edelane Soares da Silva, de dezenove anos, quem cuida da sobrinha, da casa, além de trabalhar na limpeza da escola municipal. Socorro diz que é difícil manter os jovens na cidade, que, para ela parece uma **ratoeira: quem entra fica preso, sem ter o que fazer**, por isso sempre que pode falar com a filha aconselha a não voltar, tentar estudar e trabalhar para conseguir um futuro melhor. Acompanhando a dona Miúda e a mim, até o portão de saída, ela apontou em direção da estrada e perguntou se eu não tinha percebido que ali se entrava e saía pelo mesmo lugar, não havia outra possibilidade. Não, eu só agora percebera, e, me dera conta de que essa mensagem era sempre passada de boca em boca:

Aqui, Itacuruba é um lugar bastante isolado mesmo, eu estou aqui por força do destino. (João Gaudêncio Freire – 70 anos)

Vamos ficar aqui [ela e a filha] até morrer, não tem para onde ir, aqui é um beco sem saída, por onde entra tem que sair pelo mesmo lugar; bem, se tivesse a entrada e por aqui tivesse outra estrada pra sair perto de Floresta, aí seria bom, mas o jeito é ficar. (Adaltiva Maria da Conceição Lourenço – 68 anos)

Aqui não ficou melhor por causa da localização, não era pra ser aqui, aqui é muito escondido. (Alexandra de Souza Nascimento – 23 anos)

Aqui foi o lugar onde o cão perdeu as botas; se o cu tiver mundo, o mundo é Itacuruba, o cu do mundo é Itacuruba. (Antônio de Almeida – 69 anos)

Lembrei que aceitando o convite de dona Miúda para conhecer o novo ponto de encontro de Itacuruba, um *trailer* de venda de espetinhos, com algumas mesas e cadeiras, lugar em que a noite as pessoas se reuniam para beber e conversar, eu, olhando as luzes da cidade, que desapareciam mais à frente, perguntei se ali era o fim da cidade; surpresa, dona Miúda respondeu que na nova Itacuruba, começo e fim eram o mesmo lugar, como uma armadilha.



Foto enviada por Charlliane Freire de Souza em: 01/05/2009. <http://citybrazil.uol.com.br/pe/itacuruba/galeriafotos>

Seguindo a trilha dessas falas, nova Itacuruba parecia se revelar como um depósito preparado para guardar os exilados, um campo de refugiados. Assim, ficava mais fácil entender a rejeição dos que cumpriam o exílio no novo espaço. De acordo com Augé (2001); o termo espaço, em si mesmo, é mais abstrato do que o de lugar; a maneira de um imenso parêntese, ele se aplica indiferentemente a uma extensão, a uma distância entre duas coisas ou dois pontos ou a uma grandeza temporal; já o lugar, morada dos que vieram antes de nós, conjugando identidade, relação e história, se define por uma estabilidade mínima. Na deriva dessas idéias nova Itacuruba, **no meio do tempo**, em completa desestabilidade, me parece refletir esse vácuo entre parênteses; um *não-lugar*:

“Os não-lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens [vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos] quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são estacionados os refugiados do planeta. (...) O passageiro dos não-lugares só reencontra sua identidade no controle da alfândega, no pedágio ou na caixa registradora [ou no cadastro da Chesf]. A atualidade e a urgência do momento reinam neles.” (Augé 2001: 36, 94)

É claro, e Augé (2001: 74) evidencia, que tanto o lugar quanto o não-lugar inexistem sob uma forma pura; **“são, antes, polaridades fugidias; o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente – palimpsestos em que se reinscreve, sem cessar, o jogo embaralhado da identidade e da relação”**. Astúcias abrem caminho no cotidiano dos não-lugares recompondo relações. Certamente chegará o momento de me

enveredar pelas frestas em que as astúcias se desenvolvem no não-lugar Itacuruba, mas, agora o que as pessoas trazem são as ruínas do seu altar, talvez o mais sagrado, o Rio São Francisco.

3.3 - O lago de Itaparica: águas de sombras

Enquanto as pessoas falavam sobre o plebiscito para a escolha do local da nova cidade, me chamou atenção a opção feita ter sido próximo a BR; eu imaginara que tendo o Rio São Francisco como altar seria próximo as suas águas, na borda do lago, o lugar que a população julgaria ideal. Embora já pudesse diferenciar, quase sempre com sucesso, a água dura, que corre decidida [rio], da parada [lago], só mais tarde perceberia que uma se tornara o avesso da outra; esta era uma certeza compartilhada por todo o grupo que vivera a intimidade das águas correntes:

A água agora é parada, aquela água [lago] é parada, açude, água de barragem, não corre mais. Ainda corre de Belém prá cima, aí corre, mas prá cá mesmo não corre mais é nada, é tudo parado, aquela água parada. A água do lago é diferente da água do rio porque misturou; misturou as águas tudo aí, cai tudo, e a água é parada. Lá tudo que batia ia embora, era corrente, e essa daí não é corrente, tudo que chega encosta, só vem voltando para trás, prá encostar, não tem água corrente prá ela descer mais como ela descia, aí quando bate tudo que é ruim é só voltando prá trás. Agora, toda coisa ruim que vem de cima só cai é dentro, aí antes ela descia agora ela não desce, só faz é voltar. A coisa não é boa não, a coisa é séria, a água é presa, não desce, só desce lá aquele tanto, essas que chegam aí faz é subir prá cá, aí não tem condições. É por isso que o povo aqui só vive doente, que de primeiro isso não existia, ninguém vivia em doutor, lá [cidade velha] ninguém sabia nem o que era doutor, era muito pouco, era difícil doutor aparecer, mas era difícil adoecer. Bateu aqui, agora todo mundo é doente. Um problema tem, só não sei o que é, uma coisa eu sei que tem, quando o povo saiu de lá que passou prá cá todo mundo só vive doente, e lá ninguém vivia doente. Também lá todo mundo só vivia trabalhando, o dia amanhecia duvidava o cabra chegar na rua prá ter gente, estava tudo nas roças, e aqui o povo só vive nas ruas, é tudo parado, lá, quatro e pouca da manhã o cabra já estava naquelas roças, o povo todo descendo pras roças, aqui ninguém trabalha. A gente lá mesmo no rio velho mesmo, onde era a cidade velha a gente não vai; vamos mais não, lá é tudo cercado, tem gente que planta roça, é muito pouco as roças prá lá, mas é tudo cercado, depois que saímos de lá não fomos mais prá lá não, perdeu a graça, ninguém sabe nem onde é que fica ao menos, ninguém conhece nada, nem os altos que ficou lá que a gente andava se a gente chegar lá está tudo diferente, aquela coisa feia, pior que ninguém conhece. Não dá pra ver as ilhas ta tudo embaixo da água, mergulhado e tinha umas ilhas que eram altas, tudo

embaixo da água. Lá [cidade velha] quando era boca da noite só era correr prá beira do rio, toda vida era fria a água, toda hora que chegava batia dentro da água e ela estava mesmo que gelo, Só que hoje aqui a gente ficou todo mundo triste. Lá a gente bebia do rio e não tinha essas coisas que botam aí e a gente não vivia doente, e aqui a gente vive bebendo água tratada e só vive doente. Aqui ficou tudo difícil pra gente. Hoje a maioria dos peixes é tudo diferente do que era no tempo da gente [na velha cidade]: tem a Cumatá, o Piau, a Pescada tem muito peixe, mas tudo diferente do tempo da gente, tem o Cunaré mas é peixe só pra comer assado, porque nesse tempo da gente, o peixe da gente a gente estava acostumado comer, ele botava no fogo e fazia até o pirão da farinha pra comer com o peixe, era bom demais, e hoje está mais difícil, o Piau e a Cumatá ainda pega mas tinha outros peixes, tinha o Mandim que era um peixe muito bom, o Dourado também era, o Surubim, mas hoje acabou foram embora tudo por causa da água né? é muita água, a água é muita e esses são peixes que gostam mais da água corrente, da água parada eles não gostam. (João Caraiqueira)

Hoje é o inverso, antes [cidade velha] era fartura, até o peixe da correnteza do Rio acho era mais gostoso, pode crer, era o Surimatã, o Mandim que desapareceu e era um peixe maravilhoso; Pirá, Dourado não tem mais, Dourado, Surubim meu pai pegava muito, ainda tenho um bocado de anzóis que meu pai deixou pra pegar Surubim, tem Surubim que chegava a mais de 100 quilos, o peixe mais bonito danado o Surubim, o Surubim grande é um peixe lindo, bonito demais, mas hoje ninguém vê mais, no começo quando a barragem subiu ainda pegava, hoje é muito difícil. (Jão Gaudêncio Freire – 70 anos)

Antes [cidade velha], na rua que eu morava não tinha água encanada, a gente dependia direto do rio, a água tratada que a gente pegava era do chafariz, agora a água tratada era só pra beber; agora, para lavar, cozinhar, passar pano, a água era toda do rio, e por incrível que pareça, tinha menos doença, a água era pouco tratada, mas as doenças eram menos. Aqui, hoje o Rio tem dono, eu não posso simplesmente entrar numa fazenda como eu fazia lá, que o Rio era abertamente, não tinha cercado, hoje eu tenho que pedir autorização para eu tomar banho de rio, incrível, mas é verdade, pra quem cresceu indo na hora que quisesse agora ter que pedir autorização pra tomar um banho, horário pra voltar, que não pode passar do horário, ficou cercado. (Rita Dante)

A água de lá [cidade velha] não é como a que a gente vê hoje; aqui é essa água barrenta, com certeza é poluída, e lá se tinha alguma poluição a gente não sabia, mas acho que praticamente não tinha. (Constância de Menezes Silva – 35 anos)

Mais doce, mais cristalina [água do rio na velha cidade], sinto saudade, não nego, hoje esse lago encharcado, poluído, que temos aí, de água choca, parada, carregada de morte¹²⁷, que adoce o povo. A nossa água era saborosa, fria, era gelada toda hora que batia nela,

¹²⁷ Algumas famílias preferiram deixar irremovíveis os seus mortos, enquanto outros, a grande maioria, optaram pelo translado. Houve, também, alguns interessados por indenização de túmulos: permutas – 40 túmulos permutados (02 de 1 gaveta e 38 de 2 gavetas); indenização – 04; translados para ossuário – 202. O cemitério da velha Itacuruba possuía 78 túmulos e 172 covas no chão.

agora é quente, parada, a água hoje é super diferente, é uma água mudada totalmente, a cor é diferente, o sabor é diferente, o sabor dela era gostoso, essa não tem o mesmo sabor, perdeu o sabor, nossas águas eram correntes, uma riqueza coberta por uma barragem. São Francisco hoje está triste, vê seu rio perenizado, mas eletrificar o mundo deixa outros desamparados. Nossa Senhora do Ó de nós tenha piedade, faça o ruim aqui ser bom, nossa terra produzir, eu lembro só da beleza que a água veio cobrir, ela cobriu, a nossa água, eu sinto saudade dela, hoje a nossa riqueza de água gostosa, cristalina, se perdeu, hoje nós bebemos uma água poluída, tal qual um agrotóxico. A Barragem de Itaparica eu olho pra ela e não tenho um pinga de amor por ela, eu vejo que ela matou dentro de nosso coração um berço amado, ela é má, ela destruiu tudo de bom que nós tínhamos, muitos dos nossos antepassados falecidos ficaram lá, cobertos pelas águas da barragem. As nossas terras férteis estão dentro d'água. Lá (cidade velha) nós vivíamos na fartura produzíamos nossa farinha, nós tínhamos nossos peixes, todos plantavam sua batata pra comer, todo mundo tinha sua manga pra chupar, uma manga sem agrotóxico, aqui nem os peixes tem o sabor de antigamente, nós tínhamos o nosso Surubim, o nosso Mandú, o nosso Piau, eles foram embora, eles gostam de água corrente. Mas é levantar a cabeça, nós lá éramos guerreiros. Mas em nenhum momento sequer eu desisti de viver, levantei a cabeça, é continuei trabalhando. (Regivaldo de Souza – 42 anos)

Nesses depoimentos água e povo parecem se misturar contando a mesma história de vida e morte num tempo em suspenso. É tentador pensar silogisticamente: a água corrente do São Francisco irrigava a vida da população da velha cidade; o rio deixou de correr, de nutrir o cotidiano da nova Itacuruba, a vida das pessoas ficou ameaçada. Mas, não é mais possível esquecer a maçã Cézanne, essa relação de inverso das águas não pode ser reduzida ao lógico, esconde mil nuances que convidam a olhar do outro lado do espelho d'água.

A maneira como essas pessoas falam dão pistas de que o agricultor, talvez mais que qualquer outro, tem uma profunda intimidade com as águas; reconhece, contrariando o *status* de insípida e inodora, o seu cheiro e sabor, compartilham um mesmo destino. Nas entrelinhas de seus lamentos, percebe-se uma quebra de reciprocidade; o grupo não foi capaz de proteger o rio que alimentava seu imaginário, ele, morto, metamorfoseou-se em lago, cuja água, tal qual mortalha, cobriu: ilhas, casas, praças, igreja, cemitério; acolheu a morte em suas entranhas.

A água do lago, para Bachelard, seguindo o devaneio poético de Edgar Poe, é uma água fechada que acolhe a morte em seu seio; ela morre com o morto em sua substância: **“o destino da água é um destino que aprofunda a matéria, que aumenta sua substância carregando-a de dor humana. A água vai escurecer. E para isso vai absorver**

materialmente sombras. (...) Cotidianamente a tristeza nos mata; a tristeza é a sombra que cai na água.” (2002: 56, 58)

A represa acabou com tudo, entrava ano e saía ano e a gente achava bom, e não via adoecer, o pior é que a gente não sentia era nada a agora a gente é tudo doente, ninguém sabe esse problema qual é, mas o que é certo é que o povo é todo doente. (João Caraibeira)

O lago ficou longe, a gente não tem oportunidade de ir, porque não fica tão perto, depende de transporte, por exemplo ir ao Coité a gente não vai a pé, o primeiro impacto que a gente tem é de que a gente perdeu o rio, quando a gente vê aquela degradação, aquelas plantas dentro, quando a gente começa a tomar banho e vem os tocos, sem contar que a água em si ela não é de boa qualidade, como era antes. (Rita Dante)

Essa água do lago, de que falam os exilados, rica de tantos escombros, de tantas sombras do passado, é, para eles, uma água pesada, choca, venenosa. Longe do canto cristalino das águas puras e correntes do rio, o lago, em silêncio, reflete a morte que oculta. Embora, não ancorados em qualquer lógica racionalista, os que vieram da velha cidade não duvidam que seus maiores males e até mesmo a ameaça às suas vidas, vêm das águas impuras do grande lago de Itaparica.

“Sobre o tema dialético da pureza e da impureza da água pode-se ver essa lei fundamental da imaginação humana agir nos dois sentidos, o que constitui uma garantia do caráter eminentemente ativo da substância: uma gota de água pura basta para purificar um oceano; uma gota de água impura basta para macular um universo. Meditando essa ação do puro e do impuro, percebemos uma transformação da imaginação material na imaginação dinâmica. (...) A água impura para o inconsciente é um receptáculo do mal, um receptáculo aberto a todos os males, é uma substância do mal. O mal passa da qualidade à substância”. (Bachelard 149, 145)

O tempo, da mesma forma que a água, foi subvertido: de **tempo bom** (João Gaudêncio Freire), **tempo de fartura** (Regivaldo de Souza), o tempo experienciado, da velha cidade que corria lentamente, foi confrontado com o tempo do exílio que não trazia nada que pudesse ser reconhecido como próprio: **um tempo diferente** (dona Olímpia), **o meio do tempo** (dona Tivinha), **um tempo carrasco** (Sr. Antônio), **não era o tempo da gente** (João Caraibeira). Para Walter Rehfeld (1988), os acontecimentos que se dão no tempo são apreciados pelo homem se facilitam ou prejudicam os seus propósitos materiais ou ideais. Daí, originariamente o tempo é sentido não como relação entre fases sucessivas do acontecer, mas

como valor inerente à própria sucessão. Toda mudança acarreta uma valorização. É mudança num sentido que corresponde às nossas intenções ou mudança que as frustra, mudança para melhor ou para pior. Da mesma forma que o tempo abre portas, ele também fecha, eliminando oportunidades que existiam. Assim o tempo se torna bom ou ruim, construtivo ou destrutivo, confortador ou deprimente.

Em Itacuruba **o tempo de antes**, da velha cidade, era um tempo bom, de fartura, de emprego, em que as famílias permaneciam unidas e tinham planos para o futuro. O tempo de hoje é um tempo ruim, tempo de perdas: emprego, espaços queridos e esperança. Vive-se o tempo em suspenso, um tempo de luto, marcado pelo ritmo do lamento.

3.4 - Sob as sombras da depressão e suicídio.

Se por um lado, caminhar nas calçadas, pelo lado da sombra, dava uma sensação de alívio frente a um sol escaldante, por outro, conviver com as sombras de um luto a duas décadas vivido, era sufocante. Eu optara por não procurar, diretamente, moradores da cidade que sofressem de depressão ou tivessem algum caso de suicídio na família, acreditava que, com o passar dos dias, os dados estatísticos se mostrariam na vida sem a necessidade de buscar por feridas permanentemente abertas; entraria, inicialmente, em contato com a equipe de saúde local, que se mostrara bastante receptiva quando da minha primeira visita à nova Itacuruba.

Os dados sinalizavam um sofrimento coletivo; as pesquisas de saúde mental, realizadas pelo Conselho Regional de Medicina de Pernambuco, em Itacuruba, mostraram uma realidade preocupante: altos índices de depressão¹²⁸ e suicídio¹²⁹:

¹²⁸ A depressão está classificada dentro dos *Transtornos Afetivos*. Segundo a CID-10, (CID - *Classificação Internacional de Doenças*) *Transtornos Afetivos* são aqueles nos quais a perturbação fundamental é uma alteração do humor ou afeto, como uma depressão (com ou sem ansiedade associada) ou uma *Euforia*. Esta alteração do humor em geral se acompanha de uma modificação do nível global de atividade, e a maioria dos episódios destes transtornos tende a ser recorrentes e pode estar relacionada com situações ou fatos estressantes.

¹²⁹ O suicídio é definido pela CID-10 (X-60 a X-84) como um óbito derivado de lesões autoprovocadas intencionalmente por diversos métodos (CID-10, 1993). Para Durkheim (2004:14)

“Os casos de depressão surgem em cada esquina. (...) O psiquiatra Antônio Alves Neto, fiscal do Cremepe, aplicou 63 questionários na cidade, cada um com 20 perguntas sobre sofrimento psíquico. Surpreendeu-se com o que viu. “Percebemos que, deste total, 40 entrevistados apresentaram algum sofrimento mental¹³⁰, o que representa 63% de pessoas ouvidas com sintomas de depressão, entrestecimento.”¹³¹

Ainda de acordo com psiquiatras do CREMEPE, depressão é um aviso de que algo pior pode estar por vir: os suicídios. Segundo o conselho municipal de saúde, em quase todas as casas de Itacuruba há pelo menos um caso de suicídio ou tentativa de suicídio¹³². Desde os meus primeiros contatos com a população, depressão e suicídio eram palavras que se repetiam em quase todas as conversas; mas só passados os primeiros meses na cidade eu começava a

“Chama-se suicídio todo caso de morte que resulte direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, praticado pela própria vítima, sabedora de que deveria produzir esse ato”.

¹³⁰ Os estudos foram feitos nos hospitais municipais através de um questionário internacional chamado de SRQ 20, validado há vários anos no Brasil pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), com capacidade para medir o nível de sofrimento psíquico. A assessoria de Imprensa da Secretaria de Saúde informou que recebe do Estado uma quantia para o tratamento médico na região e que cada prefeitura entra com outra quantidade, mas, mesmo assim, não dão conta da grande demanda. O município também recebe uma verba destinada do Sistema Único de Saúde (SUS) para serviços voltados aos danos físicos e mentais. **Da Assessoria de Comunicação do CREMEPE. TEXTO: Lucas Paes, da Folha de Pernambuco (25.05.2007).**

¹³¹ Diário de Pernambuco/vida urbana. Marcionila Teixeira. Além da tarja preta/Itacuruba afogada na tristeza – 15/10/2006.

¹³² Dados do CREMEPE revelam que as taxas de suicídio são: no Brasil 4,48, no Nordeste é de 3,31, em Pernambuco é de 3,56, em Itacuruba há um salto para 26,6. (levantamento do Cremepe para cada 100 mil habitantes, com base no ano de 2004) In: Diário de Pernambuco/vida urbana. Marcionila Teixeira. Além da tarja preta/Itacuruba afogada na tristeza – 15/10/2006. De acordo com dados do Banco Mundial (1993) em 1990 mais de 1,4 milhão de pessoas se suicidaram, o equivalente a aproximadamente 1,6% da mortalidade mundial, ficando o suicídio entre as dez principais causas de morte. “O suicídio encontra-se entre as 10 principais causas de morte no mundo, e entre as três primeiras quando se considera a faixa entre 15 e 34 anos de idade. Segundo dados da OMS, em termos globais, a mortalidade por suicídio aumentou em 60% dos nos últimos 45 anos. Nesse período, os maiores coeficientes de suicídio deixaram de pertencer à faixa mais idosa da população para atingir, também, faixas mais jovens (35 a 45 anos, e mesmo 15 a 25 anos em alguns países. O Brasil, embora apresente baixo coeficiente de suicídio (3,5/ 1000.000 habitantes/ano), encontra-se em 9º lugar na lista de países líderes em mortalidade por suicídio.” (Botega, 2005:143).

sentir a realidade que as estatísticas espelhavam. Muitas das pessoas da cidade mostravam, em seus relatos, consciência da gravidade que os números revelavam; sabiam que era uma forte arma para cobrar do Estado uma atenção diferenciada que parecia nunca chegar:

Hoje nós temos dentro do nosso município uma situação muito difícil que não é declarada pelos secretários nem pelo gestor, mas a gente tem que ser claro, se você hoje olhar no município de Itacuruba 80% da população de Itacuruba recebe ou toma remédio controlado para o Sistema Nervoso, isso é problema sério que é constatado no nosso município, uma preocupação enorme. É preciso, realmente, viabilizar a questão econômica de Itacuruba, mas a questão política desvia algumas coisas. A população ainda quer trabalhar na agricultura, mas não tem como, porque as terras melhores foram indenizadas, as piores estão aqui, mas a gente está provando que ainda é viável; porque é a cultura, é o saber, os filhos nasceram ali, se criaram; alguns mudaram para a pescaria, mas porque não tiveram oportunidade de continuar, mas acho que se começasse fazer uma política de desenvolvimento, realmente, Itacuruba tinha como ainda ser um pólo de muita importância dentro do Estado de Pernambuco, eu como presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais sou defensor da agricultura familiar. (Ademilson Nunes de Souza)

Itacuruba é uma cidade depressiva, isso é preocupante demais. Nessa situação é uma batalha diária, sem deixar morrer a memória, sem deixar a memória de lado, digo aos meus filhos: na sua idade eu estava fazendo isso, assim..., aí meu filho diz: mãe, aqui não tem, não oferece. Acho que a agricultura, independente, ele deve ser um vínculo assim que junte de novo as pessoas, que venha a ser feita aqui na cidade, porque o peixe [piscicultura] está começando, não vou dizer que tem uma sustentabilidade. Mas a agricultura, a memória, tem que ser muito bem preservada, porque um povo sem cultura é um povo sem identidade, é um povo depressivo. (Rita Dante)

Fizeram um estudo que disse que Itacuruba é a cidade onde o índice de pessoas que usam remédios dependentes é o maior no Brasil; a culpa é o impacto de terem derrubado nosso mourão, eu tenho certeza lá, em Itacuruba [velha] era de contar de dedo as pessoas que dependiam de remédio, eu sou capaz de dizer: quatro, seis pessoas, que era doido mesmo, doido de pedra, que em toda cidade tem, mas o resto era tudo sadio. Se fosse pra uma farmácia viver de remédio dependente pra psicológico do ser humano lá morria, não vendia não, que não tinha, aqui, se não me engano tem 280 ou mais pessoas que dependem de remédio. Mas, aqui em Itacuruba ha chance, pra tudo tem saída, só não tem pra morte, hoje, como Secretário da Agricultura, eu estou preocupado em querer dar o que eu sei, buscar o que tem, porque existe muito projeto, é ir buscar, não vou esperar por prefeito, ele quer dar o apoio, vou buscar onde tiver os recursos, seja CODEVAF, Secretaria do Estado, governo do estado, até governo federal, Brasília, eu vou buscar. Tem muitos tanques, todos muito grandes, onde foi gasto uma fortuna em dinheiro, e estão abandonados, me parece que é de interesse da CODEVASF retomar, então, vamos levar nosso projeto lá pra eles, contando com quase certeza de apoio deles com a gente. Lá no ministério criaram uma secretaria de pesca, aqui também foi fundada uma secretaria de pesca

do município, já que foi criado vamos investir nele, existe um programa do governo Território de Itaparica, que o governo federal já liberou 300 milhões pra 11 municípios aqui do Vale do São Francisco, eu estou acreditando muito nesse potencial e vou buscar, é um ponto de partida. (Regivaldo de Souza – 42 anos)

Esses depoimentos associam a depressão, em que a comunidade parece estar mergulhada, ao doloroso processo de exílio e tortura vivido durante duas décadas, em que foi solapando do grupo, lentamente, sua dignidade. De início ouvia falar desses males nos bancos de praça, em meio fio de calçadas; mães falavam de filhos que se recusavam a sair de casa, filhos contavam de mães reclusas, jovens lembravam amigos deprimidos:

A gente lá [velha cidade] não tinha tanta doença, a maioria depressiva, lá não tinha isso não, e quando tinha era um que enlouquecia, eu só lembro de um, que a gente ia pro colégio escutava o grito dele, era trancado, quando ele tinha aqueles períodos de estar assim trancavam ele num quarto. Já minha mãe é que não aceita sair, vive em casa, revoltada com a mudança pra cá, ele não aceita. (Rivoneide Valdomira de Souza – 33 anos)

Existe aqui muitos jovens de dezesseis, dezessete anos com depressão, tem adulto também, mas é mais jovem, eu tenho amigos que tem, ficam mais na deles mesmo, tenho uma amiga que tem depressão só que ela não se abre com ninguém, fica calada, tem dia que a gente tira brincadeira com ela está feliz, já tem dia que não se pode tirar brincadeira, mas acho que isso é muito da pessoa não ter opção pra se divertir, transparecer, trabalho, que trabalho ocupa a mente, e aqui o único trabalho que tem mesmo é a prefeitura. (Ilana Novaes de Souza – 18 anos)

Aqui depressão é comum, o que falta é lazer, todos os jovens reclamam de falta de lazer, não tem pra onde ir se não for sentar com os colegas e falar da vida do povo, ou beber, ou fumar, aí vem a depressão que não tem pra onde correr, aí se tranca dentro de casa e começa. (Claudia Mayara da Silva – 20 anos)

Conheço muitos jovens com depressão e que se envolvem muito com bebida, uns dizem que é porque não tem muito o que fazer, que a cidade é pequena, e não tem muito movimento, mas acho que não tem necessidade disso, tenho muitos amigos e amigas assim, com bebida e com depressão que não querem nem sair de casa, com dezesseis, dezessete, a maioria que eu conheço assim de dezesseis, dezessete nem estudam, só querem saber de beber, estas coisas, nem ligam pra estudar, isso não é um jovem perdido entre os muitos não, acho que tem mais jovem assim do que com mais pensamento. (Tamara da Silva Souza – 20 anos)

Eu tenho minha filha, 31 anos, ela tem um menino de quatro anos, está separada do marido e vive em casa, não sai pra nada, não vai nem no médico, ele é que vem vê-la. Enquanto eu for viva vou levando, mas

como ela vai ficar depois? (Adaltiva Maria da Conceição Lourenço – 68 anos)

Com o passar dos dias, acompanhando dona Miúda em sua rotina diária de contato com a família e amigos, passei a entrar nas casas, nos quartos, nos quintais, então, a dor que envolvia as pessoas me pareceu com uma força difícil de traduzir em palavras. A visita a Francilina Ribeiro de Carvalho, 67 anos, irmã de dona Miúda, foi meu primeiro contato com alguém que se declarava completamente vencida pela depressão. Ela havia perdido um filho assassinado, já na nova cidade. Fomos encontrá-la, segundo dona Miúda, no lugar de sempre, na cama; a casa ampla era ordenada por uma funcionária, que também cuidava da sua filha, com aproximadamente 30 anos, visível portadora de *déficit* mental. O corpo de Francilina, inteiro, exalava dor espiritual, estava mudo de vida. Fomos apresentadas, dona Miúda disse que a irmã também tinha vindo da velha cidade, então, com o olhar perdido ela lembrou:

Gostava da cidade velha, mas não lembro mais nada de lá não, eu não. Trabalhava em cebola, tomate, o marido trabalhava mais eu lá, lã eu tinha saúde, depois que cheguei aqui é só doente, faz tanto tempo que chegamos aqui, cheguei adoeci, sei lá de que, tanta coisa aí, não vou dizer mais nada tá bom, [continuou] quando cheguei aqui fiquei feia, fraca, não durmo nem nada, tomo remédio controlado pra dormir, mas não adianta nada. Tive sete filhos, seis homens e uma mulher, mas a menina é doente, é doente também ela, não sabe ler, foi pra escola mais não aprendeu. O médico de Serra Talhada disse que meu problema é nervo. Lá [cidade velha] eu trabalhava na minha roça e na roça dos outros, todo mundo gostava do meu trabalho, eu era ligeira, agora eu quero morrer, morrer logo, mas parece que não vou morrer nunca, se eu for andar eu caio, queria saúde, mas não tenho, quero morrer.

Acho que só os poetas podem revelar, com a devida força, a carga de emoção de momentos como este, então saí em pesado silêncio. Encontros semelhantes tornaram-se frequentes; a sombra da dor parecia encobrir a cidade, a atmosfera dos campos de refugiados deve se assemelhar a esta que respirávamos. O sofrimento vivido por essas pessoas parecia penetrar na minha alma; em vários momentos senti vontade de voltar para a segurança do meu lugar, e trabalhar sob a proteção dos dados estatísticos, que não choram nem perdem o olhar num vazio carregado de desesperança, mas, já era tarde, tínhamos estabelecido uma parceria de confiança, recuar seria romper com o princípio da reciprocidade.

Então, continuei minha rotina na cidade. Em meio a uma visita à sogra de dona Miúda, dona Alzira de Sá, 93 anos, chegou Risonildo Bartolomeu dos Santos, 33 anos, entrou no

pequeno terraço, e percebendo que a anfitriã rememorava a velha cidade, lembrou que também tinha vindo de lá; enquanto ele foi à cozinha, dona Miúda disse para não levar a sério sua fala, pois estava muito perturbado. Mas, como sugere Carrière (2004), se o mundo é absurdo, ou em todo caso opaco, indecifrável, é preciso escutar a voz daqueles cujo espírito é aparentemente desregrado. Talvez tenham mais chances do que nós [supostos normais] de fugir da selva fechada onde vivemos. Talvez tenham estabelecido um contato qualquer com o nó misterioso das coisas. De volta ao terraço, retomou a fala, suas palavras eram trôpegas, o olhar fixava-se nos meus olhos, contou que na velha cidade era *normal*:

Lá eu era normal, depois que cheguei aqui comecei a adoecer, já fui internado três vezes no hospital para doente dos nervos lá em Serra, cheguei essa semana.

A partir daí Risonildo passou a falar de vários ataques de jacarés que tinha sofrido no lago de Itaparica, de como tinha lutado para sobreviver, as falas eram entrecortadas. Dona Miúda explicou que os ataques nunca aconteceram, estavam na cabeça dele, mas, disse que ele, antes, era normal, tinha sido casado e tinha filhos, mas, não se sabe o motivo, adoeceu. Apropriando-me das imagens do ataque dos jacarés no grande lago, não pude deixar de imaginar que, mesmo os considerados normais, quando se referem ao lago, deixam nas entrelinhas que dele saem forças que atacam a todos, adoecem a cidade, assim, Risonildo apenas fazia coro as demais vozes que eu vinha escutando.

Procurei Solange Maria de Sá Silva Almeida, Secretária de Saúde do município, que revelou grande preocupação com questões como: alcoolismo, entre jovens e adultos, observando que não é raro encontrar crianças com oito anos fazendo uso frequente de bebidas alcoólicas; gravidez na adolescência; consumo de drogas; depressão e suicídio. Apontou que a cada dia aumenta o número de dependentes de remédios para depressão, principalmente o Rivotril.

Segundo Solange, a secretaria vem desenvolvendo muitas ações na tentativa de enfrentar esses problemas: são realizadas, rotineiramente, palestras nas escolas, cobrindo toda área rural e urbana, sobre higiene básica, educação sexual e os perigos do álcool e das drogas em geral. Os programas: idoso feliz e criança feliz buscam cobrir essas parcelas da população, com acompanhamento da saúde e bem estar. Quanto à depressão, a equipe de saúde mental, com dois psicólogos e um psiquiatra atende tanto nas unidades de saúde quanto nos domicílios. A secretaria disponibiliza anticoncepcionais, em pílulas e injetável, e preservativos, em quantidade suficiente para atender a demanda da cidade. Para Solange esse

panorama da saúde em Itacuruba pode ser consequência da perda das origens, com a mudança da cidade para o novo espaço; lembra, na mídia ser frequente, notícias sobre suicídio, depressão e alcoolismo em populações indígenas¹³³ que foram obrigadas a mudar de lugar. Mas, ela chamou atenção para o fato de que na nova Itacuruba o suicídio já trazia a marca da velha cidade; desde 1946, nos livros dos cartórios, já se tinha registro de óbitos por suicídios na antiga Itacuruba, segundo consta nos estudos que o setor de saúde mental vem desenvolvendo.

¹³³ “Entre todas as comunidades étnicas, os povos nativos indígenas possuem as piores estatísticas (Grossman, Milligan e Deyo, 1991). Valores muitíssimo altos, em proporções quase epidêmicas, são relatados entre algumas populações de Ilhéus no Pacífico Sul. Na ilha de Truk (Micronésia), para a faixa de 15 a 24 anos, no período de 1978 a 1987, foram 207 suicídios por 100 mil habitantes, tornando-se a primeira causa de morte entre adolescentes do sexo masculino (Youth Suicide Surveillance, 1986). Em Gainj (Papua-Nova Guiné), a taxa anual média alcançou os surpreendentes 1.200:100.000 entre as mulheres de 20 a 49 anos, no período de 1978 a 1979 (Rubinstein, 1983). Um padrão semelhante e ascendente também é descrito entre os aborígenes da Austrália, nativos de Samoa Ocidental e os maoris da Nova Zelândia (Skegg et al., 1995). Desde a década de 1970, epidemias foram descritas entre os índios adolescentes norte-americanos, principalmente nas reservas de Wind River, Yakima e nas aldeias de Bethel e Kotzebue (Manson et al., 1989). Recentemente, o problema tem sido enfrentado por várias tribos, como os grupos Shoshonean (98:100.000) (Dizmang et al., 1974), Apaches (36,5:100.000), Pima, Papago e Yaqui (30:100.000) (Santora e Starkey, 1982), Pueblos (23,2:100.000) e Navajos (15,8:100.000) (OMS, 1997). Em alguns nativos no Canadá, a média chega a 267:100.000 (Fox, Manitowabi e Ward, 1984).” In: Cleane S. de Oliveira; Francisco Lotufo Neto. Suicídio entre povos indígenas: um panorama estatístico brasileiro. In: <http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol30/n1/4.html>

“O suicídio entre os indígenas brasileiros cresceu (...) por causa da piora nas condições de vida, e ocorreram menos assassinatos por questões fundiárias, disse o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) na terça-feira (13). Em 2008, 34 índios da etnia guarani kaiowá do Mato Grosso do Sul cometeram suicídio, aumento de 50 por cento em relação ao ano anterior, de acordo com o relatório do Cimi. “São cifras assustadoras.” In: <http://noticias.ambientebrasil.com.br/clipping/2009/01/14/43061-cresce-suicidio-entre-indigenas-mostra-relatorio-do-cimi.html>.

Segundo a avaliação da antropóloga Regina Erthal, consultora da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), o Poder Público precisa adotar políticas de saúde indígena mais adequadas às culturas diferenciadas de cada comunidade para combater o suicídio entre os índios. Para ela, o suicídio entre os índios deve ser visto de maneira mais cuidadosa. Segundo a antropóloga, 103 índios da comunidade Tikuna, no Alto Rio Solimões, suicidaram-se entre 2000 e 2005. Desse total, 54 (mais de 50%) tinham entre 15 e 19 anos. De acordo com Erthal, os suicídios na região devem-se a conflitos familiares e às diferenças políticas na comunidade. Fatores econômicos e a escassez de recursos naturais também contribuem para intensificar problema. O quadro é agravado ainda pela depredação da floresta e pelas disputas de terras, disse Erthal. Para ela, a fiscalização mais rigorosa contra a exploração ilegal de madeira e de minérios também representa um meio de reduzir os índices. Índice de suicídio em aldeias indígenas do Mato Grosso do Sul preocupa especialistas In: <http://conexaoto.com.br/2007/10/24/ndice-de-suicidio-em-aldeias-indigenas-do-mato-grosso-do-sul-preocupa-especialistas/>

Era surpreendente¹³⁴, enquanto a depressão, e mesmo as doenças de modo geral, eram associadas ao exílio e longo período de tortura social, o suicídio era visto, na maioria das vezes, como descolado da mudança, fazia parte de suas memórias. As pessoas reconhecem que no novo espaço os casos aumentaram, mas, focalizam que a questão do suicídio *já vem da velha cidade*:

Sempre existiu esse povo se suicidar, desde lá [cidade velha], sempre existiu, mas lá era muito pouco. Agora lá não tinha essa quantidade de jovens que tem hoje que vivem dopados de remédios, lá não existia isso, e se existia era muito pouco. (Lúcia Pereira dos Santos – 49 anos/trabalha no PSF)

Na antiga [Itacuruba velha] acontecia também suicídio, era difícil, mas acontecia; teve o pai do meu esposo, botou o revólver no ouvido e se matou, já vem de lá, não era como aqui, mas acontecia, aconteceu vários casos. (Joana d'arque)

Suicídios já aconteciam na velha cidade. Tomar remédios, veneno, já é uma procedência que vem dos antigos, dos mais velhos. Agora, acho que a questão da depressão chegou com a mudança dos costumes de vida que as pessoas tinham. Lá [cidade velha] as terras produziam aqui o local não permite o mesmo trabalho, e não foi encontrada outra forma. Agora estamos começando com a piscicultura, estamos confiantes. (Cristina Almeida da Silva Freire – Secretária de Cultura Esportes e Turismo)

Tive oito filhos, morreram dois, hoje são seis; o que morreu enforcado era professor de matemática, se suicidou, acho que aqui não tem muito meio para os jovens, aí é só beber cachaça, cair levantar não tem nada, mas o meu filho tinha parado de beber, dizem que muitos aqui se suicidam por causa da mudança da cidade, mas acho que o meu não foi por conta da cidade, que ele estava empregado, ensinando matemática, que ele nasceu sabendo matemática, quando ele tinha seis anos ia mais eu, levava a carrada de cebola, quando o cabra batia lá ele dizia pai é tanto, eu dizia e tu sabes nada, quando batia o tanto era a mesma conta que ele tinha dado; quando ele ia pra escola a professora botava ele pra ensinar matemática no lugar dela, ele já estava empregado ensinando matemática, tinha namorada bonita, estava fazendo computação, mas deve existir outras coisas por aí que a gente não sabe o que é. (Pedro Benício dos Santos – 69 anos)

¹³⁴ “O mais intrigante do pequeno município é que os suicídios já eram registrados com uma certa frequência na velha cidade, mas tomaram “fôlego” em 1987, coincidentemente um ano após a mudança para a nova Itacuruba. “Fomos pesquisar e descobrimos que em 1949 já havia casos. Daquele ano até 2006, foram 34 episódios de suicídio que conseguimos descobrir em anotações antigas”, calcula a secretária municipal de Saúde, Solange Maria de Sá.” In: Diário de Pernambuco/vida urbana. Marcionila Teixeira. Além da tarja preta/Itacuruba afogada na tristeza – 15/10/2006.

As pessoas falam sobre o suicídio de forma amistosa, quase sempre como um fato da comunidade, conhecido desde a velha cidade, os casos são colocados num entrecruzamento de individual e coletivo, fazem parte de um todo maior, a história do grupo. Os relatos remetem à observação feita por Durkheim (2004: 24) de que, **“cada sociedade se predispõe a fornecer um contingente determinado de mortes voluntárias”**. Acredito, que da mesma forma que as demais memórias da velha cidade, o suicídio, memória antiga, ajuda a manter o sentimento de grupo, que compartilhou festas, fartura, mortes especiais. Cada história de suicídio, na velha cidade, puxa outras histórias, conta sobre a vida no lugar dos ancestrais. Já a depressão, veio de fora, chegou por meio da tortura a que vêm sendo submetidos, nela morre-se em vida a cada dia, morte sem túmulo, sem direito a paraíso, talvez por isso seu nome seja mais frio que o do suicídio na boca dessas pessoas.

Eu já havia entrado em contato com a equipe de saúde mental da cidade quando da minha primeira visita a Itacuruba: o psicólogo da Unidade Mista Dr. Manoel Novaes, coordenador de saúde mental de Itacuruba a dois anos, Aristóteles Lima da Silva e o único médico da cidade, que atende no Posto de Saúde da Família, José Atayde de Alencar Duarte Júnior, médico pós-graduado em psiquiatria pela Gama Filho, se especializando em saúde mental, pelo governo do estado, em Itacuruba a nove anos; juntos procuraram fazer um levantamento de quantas pessoas estavam utilizando medicamentos psicotrópicos, neurológicos e antidepressivos, esses dados foram levantados e se chegou a uma média de até 15% da população fazendo uso de algum tipo de medicação controlada. Diante disso foi chamada a Itacuruba uma caravana do CREMEPE; o índice de 15% de uso de medicamentos, segundo José Atayde, é alto, não existe nenhum outro lugar do mundo que chegue a esse percentual. Eles, junto com a equipe multidisciplinar do PSF, mostram um conhecimento profundo do panorama da saúde na cidade:

5% da população de Itacuruba sofre de transtornos mentais, onde a média brasileira é 2%, baseado nisso nós, junto com a NUTES da UFPE tentamos elaborar alguns estudos e alguns programas onde a gente possa reverter esse quadro, a primeira hipótese que imagina-se desse alto índice de suicídios e de transtornos é a questão da barragem, mas que não é real, a questão do suicídio antes da barragem já acontecia, nós estamos fazendo um estudo da árvore genealógica dessas pessoas que estão se suicidando, porque a consangüinidade e até mesmo o incesto é muito comum em cidades pequenas, e se sabe pode ocasionar má formação genética e a maioria das vezes volta-se para esses transtornos mentais, então tem muito grau de parentesco que precisa ser observado com mais detalhes. Pela última reportagem do CREMEPE 11% da população tentou suicídio. Nós temos 4192 habitantes, pelo IBGE, mas em média duas a três pessoas por mês chegam aqui ao posto por tentativa de suicídio, usam mais

medicamentos e cortes por faca ou alguns objetos cortantes; pelos meus dados temos também temos um alto índice de transtornos delirantes: a esquizofrenia e outros, mas a depressão está em segundo lugar aqui. A depressão, eu acredito, questão pessoal minha, nada científico, está mais relacionada a ociosidade, que é gritante, a falta de oportunidade, de pensamento em crescer, as pessoas, no meu ponto de vista, não tem perspectiva, não almejam algo, parece ter uma barreira que impede que eles possam alcançar mais, não sei se foi a cultura da cidade, se foi imposto pela CHESF mesmo, porque ao meu ponto de vista dar dinheiro a quem não sabe usar você vai criar um grande problema. Acredito que se deve pensar nessas próximas cidades em que vai haver inundação com transposição de pessoas de uma cidade para outra, você realmente tem que indenizar, mas mostrar como gastar, como investir, dar um lugar fértil pra as pessoas trabalharem. Os mais velhos sempre colocam a questão do lugar, dizem que era um lugar fértil, onde eles trabalhavam e mantinham suas famílias através de seu trabalho, e a partir do momento que eles perderam as terras e vieram pra cá ficaram submissos, ao meu entender, a uma obrigação da prefeitura empregar. Essa questão da depressão eu acredito, pelo pouco tempo que estou aqui, só dois anos, e pelo pouco tempo de estudo é mais voltada pelo ócio e a falta de perspectiva, mas merece um pouco mais de observação, um pouco mais de estudo para ver antes da Barragem de Itaparica como eram essas pessoas, ter um pouco mais de informação dos mais velhos de como era a vida deles, porque nós não temos ainda esse levantamento registrado estatisticamente, da depressão ou dos transtornos antes da barragem, nós começamos ter isso agora através de pessoas que contavam pra gente: – fulano se matou, e nós procurávamos saber os motivos, não foi nenhum médico, nem profissional da área que colheu esses dados, as pessoas é que contavam, mas, acredito que em breve teremos dados mais concretos. Hoje nós estamos com um programa, que acho que vai ser muito bacana, chamado tecendo sonhos, que vai ser trabalhar com crianças e adolescentes parentes de pessoas que tenham cometido suicídio ou tenham algum transtorno delirante, depressão grave, com sintomas até psicóticos; eles vão fazer redes, tapetes..., e paralelamente trabalharemos pedagogicamente com eles direito, cidadania, educação em si, e durante esse tempo, cinco ou até dez anos, ver se algo vai ser modificado tirando essa criança do ócio. Porque aqui em Itacuruba a renda da maioria da população é muito baixa, então o único divertimento que eles têm é a bebida, e a bebida mais barata, o álcool, as mais fortes, aí eles usam como fonte de divertimento, e aí como toda droga gera vício. Já pedi a UFPE através da NUTES, que nos dar um suporte, pedimos que mandassem formandos de antropologia, sociologia, psicologia, psiquiatria, que viessem fazer estágio aqui, porque seria muito rico para eles e também nos ajudaria muito. No começo, assim que cheguei aqui, as pessoas vinham mais para pegar os medicamentos, só que com esse pouco tempo nos já conseguimos mudar, a nossa farmácia gastava muito, porque além de pegar a cota que o governo, a farmácia básica dar, a prefeitura tem que comprar mais, porque é como se fosse uma hipocondria, uma necessidade de tomar aquele medicamento pra resolver aquilo o mais rápido possível. Não há tempo para submeter todos à em atendimento psicoterapêutico, minha prioridade é atender os casos mais graves, minha preferência é os suicidas, as tentativas que vêm, são frequentes, voltam, ficamos em cima uma vez por

semana, por exemplo, temos que entender a questão do tempo, um atendimento psicoterapêutico vai em torno de 30 à 45 minutos, divida aí num dia e veja quantas pessoas nós podemos atingir e 51% das pessoas nos temos que ir até à casa, eles não vêm até aqui, têm vergonha de vir. Temos de buscar saídas, nossa cidade precisa de mais ajuda, de mais investimento, que o governo estadual, federal olhe, coloque algo que realmente possa dar um suporte definitivo, para que se possa fazer alguma coisa por essas pessoas. (Aristóteles Lima da Silva CRP – 0211070)

Esse índice de 15% de uso de medicamentos é alto, aí cria uma certa dependência, por exemplo: o SUS preconiza que você tem direito até no máximo duas consultas por ano por habitante, aqui eu tenho uma média de quatro por mês, eu tenho dez mil consultas por ano, as tentativas de suicídio continuam acontecendo, deu uma diminuída depois que a gente introduziu o sistema de prevenção, de fazer visitas de cadastrar, de possibilitar um apoio psicológico, um trabalho de conscientização, deu uma diminuída. Acho que aqui são poucas as casas, que não tenha uma tentativa de suicídio; o que chama atenção, também, são os modos, os meios que eles utilizam para poder consumir o ato, tenho, aqui, pessoas que comeram vidro, pessoas cortadas, pessoas com tiro, com faca no pescoço, pega a faca e corta o pescoço, são situações que deixam no mínimo preocupado, agrotóxico, veneno, de todo jeito. Aí, quando se procura o motivo vem: briguei com meu namorado, mas é independente da idade, deu na veneta faz, não tem motivo que justifique. A cidade é uma cidade pequena, uma cidade carente, que tem muita coisa para ser feita ainda, uma cidade em que as perspectivas são meio complicadas, o maior índice de suicídio que se tem, me parece ser na Suíça, lá é porque a perspectiva de vida já está pronta, há uma estabilidade tão grande que você fica..., uns por excesso, outros por necessidade; a CHESF aqui fez uma coisa..., tirar o pessoal da cidade antiga onde tinha terras férteis, terras trabalháveis, existiam as ilhas, colocar nem na beira do Rio, nem na beira da pista, da estrada, deixar em uma cidade onde só tem entrada, não tem saída, só vem aqui quem tem negócios, qual a perspectiva que se tem aqui de emprego? de trabalho? Foram quase quinze anos recebendo um salário, um povo ocioso, aí onde entrou: beber, jogar, violência, aqui tudo é em excesso, e a saúde é um reflexo disso tudo, o Rivotril dá uma dependência muito grande, é uma droga de poder de dependência altíssimo e tem uma ação muito boa em estabilização do humor, então você aparentemente está bem, mas dependente daquilo, e tire de uma vez....Aqui, existe a consangüinidade, existe casamentos entre parentes, mas acredito que não justificam, não necessariamente, o número de casos de transtorno mental, tem casos aqui sem parentesco nenhum. Aqui, são muitos os casos de gravidez na adolescência: hoje a gente está fazendo aqui o pré-natal de umas cinco ou seis menores de idade, no momento, começam a vida sexual muito cedo, é a falta de opção, de lazer. Uma das coisas que eu acho que deu uma melhorada foi a possibilidade de ver a vida lá fora como ela é, internet, que não tinha, agora, a prefeitura comprou o sinal, via rádio, e liberou, então quem comprar o computador tem o sinal de graça, e aí começa aquele negócio de bate papo, começa descobrir outras cidades, outras pessoas, outras coisas, ver que o pensamento dos outros é diferente do daqui, começam a interagir as idéias e tirar certas coisas da cabeça. As pessoas

depressivas normalmente não falam da antiga cidade, alguns idosos dizem que lá era muito bom, relatam que na Itacuruba velha era outra coisa, tinha as frutas, a beira do rio, eu cheguei a conhecer Itacuruba velha, tinha 12 anos de idade, e era na beira do rio mesmo, as terras eram férteis, todo mundo trabalhava. No meu ponto de vista, a primeira irresponsabilidade da CHESF ter feito a cidade numa via que não existe acesso, a segunda foi esse povo ter sido sustentado durante 15 anos. Desde que cheguei aqui venho estudando essa questão do suicídio, das tentativas, do uso de medicamentos controlados, foi feita a denuncia a Caravana do CREMEPE, quando passaram por aqui, daí eles mandaram um psiquiatra, Dr. Antônio veio pra cá, fez esse levantamento, escolheu 20 pacientes, selecionados, para poder ver caso a caso a necessidade de tomar a medição, ele quase fica doido também porque vieram mais de 40 pessoas, eram 20, e todo mundo queria, a conclusão que ele chegou praticamente foi a mesma, ociosidade e o vício que se instituiu na sociedade aqui. A minha monografia de especialização será sobre o suicídio em Itacuruba, especificamente aqui. (José Atayde de Alencar Duarte Júnior)

As observações feitas por esses profissionais de saúde juntam-se as ideias, hoje consensuais, constituídas ao longo do tempo, que defendem o suicídio relacionar-se etiológicamente com diversos fatores, que vão desde os de natureza sociológica, econômica, política, religiosa, cultural, passando pelos psicológicos e psicopatológicos, até os genéticos e biológicos (Roy, 1999). Ao mesmo tempo, apontam para a importância de perceber a depressão e o suicídio na relação com o todo em que estão inseridos.

Ainda no final do século XIX, Durkheim, em seu estudo sobre o suicídio, acreditava haver uma correlação positiva entre o suicídio e o afrouxamento dos laços sociais; portanto, seria necessário observar esse fenômeno como um fato de natureza eminentemente social, para além de apenas eventos particulares. Para esse autor, cada sociedade tem, em cada momento de sua história, uma predisposição definida para o suicídio. Na deriva dessas ideias, por mais que a antiga cidade tivesse reconhecida sua predisposição para fornecer um número de mortes voluntárias, é reconhecido que a tortura social a que o grupo vem sendo submetido ao longo das últimas décadas, fez dessa predisposição um problema de saúde pública, um reflexo da dor sentida pelo corpo social de Itacuruba:

“A sociedade pode, sem sofisma, generalizar o sentimento que tem de si mesma, de seu estado de saúde e de doença. Pois os indivíduos participam por demais intimamente de sua vida para que ela possa adoecer sem que eles sejam atingidos. Seu sofrimento torna-se necessariamente o sofrimento deles. Porque a sociedade é o todo; o mal que ela sente transmite-se às partes de que é constituída. (...) Assim se formam correntes de depressão e de desencanto que não emanam de nenhum indivíduo em particular; mas que exprimem o estado de desagregação em que se encontra a sociedade. Elas

traduzem o afrouxamento dos vínculos sociais, uma espécie de mal estar social. (...) Se o vínculo que liga o homem a vida se solta, é porque o próprio vínculo que o liga a sociedade se afrouxou.” (Durkheim, 2004: 265, 266)

Essas correntes: de depressão, de desencanto se fazem presentes nos olhares, nas falas, na aura da nova cidade; as pessoas não contam, apenas, sobre as próprias dores, remetem ao todo, a uma tristeza coletiva, a um abandono que, parece, lhes dá o direito de decidir o tempo de permanência no mundo¹³⁵; **“na medida em que se admite que os indivíduos são os senhores de seus destinos, pertence-lhes marcar o seu tempo. Quanto a eles, falta-lhes uma razão para suportar com paciência as misérias da existência”** (idem: 259). Mauss, analisando o *efeito físico no indivíduo da idéia de morte sugerida pela coletividade*, defende que (1974: 189): **“a influência do social sobre o físico admite um mediador psíquico evidente; é a pessoa que se destrói a si mesma, e o ato é inconsciente”**, embora sugerido culturalmente.

Ninguém se conforma, é só lembrando direto e é uma coisa que não volta mais, é como a gente que vai embora e não volta mais, morreu acabou-se, mas a gente lembra de tudo, e conta pra esses mais novos como era a vida de primeiro, dizendo que não era assim, essa tristeza, aqui ficou tudo triste. (João Caraiqueira)

Há, aqui, um excesso de individualismo; se não fizerem algum trabalho a nossa cultura vai se extinguir. (Adriano João – 21 anos)

Lá [cidade velha] a igreja lá era grande, bonita, enchia de gente, antes o povo gostava mais de igreja que agora, lá quando dizia tem uma missa, tem novena, era assim... , aqui [cidade nova] tem missa vai quatro cinco pessoas, o povo está sem fé. (Adaltiva Maria da Conceição Lourenço – 68 anos)

“Um olhar diz tudo. Avisa o tamanho de uma dor. Pede até socorro. Basta observar os olhos de Artemísia Paula da Silva, mulher com nome de flor, para ter certeza de que eles falam. O importante é querer ouvi-los. Aos 78 anos, (...) Artemísia Chora pela idade avançada que lhe tirou a saúde. Chora pela herança frutificada em seu novo habitat [nova Itacuruba]: dois filhos alcoólatras e um outro que se matou aos 26 anos. A depressão lhe obriga a tomar tranqüilizantes para dormir. “Só tenho vontade de brigar, de chorar. Às vezes me sinto inutilizada.”¹³⁶

¹³⁵ Ver anexo VII.

¹³⁶ Falas de moradores de nova Itacuruba. In: Diário de Pernambuco/vida urbana. Marcionila Teixeira. Além da tarja preta/Itacuruba afogada na tristeza – 15/10/2006.

“Efigênia Alves da Cruz, 40 anos, não quer ver ninguém, não quer conversar. Fica isolada dentro de casa. Os olhos (...) atendem a porta sem brilho, sem curiosidade. Baiana, Efigênia conta que entristeceu ao chegar a nova Itacuruba, onde mora com três filhos. O marido só vem de quinze em quinze dias porque trabalha longe. “Já chorei muito depois que cheguei aqui. Foi mesmo que me jogar num buraco negro. Não tenho para onde sair. Na Bahia eu trabalhava, tinha amigos. Aqui não tenho nada disso. É diferente”,(...) “Queria fugir de casa, sem destino. Uma vez tomei muito remédio de uma vez só”, confessa.”¹³⁷

Pedi permissão para frequentar a sala de espera do PSF, durante alguns dias, queria ver um pouco da dinâmica do posto. De início me chamou atenção o número de pessoas aguardando atendimento médico, era um verdadeiro contraste com a calma das ruas da cidade. Logo nas primeiras conversas conheci Dejair Quirino da Silva, 32 anos, vigilante da unidade de saúde, ele apontou o grande número de jovens que chegavam com queixas de depressão, disse acreditar ser essa uma das piores doenças, **quando chega não vai embora, destrói a vida**, tem no irmão um triste exemplo dessa doença:

Eu sou vigilante aqui do posto de saúde, tenho um irmão com 27 anos que terminou os estudos [ensino médio], aí entrou nessa depressão; era normal, teve uma promessa de um emprego, mas não foi arrumado no tempo necessário, aí quando ele foi colocado para trabalhar já estava com a doença. Ele estava internado em Serra, chegou sexta feira. Acho que uma das coisas que deixou ele foi a falta de emprego, ele tinha muita vontade de trabalhar, aí o prefeito deu uma oportunidade, mas ele só trabalhou uns dois meses, depois disse que não ia mais não, que o povo estava desfazendo dele, humilhando ele. Ele bota coisa na cabeça; está com uns três anos disso, foi assim que terminou os estudos, antes ele não tinha nada, mas acho que a bebida também foi uma das coisas pra ajudar, o problema de nervo. Já foi internado em Serra três vezes, na clínica psiquiátrica, ele para de tomar remédio controlado pra beber, aí descontrola tudo, que eu conheça na família só tem ele assim. Essa depressão é uma doença mesmo que se a pessoa não lutar né..., ele sabe tudo, ele escreve qualquer coisa, se der qualquer conta pra ele fazer, escrever, ele desenrola tudo, ele não tinha nada antes.

Em meio a mães zelosas e apressadas, com suas crianças, não era difícil reconhecer jovens e adultos com aspecto de extrema fadiga, um olhar que ao mesmo tempo parecia acenar um adeus e implorar por um convite para ficar. A imagem de uma jovem de aproximadamente vinte anos, ainda hoje, como fantasma da angústia, visita meus pensamentos; magérrima, era amparada pela mãe, pois já não podia se erguer sozinha, um

¹³⁷ Idem.

vizinho havia levado em seu carro e aguardava o atendimento. Eu, sentada em um banco, ainda sob o efeito da sua chegada, vi, rapidamente se estabelecer uma rede de solidariedade. Até aquele momento eu tinha escutado tantos relatos sobre jovens deprimidos, que cheguei a supor que as pessoas do grupo já não se impactavam frente a estes casos. Estava errada, houve uma mobilização geral: providenciaram o melhor lugar, deram prioridade no atendimento, perguntavam em que podiam ajudar. A mãe disse que a jovem já não se alimentava a dias e não tinha ânimo para nada; rapidamente foi atendida, saiu agradecendo e comunicando que estava com a guia para internamento, havia urgência em hidratar.

Não pude deixar de pensar na esperança, ali, em meio a dor. Era possível ver que a seiva do grupo continuava a correr no frágil ramo. Lúcia, recepcionista do posto, parecendo ler meus pensamentos, disse que cenas como aquela se repetiam com frequência:

Aqui [cidade nova], não sei o que foi, mas é muito o número de jovens que só vive dependendo de remédio, calmante, remédio forte mesmo, e lá [cidade velha] não via isso; mas aqui tem um psicólogo, ele está acompanhando esses jovens e disse que vai diminuir os jovens e até adultos dependentes de Diazepan, Rivotril, remédios controlados. São muitos jovens e adultos dependentes desses remédios, muitos, muitos mesmo. (Lúcia Pereira dos Santos – 49 anos/trabalha no PSF)

Resolvi aguardar a monografia do Dr. Atayde¹³⁸, que seria defendida dentro de alguns meses, afinal contemplava quase uma década de relação diária com as questões de saúde da população de nova Itacuruba. Com a defesa adiada, ele se prontificou a disponibilizar o texto ainda em versão preliminar. O estudo buscava, segundo o autor, apontar o perfil suicida dos pacientes de Itacuruba, em especial, na sua relação com a epidemiologia populacional geral. Assim, se cria um parâmetro particular para que o clínico que venha a atuar na comunidade tenha seu atendimento melhor orientado quanto à etapa inicial da avaliação e, naturalmente, quanto às perspectivas de tratamento.

Para realizar o mapeamento, o referido médico e pesquisador, utilizou questionários que foram aplicados na comunidade por agentes da secretaria municipal de saúde, vinculados ao departamento de saúde mental. Foram 71 entrevistados; se referem a casos de suicídios e parassuicídios ocorridos da década de 60 aos dias atuais; participaram das entrevistas pacientes que cometeram tentativas de suicídio e parentes e conhecidos de vítimas suicidas.

De acordo com o Dr. Atayde, a entrevista psicopatológica continha pontos como:

¹³⁸ A Conduta Suicida em Itacuruba: um mapeamento de dados para a avaliação clínica.

identificação geral, dinâmica familiar, aspectos socioeconômicos e convivência social, além de perguntas de caráter específico. Observa que não se deve ignorar o fato de que os números coletados em pesquisas dessa natureza não são exatos, uma vez que há uma grande margem de falhas nos registros suicidas e/ou parassuicidas, mas esse não deixa de ser um meio válido de investigação. Como resultado, o estudo traz os seguintes dados¹³⁹:

¹³⁹ Apresentação detalhada dos dados dos questionários aplicados à comunidade de Itacuruba: Quanto ao sexo: Observou-se uma média de 51% de homens em face de 49% de mulheres entre o número total de entrevistados, o que evidencia que apesar da maioria dos casos serem masculinos, a margem de diferença é muito pequena. O dado demonstra-se, pois, de certa forma peculiar diante do quadro geral visto acima, em que se observam mais homens cometendo ou tentando suicídio. Quanto à faixa etária: Conferiu-se que ocorreram casos entre as faixas de 16 a 20 anos (contabilizando 14% do total); 21 a 30 anos (contabilizando 44% do total); 31 a 46 anos (contabilizando 22% do total) e de 41 a maior de 60 (contabilizando a mínima porcentagem restante). Nota-se, portanto, que assim como a demografia geral aponta uma mudança da maioria dos casos passarem a ser de jovens entre a faixa dos 20 aos meados dos 30 anos, e não mais de indivíduos próximos da faixa idosa, o fato também ocorre em Itacuruba. Quanto ao estado civil: A pesquisa aponta que 58% dos pacientes eram solteiros, 27% casados, 11% amasiados e 4% viúvos e 0% separados. Números que fazem saltar aos olhos o grupo dos solteiros como o de maior risco no município e que surpreendem por apontar que os casados, geralmente com um coeficiente de risco menor, aparecerem com um alto índice entre os casos. Quanto à profissão e à renda familiar: 76% do total trabalhavam, de modo que as profissões estavam assim numericamente distribuídas: 38% eram funcionários públicos; 35% agricultores; 18% autônomos; 5% estudantes. Apenas 1% era aposentado ou pensionista. O dado pode apontar para o fato de que embora a maioria dos pacientes não componha o grupo de risco na escala geral, os desempregados ou aposentados, a sua situação não os protegia da conduta suicida. Quanto à renda familiar, 63% recebia 1 salário mínimo, 28% menos que 1 salário e apenas 8% mais que 1 salário. Esses aspectos se relacionam com o baixo IDH da cidade e com a falta de perspectiva de melhoria profissional e salarial, aqui já comentados como fatores sociais relacionados ao perfil suicida da comunidade. Quanto à escolaridade: Viu-se que 65% dos pacientes cursaram apenas o ensino fundamental; 24% completaram o médio e 0% o superior. 8% do total não tinham alfabetização. Quanto ao lazer e ao contato com o grupo social: 55% confirmavam a existência de lazer e 77% frequentavam algum grupo, ao passo que apenas 16% negavam que possuíam lazer e 22% negavam que tinham um grupo social. A amostra faz com que se fique alerta, pois diferente dos dados gerais em que a maioria das tentativas suicidas pertenciam a indivíduos isolados socialmente, em Itacuruba o quadro é de alto risco também para os sociáveis. Quanto à existência de parentes com distúrbios mentais: 70% do total apresentava histórico familiar de distúrbios mentais. O dado também indica estado de alerta, uma vez que há um maior risco de ocorrência de tentativas de suicídio, de acordo com a epidemiologia geral, em indivíduos inseridos nesse grupo. Quanto ao uso de álcool e fumo Faziam uso de álcool 55% e não faziam 45%; faziam uso de fumo 25% e não faziam 75%. Nota-se que o álcool, assim como no quadro geral, participa da maior porcentagem de quem tenta ou comete suicídio, contudo a margem de diferença entre os usuários e os não usuários de álcool é pequena. Quanto ao uso de medicamentos e à classificação: Utilizavam Psicotrópicos e neurolépticos 21% do total; Antidepressivos 8%; Babirtúricos ou Bemzodiazepam 4%; Antipsicóticos 4%. Os pacientes estavam assim classificados: 14% tinham transtorno depressivo ou distímia; 7% eram transdelirantes; 3% sofriam de transtorno de ansiedade e/ou afetivo; 4% de alcoolismo. Nota-se que uma boa parte do total sofre de alguma doença psiquiátrica (28%) e faz uso de medicamentos (29%), o que chama a atenção do clínico quanto aos procedimentos no tratamento das tentativas de suicídio, como será comentado mais adiante. Quanto ao motivo: 29% tentaram ou consumaram suicídio por motivos amorosos; 29% sem motivo aparente; 17% por motivo de relação familiar; 9% por problemas econômicos; 8% por estarem sob efeito de álcool ou drogas; 5% por sofrerem alguma espécie de preconceito. Evidencia-se, assim, que os fatores psicológicos são bastante incidentes nos casos. Quanto ao método: 31% tentaram ou morreram voluntariamente por ingestão de

“Boa parte dos casos ocorreu em pacientes: a) tanto do sexo feminino, quanto masculino, com uma margem mínima de diferença numérica entre ambos; b) com idade entre 20 e 30 anos; c) solteiros; d) com apenas o primeiro grau cursado; e) funcionários públicos; f) com uma renda familiar de 1 salário mínimo; g) que afirmavam ter alguma forma de lazer; h) usuários de álcool; i) com histórico familiar de distúrbios mentais; j) vítimas de alguma doença psiquiátrica, em sua maioria transtorno depressivo; l) por motivo de relacionamento amoroso; m) através da ingestão de agrotóxico e outros medicamentos; n) com obtenção de êxito, havendo contudo uma margem numérica próxima de tentativas mal sucedidas.” (Duarte Junior, 2010: 32)

Dr. Atayde sublinha que não se pode ignorar a existência de causas individuais e subjetivas para cada caso de paciente que tenta ou comete suicídio. Mas, observa que as mudanças vividas, desde a saída do antigo lugar, geraram uma nova Itacuruba:

Reduto de uma população que perdeu as suas antigas bases referenciais econômicas e culturais, uma cidade, pois, mais ociosa, melancólica. Não se faz, portanto, absurdo relacionar os altos índices de absurdo relacionar os altos índices de suicídios da cidade, entre outras possíveis causalidades, a essa mudança de vida da população, cujas proporções podem tê-la tornado mais propensa, pela ociosidade, pelo sentimento de perda, a sintomas de desesperança e depressão, agravantes e propulsores da morte voluntária. (...) Outro fator que poderia incidir na questão do suicídio e que se faz coerente, seria a prática cultural da população de casar e procriar entre familiares, o que facilmente faz proliferar a esquizofrenia, tendo em vista que esse é uma mal hereditário.(...) A cidade apresenta também, um baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), de modo que a principal oportunidade de trabalho está na prefeitura. Assim, ociosa, estagnada e com pouco a oferecer em termos de trabalho, cultura e lazer, a cidade se tornou palco de casos de depressão e suicídio. Sem vislumbrarem alternativas para uma vida possível ou melhor, muitos itacurubenses desenvolvem um comportamento depressivo e se entregam à morte voluntária. (Duarte Junior, 2010: 20)

agrotóxicos; 29% por uso de medicamentos; 18% por arma de fogo; 5% por objeto perfurante; 5% por enforcamento; 5% por intoxicação exógena e 4% atearam fogo ao corpo. Percebe-se que os métodos mais utilizados são passíveis de socorro, e que, portanto, métodos irreversíveis e violentos são minoria. O quadro pode apontar o baixo o grau de intencionalidade letal dos suicidas, o que indica necessitar o clínico conceder atenção especial às tentativas de suicídio quanto, principalmente, ao encaminhamento à psicoterapia, onde o psicoterapeuta deve tentar estabelecer a aliança terapêutica, a fim de evitar que o paciente efetue uma nova tentativa. Quanto ao êxito na tentativa: 52% tiveram êxito e 48% tentaram suicídio. Os números têm uma margem de diferença mínima. O clínico, como se vê, apesar de encontrar um maior número de vítimas fatais, se depara com um alto índice de tentativas e com a missão de prever e prevenir novas tentativas, o que é comum dentro do grupo que já tentou uma primeira vez. (Duarte Junior, 2010: 26, 27, 28, 29)

Quanto mais tempo permanecia no posto, mais me chamava atenção o número de adolescentes depressivos; chegavam, também, as informações sobre as tentativas de suicídio, normalmente encaminhadas à Unidade Mista Dr. Manoel Novaes. Questionei Dr. Atayde sobre os motivos apresentados por esses jovens, segundo ele:

Quando se procura o motivo vem: briguei com meu namorado; as vezes chega no hospital perguntamos: – por que você fez isso? Ah! meu namorado estava com outra e disse que não me quer mais; ah ! porque minha mãe brigou comigo, são motivos que não justificam chegar ao extremo. Foi uma geração que nasceu e creceu sem referencial, sem saber o que vai ser da vida. Passar 15 anos ocioso não é brincadeira.

Ainda de acordo com Dr. Atayde, a ociosidade, a falta de perspectiva de vida e as raízes enterradas na antiga região [velha cidade] contribuem para o que acontece com a saúde mental na cidade [nova]. Enquanto via aqueles jovens aguardando atendimento, lembrava dos depoimentos, carregados de luto, que escutara até então. Realmente, essa era uma geração nascida no exílio e vítima de uma dupla tortura social: enfrentou, junto com pais e avós, a longa espera por uma definição econômica, que nunca chegou; viveu, sempre, em um tempo em suspenso; e cresceu ninada pelo lamento cotidiano dos mais velhos.

Frente a esse contexto, pode ser muito boa para pensar, a observação de Durkheim, (2004: 277) de que **“quando alguém está habituado desde a infância a não fazer caso da vida e a desprezar os que lhe têm apego excessivo, é inevitável que se desfaça dela pelo mais leve pretexto. É fácil se decidir por um sacrifício que custa tão pouco”**. Para o médico do CREMEPE, Dr. Corrêa Lima **“O Estado brasileiro abandonou essa gente e a verdade é que, no sertão, até o arco-íris é preto e branco”**. A escolha dessas cores remete à tarja preta presente nos remédios com venda controlada; aqui, especificamente, aos antidepressivos. Em Itacuruba esses remédios têm presença assegurada em, praticamente, todas as casas; às vezes, depois de uma caminhada mais longa, sob o sol forte, ou após um dia de escuta de duros relatos, quando uma dor de cabeça era inevitável, havia, sempre, a generosa oferta de uma *bandinha* de Rivotril ou Diazepan, decidi, embora com uma pontinha de tentação, continuar com o meu velho conhecido Dipirona.

Difícil não pensar, que, na contemporaneidade, nossos grandes triunfos desenvolvimentistas são marcados por seus resultados paradoxais. Pois, como diz Morin (2007: 241, 243) **“o duplo jogo da história continua, intensificando-se e agravando-se no grande teatro-planetário. (...) Os progressos benéficos da ciência são inseparáveis de**

progressos mortais. (...) O planeta avança a sombra da morte". Em Itacuruba, quanto mais me aproximava do labirinto constituído de depressões e suicídios, mais tinha a sensação de sentir a respiração dessa sombra, que parecia onipresente.

Mas, naqueles bancos do posto, vendo todos em movimento para ajudar quem chegava com um problema mais grave; no carinho com que dona Miúda visitava os amigos; no compartilhar um texto de especialização ainda não defendido; no oferecer uma bandinha do precioso remédio..., Itacuruba acionava solidariedades, refletia luz. Diante desse panorama, talvez a fala de Zaratustra fosse dirigida às pessoas de Itacuruba:

“Oh meus irmãos acaso serei cruel em dizer que há invenções úteis e boas para o homem que vem. É necessário, porém, mais valor para rematar do que para fazer um verso novo: isso sabem-no todos os médicos e poetas; exorto-vos, então, a ser valentes, a firmar raízes fortes, a não desprezar o vosso próprio ser que teima em querer desaparecer.” (Nietzsche, 2004:)

3.5 - Outras pragas do exílio: violência, álcool, drogas...

Todas as estatísticas que envolviam Itacuruba eram alarmantemente sombrias. Além dos altos índices de suicídio e depressão a cidade era, também, considerada das mais violentas de Pernambuco¹⁴⁰. Mesmo pensando nova Itacuruba como um espaço construído para depositar pessoas, e considerando o longo período de desordem que acompanhara todo seu

¹⁴⁰ Dados do Boletim Trimestral da Conjuntura Criminal em Pernambuco mostram que houve uma redução do número de crimes violentos letais e intencionais (CVLI) no estado de Pernambuco no segundo trimestre deste ano [2010]. A pesquisa, foi produzida pela Agência Condepe/Fidem, em parceria com a Secretaria de Defesa Social (SDS) e com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Criminalidade, Violência e Políticas Públicas de Segurança - NEPS, da UFPE. Já a região do Sertão do Itaparica, que compreende os municípios de Floresta, Belém do São Francisco, Carnaubeira da Penha, Petrolândia, Jatobá, Tacaratu e Itacuruba, registrou um aumento da taxa de CVLI, passando a ocupar a 1ª posição no acumulado de janeiro a junho deste ano, com 26,22 casos por 100 mil habitantes. A região de desenvolvimento Metropolitana ficou na 2ª colocação com 25,28 por 100 mil habitantes, enquanto que a Mata Sul, na 3ª posição do ranking, com 24,66 por 100 mil habitantes. In: Diário de Pernambuco, 11/09/2010. diário@dpnet.com.br

trajeto, era perturbador que todos os caminhos estatísticos apontassem na direção do mal absoluto; o bem só parecia possível fora dos seus limites.¹⁴¹

Na adolescência minha irmã teve uma filha, aí teve que sair pra trabalhar, e quem cuida da filha sou eu; minha irmã teve a filha com 17 anos, trabalha em outra cidade, eu tenho que cuidar de casa, trabalhar, levar a menina pra creche. (Edelane Soares da Silva – 19 anos)

Só tenho uma filha; graças a Deus, ele me deu forças botei minha filha para Campina Grande, formei, hoje ela vive muito bem, casou e mora em Salvador. Quem tem condições tira seus filhos pra fora, dá outras oportunidades, e o pobre, vai fazer o que? (Jão Gaudêncio Freire – 70 anos)

Eu, enquanto mãe, fico preocupada, o que é que eu vou fazer com os meus quatro filhos? Aqui dentro de Itacuruba, agora, nesse momento, é um índice alto de adolescentes mães de famílias, porque se não temos lazer vem o sexo como opção de lazer, sexo sem responsabilidade, e isso me deixa muito preocupada. (Rita Dante)

Tenho três filhas que moram e estudam em Recife, os jovens aqui têm vontade de trabalhar, e alguns têm vontade de estudar; tem muitos jovens, aqui, capazes, inteligentes, com muita vontade de seguir carreira, mas não tem como. (Maria da Conceição Maniçoba Guimarães – 55 anos)

Aqui tem um número bom de jovens e adultos que estão procurando outros meios [fora da agricultura e da prefeitura], fazendo um concurso, vestibular e estão chegando lá, o pessoal está saindo da cidade, não ficam aqui. (Alexandra de Souza Nascimento – 23 anos)

Embora esse fosse o discurso dominante, foi possível escutar algumas falas que seguiam em outra direção:

Na época que estamos o que está valendo é estudo, nós não, mas esses novos tem que ter estudo; eu só tenho uma filha, ela trabalha aqui pra pagar a faculdade em Belém, vai e volta todo dia, e o resto eu resolvo, ela se forma no fim do ano. (João Caraibeira)

Pelo fato dela [nova Itacuruba] ser pequena a educação não é lá essas coisas, mas se você quiser fazer um curso superior a prefeitura dá o

¹⁴¹O futuro das crianças é a migração para os municípios mais desenvolvidos. A maioria dos pais tem pouca instrução escolar, mas carrega a certeza que essa a única solução para que as próximas gerações tenham perspectivas melhores e superem a fome e a falta de trabalho. (Diário de Pernambuco. A incerteza da próxima geração. Silvia Bessa, Recife, 26 de Abril de 1998)

transporte, inclusive parece que o prefeito trouxe o CEFETE, educação a distância, de informática, tem o CEFETE em Floresta, que o pessoal daqui faz, o transporte leva e traz todo dia, não tem o que reclamar não. (Alexandra de Souza Nascimento – 23 anos)

É preciso considerar que a migração dos jovens, em busca de melhores oportunidades de trabalho e/ou estudo, e mesmo de famílias inteiras se mistura com a própria história do Sertão nordestino, inspirou: romances, músicas, poesias. Antunes Tavares (2009: 326), em estudo com jovens de Ibimirim¹⁴², trata dessa realidade:

“O prolongamento da seca, como em vários anos da década de 90 e no início deste novo século, provocou a migração forçada de muitos jovens. Nessa época, as agrovilas esvaziaram e a população de Ibimirim decresceu. (...) A migração dos jovens das famílias de agricultores do Sertão se baseia em argumento sobre a falta de trabalho que não seja na agricultura, para os que moram nas áreas de irrigação, ou da inviabilidade da agricultura, para os que moram nas áreas de sequeiro. Como fenômeno secular que atinge as populações do Sertão nordestino, a migração é uma experiência que pertence a memória coletiva desse grupo social.”

Nos relatos de pais e mães de Itacuruba percebe-se um lamento pela falta de oportunidades de trabalho, que obriga os filhos a saírem, mas, ao mesmo tempo, demonstram medo de que continuando na cidade os jovens tornem-se alcoólatras ou drogados; sabem que, violência, álcool e drogas são problemas globais, porém acreditam que, com a exceção do Rio de Janeiro, frequentemente na mídia com questões relativas à violência do mundo das drogas, Itacuruba com toda sua especificidade de depressão e abandono estaria mais vulnerável.

Em depoimentos de moradores de Rodelas e Canindé as queixas, quanto a insegurança voltam-se, na maioria das vezes, para *os de fora*, que vieram se *misturar* à população local:

“Na cidade velha podia botar uma bicicleta novinha na porta, de noite e de dia, e nada acontecia. Mas agora não pode não. Tudo mudou, acho que é a mocidade nova e gente de fora.” (Depoimento de morador da nova Rodelas, in: Galiza de Oliveira; Medeiros, 1996: 32)

“A cidade antiga era melhor do que essa, era mais tranqüila. Todo mundo se juntava na praça, todo mundo se conhecia. Agora não, chegou muita gente de fora. Antes podia dormir na rua, agora não. Vá dormir que amanhece morto.” (Idem)

“Tem muita gente bagunceira que veio pra cá, pessoas que não trabalham e vivem fazendo baderna, enchendo a cara e atrapalhando

¹⁴² Município situado a 339 Km do Recife, no Sertão do Moxotó, região do Submédio São Francisco.

os outros. Antes a gente tinha sossego.” (Fala de homem idoso de nova Canindé, in: Medeiros, 1999: 145)

“Aqui já foi muito violento, mas foi o pessoal de fora que veio com problema.” (Fala de mulher jovem, idem: 146)

Lembro que nas primeiras semanas em Itacuruba eu me cercava de alguns cuidados em relação a criminalidade anunciada, embora, com uma certa estranheza, pois não me parecia possível enfrentar, em uma cidade tão isolada, uma criminalidade maior que a vivida em uma metrópole com as dimensões do Recife. Mas, os males desta eram conhecidos, enquanto os da outra, me eram estranhos, aconselhava-se prudência; assim, evitava me afastar do hotel à noite, mesmo que as pessoas ao redor parecessem de paz. Aos poucos fui me distanciando; em algumas noites quentes saía caminhando até o ponto mais movimentado da cidade: a barraca dos espetinhos e o *trailer* do hamburger, um em frente ao outro: conversava; experimentava essas iguarias; sentia a brisa seca e me encantava com o céu transbordante de estrelas de todos os tamanhos, não se fazia notar qualquer sinal de crime.



143

Mas, rememorando as conversas que tivera desde que chegara, não pude deixar de lembrar os lamentos de Francilina e Artemisa pelo assassinato dos filhos, procurei conversar com o delegado, buscar os números mais próximos à realidade local. Fui algumas vezes à delegacia; todo contingente se resumia a dois policiais, que conversavam sem qualquer interrupção, o mais jovem, geógrafo, disse sonhar em fazer antropologia. Para eles a cidade é tranquila, reconhecem alguns problemas com arruaças, principalmente por conta do uso excessivo do álcool e da chegada das drogas, mas dizem acreditar ser esta uma situação geral, não específica de Itacuruba. Não havia qualquer detido na delegacia. Só consegui encontrar com o delegado Marcelo Henrique Queiroz, 26 anos, após a quarta tentativa, ele tem que se

¹⁴³ Pontos de encontro da nova cidade; fotos Socorro Figueiredo.

ausentar, frequentemente, por ser responsável, também, por Carnaubeira da Penha, cidade próxima. Acredita não serem concordantes os índices divulgados com a realidade de Itacuruba:

A questão de violência comparando Itacuruba, aqui na região, com os outros municípios, eu acho que é um dos lugares menos violento. Dessa região daqui: de Floresta, Belém, de Petrolândia, Itacuruba é o município menos violento. O panorama aqui é: o povo recebia o salário de indenização da CHESF, agora tem o bolsa família do governo, parece ser a fonte de renda de grande parte do pessoal daqui; questão de emprego é pouco, quase nulo, grande parte da população não tem emprego, isso gera o ócio, do ócio advém outros problemas como o da droga, do alcoolismo, mas não sei se é porque sou delegado de Carnaubeira da Penha que é uma cidade pequena mas violenta, complicada, eu acho que aqui a cidade não é problemática em relação a violência. Esse ano a gente teve um homicídio, para ter uma idéia, ocorrência policial, isto incluindo extravio de documento e tudo no ano passado nós fechamos aqui com 58 ocorrências no ano; Floresta, que tem 24000 habitantes fechou com 2000 ocorrências, ou mais. Aqui, a incidência maior é a questão de briga familiar, a briga doméstica, a violência doméstica, a maioria dos casos aqui é relativo a traição que gera violência doméstica, geralmente contra a mulher, mas elas nem sempre denunciam, porque se denunciar é caso de prisão; hoje a gente tem que prender, tem que fazer o flagrante, independente da vontade dela, as vezes nessa questão de traição a mulher agride o homem, ele revida, o que não justifica de jeito nenhum, é briga doméstica, então a maioria não denuncia. No tempo que eu estou aqui, pelo histórico da delegacia, do cartório de registro, o índice de violência é baixo, o ano retrasado tivemos 35 ocorrências policiais; das 58 ocorrências do ano passado as questões eram mais perda de documentos, muitos acidentes de moto, nada relacionado com crime, nem toda queixa registrada é crime.

O discurso do delegado estava em harmonia com muitas das falas que eu vinha escutando; a expressiva maioria das pessoas não parece temer crimes violentos letais, por outro lado, é, praticamente, unânime a preocupação com o alcoolismo, o uso de drogas e, em menor proporção, mas, também, presente, com a gravidez precoce.

Aqui a juventude desocupada acaba procurando essas drogas malditas, vão se dedicar ao álcool, que também é uma droga e a prostituição, outros vão se marginalizar nas estradas, roubar. (João Gaudêncio Freire – 70 anos)

Aqui circula entre os jovens maconha, crack e cocaína; dizem que vem de Floresta, e de lá pra cá é um pulo¹⁴⁴. Acho que aqui deveria se procurar meios

¹⁴⁴ É importante colocar que em nenhum momento as pessoas de Itacuruba remetem à produção de maconha no município; assumem o consumo, não a produção, refutam a imagem de produtores, embora sejam considerados como município pertencente ao Polígono da Maconha. De acordo com Ana Cristina de Sá, em estudo intitulado - Floresta-PE: políticas alternativas de desenvolvimento rural numa região marcada pelo cultivo da maconha, a difícil condição de vida dos trabalhadores rurais e pequenos agricultores, a geografia e o clima são questões que fazem do município de Floresta um

de tentar ocupar a mente dos jovens, ou com programa social, algum trabalho, algo que ocupe eles, pra que eles não fiquem sem ter o que fazer e acabem se envolvendo com drogas, álcool... (Adriano João – 21 anos)

O cenário aqui [cidade nova] é feio em relação ao alcoolismo; temos meninos e meninas de 12, 13, 14 anos bebendo. Estamos trabalhando, junto com o Conselho Tutelar, para identificar e trazer esses jovens para oficinas de arte. As famílias desses jovens muitas vezes são ausentes, doentes. Com a internet

espaço propício aos grandes financiadores do tráfico. Os entrevistados enfatizam, também, a importância do o escândalo da mandioca, nome dado ao golpe aplicado no Banco do Brasil em meados dos anos 1980, em que produtores rurais, através de linhas de créditos, recebiam empréstimos para plantar mandioca, sendo depois descoberto haver mais dinheiro emprestado do que terras para o cultivo e nenhum pé de mandioca plantado; o que acarretou o cancelamento de crédito. Conforme os depoimentos coletados, outros fatores chamam a atenção para favorecer a expansão do cultivo da cannabis sativa: a violência da região, resultante do coronelismo, em que as guerras de família camuflam não só uma disputa política, mas a hegemonia dessa produção; a crise da cebola, que levou vários produtores à falência na década de 1990; e sobretudo a construção da barragem de Itaparica na década de 1980, desapropriando várias propriedades rurais e desalojando os pequenos agricultores. A barragem desmontou o povo, mas não deu condições de trabalho. Esse povo [ficou] sem ter onde cultivar mais, porque foram retirados das suas terras para dar lugar a ela. Depois demorou a construção das agrovilas, a juventude sem trabalho começou a produzir no tráfico (Líder de movimento social local, entrevistado [por Ana Cristina] em setembro de 2008). No entanto, mesmo com a criminalização desse tipo de cultivo no país, este passa a ser vislumbrado pelos pequenos lavradores e trabalhadores rurais assalariados como um trabalho que lhes propõe melhores condições econômicas do que as que possuíam nos cultivos tradicionais de subsistência. A sede municipal Floresta (PE) se situa a 433 km de distância de Recife está inserido na região denominada pela mídia como “polígono da maconha”, que é formado por um quadrilátero imaginário que liga as cidades de Caraipeiras, Salgueiro, Ouricuri e Petrolândia, tendo como limite o Rio São Francisco. Os municípios onde há maior concentração da produção são Floresta, Cabrobó, Orocó, Santa Maria da Boa Vista, Tacaratu, Petrolândia, Itacuruba, Caraipeiras, Lagoa Grande, Carnaubeira e a região indígena de Uma. A maioria desses municípios faz parte do Submédio São Francisco, que abrange algumas cidades da Bahia e Pernambuco, além de fazer fronteira com os estados de Sergipe e Alagoas. As estradas que dão acesso a esses estados são utilizadas pelos traficantes para escoamento da produção.

In: http://www.koinonia.org.br/bdv/detalhes.asp?cod_artigo=365&cod_boletim=39.

A institucionalização da região como o Polígono da Maconha pelo governo, se deu pela necessidade de fornecer uma resposta eficaz à denúncia feita através de relatoria à ONU, sobre esta produção no país. Segundo o Superintendente da Polícia Federal de Pernambuco, a produção do Polígono abastece o mercado consumidor das capitais nordestinas. A origem da cannabis sativa (maconha) na região remonta a década de 1950, conforme comenta pesquisa etnográfica realizada na área por Donald Pearson; a esta época o cultivo aparece em escala de subsistência, de produção esparsa para fins terapêuticos, fato inclusive reconhecido pelas autoridades públicas da região, entre elas o Superintendente da Polícia Federal de Pernambuco, que afirmou ter conhecimento do plantio da maconha na região desde a década de 1970. Mas, reconhecimento da escala agroindustrial da agricultura do ilícito inicia-se na década de 1980, quando os meios de comunicação apresentavam Pernambuco, como sendo o maior produtor de maconha no Brasil. (Erika Macedo Moreira. In: caatinga.ufersa.edu.br)

gratuita, que a prefeitura liberou, à rádio, agora temos duas lanhouse e dois laboratórios de informática nas escolas, vai abrir mais a cabaça dos jovens. Na praça, toda noite, tem televisão para quem quiser assistir. (Cristina Almeida da Silva Freire – Secretária de Cultura Esportes e Turismo)

Aqui tem um número grande de pessoas viciadas, e não é só com álcool não, aí vem a maconha, que já não tem tanto sucesso assim; eu fiquei informada, por mães de família, que aqui dentro da cidade já circula crack, uma cidade pequena pra isso. As vezes eu comparo que Itacuruba parece uma parte de uma favela, porque casos de droga, de sexo na adolescência, que eu nunca tinha presenciado na velha cidade vejo aqui. Você, daqui a um tempo, não vai saber se você vai estar dentro de Itacuruba, que é uma cidade do sertão ou se você está em plena favela do Rio de Janeiro, você não vai conseguir nem discernir; se não tiver um controle agora daqui a dez anos eu não sei. É preciso fazer alguma coisa, porque hoje os jovens não têm um referencial de identidade. (Rita Dante)

A gente foi criado lá [velha cidade]; comparando a velha cidade com a nova é totalmente diferente, aqui tem pessoas no mal caminho porque não tem o recurso pra botar os jovens pra trabalhar, aí vai entrar no meio das drogas, que aqui está tendo bastante, do alcoolismo. Eu mesma preferia estar lá, no meu lugar. (Constância de Menezes Silva – 35 anos)

Nas estatísticas do estado nós chegamos a ser o município mais violento, pela população que nós tínhamos, dentro de Pernambuco, isso é um problema. (Ademilson Nunes de Souza)

Lá [cidade velha] com seis meses podia matar um cabrito que era um bode de vinte um quilos; aqui roubam, tenho um cercadinho mas os cabras roubam adoidado, bem aí perto da rua. (Antônia Maria dos Santos – 60 anos)

Fui feita aqui, nasci aqui, gosto da cidade, eu fazia licenciatura em matemática, mas tranquei a faculdade, por causa do meu filho, engravidei com 19 anos, graças a Deus. (Claudia Mayara da Silva – 20 anos)

Aqui é tudo bêbado, tenho abuso de bebida, não gosto de bebida não, nem meu marido nem meus filhos bebiam, aqui um filho bebia, eu dizia Zé meu filho seu pai não gostava de cachaça, e você bebendo assim, mas ele agora deixou. (Alzira de Sá – 93 anos)

Eu nasci em Belém, vim pra cá com 11 meses, eu gosto daqui, porque é uma cidade calma, tranqüila. Eu gosto da educação aqui também, faço o 1º período do Travessia, que é um programa do governo destinado a pessoas de dezesseis anos acima, que não estão na série correta, no meu caso eu parei dois anos, quando engravidei de Renato, com dezessete, aí eu decidi fazer esse ano pra ver se termino, é um ano e meio. Legalmente não estou casada, mas estamos juntos, no início da gravidez foi um susto, mas depois foi ótimo, faria de novo; eu não tenho emprego, é só em casa mesmo, agora ele trabalha na Secretaria de Educação. (Cíntia Teles dos Santos – 18 anos)

Itacuruba para mim é uma cidade muito boa, sem violência, mas faltam algumas coisas a serem feitas para os jovens; falta muito espaço, lazer, é o que falta aqui. Aqui há muita gravidez na adolescência, mas acho que não é por falta de informação, em todo lugar há sempre informação sobre o uso da camisinha, de prevenções, várias coisas, aqui é o que não falta é informação. (Laryane Dante – 15 anos)

O uso exagerado do álcool, segundo os relatos, parece presente, com mais intensidade, entre os adultos jovens e adolescentes, embora os depoimentos tenham revelado esse excesso também entre velhos e crianças. Durante o dia os pequenos bares ficavam vazios, e mesmo à noite o movimento parecia pequeno. De acordo com dona Valdeci, muitos compram a cachaça para beber em casa. Cumprimentando uma senhora que passava, segurando uma garrafa peti de 2 litros, cheia de um líquido transparente, disse que certamente não era água, contou que tanto a senhora quanto o marido eram alcoólatras. Mas, os adolescentes e jovens são a maior preocupação tanto de pais e avós, quanto do poder público. O Secretário de Educação de Itacuruba, professor Geraldo Maranhão, reconhece a gravidade da situação:

Cheguei a 30 dias, veja bem eu estou muito preocupado com o panorama da educação, em relação aos jovens, eu vejo os alunos muito desinteressados, eles não têm assim uma cultura de estudar, de querer crescer, eles estão freqüentando a escola, na maioria, por freqüentar, porque têm que terminar uma série, terminar um grau, mas eu não vejo o entusiasmo deles de quererem pular para uma faculdade, de quererem ver que aquele é o caminho que vai dar para ele uma sustentabilidade formal para a sua vida, que é um curso de graduação, então eu me preocupo muito, não só com os pequenos, a falta de assistência familiar na educação infantil da 1ª à 4ª série e também de 5ª à 9ª série, onde eu tive dados concretos de alunos que estão repetindo a 5ª série pela quinta vez, isso realmente é um índice calamitoso e preocupante. Temos que fazer uma transformação nessa educação de Itacuruba, até porque nosso IDEPE está muito inferior ao nível nacional e ao nível regional, em vez de crescermos com o IDEPE nós caímos com o IDEPE, o IDEPE de Itacuruba hoje é 2,5. É preciso fazer com que essas crianças e adolescentes comecem a pensar de outra forma sobre educação, e sobre o que ela vai trazer de positivo para vida deles; é preciso falar com esses alunos em termos de drogas, que a juventude está usando muito, se falar na prevenção sexual. Como toda a Nação já faz, alertando para o uso de camisinha, o problema da AIDES, temos que fazer também. Eu tive um dado concreto, de que têm meninas aí de catorze anos, até mais novas já engravidando, a gravidez na adolescência é uma coisa crucial, então você veja aí vem uma série de desestrutura, essa jovem não tem poder aquisitivo, essa jovem não tem um emprego, essa jovem não está preparada psicologicamente para enfrentar essa criança, os pais não estão preparados para dar assistência a este jovem que passa a ser pai e mãe, então isto me preocupa muito, a questão formativa desta sociedade. Observa-se, nesses jovens, desencanto, desinformação e descaso até com as coisas principais que eles deveriam olhar até para o seu próprio desenvolvimento cultural, social, de formadores de opinião, de conhecimento das coisas.

Esse cenário parece, num primeiro momento, apontar para uma desordem completa, sem um mínimo de estabilidade e regularidade, ou seja, de certeza, que permitisse ao grupo encerrar o luto por tantas mortes de carnes e de sentidos e decidir por um futuro possível. De acordo com Michel de Certeau, as estatísticas não devem ser desprezadas, mas é importante perceber que elas não põem à mostra o fraseado devido à bricolagem, à inventividade

artesanal, à discursividade que combina esses elementos. Por isso, a sondagem estatística fecha-se no que é homogêneo. Na esteira dessas ideias é preciso considerar que, à sombra desse coquetel de índices alarmantes, os números que dão o tom de caos à cidade, e se repetem na *mídia*, reificam, também, o nosso olhar dicotômico frente à vida; em “A Fé do Sapateiro” (1995: 187) Gilbert Durand escreve

“Embarcamos em nosso velho pensamento dicotômico, preferimos muitas vezes discorrer sobre cidades imaginárias extremas. Exaltamo-nos com o triunfalismo da Jerusalém celeste, choramos e gememos as margens do rio da Babilônia, desejando a execração da “Cidade Alheia” por excelência – Babilônia, a cidade dos vícios, mãe de Sodoma e Gomorra.”

Nem celeste, nem profana, Itacuruba, “Cidade Alheia” de si mesma, revela seus vícios, suas chagas, com profunda dor, mas, também, com um rasgo de irônico triunfo expõe o lado barbárie do gigantesco desenvolvimento técnico energético. A sombra da morte ofusca o brilho da vitória desenvolvimentista, é ferida aberta. Itacuruba parece lembrar a si e aos outros os riscos presentes nos mega projetos que se almejam Babel¹⁴⁵.

¹⁴⁵ Segundo o Antigo Testamento (Gênesis 11, 1-9), Babel foi uma torre construída na Babilônia pelos descendentes de Noé, com o objetivo de eternizar seus nomes. A intenção era que ela alcançasse o céu. Pela pretensão, Deus castigou-os, confundindo-lhes as línguas e os espalhou pela Terra.

Capítulo IV

Itacuruba para além das sombras: pela luz que sempre há

4 - Itacuruba para além das sombras: pela luz que sempre há.

“Sob a dureza, aridez e insanidade impostas pelas condições adversas da região semi-árida, o sertanejo – de modo incansável – reinventa possibilidades de vida, impõe uma ordenação a esse sertão-caos. (...) Ao vivenciar esse deserto, integra sua paisagem, seus serrotes pedregosos, suas enormes planícies, o vento e a poeira quentes, a terra sangradora”. (Nogueira, 2003: 97)

Meu pensamento predominantemente dicotômico vinha acompanhando, por meio dos depoimentos dos que ficaram em Itacuruba, as saudades pelos que haviam seguido para os Projetos; só após uma convivência maior com o grupo, e um contínuo exercício de escapar, ao menos por instantes, do domínio dos opostos – ficar ou sair – me dei conta dos que voltavam. Nas conversas cotidianas eu já ouvira algumas referências a antigos moradores da velha cidade que tinham optado pelos Projetos e estavam voltando para nova Itacuruba. As pessoas que chegam se referem a um retorno, embora, na realidade, nunca tenham residido na nova cidade; voltam ao galho que permaneceu mais próximo à velha raiz, buscam um pouco da antiga segurança nas paisagens humanas que se fincaram no espaço atual, em familiares e amigos.

Não me arrependo de não ter ido para o Brígida, hoje tem gente lá passando fome, a metade lá [Projeto Brígida] passando fome mesmo. Tem terreno que não presta: cheio de mato, embebeda, o vento quando vem quebra as bananeiras tudo. E morte lá, se fosse anotar no papel dos conterrâneos nossos que foram morridos lá, matados lá de todo jeito, até sair pra escovar os dentes na pia um cabra atirou num sobrinho; deu dois tiros no peito dele, estava lá a cinco dias, puro, eu Deus me livre. Aqui [cidade nova] está assim de gente de lá [Brígida], e só não vem mais porque não tem casa; tem muitos que só não vem porque não tem casa, mas tá assim de gente, meio mundo de gente que veio. Ali naquela ruinha é só povo do Brígida, que voltou do Brígida pra cá, uns compram casa, quem tem condições faz, quem não tem aluga; voltou do Brígida pra cá porque as terras não prestaram mais, enfraqueceram, cortaram as verbas que eles tinham, agora tem que pagar água e energia. Sei que tem gente passando fome, os que tinham mais coragem e condição estão bem de vida, mas é lá uns, mas a maior parte, os mais fracos [menor suporte financeiro], já venderam terreno, venderam casa e foram embora, tem deles que tem vergonha. Também, foram seis anos pra começar, três anos sem ter nada pra trabalhar aí o povo era só beber e jogar, matar pintar, ave Maria! tem mesmo um rapazinho novo, conterrâneo, vinha com o dinheiro no bolso para comprar uma bicicleta aí o cabra matou pra roubar, é muita coisa feia que aconteceu ali, não pode passar de uma agrovila para outra. O Caraíbas, que

agora é Fulgêncio¹⁴⁶, também que é outro inferno. Eu tenho uma irmã que está morando aqui, na casa que era de meu pai, que veio de Remanso; veio embora de Remanso porque não teve condições de viver lá, a CHESF jogou um bocado lá, levou foi muitos pra lá, não tem terra, não tem água, ela deixou casa, deixou tudo e veio embora pra cá. Eu me arrependi de ter vindo pra cá [cidade nova], devia ter ido para outro canto do mundo, mas do Brígida Deus me livre. Eu sinto falta do lugar que eu morava, na cidade velha, lá a gente era feliz. (Antônia Maria dos Santos – 60 anos)

Já tem gente que vendeu o Projeto, tem muita gente voltando, principalmente do Brígida. Tem uma família minha: de primos, primos segundo, que já estão aqui, venderam ou arrendaram. (Maria Aparecida Souza Freire – 46 anos)

Eu andei ainda uma vez no Brígida, mas não quis não, as paredes da casa eram pretas de muriçoca, lá é cheio de estripulia pra matar gente, eu tinha os meus filhos tinha medo de ir pra lá, fazer questão pra lá, era melhor ficar por aqui, mesmo sem receber o salário não me arrependo nenhuma vez até hoje; criamos os dez filhos. (Gersom dos Santos – 77 anos)

Depois da Barragem de Itaparica fomos todos para Orocó [Brígida], e Itacuruba ficou praticamente sem representação política do movimento sindical; eu reestruturei o sindicato novamente em 96, fiquei depois 10 anos afastado, depois retornei a negociação com Itaparica, porque eu via que Itacuruba não estava realmente tendo uma representação; retornamos então a luta com Itaparica. (Ademilson Nunes de Souza)

Agora, aqui [cidade nova] tem gente do Brígida que acabou voltando. (Lúcia Pereira dos Santos – 49 anos)

Famílias, separadas por quase duas décadas, voltavam a se encontrar, mas, como refere dona Antônia, havia um sentimento de vergonha, de muitos dos que voltavam, por não terem concretizado o sonho de produzir na própria terra. Porém, vivenciando a espera, durante tantos anos, as pessoas de nova Itacuruba recebem, sem cobrança, os que chegam. É assim, que dona Antônia, em poucas palavras, justifica o insucesso dos que deixam os Projetos: **também, foram seis anos pra começar, três anos sem ter nada pra trabalhar, aí o povo era só beber e jogar, matar, pintar.**

Fui, junto com dona Miúda, à *ruazinha dos que voltaram*. Lá, muitos falam, rapidamente, sobre a experiência vivida nas agrovilas; para eles o maior motivo para a retirada foi a má qualidade do solo, mas a violência, as questões envolvendo o narcotráfico também são colocadas como determinantes para a saída. Se o desânimo, a vexação, o medo

¹⁴⁶ Dona Antônia diz que o nome do Projeto Caraíbas mudou para Fulgêncio em homenagem a um morador do projeto assassinado. Segundo Érika Macedo: Fulgêncio Batista era líder de uma das agrovilas e foi assassinado em 1997; vinha denunciando questões relacionadas com o narcotráfico na região. (Erika Macedo Moreira. In: caatinga.ufersa.edu.br)

mostram-se presentes nas falas curtas, entrecortadas por longos silêncios, que pedem para não serem gravados, outros voltam prontos para continuar a luta pelo direito a viver da terra, e, embora respeitem os segredos considerados mais perigosos, das agrovilas em que viviam, pois sabem que a própria vida está em jogo, estão conscientes que o silêncio total os condenaria ao completo abandono; por isso acham importante expor a vida nos lotes que os obrigou a ir embora:

Era da velha cidade, casei lá com 18 anos, vivi 14 anos da minha vida lá e vivi no céu, lá vou dizer, se uma mulher ficasse sem marido se prostituía se quisesse, porque tinha como ele sobreviver e criar os filhos, aqui [cidade nova] ficar sem marido só Deus sabe o que acontece com a mulher e com os filhos, porque aqui não tem como viver. Quando veio a barragem nós fomos para o Brígida, porque meu marido era agricultor. Lá no Brígida a gente se empurrou na agricultura, o Brígida acabou com meu marido e com meus filhos, a vida da minha família se acabou naquele Brígida. Eu peguei só três hequitares de terra; mas, minha família cresceu, era muita terra quando eu cheguei lá, porque eram cinco crianças, a mais velha com doze anos, então era muita terra com meu marido sozinho para trabalhar, mas aquela família cresceu e permaneceu a mesma quantidade de terra, e a gente trabalhava só em um hequitare e meio, um e meio era só pedra. A gente sobrevivia porque eu costurava, eu gostava de ter o meu [dinheiro] aí vendia isso, vendia aquilo, porque era um hequitare e meio para sete pessoas sobreviverem. A gente arrendava um pedacinho de um vizinho aqui, outro ali, chegou um dia que não deu mais, foram vinte anos de luta, eu não poderia fazer um curso dentro do Brígida, porque teria que ir pra fora, e daí não tinha como tirar um filho pra estudar lá fora porque ia mandar o que pra ele comer lá fora? Os filhos foram casando, vindo os netos, aí viemos pra cá, faz dois anos, meu marido está fazendo 62 anos, lutando pela aposentadoria, que sempre foi agricultor, a Chesf pegou ele na roça, não pegou na cidade. Na cidade velha a vida era boa, então pensei que lá no Brígida ia ser melhor, porque a terra ia ser minha, não ia dividir nada com ninguém; e aqui [cidade nova] também não tem o que fazer, mas pelo menos não tem as coisas de lá do Brígida, que é complicado. Quando cheguei lá minha terra era pedra, está lá, ninguém consegue trabalhar na minha terra, só trabalha numa metade, eu sofri vinte anos, ou melhor, vinte e dois, que faze dois anos que eu estou aqui. O meu lote foi considerado descartável, era pra trocar, indenizar, mas nunca, e não recebo nada, a VMT foi cortada em 1998; veja bem, o pessoal da CHESF ia no meu lote furava um buraco aqui, furava outro ali, levava para análise, e diziam não presta, vai ter que dar um jeito, tem um documento deles mesmos dizendo que é descartável, lá tem 86 lotes descartáveis, o meu é um deles, não nasce nada, eu me arrependi porque fui pra lá, e era um sonho, esse projeto foi um erro, porque as pessoas não têm como sobreviver lá, elas vão empurrando, a terra é cansada, não é boa, não tem nenhum lote bom, tem algum melhorzinho, mas bom não tem nenhum que possa dizer que a terra é boa. Em 1988 nós fomos pra lá, foram quatro anos pra receber o terreno irrigado, só tinha as casas e ninguém fazia nada, tinha a Mendes Júnior que estava trabalhando lá nas construções para a água

vir, que aproveitava a mão de obra de muitos agricultores que estavam lá desocupados, assim, além da VMT que a CHESF mandava, recebiam o salário da firma, a empresa era boa, quem queria mesmo não faltava serviço, mas acabou atrapalhando muita gente na aposentadoria deles, inclusive meu marido, porque fazem tantos anos que não estão trabalhando nessa empresa mas o INSS não libera a aposentadoria, mesmo sendo comprovado que eles sempre foram agricultores, a CHESF nesse ponto não foi má, ele mandou uma declaração dizendo que ele era agricultor, pegou ele na zona rural, só que continua complicado no INSS. (Edivirgens Margarida Pereira Freire – 53 anos)

Na época da mudança eu trabalhava no Sindicato, e nós fizemos uma forma para que o pessoal juntasse, fosse mais ligado com a questão social, eu fazia parte do pólo sindical. Acho que nessas próximas barragens tem que ver logo do alicerce dela a questão social. Fui para o Brígida porque era agricultor, não tinha terra. O Brígida tem 1428 hequitares, 431 lotes aproximadamente; nesses projetos teve muito apadrinhado político, diziam: bota esse que trabalha comigo, bota aquele, acabou indo pros projetos pessoas que não tinham raízes, de fora, tem que colocar as pessoas junto de quem nasceu e se criou, eu sai do Brígida, isso foi uma das causas que me fez sair, misturar com tantas pessoas que não tinham as mesmas raízes, aquelas tradições que nós tínhamos aqui, e começaram questões que eu não gostava, questão de assalto, roubo, não me sentia bem daquela forma, a polícia invadindo a casa da gente, nunca gostei disso, a polícia me conhece mas quando ela vai tem que fazer tudo, eu via muita coisa envolvida, as pessoas não queriam mais ir comprar as mercadorias que a gente tinha, porque era assaltado, e aquilo ali não ia. Meu lote tinha 40% que era razoável, mas os outros 60% é terra ruim, na beira de uma lagoa, terra muito compactada, tão dura que eu não consegui tirar nada, nem feijão de corda dava, aí eu disse: não está dando certo, eu vou voltar para meu lugar, desde o primeiro momento eu já vi que o lote não prestava. Antes de ir nos fomos ver, mas nós andávamos pelas trilhas que eles [CHESF] fizeram, nas trilhas a terra era boa, mas o resto era mata fechada não dava pra entrar, eles só fizeram trilhas onde a terra parecia boa, pra dentro dos lotes não se conseguia entrar porque era: mancambira, caruá, xique – xique, só espinho, ninguém conseguia entrar, eu perguntava para o técnico: e esses lotes são bons? Prestam desse jeito aqui? O meu lote é pedra, e igual ao meu são cento e tantos lotes, nós brigamos com a CHESF desde o primeiro tempo, desde o começo; vem o pessoal da CHESF aí dizia o pedólogo dela é bom, a gente discutia com o pedólogo ele virava as costas e saía danado, dizia que o terreno era bom, e foi desse jeito, eu passei dezoito anos brigando com a CHESF direto, foram quatro anos pra receber os lotes, entregaram dentro dos mato, mas a estrutura foi muito bem feita, de primeiro mundo, veio pedólogo de fora, foi constatado que 128 lotes não prestavam, dos 431, $\frac{1}{4}$ dos lotes é improdutivo, aí muita gente já saiu, não dá condições de sobrevivência. As lideranças misturaram as obrigações, não queriam que entrasse polícia lá no projeto, muita gente chegava de fora tinha o apoio de uma parte da liderança, aí foi afastando o grupo, como o meu, que queria a coisa certa, que não queria negócio com essas pessoas que tinham questão com a justiça, aí fomos se separando; uns saíram, outros estão insatisfeitos lá, mas justamente porque nós

pensávamos em formar uma grande família, onde ninguém fosse roubar o que era seu. Na saída pra lá todo mundo se deu as mãos, mas quando chegou lá o dia a dia foi separando, aí dizia fulano é bom pra política, aí já mudava o sistema de sindicalista, porque sabemos que sendo sindicalistas nós somos políticos, mas não podemos misturar muito uma coisa com outra. Aquela região tem uma resistência muito grande na questão da maconha, e pra sair não é fácil, mas vai ter que sair daquela área, mas não é fácil. Nós vivemos numa região que tem muita coisa, da agricultura, que dá no Sul e não dá aqui; aqui nós estávamos acostumados a trabalhar com a prática, lá nos tivemos três anos trabalhando com agricultura de tomate industrial, e nós chegamos a ser o segundo produtor de tomate do Brasil, aí veio pra cá umas caixas da Bahia, de um lugar já manifestado [infectado] em fim de linha, onde não se conseguia mais tirar tomate por causa da virose, trouxeram essas caixas de lá pra cá, aí contaminou tudo, de lá pra cá no Brígida nunca mais se conseguiu tirar tomate. A ciência está evoluindo, aí ficava aqueles agrônomos lá, sem fazer um treinamento, tinha muito isso, é como os médicos, tinham que se atualizar, hoje eu desanimei com sindicato, é triste, lá eu gostava muito de andar no mato, mas acabava entrando em roça de fumo, e saber que você não pode ter mais liberdade de entrar numa caatinga pra caçar, é lugar pra se morrer, o jeito é sair. (Manoel Joaquim Freitas – 72 anos)

Sr. Manoel nunca havia morado em nova Itacuruba, mas refere que frente a impossibilidade de continuar no Projeto era melhor voltar para o seu lugar, mesmo consciente que a vida na cidade também não seria fácil; lembra que desde o início a CHESF havia avisado sobre a má qualidade do solo na nova cidade. Agora está tentando viver de roças que planta de meia, voltou à situação de meeiro que tinha na antiga cidade, só que em terras pouco produtivas. Mas, junto com toda a família e amigos acredita que não há mais o que piorar, e tem a tranquilidade de ver os filhos longe de problemas com a polícia e com *os de fora* que se fixaram no Projeto desenvolvendo atividades ilícitas. Quando fala em *meu lugar* não se remete, apenas, às pessoas queridas que alí estão, liga-se a proximidade com a velha cidade, com as memórias que circulam, sem parar, no novo espaço. No início do nosso encontro, ele havia dito que o lugar da pessoa é onde ela pode viver melhor financeiramente; perguntei por que, então, escolher Itacuruba? Poderia optar por Orocó, mais próximo ao Brígida e com melhores perspectivas de emprego. Sorrindo ele diz que sente como se a nova cidade, de alguma forma que não pode explicar, fosse parte da antiga. Ele parece vir habitar uma cidade apenas perceptível para os que viveram na velha Itacuruba, erguida de memórias, que se situa entre a antiga e a nova. Acredito que além da segurança de estar junto *aos de dentro*, ao grupo a que pertenceram e com o qual se identificam, existe, também, a consciência de que na nova cidade o tempo ainda é de espera, do que está para acontecer, e, vivendo a situação de ter que aguardar a posição da CHESF, é mais seguro ficar junto aos que ainda tem muito a

reinvidicar. Segundo Edivirgens, as pessoas cujos lotes foram considerados inapropriados para a agricultura, pela CHESF, teriam direito a continuar recebendo a VMT, ou outro benefício até uma resolução definitiva do problema, mas:

O que aconteceu foi que eles [representantes da CHESF] rodaram uma carta pra gente [donos dos lotes], dizendo que a gente tinha até tanto de tanto para assinar, senão a gente perderia esse dinheiro, essa carta muita gente ainda tem, a minha está por aí também, essa carta dizia bem claro que se não assinasse até aquela data perdia os R\$ 3.228,00, diziam que era um restinho do salário que tinha lá, que era só isso, se não assinasse perdia, ninguém ia perder aquele dinheiro, então vamos assinar, tinha até um cara responsável, eu perguntei: eu não vou assinar se for ter algum prejuízo no meu terreno, aí ele falou: não, a senhora não perde nada, uma coisa não tem nada haver com outra, aí nós assinamos. Mas, era perdendo o direito da VMT, mesmo o lote sendo descartável.

Embora, teoricamente, a VMT tenha sido extinta, algumas pessoas ainda permanecem recebendo: são mulheres cujos maridos viajaram antes de qualquer definição sobre os lotes e não foram encontrados para assinar os documentos necessários para o recebimento das indenizações definitivas; pessoas que tiveram, logo de início, os lotes reconhecidos, pelos técnicos da CHESF, como improdutíveis. Procurei conversar com alguém que ainda recebesse a VMT, encontrei, então, com Maria de Lurdes Rezende Novaes, 51 anos, seu discurso foi diferente de todos que escutara até então, não estava entre os deprimidos, nem entre os que falavam de saudades ou de luta:

Fui moradora da antiga cidade, trabalhava de roça, morava na cidade e trabalhava no Pajeú, nas ilhas, a vida era sofredora porque a gente trabalhava muito em roça, o sol quente, tinha que deixar os filhos em casa sozinhos pra ir trabalhar. Aí depois [da barragem] a gente foi morar no projeto [Brígida]. Quando eu soube que ia inundar foi mesmo que nada, não senti nada não; meu esposo era que resolvia tudo, aí ele no cadastramento resolveu ir para o Projeto, eu não resolvia nada não. Eu tinha quatro filhos, fomos pra lá, eles passaram um tempo sem estudar, depois botaram uma escolinha eles estudaram, e ficou normalmente, eu gostava do Projeto, era tranqüilo, o tempo que a gente esperou para poder começar a trabalhar, não lembro quanto tempo, mas foi mais de ano, muito mais, a gente não fazia nada, quando ele começou a trabalhar o lote da gente não prestava, o lote é descartável, está ainda pra resolver até agora, por isso nós viemos pra cá, meu esposo tentou resolver tenho até uma cópia da carta que ele recebeu, mas não se resolveu até agora; meu esposo faleceu e não se resolveu nada. Lá nós ainda plantamos, mas não deu lucro de jeito nenhum pra gente, porque o solo dele parece que é raso, eu não entendo muito de roça assim, mas diz que o solo é raso, tem muita pedra, está como descartável, o lote, aí eu deixei lá e vim pra cá, a CHESF já disse que é descartável, mas até agora nada. Passei lá uns quatro, cinco anos sem fazer nada esperando começar, depois o solo não deu nada, meu esposo ainda trabalhou de motorista de ambulância depois saiu, aí viemos pra cá. Lá mesmo irrigado tudo direitinho não dava, a gente plantava feijão, não dava, não dava

produção a roça; só uma vez que a gente plantou tomate e cebola e deu, mas só deu uma vez, depois não deu mais. Aí o próprio pessoal da CHESF disse que era descartável, aí não plantamos mais, está lá o mato cobrindo e nós viemos embora, há cinco anos, aí a CHESF ficou pagando o salário, estão pagando o salário até resolver. As pessoas que receberam os lotes descartáveis eles [CHESF] voltaram [a pagar] o salário, porque eles pagavam, enquanto estava todo mundo parado, esperando [o início do plantio], quando viram que estava todo mundo trabalhando pararam, quando cortaram todo mundo recebeu o valor de três mil e pouco; nós não recebemos porque meu esposo disse que a gente já sabia que o lote era descartável, aí não recebemos não, depois de um tempo eles depositaram o dinheiro, aquele valor, mas sem a gente assinar papel nenhum, mas depois eles disseram: seu lote é descartável, portanto a gente vai continuar pagando o salário a vocês, aí ficou pagando todo mês, hoje está em 475,00, um salário, era pra ser dois e meio, mas eles nunca pagaram, e vão pagar até quando resolver. Mas meus filhos são todos casados, eles não querem aceitar isso porque querem a parte deles, a parte do pai, estamos com uma advogada, não quero mais lote já que meu esposo faleceu e meus filhos casaram aqui não querem voltar. Eu nunca gostei de trabalhar na roça, e lá eu trabalhava, aí não era bom não, mas aqui também foi tudo ruim, perdi mãe, perdi meu marido, mas se ele tivesse aqui estava tudo bem, lá no Brígida eu ainda comecei trabalhar na roça, mas meu esposo não deixou continuar não, eu nunca gostei de trabalhar em roça, faz um ano e três meses que morreram minha mãe e meu esposo, meus pais não foram pro projeto, só minha irmã e eu, só nos duas, meus pais já moravam na cidade aí vieram pra cá recebendo o salário e depois a indenização.

Maria de Lurdes falou sobre a relação com a velha cidade sem qualquer saudade, para ela a agricultura sempre foi um peso difícil de suportar, mas a nova Itacuruba também não lhe parece leve, embora continue a contar com a renda de um salário mínimo pago pela CHESF. Diz que outros, que logo no início tiveram seus lotes reconhecidos como descartáveis, também permanecem recebendo a verba. É intrigante como mesmo após tantas tentativas a CHESF não conseguiu encerrar os laços que a ligam as pessoas de Itaparica; desapropriação, Projetos, indenizações, todas essas ações entraram num jogo que escapou da vontade de seu autor, e em ricochete, volta-se, embora por pequenos desvios, contra ele: VMT extinta continua existindo; ações judiciais permanecem em trânsito.

Está com vinte e um anos que nós estamos aqui, temos ação contra a CHESF, porque não recebemos nada, nós estamos com dois procuradores e dois advogados. (Pedro Benício dos Santos – 69 anos)

Nós estamos com ação contra a CHESF porque nós temos um documento escrito que era pra gente receber dois salários e meio, depois eles transferiram pra cesta básica, que só dava um salário e meio, aí entramos na justiça e a coisa está correndo. (Elias Antônio da Silva – 69 anos)

A gente tem muita pendência, foi pouco dinheiro, quando a CHESF foi fazer o pagamento [indenização] descontou o dinheiro das casas, tem um grupo aqui que está lutando com a CHESF, com Procurador, com todo mundo, pra ver se

a gente consegue ganhar essa causa; a VMT, que deveria ser dois salários e meio e a gente só recebia, um e meio. Está a luta pra conseguir esse restante; muita gente está com fé de conseguir. (Joana d'arque)

A equipe da Caravana [CREMEPE] vai procurar a CHESF e o Governo do Estado para que os mesmos assumam a responsabilidade no tratamento psiquiátrico, oferecendo serviços de assistência e acompanhamento psicológico e social para as famílias dessas cidades [atingidas pela construção da barragem de Itaparica]. (Assessoria de Comunicação do CREMEPE)

4.1 - Pelas frestas da estagnação: o movimento.

Os depoimentos que vinha escutando, as reportagens lidas, as pessoas em busca de tranquilizantes, pareciam colocar o grupo à beira de um precipício, espaço em que parados olhavam o vazio, ou a morte. Mas, ao mesmo tempo, esses relatos, nas entrelinhas, davam pistas de que pelas frestas de um luto continuamente vivido, em um não-lugar, num tempo em suspenso, havia movimento; uma intenção de resistência.

Tinha muito terreno aqui que era para fazer os lotes pra gente, pro pessoal que ia ser reassentado, para ganhar terra, mas aí eles [CHESF] resolveram dar esse dinheiro [indenizar], aí e a CHESF ficou com os terrenos; aí muita gente cercou, cada um ficou com seu cercado, um dos terreninhos que eu tenho não comprei, cerquei, cada um tirou o INCRA, esse ano mesmo já paguei os cem reais do INCRA. Porque aí era pra dividir em lote para os reassentados, aí resolveram indenizar em dinheiro, pagaram trinta e poucos mil, outros receberam quarenta e poucos mil; aí o terreno que a CHESF tinha comprado para os reassentados ficou com a CHESF, aí muita gente foi cercando, cada um tem seu pedaço, a CHESF também não incomodou ninguém aí a gente vai trabalhando. (Elias Antônio da Silva – 69 anos)

A gente foi cercando essa terrinha ali perto do riacho, na terra da CHESF; plantei uma rocinha de tomate, comprei arame e fui cercando, e ainda hoje eu estou aí. (Pedro Benício dos Santos – 69 anos)

Esses terrenos já tinham sido indenizados pela própria CHESF, aí muitos dos próprios donos ficaram donos das terras que já tinham vendido, foi só cercar. (Rita Dante)

Eu sou professora, terminei a minha pedagogia, mas trabalho também na agricultura, final de semana quando aparece alguma muda de cebola eu vou mudar. Eu tenho assentamento, Angico II, porque lá a gente vai trabalhar com a terra, e eu não vou deixar morrer essa tradição da agricultura. (Constância de Menezes Silva – 35 anos)

O povo sabia mesmo era trabalhar com roça, criar boi, criar galinha, criar porco, e a prova está aí, as pessoas estão fazendo acampamento de sem-terra; hoje no nosso município temos três acampamentos, três assentamentos da reforma agrária, e um acampamento. Eu hoje faço parte do acampamento do

nosso município, o qual não foi reconhecido, ainda, pelo INCRA; assentamento Serrinha. Estamos lá com 18 famílias, vamos fazer cinco anos que estamos lá, agora 1º de maio; já estamos produzindo maracujá, estamos produzindo cebola, mesmo sem estarmos assentados ainda, com irrigação, porque todos os solos são viáveis para a agricultura, não existe essa argumentação de que é só pedra, precisa você ter uma assistência técnica e capacidade de trabalhar com aquele solo. Os cercados que estão sendo ocupados hoje pelo Movimento Sindical foram daqueles grandes que cercaram e realmente não querem produzir, por exemplo: no meu acampamento nós ocupamos uma área de 800 e tantos hectares, porque o dono da terra, que tinha muita terra no passado e vivia de arrenda dos outros, explorando os trabalhadores, cercou e não produziu, nós ocupamos à cinco anos e ele nunca veio dizer que aquela terra era dele, porque realmente não é dele, foi indenizado e ele simplesmente cercou porque tinha o capital. Nós ocupamos e estamos produzindo. (Ademilson Nunes de Souza)

Tinha um pessoas da CHESF construindo essa cidade, um deles, aí ele falou assim pra mim: aqui tinha aquelas terras que eles [CHESF] indenizaram né, que pagaram tudo, aí tinha um homem que era o dono, aí eu comecei trabalhar nesse lugar, ia cercando, aí ele veio uma vez pra eu pagar renda pra ele, aí eu disse não que aqui é da CHESF, já receberam, aí eu conversei com o chefe do pessoal da CHESF que estava aqui, construindo, com o pessoal, aí eu disse pra ele, olhe tão falando assim e assim, aí ele disse olhe, ali é seu, cercou ninguém toma, pronto. Estou nesse lugar, meu esposo planta lá, fica longe da cidade uns 10 quilômetros, é ligeiro, foi Deus que me deu a graça pra trabalhar, saúde e criar meus filhos, nós plantamos cebola, feijão e tomate. Meu esposo disse que achou bom aqui. Eu fiz um empréstimo, mais meu esposo, não botei nem avalista, foi nós dois mesmo, ainda não paguei, vamos pagar de ano em ano. (Maria Ribeiro de Carvalho – 73 anos)

A CHESF deixou muita terra aqui, uns plantam bananeira, outros criam bicho, quase ninguém ficou parado; agora estão fazendo uns acampamentos aqui, são vários sem-terra, como chamam, no acampamento, agora só três são de associações que estão fazendo já, um pertence ao MST, dois são da FETAPE. (Joana d'arque)

Na realidade, embora a população de Itacuruba repita, de forma obsessiva, o discurso sobre terras improdutivas, inapropriadas para a agricultura, reconhecendo-se enquanto agricultores sem agricultura na busca por reparação pela identidade perdida, e esta seja uma realidade assumida cientificamente pelos técnicos da CHESF; muitas das pessoas da nova cidade, tenazmente, buscam maneiras de continuar a viver da agricultura, se identificando como homens da terra. Subvertem as diretrizes de esperar por soluções vindas de fora, de se conformar com a vida perdida e a indenização recebida. Ocupam, astuciosamente, terras da CHESF, que eram de grandes proprietários da antiga cidade, já indenizadas. Jogam com o que lhes é imposto, movimentam-se, como é próprio da tática, segundo de Certeau, dentro do campo do inimigo, e no espaço por ele controlado: ação calculada que não tem um lugar senão o do outro. A tática, para esse autor, é arte do fraco; mobiliza recursos insuspeitos

deslocando as fronteiras da dominação fazendo funcionar as suas leis e suas representações no quadro de sua própria tradição.

Em todos os depoimentos as pessoas reconhecem a desigualdade de forças entre elas próprias e a CHESF. Quando dialogam com os de fora se utilizam dos relatórios dos pedólogos que afirmam a esterilidade do solo, mas, no cotidiano, confiam nos saberes ancestrais, na possibilidade de se relacionar com a terra, recebendo dela o seu máximo, embora em situação adversa, nesse movimento, em outras bases, em escala incomparavelmente menor que na velha cidade, os agricultores da nova Itacuruba reinventam a própria *arte de fazer* brotar vida da terra, agora pedregosa e seca. Pois, como afirma de Certeau:

“Os mecanismos de resistência são os mesmos, de uma época para outra, pois continua vigorando a mesma distribuição desigual de forças e os mesmos processos de desvio servem ao fraco como último recurso, como outras tantas escapatórias e astúcias, vindas de “imemoriais inteligências”, enraizadas no passado da espécie, nas “distâncias remotas do vivente”. (2002: 19)

4.2 - Jovens: sonho com novas histórias.

Muitos dos relatos que ouvira, envolvia a juventude da nova Itacuruba em um panorama de sombras, pareciam condenados a não existir de forma produtiva, uma vez que não tinham raízes em lugar algum, e não demonstravam forças para enfrentar uma agricultura que lhes era estranha. Embora escutasse falar dos vícios de uma juventude perdida, eu via jovens em pleno trabalho: nos dois maiores mercados, nas padarias, na pequena papelaria, em lojinhas de confecção; e, nos finais da manhã e da tarde, uma garotada fardada deixava a escola entre sorrisos.



147

Optei, então, por almoçar [salgados, sanduíches, bolos], diariamente, na padaria do centro; tinha percebido que durante o dia era ponto de encontro da juventude. No final da tarde comprava o que seria o meu lanche da noite no Supermercado Pague Menos onde trabalhavam algumas meninas. Com o passar dos dias a meninada passara a ocupar as cadeiras da mesa em que eu ficava com a falta de cerimônia característica da juventude; a nora da dona da padaria, Cíntia Teles dos Santos, 18 anos, chegava, quase sempre, no final da manhã, trazendo o filhinho, que começava a engatinhar; algumas de suas amigas vinham diariamente para conversar, outras passavam rapidamente para comprar alguma coisa. Chamou-me atenção a quantidade de pequenas cadernetas sobre o birô, uma para cada família freguesa, anotavam-se os valores das compras diárias que seriam pagas posteriormente. No Mercado, entre o pegar as mercadorias, lentamente, e pagar no caixa, eu conversava com as meninas, que mesmo cansadas da jornada do dia de trabalho falavam, de forma descontraída, sobre seus projetos de vida. Essa juventude, diferente da que eu via chegar desencantada ao posto de saúde, acalentava sonhos distantes da agricultura, e tinham um verdadeiro carinho pela nova cidade.

Faço 7ª série, gosto daqui de Itacuruba, é uma cidade bonita, a mais bonita da região; mas, gosto das histórias que minha avó conta do passado; que dizem como era a vida na outra cidade, na roça, acho que era uma vida mais difícil, mas também era bonita. (Alice Fabiana dos Santos -14)

Eles falam que lá [cidade velha] tinha um rio muito grande, enorme, que lá era muito boa a vida que eles levavam; lá em casa tem um DVD da velha cidade, mas nunca tirei tempo pra assistir. Aqui Itacuruba é um lugar bom pra se viver, calmo, muito tranquilo, a questão é que aqui não tem muito lazer. Faço 3º ano do ensino médio, aí um sonho que eu tenho é fazer faculdade, botei na cabeça e vou me esforçar pra fazer medicina, até porque aqui em Itacuruba

¹⁴⁷ Alunos nas ruas, quando do término das aulas, na nova cidade; fotos Socorro Figueiredo.

precisamos muito de médicos, porque existem aqui muitos adultos e jovens que têm depressão. (Ilana Novaes de Souza – 18 anos)

Todos estão colocando muita fé na aquicultura que chegou aqui: na Pesca Nova¹⁴⁸, Tilápia do São Francisco¹⁴⁹, Santa Clara¹⁵⁰; são empresas que estão chegando, que quando estiverem concluídas essas empresas vão melhorar as condições de emprego, pelo menos eu espero; boto muita fé na Pesca Nova, na aquicultura, acho que vai gerar emprego. Acho que aqui não está ruim, nunca teve banco aqui, e se chegou banco aqui, caixa eletrônico, é porque está havendo alguma renda, o Bradesco está aí, não tinha, tem também nos correios o Bradesco, e a Caixa Econômica no supermercado. (Alexandra de Souza Nascimento – 23 anos)

Nasci em Floresta quando a cidade aqui já estava sendo inundada, a cidade aqui completa anos em dezembro e eu nasci em maio, eu vim pra cá com um ano e seis meses. Gosto daqui, acho ótimo, convivência boa, não tenho do que reclamar; sou formada [ensino médio], dependendo das condições de vida queria continuar estudando, se tiver um emprego melhor, porque quem trabalha em supermercado, como eu, não tem direito de estudar, porque é o dia todo, tem hora de entrar, mas não tem de sair. Mas eu pretendo fazer Direito. (Tamara da Silva Souza – 20 anos)

Minha mãe conta que na antiga Itacuruba a maioria das pessoas vivia da agricultura, é muito diferente daqui que a população daqui é completamente voltada para a prefeitura, lá era muito diferente, os jovens trabalhavam na roça, era muito diferente, todo mundo tinha acesso ao rio, porque a cidade ficava perto do rio, diferente daqui que fica longe, é sempre bom saber essas histórias de como viviam os antepassados, como se passa de geração em geração, com certeza para os meus filhos eu vou contar essas histórias, mas acho que não dá pra voltar com a agricultura, a terra aqui é diferente e os jovens não querem mais saber de roça. (Laryane Dante – 15 anos)

Hoje eu falo para as minhas filhas que na antiga cidade era tudo diferente, já parei um dia pra contar tudo, elas riram e ficaram com dó de mim, eu disse, vocês não tem que ter dó não, olhando hoje eu sinto falta do lado infantil, meus pais não tinham condição de me dar um brinquedo, eu pegava um tijolo, furava a boca, fazia os olhos no tijolo, enrolava um pano, ou porque eu vivia na roça com a minha mãe, mas eu me sentia protegida do lado dela, eu fugia pro rio com as meninas, quando chovia o riacho enchia as piabinhas pulavam, a gente pegava de mão, botava num saquinho, ficava brincando, quando não podia sair ficava na janela, vendo a chuva, esperando passar, pra cair na lama, brincar de lama, era tudo diferente, elas adoram quando eu falo, dizem que queriam ter conhecido a velha cidade, mas que a vida agora não dá pra roça. Elas querem tudo fácil. (Rivoneide Valdomira de Souza – 33 anos)

Esses jovens não conheceram a velha cidade, o carinho que sentem por ela vem das histórias contadas pelos mais velhos, pelos depoimentos de uma vida farta. Para mim, a fala de Ilana foi emblemática para compreender a distancia em relação à velha Itacuruba: **falam**

¹⁴⁸ Multinacional espanhola, no ramo de pescados, instalada em Itacuruba.

¹⁴⁹ Empresa regional de produção e criação de Tilápia.

¹⁵⁰ Associação popular de criação de Tilápia, com iniciativa e apoio da Diocese de Floresta/PE.

que lá [cidade velha] tinha um rio muito grande, enorme; ela sequer parece saber que São Francisco era o nome do enorme rio presente nas histórias; como diz Laryane, histórias dos **antepassados**. Em todos os depoimentos eles deixaram evidente que não incluem a roça em seus projetos de vida. Essa posição da juventude parece assustar seus pais, que não lembram, mesmo burilando suas memórias, de uma vida boa desatrelada da agricultura.

Eu acho muito importante como a minha avó passou para filha dela, passou para neta, que eu passe para os meus filhos que são bisnetos dela, a importância da agricultura; é muito importante passar as histórias de como era antes, de onde vieram e assim saber da coragem, não ter medo de enfrentar a pobreza, o sol quente, não ter medo de enfrentar nada, porque hoje é raro alguma pessoa que tenha coragem de enfrentar uma roça, trabalhar no sol quente, aquela coisa toda. Eu mesmo dou o estudo para os meus filhos, que o certo é dar o estudo para eles, e dou o exemplo da agricultura, que eu sou professora e agricultora, meu esposo também é agricultor, a gente não deixou morrer essa identidade, e os nossos filhos também não podem perder. (Constância de Menezes Silva – 35 anos)

Ao mesmo tempo em que Constância, Rivoneide, e tantos outros trazem o medo da perda de identidade, reconhecem que o modo de viver dos jovens não pode mais ser o mesmo vivido na velha cidade. As universidades públicas, antes inacessíveis, chegam cada vez mais perto; para Ilana medicina no Recife seria impensável, mas em Petrolina é sonho possível; Direito em Serra Talhada, de acordo com Tamara, é um sonho concretizável; em seus devaneios, estes são caminhos mais reais que a agricultura. Antunes Tavares (2009) traz, nos relatos dos jovens sertanejos de Ibimirim, o desejo de ingressar na universidade, ao mesmo tempo em que revela uma relação ambígua – entre ficar e sair - em relação à agricultura:

“Porque eu acho assim... depende, por exemplo, se eu fizer uma faculdade de medicina...depende do futuro, o mundo dá muitas voltas....Se sair o PRONAF eu foco pra trabalhar na agricultura. Mas sempre eu vou pensar em fazer uma faculdade”. (Rosa, 19 anos. In: Tavares, 2009: 334)

“Estou cursando o 2º ano e quero terminar. Se as condições forem favoráveis, fazer uma faculdade de agronomia ou então a faculdade de biologia. Eu acho que seria bem lucrativo se eu pudesse fazer a faculdade. E me dedicar ao ramo da agricultura”. (Ranulfo, 18 anos. Idem)

“Nossos pais que começaram a se desinteressar [pela agricultura]. (...) Mas como eles começaram a se desinteressar, os jovens que vão vindo vão se desinteressando muito mais. Daqui a uns anos aqui nem nós vai ter mais”. (Kelly, 19 anos. In: Tavares, 2009: 325)

Não é minha praia mesmo a agricultura. Eu gosto, mas não vejo meu futuro na lei da agricultura e tudo mais...não dá não. (Everton, 18 anos. Idem)

4.3 - Inventando tradições?

Na velha Itacuruba, os mais velhos nunca tinham se pensado enquanto urbanos. Mesmo os que moravam na cidade tinham certeza de que eram da roça, da agricultura, da terra, do rio; essa realidade era óbvia, ao ponto de que a CHESF, na tentativa de categorizar esse sentimento, os considerou para-rurais. Já os filhos do exílio, quando pequenos, não acompanharam seus pais às roças; cresceram tendo como referência a cidade e o desejo de uma vida melhor, sem o peso do luto impregnado nos que lhes precederam. Muitos dos antigos, vivenciando os danos causados por todo processo deflagrado pelo exílio, desconfiam de qualquer nova ameaça que torne ainda mais porosos os antigos pertencimentos, distorcendo as imagens, já desfocadas, em que se reconheciam; já outros aceitam novas possibilidades de trabalho fora da agricultura.

A cultura do povo de Itacuruba é a agricultura, mas os jovens, principalmente os filhos de assentados daqui, que hoje não têm o que fazer, que também não deram oportunidade para que eles fizessem nada, aí foram trabalhar na piscicultura. Nós do Sindicato estamos preocupados, porque se Deus ajudasse e se esses trabalhadores entendessem que o Sindicato também é defensor deles e se filiassem ao Sindicato pra gente peitar as grandes empresas de piscicultura. Eu não concordo que a piscicultura seja dessa forma; a CODEVASF implantou uma piscicultura aqui no município, a qual nos coordenamos até hoje; nós estamos lá com um grupo de seis famílias: tem quilombola, tem pescador, tem do movimento sindical, e foi o primeiro tanque que entrou no município de Itacuruba, foi a piscicultura que a CODEVASF implantou aqui, como implantou em Manga de Baixo e implantou em Jatobá, agora porque essa piscicultura que a CODEVASF implantou não tem o apoio dos técnicos do município?, ou essa piscicultura é uma coisa e a piscicultura de empresa é outra?, a gente do Movimento Sindical dos Trabalhadores Rurais acredita que a agricultura ainda é viável, mesmo com nossa qualidade de solo, é bom esclarecer isso. (Ademilson Nunes de Souza)

Aqui na cidade eu acredito que possa dar uma melhorada nessa questão dos jovens não quererem saber da agricultura. Aqui, infelizmente, eu vejo que além de não ter terrenos produtivos, tem a questão da estética; eu fui agricultora e nunca tive vergonha disso, já imaginou o mundo sem agricultura? A gente da agricultura pode viver sem os grandes centros, mas os grandes centros não podem viver sem a agricultura, é importante dizer aos mais jovens, fazer até um simulacro, fazer um momento, tipo um ato público, sobre isso, as pessoas, muitos jovens voltariam seu pensamento, porque se os jovens estão dessa forma sem querer saber da agricultura uma vez que os pais não estão praticando, têm que ser incentivados. Os pais também não podem passar uma cultura que eles não têm mais, só ficou na memória, agora eu, enquanto mãe, fico preocupada que se perca essa

referência da agricultura; deve ser feito um vínculo assim que junte de novo as pessoas na agricultura, que venha a ser feita aqui na cidade. Porque o peixe chegou, mas acho que é passageiro, não vou dizer que tem uma sustentabilidade, pode ser por um período, mas não é da nossa cultura e um povo sem cultura é um povo sem identidade. (Rita Dante)

Aqui, agora tem a Pesca Nova, Santa Clara, Tilápia do São Francisco; são empresas novas, para criação do peixe tilápia, que estão chegando agora; pode ser que agora, com essas empresas a cidade cresça, vai trazer emprego. (Joana d'arque)

Dos meus filhos, só dois trabalham; o trabalho é com a criação de peixe; tem outros que não tem emprego, aí se maldiz, mas o que é que eu posso fazer? Preferia a velha cidade velha; vamos ver se esses peixes Tilápia dão certo, é só o trabalho que tem, fora da prefeitura. (Josefa Gomes Santos – 76 anos)

"No nosso caso, a pesca não pode ser feita todos os meses por causa da preservação do Rio São Francisco. Isto acaba nos prejudicando, pois vivemos meses muito ruins por aqui. Porém, com a chegada destas indústrias, todo mundo pode passar a viver com melhores condições". (Pedro Agemiro dos Santos, de 50 anos – pescador de Itacuruba)¹⁵¹

Nos depoimentos, tanto de jovens quanto de velhos, palavras como: piscicultura, aquicultura, tilápia, alevinos, estão presentes, de forma recorrente¹⁵²; seja refletindo medo (**não é da nossa cultura**), ou esperança (**pode ser que agora, com essas empresas a cidade cresça, vai trazer emprego**). Os jovens quando se referem à criação de peixe em cativeiro não parecem sentir qualquer necessidade de atrelar essa atividade ao passado, à velha cidade, aceitam a nova atividade como possibilidade de desenvolvimento individual e grupal: obter renda e investir tanto no sustento da família, quanto pagar faculdade; serviços antes inexistentes como postos bancários chegam junto com as folhas de pagamento das empresas, o comércio respira um pouco mais com esse dinheiro que vem de fora.

Já os mais velhos: ou rejeitam e justificam com o fracasso das piscigranjas; ou são indiferentes; ou simplesmente aceitam como única saída possível para uma situação de carência econômica extrema; ou aceitam buscando atrelar esta atividade a antigas raízes, embora, provavelmente, nunca tivessem visto tanques-rede no antigo lugar:

¹⁵¹

<http://www.noticiasdosertao.com.br/ultimas/economia/3435-Peixes-sertanejos-sim-senhor.html?print>.

¹⁵² Esse envolvimento de jovens e velhos na atividade fica claramente perceptível na constituição das associações: Associação dos jovens piscicultores de Jatobá, e a Associação das Mulheres de Jatobá – cujo presidente eleito é um homem, Sr. Marcos; recebem, para cultivo, os alevinos da Associação Santa Clara de Itacuruba – que é composta por idosos da zona rural desta cidade.

Só sustenta nesse trabalho com esse peixe quem vem da agricultura; é parecido: primeiro tem que cuidar do alevino, que é o peixinho pequeno, morre fácil, tem que ter cuidado; depois vai passando de fase em fase, dele crescendo, até chegar na despesca. No começo dava uma pena quando tirava eles pra levar; leva uns sete meses pra ficar com um quilo. É como na roça: tem que plantar, cuidar até chegar a hora de tirar. Quem é pescador mesmo não fica não, que o pescador não está acostumado a cuidar do peixe, ele vai lá, pega, mata e volta; pescador não dá para criação de peixe, que ele está acostumado com matar peixe, não a cuidar deles; agricultor é que está acostumado a cuidar da roça aí tem paciência pra cuidar dos peixes. (Maria José Barbosa – dona Zinha, registrada como trabalhadora da piscicultura)

153



154



¹⁵³ Confecção de tanque-rede e tanque já no lago. Fotos de Socorro Figueiredo.

¹⁵⁴ Despesca de Tilápia em Itacuruba-PE, no distrito do Coité, em tanques das antigas piscigranjas. Os tanques foram disponibilizados pela CHESF para as prefeituras. Empresas e associações receberam da prefeitura, concessão para utilizar estes tanques, na condição de serem responsáveis pela sua manutenção e promover emprego para a população. Estes tanques são utilizados para a criação dos alevinos, que depois são transferidos para os tanques-rede. Fotos de Rogério Figueiredo.

É evidente que a administração pública oferece todo apoio a esta nova atividade¹⁵⁵; mas, ao mesmo tempo, tem consciência que diante de tantas perdas sofridas, desde a expulsão do antigo lugar, nenhum índice financeiro pode ser capaz de sozinho atenuar o clima de sofrimento que envolve a cidade. Dessa forma, há um movimento no sentido de, paulatinamente, incorporar a piscicultura ao calendário festivo de nova Itacuruba, no qual sobrevivem: a Semana Santa, os festejos juninos e o natal. Assim, nos últimos quatro anos se comemora, no dia 23 de abril, a Festa da Tilápia, e, se as primeiras foram tímidas, a 4ª Festa da Tilápia, neste ano, foi um sucesso, com a apresentação de bandas conhecidas, como Mastruz com Leite, que montou no pátio da feira um enorme palco. Os festejos da Tilápia continuaram no dia seguinte com a apresentação das bandas - Mel com Terra e Calango Aceso. Os shows dos dias 23/04 e 24/04 mobilizaram a cidade que recebeu várias caravanas vindas de municípios próximos, principalmente de Floresta e Belém do São Francisco. No final da festa os jovens já pensavam quais as bandas que viriam no próximo ano, diziam que a festa seria ainda melhor, que já tinha **virado tradição**. De acordo com Eric Hobsbawm (1997: 9):

“O termo tradição inventada é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as tradições realmente inventadas,

¹⁵⁵ Diversos municípios banhados pelo Rio São Francisco, como Itacuruba, Petrolândia, Floresta, Belém de São Francisco e Jatobá, estão sendo beneficiados com a prática da piscicultura por meio de tanques-rede. Melhor: cada vez mais a especialidade destas localidades passa a ser a produção de tilápia, vendida a preços altos no exterior, como nos Estados Unidos e na Europa. "Todo filé de qualidade que produzimos aqui é exportado para a América do Norte", conta o técnico em piscicultura Edmilson Herculano Tenório, empregado da Pesca Nova, multinacional espanhola instalada em Itacuruba, por causa dos incentivos fiscais oferecidos pela prefeitura e pelo governo do estado, e por enxergar vantagens a mais na região. "Como o sol é forte e o fluxo de água é muito alto, o peixe fica mais resistente. A nossa perda aqui é em torno de 5%, enquanto em outras localidades é de 30% a 50%. Além disso, as tilápias costumam comer mais e ficar maiores", explica ele, comemorando a marca de mais de 85% da produção sair dos viveiros com peso acima de um quilo. Na prática, uma tilápia passa cerca de 180 dias no processo de cultivo - sendo trocada de tanque a tanque, para evitar perdas e o ataque de predadores comuns da região, como piranhas e aves. Apenas a Pesca Nova produz três toneladas por dia. São 41 tanques, com 25 mil peixes cada, e cerca de 30 funcionários, a grande maioria moradores da localidade, com experiência na atividade. Para este ano, no entanto, os números devem ficar ainda maiores. A expectativa da empresa é de que passem a ser 340 tanques, de diversos tamanhos, produzindo 40 toneladas por dia, além do tratamento do filé na própria área, o que deve abrir mais 600 vagas para a população. São por números como este que o prefeito de Itacuruba, Romero Magalhães Lêdo, fica tão feliz quando perguntamos das vantagens da piscicultura para o Sertão. "A região já produz mais de 100 mil toneladas de tilápia por ano e isto pode significar mudanças significativas por aqui. Esperamos em pouco tempo atingirmos marcas muito maiores", explica ele, vislumbrando, em pouco tempo, até a instalação de uma possível fábrica de ração na área. In: <http://www.noticiasdosertao.com.br/ultimas/economia/3435-Peixes-sertanejos-sim-senhor.html?print>.

construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de uma maneira mais difícil de localizar num período limitado e delimitado de tempo.”

Segundo Hobsbawm, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações amplas e rápidas gerando vácuos que podem ser preenchidos por tradições inventadas, elas revestem-se de um certo caráter de antiguidade. Na deriva dessas ideias, vejo que embora não se possa dizer se a piscicultura em Itacuruba vai, daqui a algum tempo, ser considerada uma atividade tradicional, ou apenas econômica, hoje já é perceptível a intenção de que a atividade extrapole o financeiro, inegavelmente seu maior objetivo. Ao seu lado se institui a festa, o encontro de todo grupo, que após duas décadas recebe os moradores das cidades vizinhas, consideradas mais importantes, no cenário regional, que a pequena Itacuruba. Durante os dias de festa ela exibiu o brilho que os antigos moradores da velha cidade conheciam. A escolha do pátio da feira para o evento me pareceu emblemática; a antiga feira reunia, além da população da cidade, pessoas vindas dos vários municípios vizinhos, esse tipo de encontro nunca havia ocorrido na nova cidade, e, embora o pátio da feira não tenha, com o evento, adquirido uma aura, ao menos por pouco tempo foi impregnado de vida.



<http://pe360graus.globo.com/diversao/diversao/festa/2010/04/21/NWS,511647,2,443,DIVERSAO,884-FESTA-TILAPIA-ANIMA-SERTAO-PERNAMBUCANO-FIM-SEMANA.aspx>.

Muitos falam na homogeneidade dos dramas das populações deslocadas por barragens, são inquestionáveis as aproximações, mas, não se pode esquecer a maçã de Cézanne; assim, quanto mais tempo permanecia em Itacuruba, mais a percebia única: ela utiliza todas as táticas ao seu alcance para manter, embora em outros patamares, a tradição da agricultura; ao mesmo tempo recebe o novo, a piscicultura, com grandes empresas e associações; e vê chegar um centro de observação espacial, segundo Daniela Lázaro coordenadora do projeto, denominado Impacton, esta é uma iniciativa do Observatório Nacional para mapear e pesquisar asteróides nas cercanias da terra. Para Daniela, a novidade instalada em Itacuruba é quase um grito de independência para os que mapeiam o céu, pois existem poucos observatórios dessa magnitude no Hemisfério Sul do planeta.¹⁵⁶

Seria comum a todas as cidades atingidas por barragens os índices de suicídio e depressão de Itacuruba? A intimidade com a qual se referem a piscicultura? O convívio com um observatório astronômico?

Mas, se as questões envolvendo: a saúde, a educação, a retomada da agricultura, a

¹⁵⁶ Os pesquisadores do Observatório Nacional encontraram em Itacuruba o lugar ideal para instalar um telescópio capaz de captar imagens do universo. Uma cúpula de fibra de vidro protege o equipamento, que funciona com bateria solar e controle remoto. Foi importado da Alemanha e custou R\$ 1 milhão. Não poderia ser instalado em outro município do Nordeste. “Aqui tem um maior número de noites possíveis, de noites abertas. Para observar, você não pode estar perto das cidades grandes ou cidade de médio porte porque a luminosidade pode atrapalhar”, explicou a pesquisadora do Observatório Nacional Teresinha Rodrigues. O projeto Impacton é uma iniciativa de mapeamento e pesquisa de asteróides nas cercanias da terra do Observatório Nacional, um importante passo para aprimorar a trajetória dos objetos que se aproximam da terra. “A gente aponta o telescópio para o objeto que a gente quer. Ele vai obter uma imagem digitalizada, que depois será transferida para o Rio de Janeiro, onde serão estudadas e analisadas”, falou a coordenadora do projeto Impacton, Daniela Lázaro. Para essa turma que mapeia o céu, a novidade de Itacuruba é quase um grito de independência. O Chile, por exemplo, é um dos países que tem esses equipamentos ao Sul do Equador. Mas o pesquisador brasileiro que é obrigado a atravessar os Andes para tocar sua pesquisa precisa ‘alugar’ horas nos telescópios chilenos. E paga caro por isso. Aqui na caatinga pernambucana, poderá usar o Centro de Observação de graça, bastando para isso agendar. Sua construção levou dois anos. Está na reta final. Os testes de energia e de softwares já começaram e a ‘primeira luz’, como os especialistas se referem à primeira observação do céu, deve acontecer até o fim do mês. Um observatório desse tipo é diferente de um planetário, um local onde os leigos são bem-vindos e podem conhecer um pouco da intrincada ciência que estuda os astros. O observatório de Itacuruba não será aberto a leigos, nem a turistas, já que se trata de uma instituição de pesquisa. Os itacurubenses terão que se contentar em vê-lo de longe. Mesmo assim, haverá algum ganho no campo da astronomia para quem mora na cidade. Os estudantes poderão aprender um pouco sobre o assunto no campus do observatório. Um pesquisador do Observatório Nacional, munido de um telescópio menor, mostra as novidades do universo para quem tiver curiosidade. É uma forma de retribuir a hospitalidade que a cidade deu ao projeto. Nas escolas, 300 alunos também estão sendo treinados para serem multiplicadores das ciências planetárias. (João Sorima Neto. O Globo – RJ, 02/07/2010)

piscicultura se faziam presentes nas conversas cotidianas, o observatório não foi citado espontaneamente em nenhum momento, seja por jovens ou velhos; quando questionados sobre ele as respostas eram curtas, carregadas de indiferença: **é, vai ser bom / só vai trabalhar o povo de fora / não sei como vai ser / pode trazer gente pra visitar**. Apenas os secretários municipais, com os quais mantive contato, falavam com entusiasmo sobre o observatório; acreditam no turismo científico e estudantil. Para os jovens o Projeto não traz uma contrapartida prática significativa em termos de empregos ou educação, embora reconheçam que seja positivo para a imagem da cidade, que é vista, basicamente por índices negativos. Os velhos falam com carinho do outro céu, o da velha cidade, que eles conheciam, sabiam os segredos, sem a necessidade de qualquer aparelho que intermediasse a relação entre eles; esse céu da nova cidade, para a maioria dos velhos, é outro. Sem conexão com suas práticas diárias foi estabelecido um silêncio entre os velhos e o céu, que assim pode ficar para os de fora observar.

Na realidade, acredito que a invisibilidade do observatório, deve-se, também, ao desencanto em relação aos grandes projetos técnicos que, muitas vezes fechados em seus objetivos, desconsideram aqueles que os cercam, por não serem seus pares. Andando pela região é comum encontrar lugares que margeiam o lago de Itaparica, onde não se encontra eletrificação, tais como parte das áreas rurais de: Glória, Rodelas, Barra de Tarrachil, etc..; vivendo essa realidade as pessoas se deixam cada vez menos seduzir por monumentos a deuses que não lhes pertencem, de cujos altares são mantidos à distância.

4.4 - Para além da falta de fé...

Em vários relatos que escutara, estava presente o lamento quanto a perda da fé. As pessoas se queixavam da ausência do São Gonçalo e dos penitentes na vida da nova cidade:

Falam que na antiga Itacuruba eram uns 50 penitentes, e os jovens gostavam de acompanhar, e hoje em dia é uma faixa de 12, 15. e quem acompanha são mais os mais velhos, se não fizerem algum trabalho a cultura vai se extinguir, porque quem continua fazendo parte do São Gonçalo, dos penitentes, são as pessoas mais velhas, e estão falecendo; e como vai ficar, aqui, o povo sem fé em nada, sem cultura? (Adriano João – 21 anos)

Aqui [cidade nova] tudo foi se acabando, as coisas da terra e as dos santos, até isso está se acabando, a tradição está se acabando, quase não se vê mais

penitentes, o povo não quer rezar. (Maria Edília Custódio da Conceição – 62 anos)

Lá tinha os penitentes, era a quaresma inteira, hoje você não vê tocar os búzios. (Joana d'arque)

Esta sensação da perda de uma relação mais próxima com o sagrado tomava cores ainda mais fortes nessa época em que estávamos: a Quaresma. Era intrigante: como seria possível o desaparecimento de expressões tão fortemente presentes na maioria das falas de pessoas de diferentes gerações?

Acredito que introduzindo o esvaziamento da fé ao inventário das perdas sofridas com a condenação ao exílio, revelam a que extremo pode chegar o desencantamento que floresce de certos projetos desenvolvimentistas; mesmo Sr. Elias, decurião dos penitentes de nova Itacuruba, narra as perdas sofridas pelo grupo:

Agora aqui [cidade nova] os penitentes estão se acabando, porque a gente mais velho está morrendo, depois que a gente se acabar não tem quem enfrente mais. Os mais novos não se interessam não, os mais novos só querem o negócio de festas dessas coisas; aqui foi se acabando, se acabando ai hoje a gente já se acha saindo com dez, doze; as vezes vai mais, pode ir quantos quiser.

Enquanto conversava com Sr. Elias, percebia sua alegria ao falar da capelinha dos penitentes, que haviam recebido da CHESF, como permuta pela que tinham na velha cidade. Eu já estivera lá, é extremamente bem cuidada, com um enorme cruzeiro em frente, fica vizinha ao cemitério¹⁵⁷.



¹⁵⁷ Fotos de Socorro Figueiredo.

Lembrei que a poucos dias, andando pela cidade, ao cair da noite, tinha me deparado com uma procissão, que acompanhava o cruzeiro (Joana d'arque, que lamentara a ausência dos penitentes, durante a Quaresma, também seguia o cortejo), me juntei ao grupo até a igreja, onde entramos e rezamos a novena, mesmo sem a presença do padre, nesse momento era possível perceber a presença de jovens, velhos e crianças.



158

Comentando com o decurião sobre o prazer de ter acompanhado as orações, ele, deixando de lado as perdas, falou da felicidade em fazer parte de uma *irmandade*, que só existe para promover o bem:

Ainda nessa nova cidade ainda chegou a ter cinqüenta, tudo fardado, agora tem aqueles que acompanham também mas não usam farda, Os novos não se interessam. Depois que passou para essa cidade nova o povo pegou outro ritmo, não é como os da gente lá, começaram a estudar e se formar, quase todo mundo aqui agora formado, que hoje tem a maior facilidade pra pessoa se formar, aí pegaram um ritmo diferente. Pra fazer como a gente faz não tem mais não; mais ainda tem [penitentes na nova cidade], mesmo formado [com ensino médio e faculdade] aqui e acolá ainda tem, formado mesmo ainda tem

¹⁵⁸ Fotos de Socorro Figueiredo.

muitos que participam; diminuiu mais, porque na Itacuruba velha tinha dia da gente juntar 150 homens, tinha também em Rodelas, Belém do São Francisco também, em todo lugar tinha penitente. Uns vão acabando, o de Rodelas acabou, mas Belém ainda tem grupo de penitentes, e aqui ainda tem, agora mesmo eu estou esperando um aviso do decurião do Projeto Brígida, que ficou de me avisar que a gente tem uma viagem pra pagar uma promessa lá no Juazeiro do Ceará; agente tem o grupo de penitentes e tem também, na igreja, o grupo do terço dos homens, nos temos o grupo do terço dos homens com a camisa azul escrito nas costas terço dos homens, aí toda terça feira nos temos o grupo dos homens, em Paulo Afonso também tem, Floresta, Cabrobó, Floresta já veio aqui, nós já fomos lá, o de Belém já veio aqui, a gente já está com 80 homens já; tem muitos dos penitentes que participam, mas não vão como penitentes vai abertamente é o terço dos homens. A gente tem uma bandinha que a gente toca também, no violão, tem o teclado, toda terça feira no terço dos homens. Os penitentes do Brígida eram da Itacuruba velha, aí ficou dividido, lá onde eu morava a maior parte foi pra lá, aqui e acolá eles vem aqui a gente se junta pra rezar; rezamos até perto de bem cedo, de amanhecer o dia.

A fala de Maria Edília Custódio da Conceição, 62 anos, que inicialmente queixara-se da falta de reza na cidade nova, se junta ao depoimento transbordante de fé de Sr. Elias:

A gente tem o respeito [pelos penitentes]; quando morre uma pessoa eles se juntam pra rezar o ofício, é muito lindo: essa história, essa crença que nós temos aqui na nossa cidade. Aqui diminuiu um pouco, não sei por que, mas ainda tem; agora, na quaresma, eles andam na quarta e na sexta, e na semana santa eles andam a semana todinha. Mas, se alguém precisar é só falar com o decurião e eles vêm, marca a hora, agora é só a noite, nove horas, nove e tanta eles vêm; fazem as preces, muito lindo mesmo.

Os depoimentos de Sr. Elias, Joana d'arque, Maria Edília, fazem um duplo movimento, que à luz do pensamento dicotômico seria contraditório; primeiro de denúncia pelas perdas a que foram submetidos; depois do reconhecimento de que a relação com as manifestações tradicionais de fé permanecem vivas. O grupo dos penitentes continua em atividade, e, mesmo quando se fala em diminuição do número de integrantes, reconhecem que os que saíram, na verdade não abandonaram as crenças, apenas mudaram de lugar, foram para o Projeto Brígida. Fica evidente uma tradição em movimento; entre permanências e mudanças a penitência se mantém viva na nova cidade. Continua seguindo antigos padrões: vestimentas, horários, anonimato, lugares de reza....; mas, também, surge o terço dos homens, que à *paisana*, se encontram na igreja onde rezam, tocam, alimentam a própria fé e a do grupo.

Na saída da igreja, quando do término da novena, fui convidada para, no dia seguinte, participar da roda de São Gonçalo, seriam vinte quatro rodas. Fiquei surpresa, afinal até aquele momento todas as referências ao São Gonçalo eram de saudades:

Aqui [cidade nova] já teve um projeto na escola [escola Cícero Freire] chamado “Itacuruba: sua cultura seu tesouro” aí pedimos aos alunos para pintar a parede da escola estadual. Quem observava as pinturas que eles fizeram não via nada que mostrasse Itacuruba de verdade; eles colocavam I Love you com aqueles corações bem grandes, não fizeram nenhum tipo de referência a dança de São Gonçalo, não havia nenhuma referência a cidade, porque acabou o referencial de identidade.(Rita Dante)

Aguardei, ansiosamente, o momento em que aconteceria o festejo do São Gonçalo; pensava que o mais próximo que chegaria dessa importante referência identitária de Itacuruba seria por meio das memórias e das fotos dos moradores da velha cidade. Passava das dezenove horas quando, junto com dona Miúda, fui ao encontro do São Gonçalo; de longe já era possível escutar a música e o som de pés marcando um ritmo arrastado, que reverberava por corpo e alma; a sensação, para mim que o desconhecia, se assemelhava à elevação de um mantra sertanejo.



159

As rodas, em frente à casa da anfitriã, a dona da promessa, estavam acontecendo diante de um pequeno altar enfeitado com flores, velas e algumas imagens do São Gonçalo: as

¹⁵⁹ Fotos de Socorro Figueiredo.

mulheres entoando os cantos, passavam de uma roda a outra, e o tocador parecia incansável; havia comida e bebida (refrigerantes) farta, muitas crianças assistiam animadas a dança. Aproveitei as breves paradas de alguns que já dançavam a quase doze horas, para me aproximar um pouco mais daquele universo de fé, som e movimento. Com a chegada de um jovem, o tocador José Jerônimo da Silva, 63 anos, lhe entregou a viola, e enquanto comia a galinha cozida que era servida, sentou ao meu lado, certamente não tinha bebido só refrigerantes; numa gargalhada gostosa disse que para tocar mais animado uma boa cachaça ajuda, o segredo é não exagerar, o Santo não acha ruim. Mas, apontando para o jovem que assumia a viola reconheceu que ele não estava em condições de segurar a dança, tinha exagerado demais na bebida; antes que retomasse o posto explicou a presença de mais de um São Gonçalo no altar:

O meu São Gonçalo eu gosto de carregar, aí quando chega tem dois, três, mas tudo é um santo só. São doze rodas, cada uma tem uma posição, é como uma quadrilha, a quadrilha não dá o grito? O São Gonçalo não dá o grito mas tem a posição, cada um cordão que puxa é uma posição, a música é a mesma, a música é as velhas que cantam, lembro da Ora Viva: ora viva/ ora viva/ viva São Gonçalo viva/ viva meu santo ora viva/. Os outros fazem a promessa e eu vou tocar pra pagar; eu vou de bom coração, eu digo: enquanto essas pernas velhas derem, eu danço e não cobro nada, é uma fé. Por aí quem toca e cobra não tem fé.

Apertando minha mão, Sr. Jerônimo retomou seu posto com alegria renovada; elogiei a resistência de todos que ali dançavam; ao meu lado, Maria do Socorro de Sá, 61 anos, que parara para tomar um refrigerante, disse que a fé no Santo afastava o cansaço:

Hoje nós estamos dançando 24 rodas e amanhã nós vamos pra Floresta, dançar de novo, se Deus quiser e São Gonçalo me ajudar.

Enquanto as rodas se sucediam, chegou o prefeito Romero Cantarelli, que explicou estar ali para agradecer, pois aquela celebração era para pagar a promessa feita, pela dona daquela casa, para que ele se reelegesse. Ao seu lado, a Secretária de Cultura Esportes e Turismo, Cristina Almeida da Silva Freire, disse ser um dos objetivos de sua secretaria apoiar os grupos de São Gonçalo e dos penitentes, uma vez que fazem parte da tradição do povo de Itacuruba, herança da velha cidade, importante para a identidade da população. O prefeito convidou-nos para saborear as comidas servidas, dentro da casa. Quanto a mim fiquei onde estava, continuei me encantando com aquela explosão de corpos em movimento em conexão

com o sagrado. Quando o prefeito se afastou, dona Ermínia Maria da Silva, 58 anos, que naquele momento descansava ao meu lado explicou:

O São Gonçalo é assim, o povo faz promessa aí a gente tem por profissão [de fé] acompanhar o tocador, ele tocando e a gente dançando atrás; é doze rodas, é vinte quatro, esse de hoje é vinte quatro, toda vida eu dancei, não me ensinam o que significa, eu sei que eu danço uma roda, lá vem outra, lá vem outra.

4.5 - Isso foi depois

Sai dali respirando um ar de serenidade, de possibilidade de vida; andei devagar em direção ao hotel, estava muito frio, mas não tinha pressa, há momentos que merecem ser demoradamente sentidos, são alimento que fortalecem o espírito, ajudam a ver luz nas sombras. Passando em frente as casas, a maioria já com as luzes apagadas, eu ia pensando em quantas delas não estariam dormindo pessoas acalentadas por remédios.

Lembrava da minha chegada nessa cidade, munida de dados que traçavam caminhos de morte, apontando para um grupo à deriva, sem raízes, perdido num vazio, que em depressão abdicava da vida. Jogando com a memória, enquanto caminhava por ruas amigas, voltei às primeiras semanas em Itcuruba, quando, entrando por aquelas portas, me deparava com desejos de fim; naqueles dias, tive vontade de me distanciar daquela dor, que também me envolvera. Afastei essas lembranças, pois nos cinco meses em que convivi com aquele grupo, aos poucos consegui perceber raízes, que das entranhas da terra submersa se estendiam, rompendo, contornando obstáculos, lentamente, até o espaço atual trazendo seiva constituída de memórias compartilhadas.

Passando em frente à casa de dona Tivinha, lembrei que foi dela a primeira referência à nova cidade como uma armadilha, que condenava à prisão e isolamento; sorri quase acariciando aquela porta, pois se no primeiro encontro ela me parecia tímida e derrotada pelas dores do exílio, com o passar dos dias me deparei, em página da internet, com denúncias, feitas por ela a jornalistas; narrando sua história para os que podiam sair da armadilha, mostrava a força serena de quem aprendeu a deslizar pelas frestas.

Resolvi não seguir direto para o hotel, caminhei até a praça, a cidade parecia dormir profundamente. Passando em frente a Secretaria de Educação lembrei do primeiro encontro com Rita, e dos fortes lamentos quanto a perda de identidade do grupo e a falta de

perspectivas para uma juventude refém das drogas e da depressão. Entendi que a profunda preocupação com a identidade, com o que ela significa, com o modo como é produzida, como é contestada, presente de forma obsessiva nos discursos sob o lema da perda de identidade, e que o clamor por reafirmar velhos pertencimentos, constituía-se em um enfrentamento da desordem em que foram lançados. Assim, a política de identidade era o que permeava os depoimentos de Rita, Adriano, Romero e tantos outros; essa identidade torna-se, assim, um fator importante de mobilização, de luta por reconhecimento.

Ainda seguindo na direção do hotel, passei em frente a padaria, no silêncio que se fazia ouvir ao som do cantar dos grilos e cigarras, rememorei as conversas com Ilana, Cíntia, Tamara e tantas jovens que sonhando, delineavam um futuro prenhe de possibilidades; seus devaneios sinalizavam para a emergência de novas posições e de novas identidades, produzidas na situação econômica e social cambiante em que nasceram.

Seguindo meu caminho me vi frente à casa de dona Miúda, tive o ímpeto de bater na porta, abraçá-la bem forte agradecendo o companheirismo, generosidade, disponibilidade, confiança, que me permitiram ver de dentro aquelas janelas, dividir cafés, esperanças e desesperos; sem dona Miúda talvez as escutas tivessem ficado nas calçadas, nas superfícies; tocando a parede daquela casa podia senti-la impregnada de vida, aos 73 anos dona Miúda, da mesma forma que Sr. Elias, Sr. Antônio e tantos outros, penetram, pelas fendas, nos terrenos (nos sentidos metafórico e concreto) do outro [CHESF], e reafirmam antigos pertencimentos; continuam agricultores, gente da terra.

Já bem próximo ao hotel, passando em frente à igreja iluminada, enquanto fazia o sinal da cruz, olhei o sino, que parecia velar o sono da cidade, não pude deixar de pensar na antiga pergunta: por quem os sinos dobram? Agora, após esses cinco meses com o outro acho que dobram por todos nós, mas, se suas badaladas anunciam as mortes, também celebram a vida; e, Itacuruba, o tempo todo, revela esse encontro de vida e morte. Assim, as narrativas de jovens e velhos da nova cidade apontaram para um movimento de transformações e permanências que comunga com o pensamento de Nogueira (2007: 73) de que:

“Os devaneios de pertencer a uma Casa [lugar] expressam o dinamismo de uma imaginação que teima em ludibriar, em se contrapor às duras armadilhas de um processo civilizatório que tem por objetivo maior impor uma única visão de mundo, concebida como verdade absoluta. (...) Os grupos socioculturais não são simples espectadores desse processo; ao contrário, eles resistem à crueldade do mundo por meio de estratégias que lhes permitem a construção de laços sociais mais próximos. Alimentam a esperança por dias melhores.”

Essas ideias me fizeram retomar a árvore de Serres (2008); é verdade que todo começo surge a partir de um caule envelhecido, esgotado, agonizante, e que cada uma de nossas ressurgências produz seu ramo a partir dessa fatalidade; a vida emerge do inerte. Nós nos afastamos do que é estável, de antigas proteções, nós nos refazemos continuamente, nesse movimento, partindo da cidade submersa, a nova Itacuruba, embora não seja, ainda, ramo florido, ao menos é galho vivo, desafiando o vento, mesmo sem garantia alguma de que virá a ser tronco forte; frutos do exílio apostam no êxodo, sem que seja necessária nova partida, êxodo imaginado que permite ao novo espaço se desejar lugar.

Ceguei ao hotel por volta da meia noite, estava cansada, mas sentia uma profunda paz; sabia que, diferente das primeiras noites em que cheguei a desejar compartilhar um Rivotril, dormiria tranquila; sabia que era chegada a hora da despedida, mas não partiria só. Vivenciar esses meses em Itacuruba de alguma forma me tornou diferente, sem dúvida nunca tinha vivido tão intensamente esse destino humano de morte e vida, essa pulsão de esperança e liberdade que jogando com a ordem e a desordem investe no amanhã. Guardaria a presença das pessoas com quem convivi na minha alma, na minha memória. Sem dúvida me aproximei de Itacuruba, de seus sonhos, suas dores; mas procurei não me distanciar da certeza do inacabado, nem me seduzir pelo desejo de penetrar em seus segredos, pois todos os grupos têm seus enigmas que, ao contrário da esfinge de Tebas, exigem não ser revelados, deles depende a própria sobrevivência da comunidade. Velhas histórias, como esse curto diálogo sufi¹⁶⁰, alertam para este risco:

Diziam certo dia a Bahandin Naqshband:

- Você nos conta histórias, mas não nos diz como decifrá-las.

- O que você acharia - respondeu o narrador - de um homem que vem lhe vender frutas e as consome diante dos seus olhos, deixando nas suas mãos apenas a casca?

¹⁶⁰ CARRIÈRE, Jean-Claude. O Círculo dos Mentirosos: contos filosóficos do mundo inteiro. São Paulo: CÓDEX, 2004, p.413.

BIBLIOGRAFIA

AGIER, Michel. *Distúrbios identitários em tempos de globalização*. In: **Mana – estudos de Antropologia Social**, outubro 2001, vol. 7. n.º. 2, p. 7-33.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus Editora, 2001.

ANDRIGHETTI, Yná. **Nordeste: mito & realidade**. São Paulo: Moderna, 1998.

ARAÚJO, Alberto Felipe; BAPTISTA, Fernando Paulo. **Variações Sobre o Imaginário: Domínios, Teorizações, Práticas Hermenêuticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

ARAÚJO, Maria Lia Corrêa de. **Na Margem do Lago: um estudo sobre o sindicalismo rural**. Recife: Editora Massangana, 1990.

ARAÚJO, Maria Lia Corrêa de; CALDAS NETO, Magda de; LIMA, Ana Eliza V. (Org.). **Sonhos Submersos ou Desenvolvimento? Impactos Sociais da Barragem de Itaparica**. Recife: FJN, Editora Massangana, 2000.

Aspectos e Consequências Ambientais de Projetos Financiados pelo Banco no Vale do Médio e Baixo São Francisco – Resumo e Conclusões. Daniel Gross.

ATLAN, Henri. **O Livro do Conhecimento: As Centelhas do Acaso e a Vida**, Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **A Terra e os Devaneios do Repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **O Direito de Sonhar**. São Paulo: DIFEL, 1985.

BALANDIER, Georges. **A Desordem: elogio do movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. **O Contorno – Poder e Modernidade**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1997b.

_____. *Os Caminhos Embaralhados*. In: **O Dédalo, Para Finalizar o Século XX**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

Barragens e Desenvolvimento: Um Novo Modelo para Tomada de Decisões – Um Sumário. Comissão Mundial de Barragens – Novembro de 2000.

BAUDRILLARD, Jean; MORIN, Edgar. **A Violência do Mundo**. Rio de Janeiro: Anima Editora, 2004.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENJAMIN, W. *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaio sobre a literatura e história da cultura**. 7º ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Livros Infantis Velhos e Esquecidos*. In: **Reflexões Sobre a Criança, o Brinquedo e a Educação**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

BERGER, Peter. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BEZERRA, Tercina Maria Lustosa Barros. **O Quilombo “Negros de Gilu” em Itacuruba: Emergência Etnoquilombola e Territorialidade**. Dissertação de Mestrado. PPG Antropologia da UFPE. Recife, 2006.

BOAS, Franz. **El Arte Primitivo**. México: Fundo de Cultura Econômico, 1947.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade – Lembrança de Velho**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOTEGA, N. J. *Conduta nas tentativas de suicídio*. Pp. 143-150. In: MARI, J. J.; RAZZOUK, D.; PERES, M. F. T. & DEL PORTO, J. A. (coord.). **Guias de medicina ambulatorial e hospitalar - Psiquiatria**. Baruaeri: Manoel, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O Desencantamento do Mundo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

_____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____ com colaborações de A. Accardo.... **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRANQUINHO, Fátima. **Afinal, o que se sabe sobre arte rupestre no Brasil ? Pesquisa sobre os estudos de arqueólogos, jornalistas e público**. Projeto de Pesquisa.

CAILLÉ, Alain. **Antropologia do Dom o Terceiro Paradigma**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CALVINO, I. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANCLINI, N. Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2000.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **O Círculo dos Mentirosos: contos filosóficos do mundo inteiro**. São Paulo: CÓDEX, 2004.

CARVALHO, Edgard de Assis. **Enigmas da Cultura**. São Paulo. Cortez, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Experiência do Movimento Operário**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **A Instituição Imaginária da Sociedade. A Experiência do Movimento Operário**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Uma Sociedade à Deriva: Entrevistas e debates, 1974-1997**. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

CASTRO, Josué de. **Fatores de Localização da Cidade do Recife: um ensaio de geografia urbana**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.

Centro de Estudos e Projetos em Políticas Governamentais. Fundação do Desenvolvimento Administrativo – FUNDAP. **Intererências de Usinas Hidrelétricas: remanejamento de grupos populacionais e alterações em seus quadros de vida físico–sociais**. Relatório Final – vol. 1. São Paulo – julho de 1988.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**. São Paulo: Cortez, 2000.

CHESF/FUNDAJ. **Avaliação do Reassentamento da População Rural de Itaparica: primeiro relatório de estudos de caso.** Coords. ARAÚJO, Maria Lia; AMORIM, Rosa Maria. Recife, 1989.

CHESF/FUNDAJ. **Avaliação do Reassentamento da População Rural de Itaparica: piscigranja: uma opção de reassentamento.** AMARAL, Ana Elizabeth P. do; GUIMARÃES, Sueli M. P. Recife, Nov 1994.

CHESF/FUNDAJ. **Agricultores da Esperança: os para-rurais de Petrolândia e de Rodelas.** GALIZA DE OLIVEIRA, Cleide; MEDEIROS, Rejane Pinto de. Recife, março/1996.

CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COMASE (Comitê Coordenador das Atividades de Meio Ambiente do Setor Elétrico). **Processos de Interação do Setor Elétrico Brasileiro com a Sociedade/Grupo de Trabalho Mecanismos de Interação com a Sociedade – MIS.** Coordenação Mirian Regini. Rio de Janeiro, novembro/1994.

COMISSÃO MUNDIAL DE BARRAGENS. **Barragens e Desenvolvimento: Um Novo Modelo para Tomada de Decisões - Um Sumário,** Novembro de 200: 23.

CONROY, Pat. **O Príncipe das Marés.** Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2008.

Considerações do Banco Mundial Sobre o Meio Ambiente no Brasil: uma revisão de projetos selecionados. OED/BIRD, Junho/1993.

CORRÊA, José de Anchieta. *Em Torno da Dinâmica Espaço-Tempo* In: Leitão, Lúcia; AMORIM, Luiz. **A Casa Nossa de Cada Dia.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

Diário de Pernambuco. **Itaparica poderá desempregar 5 mil famílias.** Recife, 13/08/1987.

Diário de Pernambuco. **CHESF vê pressões e susta o diálogo.** Recife, 14/08/1987.

Diário de Pernambuco. **A cidade esquecida no tempo.** Recife, 26/04/1998.

Diário de Pernambuco. **CHESF utilizou mal suas verbas.** Recife, 15/03/1998.

Diário de Pernambuco. **Além da tarja preta/Itacuruba afogada na tristeza.** Recife, 27/05/2007.

DUARTE JUNIOR, José Atayde de Alencar. **A Conduta Suicida em Itacuruba: um mapeamento de dados para a avaliação clínica**. Monografia apresentada à IPEMED para a obtenção do título de Especialista em Psiquiatria. Salvador, 2010.

DURAND, G. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

_____. **O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 2º ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

_____. **Mito e Sociedade: A Mitanálise e a Sociologia das Profundezas**. Lisboa: A Regra do Jogo, 1983.

_____. **A Fé do Sapateiro**. Brasília: Editora UNB, 1995.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

E. B. Rice. **Early Experience With Involuntary Resettlement: a follow – up . Case Study: Brazil – Itaparica**. December/1997 – relatório de consultoria contratado pelo Banco Mundial.

ELIADE, M. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Encuentro Latinoamericano de Ciencias Sociales y Represas (1. : 2007: Salvador, BA) I Encontro Latinoamericano de Ciencias Sociales y Represas. II Encontro Brasileiro de Ciências Sociais e Barragens, Salvador, 19 a 22 de novembro de 2007: caderno de resumos/Instituto de Geociências, Mestrado em Geografia – Salvador: EDUFBA, 2007.

ERIKSEN, Thomas Hylland. *The cultural contexts of ethnic differences*. **Man: Journal of the Royal Anthropological Institute**. Vol 26, Nº 1, 1991.

_____. **Ethnicity and Nationalism: Anthropolological Perspective**. London and Sterlind, VA: Pluto Press, 2002.

EVANS-PRITCHARD, E. **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

ESTÉS, Clarissa. P. **O Jardineiro que tinha Fé**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

_____. **O Dom da História: uma fábula sobre o que é suficiente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Folha de Pernambuco. **Da Assessoria de Comunicação do CREMEPE**. Recife, 25/05/2007.

FRANZ, Marie-Louise Von: **A Interpretação dos Contos de Fadas**. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

Fundação de Desenvolvimento Administrativo FUNDAP. Centro de Estudos e Projetos em Políticas Governamentais. Interferências de Usinas Hidrelétricas: **Remanejamento de grupos populacionais e alterações em seus quadros de vida físico-sociais**. Relatório Final – vol. 1. São Paulo, julho de 1988.

Fundação de Desenvolvimento Administrativo FUNDAP. Centro de Estudos e Projetos em Políticas Governamentais. **Interferências de Usinas Hidrelétricas: Remanejamento de grupos populacionais e alterações em seus quadros de vida físico-sociais**. Relatório Síntese. São Paulo, outubro de 1988.

FUNDAJ. **Projeto Itaparica: avaliação do reassentamento rural – diagnóstico preliminar**. ARAÚJO, Maria Lia Corrêa de; CALDAS NETO, Magda de; LIMA, Ana Eliza V; AMORIM, Rosa Maria. Recife, abril/1994.

GATTAZ, André Castanheira. *A Busca da Identidade nas Histórias de Vida*. In: **10º International Oral History Conference**. Rio de Janeiro: FGV/FIOCRUZ, 1998.

GARCIA MÁRQUES, Gabriel. **Cem Anos de Solidão**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Gazeta Mercantil. **A CHESF Já Fala em Indenizar Agricultores de Itaparica**. 25/08/1998.

GEEPI – Grupo Executivo Especial do Projeto Itaparica. Relatório Mensal de Monitoria. Coordenação Eng. José Novaes Diniz Carvalho; elaboração eng. Luiz Antônio Miranda de Souza Duarte. Colaboração Eng. Natércio Melo. Petrolina, janeiro de 1996.

GEEPI – Grupo Executivo Especial do Projeto Itaparica. Relatório Mensal de Monitoria. Petrolina, novembro de 1997.

GERMANI, Guiomar I. **Expropriados Terra e Água: o conflito de Itaipu**. Slvador: EDUFBA: ULBRA, 2003.

GODELIER, Maurice. **O Enigma do Dom**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GUIMARÃES ROSA, João. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.

HEMINGWAY, Ernest. **Por Quem os Sinos Dobram**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

Histórico de Itacuruba. Texto, em versão preliminar, arquivado na Secretaria de Educação de Itacuruba. Organizado, segundo informes, pela professora Cláucia Rocha Cantarelli.

HOBBSBAWN, Eric. *Introdução: A Invenção das Tradições* In: HOBBSBAWN, E. & RANGER, T. (Orgs), **A Invenção das Tradições**, 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento**. São Paulo: Editora 34, 2003.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

JONAS, Anne. **Contos e Lendas de Cidades e Mundos Desaparecidos**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2009.

Jornal do Comércio. **Itaparica rejeita a privatização**. Recife, 28/05/1995.

Jornal do Comércio. **Conclusão do projeto Caraíbas é incerta**. Recife, 29/05/1995.

Jornal do Comércio. **Brígida colhe primeira safra**. Recife, 30/05/1995.

Jornal do Comércio. **CHESF perde ação bilionária**. Recife, 31/05/1995.

Jornal do MAB. **O preço da luz é um roubo**. Outubro de 2007.

JUCÁ, Joselice. **CHESF, 35 anos de história**. Recife: CHESF, 1982.

JUNG, Carl G. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s./d.

_____. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

KUPER, Adam. **Antropólogos e Antropologia**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

LÉVI-STRAUSS, C. **O Pensamento Selvagem**. São Paulo: Nacional e USP, 1970.

_____. **Antropologia Estrutural**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. **Olhar, Escutar, Ler**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

____ **Mito e Significado**. Lisboa: Edições 70.

LE GOFF, Jacques. Passado/Presente In: **Enciclopédia Einaudi**, V. I. (Memória – História) Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

____ **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

LEITE, Rogério P. **Contra-Usos da Cidade: Lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. Campinas: Editora da UNICAMP; Aracaju: Editora da UFS, 2007.

LIMA, Ana Eliza Medeiros V.; GALINDO, Magda Caldas. *Itaparica: um grande empreendimento e seus efeitos para a população afetada*. In: **Revista Pernambucana de Desenvolvimento/Instituto de Planejamento de Pernambuco**, v. 14, n. 1 / 2, p. 183-205, jan. 1991/jun. 1993. Recife: CONDEPE, 1993.

LIMA, Francisco Assis de Sousa. **Conto Popular e Comunidade Narrativa**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

____ *O Imaginário é Uma Realidade* In: **Revista FAMECOS**. Porto Alegre – n. 15 – agosto 2001 – quadrimestral, p: 74/81.

____ **Notas Sobre a Pós-Modernidade: O lugar faz o elo**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2004.

MAIOR, Armando Souto. **História Geral**. São Paulo: Editora São Paulo, 1978.

MANGUEL, Alberto. **A Cidade das Palavras: As histórias que contamos para saber quem somos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MATURANA, H; VARELA, F. **A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MATURANA, H. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a Dádiva*. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

_____. *Efeito Físico no Indivíduo da Ideia de Morte Sugerida pela Coletividade*. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

MEDEIROS, Rogério de Souza. **Mudança Social Identidade e Memória**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MONTENEGRO, Antônio T. **História Oral e Memória: a cultura oral revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992.

MORIN, Edgar. **O Enigma do Homem – Para uma nova Antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **Ciência com Consciência**. Lisboa: Publicações Europa – América, 1990.

_____. **O Método III – O Conhecimento do Conhecimento**. Lisboa: Europa – América, s./d.

_____. **O Método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS. **A Educação no Movimento dos Atingidos por Barragens**. Brasília: Ísis Editora, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

NOGUEIRA, Ma. Aparecida L. **O Cabreiro Tresmalhado: Ariano Suassuna e a universalidade da cultura**. São Paulo: Palas Athena, 2002.

_____. *A Casa e os Devaneios do Pertencimento* In: Leitão, Lúcia; AMORIM, Luiz. **A Casa Nossa de Cada Dia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

_____. **Almanaque Toda a Oficina da Vida**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.

O Estado de São Paulo. **Dois Pesos**. São Paulo, 02/10/2010.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **A Sociologia do Brasil Indígena**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

_____. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira & Identidade Nacional**. 5º ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PENNA, Maura. **O Que Faz Ser Nordeste: Identidades Sociais, Interesses e o “Escândalo” Erundina**. São Paulo: Cortez, 1992.

POLLAK, Michel. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, pp. 03/ 15, 1989.

_____. *Memória e Identidade Social*. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, pp. 200/215, 1992.

PÓLO SINDICAL DO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO. Palavra do Jovem Rural: 2ª. Gincana da juventude rural do Submédio São Francisco – a luta pela paz. KOINONIA. Maceió: Multiráfica, 2002.

RABELO, M. C. e ALVES, P. C. **Corpo, Experiência e Cultura (versão preliminar)**.

REASSENTADOS DE ITAPARICA: memória, realidade, perspectivas pastorais. Pastoral dos reassentados – Dioceses de Paulo Afonso, Juazeiro, Floresta e Petrolina. Maio de 1995.

REHFELD, Walter I. **Tempo e Religião: a experiência do homem bíblico**. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

RECKERT, Stephen. *O Signo da Cidade*. In: **O Imaginário da Cidade**. Lisboa: ACARTE, 1989.

REZENDE, Antônio Paulo. **Rumos da História: história geral do Brasil – São Paulo: Atual**, 2001.

ROCHA PITTA, Danielle P. **Iniciação à Teoria do Imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

ROMANO, Roberto. **Moral e Ciência: a monstruosidade no século XVIII**. São Paulo: Editora SENAC, 2003.

ROY, A. *Emergências Psiquiátricas*. In: KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J. (Eds). **Tratado de Psiquiatria**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

_____. **Cultura na Prática**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

SARAMAGO, José. **As Intermittências da Morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCOTT, R. Parry. **Negociações e Resistências Persistentes: Agricultores e a barragem de Itaparica num contexto de descaso planejado**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

_____. **Os Beneficiados de um Programa de Desenvolvimento em Itaparica e a Violência Administrada**. Política Hoje 1-2, jun/dez, 1994.

SERRES, Michel. **Ramos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SEPLAN – Secretaria de Planejamento Orçamento e Coordenação da Presidência da República; SEAIN – Secretaria de Assuntos Internacionais; IEEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Seminário sobre Aspectos Ambientais de Projetos Financiados pelo Banco Mundial. Relatório para Discussão, outubro de 1993.

SHELDRAKE, Rupert. **A Ressonância Mórfica & A Presença do Passado. Os Hábitos da Natureza**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

SINGER, Paul. **O capitalismo: sua evolução sua lógica e sua dinâmica**. São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA FILHO, José de Carvalho. **A Besta Fera e as Águas de Baixo; um estudo sobre representações**. Dissertação de Mestrado. PPG Antropologia da UFPE. Recife, 1992.

SILVANO, Filomena. **Antropologia do Espaço: uma introdução**. Oeiras: Celta Editora, 2001.

SIQUEIRA, Ruben Alfredo de. **Do Que as Águas não Cobriram: um estudo sobre o movimento dos camponeses atingidos pela Barragem de Sobradinho**. Dissertação de Mestrado. PPG em Ciências Sociais. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 1992.

SLOTTERDIJK, Peter. **Mobilização Copernicana e Desarmamento Ptolomaico: ensaio estético**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

SOUZA, Celso Pereira de. *O Sertão Virou Mar: a luta em Itaparica* In: **Revista Proposta** n. 46 Experiências em Educação Popular – Barragens questão ambiental e luta pela terra. Setembro, 1990.

TAVARES, Maurício Antunes. **Caminhos Cruzados, Trajetórias Entrelaçadas: vida social de jovens entre o campo e a cidade no Sertão de Pernambuco**. Tese de Doutorado, PPG Sociologia. Recife, 2009.

TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo: examinando a política de reconhecimento**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

TODOROV, Tzvetan. **O Homem Desenraizado**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

TREBITSCH, Michel. *A Função Epistemológica e Ideológica da História Oral no Discurso da História Contemporânea*. (p.19-43), In: MORAES, Marieta. (Org). **História Oral**. Rio de Janeiro: Diadorim; FINEP, 1994.

VARGAS LLOSA, M. **O Falador**. 3º ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

WACQUANT, Loic. *Seguindo Pierre Bourdieu no Campo*. **Revista de Sociologia e Política** . N. 26: 13-29 JUN. 2006.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

World Bank Approaches to the Environment in Brazil: a review of selected projects. Volume IV: the middle and lower San Francisco Valley. Washington. April 30, 1992. (reporte n. 10039).

World Bank. PPAR. Brazil: Paulo Afonso IV Hydroelectric Project: RNo. 6177. Washington, DC, 1986.

World Bank. The World Bank's Role in The Electric Sector. World Bank Policy Paper. Washington, DC, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e Esquecimento**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

_____. Permanência da Voz. **O Correio: uma janela para o mundo**. Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, Outubro: 1984. Mensal. Ano 13, pp. 04/08.

Referências de Cinema

Os Narradores de Javé: filme brasileiro dirigido por Eliane Café. Estrelado por José Dumont e Nelson Xavier. Vencedor do Festival do Recife e do Rio, em 2003.

O Príncipe das Marés: filme estrelado por Barbra Streisand e Nick Nolte. Título original “The Prince of Tides”. Lançamento em 1991 (EUA). Direção Barbra Streisand. Estúdio/distribuição, Columbia Home Vídeo.

Sites Pesquisados:

<http://www.wikipedia.org/wiki/Pandora>.

<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/estudosbrasil/seraoes/seraoes3.htm>

<http://pe360graus.com.br>

<http://novochico.wordpress.com/category/itacuruba/>

<http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol30/n1/4.html>.

<http://noticias.ambientebrasil.com.br/clipping/>:

<http://conexaoto.com.br/diario@dpnet.com.br>

http://www.koinonia.org.br/bdv/detalhes.asp?cod_artigo=365&cod_boletim=39.

<http://www.caatinga.ufersa.edu.br>

<http://www.noticiasdosertao.com.br/ultimas/economia/>

<http://www.integracao.gov.br/comunicacao/clipping/corpo.asp?id=63726>.

<http://citybrazil.uol.com.br/pe/itacuruba/galeriafotos>

<http://pe360graus.globo.com/diversao/diversao/festa/2010/04/21/NWS,511647,2,443,DIVERSAO,884-FESTA-TILAPIA-ANIMA-SERTAO-PERNAMBUCANO-FIM-SEMANA.aspx>.

ANEXOS

Anexo I

Lista de Entrevistados - (uns com foto; outros preferiram não ser fotografados; algumas fotos foram perdidas)

Adaltiva Maria da Conceição Lourenço – 68 anos

Ademilson Nunes de Souza

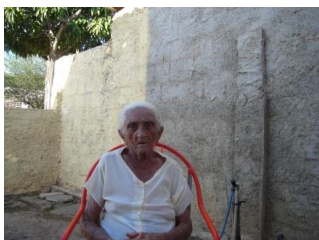
Adriano João – 21 anos



Alexandra de Souza Nascimento – 23 anos (esquerda)



Alice Fabiana dos Santos -14 anos



Alzira de Sá – 93 anos



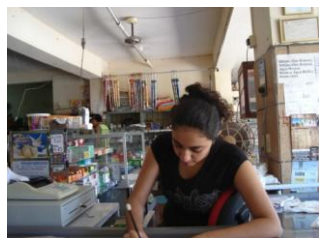
Antônia Maria dos Santos – 60 anos (esquerda)

Antônio de Almeida – 69 anos

Aristóteles Lima da Silva



Carlos José de Souza – 48 anos



Claudia Mayara da Silva – 20 anos

Constância de Menezes Silva – 35 anos

Cristina Almeida da Silva Rodrigues Freire

Dejair Quirino da Silva – 32 anos

Djalma dos Santos – 43 anos

Edelane Soares da Silva – 19 anos



Edivirgens Margarida Pereira Freire – 53 anos



Elias Antônio da Silva – 69 anos

Ermínia Maria da Silva – 58 anos

Francilina Ribeiro de Carvalho – 67 anos

Geraldo Maranhão



Gersom dos Santos – 77 anos



Ilana Novaes de Souza – 18 anos (esquerda)/ Cíntia Teles dos Santos
e seu bebê – 18 anos

Joana d'Arque da Silva Gaudêncio - 44 anos



João Caraibeira da Silva 62 anos



João Gaudêncio Freire – 70 anos

José Atayde de Alencar Duarte Júnior

José Eliseu Menezes – 76 anos

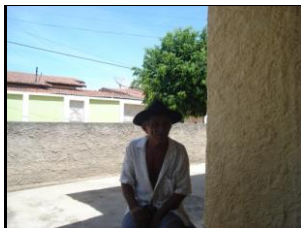


José Jerônimo da Silva – 63 anos



Josefa Gomes Santos – 76 anos

Lúcia Pereira dos Santos – 49 anos



Luiz Joaquim da Silva 71 anos

Marcelo Henrique Queiroz – 26 anos

Maria Aparecida Souza Freire – 46 anos

Maria da Conceição Maniçoba Guimarães – 55 anos

Maria Dosléo da Conceição – 96 anos

Maria do Socorro Soares da Silva – 43 anos

Maria de Lurdes Rezende Novaes – 51 anos



Maria Edília Custódio da Conceição – 62 anos



Maria Ribeiro de Carvalho – 73 anos (miúda)

Maria Umbelina – 68 anos



Manoel Joaquim Freitas – 72 anos



Mário Joaquim dos Santos – 64 anos /Socorro de Sá – 61 anos



Olímpia Maria dos Santos – 84 anos



Pedro Benício dos Santos – 69 anos/ camisa azul)

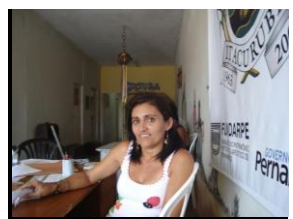


Regivaldo de Souza – 42 anos



Laryane Dante – 15 anos /Rita Dante

Risonildo Bartolomeu dos Santos – 33 anos



Rivoneide Valdomira de Souza – 33 anos

Solange Maria de Sá Silva Almeida

Tamara da Silva Souza – 20 anos



Zumira Pereira Rezende – 85 anos

Anexo II

ECO *Diário de Pernambuco* **ECONOMIA** Recife, quinta-feira, 13 de agosto de 1987 **A-23**

Ita poderá desempregar 5 mil famílias

Deputado defende o sorgo

O deputado Aureo Bradley, do PMDB, apelou, ontem, ao secretário da Agricultura, Pedro Eugênio Cabral, no sentido de que seja implantada nas fazendas experimentais de Arcoverde, Pesqueira e Seriana, a campanha "O Sorgo Desafia e Vence a Seca Verde", com a consequente orientação e estruturação do que for necessário.

O parlamentar prematista assegurou que, "agora mais do que nunca, isto começa a ocorrer em Pernambuco, dentro daquilo que tem caracterizado a atual gestão da secretaria de Agricultura de Pernambuco, que é buscar soluções práticas e consequentes para os problemas surgidos no Semi-Árido".

Uma das alternativas, além das colocadas em prática pela Secretaria, refere-se ao incentivo que vem sendo dado ao cultivo do sorgo, com a campanha "O Sorgo Desafia e Vence a Seca Verde". A mistura da farinha do sorgo à do trigo, na fabricação de gêneros diversos de alimentos, vem em boa hora, em função da retirada por parte do Governo federal do subsídio ao trigo.

Tratores e caminhões invadem as ruas de Floresta no protesto contra a Chesf

Incentivos da Sudene e BNB beneficiam 2.400 projetos

Nos seus 25 anos de existência, o sistema de incentivos fiscais e financeiros administrados pela Sudene e o Banco do Nordeste do Brasil já possibilitou a aprovação de 2.400 projetos industriais e agropecuários, viabilizando a criação de mais de 510 mil empregos diretos que, somados aos dois milhões de empregos indiretos, totalizam mais de 2,5 milhões de oportunidades de trabalhos. Estes projetos representam investimentos da ordem de Cr\$ 800 bilhões, dos quais Cr\$ 300 bilhões são provenientes do Fundo de Investimento do Nordeste - Finor.

Estes foram os números apresentados pelo diretor-adjunto de Administração de Incentivos da Sudene, José Geraldo Wanderley, ao falar para dirigentes de agências de cooperação internacional e representantes de governos estrangeiros que participam do seminário

Jose Vieira

FLORESTA E BELÉM DO SÃO FRANCISCO - Os agricultores ribeirinhos do São Francisco, dos municípios de Floresta, Itacuruba e Belém do São Francisco, realizaram, ontem, protesto contra a Chesf, responsável pela construção da Barragem de Itaparica, que inundará cerca de duas mil propriedades rurais, deixando no desemprego cerca de 5 mil famílias, além da redução de produção do algodão, do melão, da melancia, do mamão, da uva, de banana e de laranja em toda região.

O movimento dos produtores rurais dos municípios começou logo cedo com uma concentração à entrada da cidade de Floresta, onde tratores, caminhões, camionetes, jipes dirigidos pelos agricultores impediram o trânsito de outros veículos.

Com a chegada dos produtores rurais dos municípios de Itacuruba e Belém do São Francisco, o movimento cresceu. Foi então que o Batalhão de Polícia da área mandou soldados armados de espingarda calibre 12 "proteger" os manifestantes que, exaltados e empunhando várias faixas, criticavam e apunhavam contundentemente os dirigentes da Chesf, que até aquela hora não tinha resolvido os problemas que envolvem mais de mil agricultores e a instituição vinculada ao Ministério das Minas e Energia. Um palanque foi armado pelos produtores da manifestação, sindicatos rurais de Belém do São Francisco, Floresta e Itacuruba, onde o presidente da Fe-

agricultores da região, que tem grande alcance social".

DESEMPREGO

O presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de Floresta, Joaquim Nogueira Ferraz, admitiu a manutenção do movimento com maior intensidade, caso a Chesf, a partir das 5 horas de hoje, não resolve os problemas que já foram encaminhados. A administração da instituição através da Federação da Agricultura de Pernambuco. "Nós estamos temerosos com o desemprego e o possível êxodo rural nos centros urbanos, caso nossas propriedades sejam tomadas pela Chesf, pois são mais de 5 mil famílias que dependem diretamente de nossa atividade".

IMPOSTOS

Os prefeitos Afonso Ferraz, de Floresta, e João Lúcio Lústosa, de Belém do São Francisco, lamentavam a perda de impostos que os cofres das municipalidades deixariam de receber, caso as propriedades rurais produtoras sejam desapropriadas pela Chesf sem a devida recompensa aos seus donos.

As Câmaras de Vereadores dos municípios, representadas pelos vereadores Daniel Novais e Américo Júnior, ambos presidentes dos deliberativos de Floresta e Belém do São Francisco, protestavam veementemente contra as arbitrariedades que são impostas pela Chesf aos agricultores ribeirinhos do Rio São Francisco.

REUNIAO

Estava marcada para hoje, a partir das 9 horas, no canteiro de obras do Itaparica, uma reunião entre as comissões de representantes da Federação

Diário de Pernambuco. Recife, 13/08/1987.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO **ECONOMIA** Recife, sexta-feira, 14 de agosto de 1987

Clipe confirma que teve postos demolidos

O caso irá à Justiça

O diretor-presidente Clipe, Ivan Rodrigues, afirmou que os postos de produção de leite de Agropar, Bonito e Cacimbinhas foram desativados e a administração que, os prédios demolidos e terrenos avaliados com o de terra nua e vendida.

O presidente da Clipe, que no dia 5 de junho 1987 foi apresentado ao público de Administração de empresa, conforme a lei, propôs a alienação de terrenos situados no interior do Estado, a qual, uma vez aprovada, seria submetida à autorização do governador da época. Diante da oposição feita, o Conselho de Administração decidiu apenas de que a alienação fosse feita em edital único para todos os imóveis a serem alienados.

A avaliação feita da imóveis localizados em Agropar, Bonito e Cacimbinhas foi procedida em abril de 1986, por uma equipe técnica da Companhia Saneamento de Pernambuco, sob a direção do engenheiro Diógenes Dipe-034767 ao então governador do Estado, permitindo autorização para a alienação dos terrenos.

Chesf vê pressões e susta o diálogo

BELEM DO SÃO FRANCISCO E FLORESTA (Do enviado especial José Vieira) - O diretor de engenharia da Companhia Hidrelétrica do São Francisco - Chesf, Luis Guerra, negou-se a comparecer, ontem, à reunião que estava marcada para as 9 horas, no canteiro de obras da barragem de Itaparica, para discutir com os agricultores da região ribeirinha do rio São Francisco as condições em que seriam indenizados os produtores rurais que serão

Antônio Celso debate Sarney novo preço do

O presidente da Associação dos Fomecedores de Cana de Pernambuco, Antônio Celso Cavalcanti, regressou ontem da viagem que realizou a Paulo Afonso, Delmiro Gouveia e Piranhas, onde o presidente José Sarney deu início às obras da hidrelétrica de Xingó. O presidente da AFCP se fez acompanhar do 1º vice-presidente Manoel Antônio Soares e do diretor Daniel Lima, além dos associados Romildo Moraes Andrade e Luis Farias de Oliveira. Na cidade alagada de Delmiro Gouveia, Antônio Celso, que representou os fornecedores de cana de Pernambuco, foi recebido em audiência concedida pelo presidente José Sarney aos empresários canavieiros da Região. Ele solicitou ao chefe do Governo a concessão imediata de um reajuste para o preço da cana, ocasião em que o presidente Sarney registrou a presença do ministro Bresser Pereira para debater o assunto. O titular da Fazenda, contrariando as expectativas das lideranças canavieiras presentes, informou já ter sido concedido um substancial aumento para a matéria-prima. Antônio Celso retrucou o ministro ao afirmar que o "substancial" aumento que ele se referia foi concedido em 1º de maio último, cujos percentuais não cubriam a defasagem já existente. Disse mais,

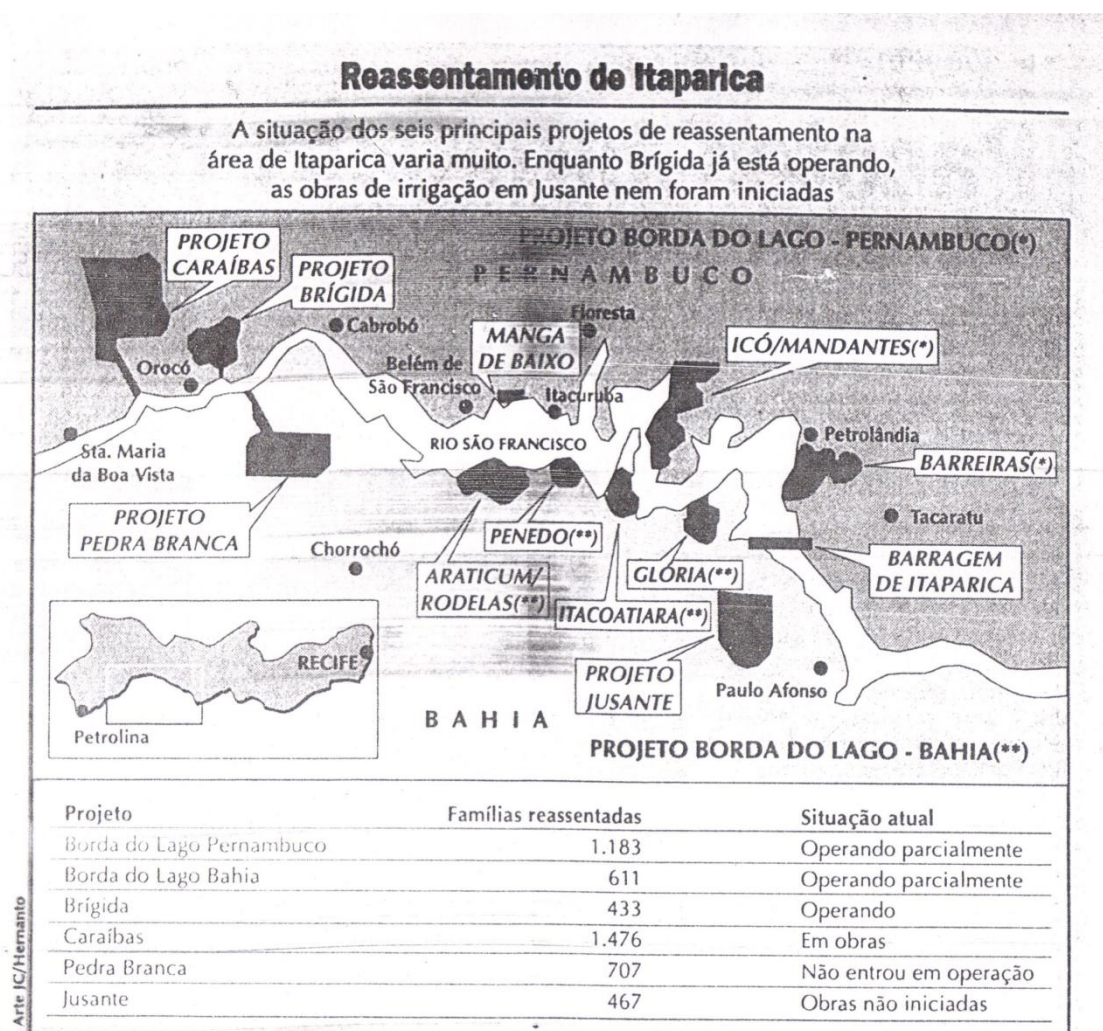
Antônio Celso, que neficiou apenas o Centro-Sul, em sendo iniciada a produção da AFCP, fato de que a agricultura organizada assistência médica, mente com suas o gerar, só em Pernambuco 250 mil empregos mil em toda a Prossigando, Antônio Celso, o ministro Bresser dificuldades que a cana no setor canavieiro todos os financiamentos acrecidos de juro monetária plena, portanto, que o mesmo correção, Governo federal por os agrícolas. A maneira de evitarção do setor e a cência dos fornecedores de refutar a sociedade, o ministro encerrou o diálogo que o pleito dos novo e justo aumento prosseguiria e Ministérios da Fazenda e do Comércio

Técnico da AFCP com números com a Fundação

Enquanto o presidente da AFCP era recebido em presidente José Sarney, em Delmiro Gouveia, o engenheiro do Departamento Técnico da entidade, encontrando a Federação dos Plantadores de Cana do Brasil, acompanhado das Associações de São Paulo, Rio, Minas, Paraná

Diário de Pernambuco. Recife, 14/08/1987.

Anexo III



Jornal do Comércio. Recife, 28/05/1995.

Anexo IV

Economia Jornal do Commercio Recife, 28 de maio de 1995, domingo 5

ESPERA — No projeto da Borda do Lago Pernambuco, as obras estão inacabadas e muitas tubulações ainda vão ser montadas para a irrigação poder entrar em funcionamento

Inflação atrasou obra

► Continuação da página 4

Quando a Chesf e o Pólo Sindical do Submédio São Francisco assinaram o acordo em dezembro de 1986 estabelecendo o reassentamento de Itaparica, a previsão era de que todos os projetos estariam funcionando até meados de 1990. Passados cinco anos, só funcionam parcialmente os projetos da Borda do Lago Pernambuco e Brígida.

Segundo o diretor de engenharia da Chesf, Leonardo Lins, o atraso no cronograma se deveu à situação de insolvência que atingiu o setor elétrico brasileiro no final do governo Sarney, que acabou provocan-

do a paralisação das obras.

Durante o ano de 1987 foram construídas grande parte das 120 agrovilas do projeto e os reassentados começaram a se mudar no começo de 1988. Dois anos depois, todas as obras de irrigação deveriam estar prontas, o que não aconteceu até hoje. Na época, o projeto de irrigação se encaixava no plano de reforma agrária do governo Sarney, que incluía a irrigação de 1 milhão de hectares em todo o país.

As obras civis do sistema de irrigação começaram em outubro de 1988. O crescimento da taxa de inflação no se-

gundo semestre de 1989 provocou uma situação de muita dificuldade no setor elétrico, segundo Leonardo Lins. As estatais do setor passaram a ter gastos maiores e só recebiam pela energia fornecida com o preço já defasado. Ao mesmo tempo, aumentou o endividamento de outras empresas em relação a Chesf. Sem a contrapartida nacional, a Chesf não pode utilizar os recursos do Banco Mundial (Bird) que estavam previstos na época.

No início do governo Collor foi realizado um estudo sobre a situação de Itaparica e decidiu-se por uma re-

A situação dos seis principais projetos de reassentamento na área de Itaparica varia muito. Enquanto Brígida já está operando, as obras de irrigação em Jusante nem foram iniciadas.

Projeto	Famílias reassentadas
Borda do Lago Pernambuco	1.183
Borda do Lago Bahia	611
Brígida	433
Caraíbas	1.476
Pedra Branca	707
Jusante	467

dos empréstimos com o Bird. Se verificou na época que os 130 milhões iniciais que vieram do banco eram insuficientes e um outro empréstimo de 100 milhões foi acertado e liberado no final de 1991.

Em 1992 as obras recomençaram. Até 1994 foram gastos US\$ 881,6 milhões no reassentamento.

Para sua conclusão, a Chesf ainda planeja gastar US\$ 281,7 milhões. Para 1995, está pre-

visto um gasto de US\$ 47,5 milhões mas segundo o diretor de engenharia, o dinheiro ainda não está em caixa e depende do pagamento que empresas devedoras da Chesf ainda vão efetuar. Para 1996, Leonardo Lins afirma que os recursos ainda não estão definidos porque dependem do que vai caber para a Eletrobrás (e por extensão para a Chesf) no Orçamento Geral da União (M.A.).

Economia

► A Irrigação Prometida - II

Conclusão do projeto Caraíbas é incerta

A obra de conclusão do projeto Caraíbas está sendo feita, mas a conclusão é incerta.

Marcelo Albuquerque



O projeto de irrigação de 4 milhas, realizado no município de Santa Maria da Boa Vista, a 641 quilômetros do Recife, representa um dos maiores projetos de reassentamento de Irapuica e constitui uma parte dos problemas enfrentados pelos colonos. A obra de irrigação nos 5,223 hectares, porém, não é oficialmente concluída há mais de um ano. Mas existem técnicos que afirmam que o projeto está quase concluído.

As famílias reassentadas sobre as plantações que desmataram a área de trabalho, porém, não foram a trabalhar, pois não houve a colheita. Os moradores do projeto de Brígida não são os únicos reassentados de Irapuica. Outros reassentados chegaram em 1994 para as áreas illas. Em Irapuica, a área de plantação é muito molhada diretamente pelo rio. Devido ao nível da água, algumas das áreas estão submersas.

PRAGAS — Os que ficaram em...



PREJUÍZO — Cicero Manoel de Souza é um dos reassentados que reclama do andamento das obras em Caraíbas. As pragas destruíram sua plantação de milho.

O agricultor José Carlos da Silva, por exemplo, perdeu toda a sua plantação de milho e feijão por causa das pragas. Mesmo utilizando agrotóxicos, ele não pode evitar que os gafanhotos destruíssem totalmente sua plantação de milho. Conseguiu colher um caminhão de melancia, levou a feira de Santa Maria com um atravessador mas não encontrou preço para vender o produto e acabou tendo

Hoje não sei nem se sou dono de nada aqui", Souza também perdeu todo o milho que plantou e parte do feijão. Conseguiu uma safra de melancia mas acabou não vendendo por falta de preço.

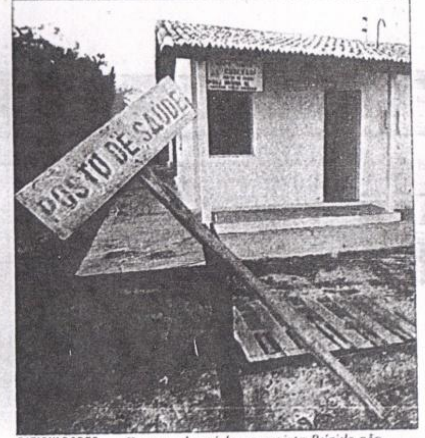
OBRAS — O atraso no cronograma de conclusão das obras de

irrigação fez com que milhares de canos de PVC ficassem sem anos no canteiro de obras expostos ao sol e a chu-

Os materiais de construção ficaram anos no canteiro de obras de Caraíbas.

O contrato da Odebrecht para realizar as obras termina no final de julho e não vai ser renovado porque a extensão do acordo é proibida por lei. O departamento de engenharia do exército poderá ser chamado para trabalhar na conclusão das obras, a exemplo do que está sendo feito no projeto da Borda do Lago de Pernambuco. Souto afirma que 95% das obras estarão executadas até lá. "Com mais US\$ 3 milhões se conclui a obra e se coloca o projeto em operação", afirma o engenheiro.

As dimensões de Caraíbas



DIFICULDADES — O posto de saúde no projeto Brígida não recebe mais a visita de um médico e enfrenta a falta de material.

Escolas e postos de saúde enfrentam dificuldades

A escola de 1º grau menor que fica na Agrovila 6 do Projeto Brígida é um exemplo das dificuldades vividas pelos filhos dos reassentados. Tem apenas sete professoras para mais de 200 alunos, entre crianças que fazem o 1º grau e adultos que estudam à noite. A escola realiza quatro turnos por dia mas está com a maior parte das bancas quebradas e sem nenhum material nas instalações.

rias que funcionam no projeto. Grande parte continua tendo de se deslocar de ônibus até a cidade de Santa Maria da Boa Vista para poder cursar o ginásio, fazendo uma viagem que leva até duas horas.

SAÚDE — Em Brígida, o posto de saúde da agrovila 5 não tem a presença de médicos. Somente um dentista visita o local por mês. Há somente duas en-

▶ Itaparica — A irrigação prometida — III

Brígida colhe primeira safra em 1.450 ha

É a única experiência de sucesso parcial no reassentamento.

Marcelo Abreu
Enviado Especial

OROCÓ
Com 1.450 hectares irrigados funcionando dos quais 100 já estão produzindo tomate para as indústrias — Brígida e até agora a única experiência de sucesso parcial no reassentamento de Itaparica. O projeto fica numa área de 6.300 hectares no município de Orocó, no sertão do São Francisco, a 599 quilômetros do Recife.

Apesar dos problemas com a qualidade do solo na área do projeto, os agricultores começaram a plantar cebola, tomate, melancia e feijão mesmo antes do treinamento que a Chesf — através de outras empresas — fornece aos reassentados para divulgar as técnicas

nicas de irrigação por aspersão. As dimensões reduzidas do projeto, em relação aos seus vizinhos, é uma das causas apontadas para o sucesso registrado até agora.

Segundo Victor Alberto de Souza, integrante da comissão de coordenação do projeto, cerca de 30% dos agricultores já estão numa situação razoável, isto é, conseguiram plantar sem grandes problemas, colheram a safra e vão poder sair com algum lucro.

Um desses casos é o lote de três hectares de Jorge Gomes de Menezes, 35 anos. Ele vem plantando cebola desde agosto passado numa área de dois hectares. Durante a primeira safra de tomate, Menezes chegou a empregar 10 pessoas por um período de nove dias para durante a colheita.

Apesar da sua situação privilegiada, ele diz que não teria condição de tocar o negócio se tivesse que pagar pela água da irrigação, o que deve acontecer no futuro, quando o projeto for declarado in-

dependente da Chesf.

SÓLOS RUINS — Na outra ponta da linha, no próprio Brígida, está João Manoel Campos, de 33 anos. Ele recebeu um lote de três hectares no setor 4, mas só pôde aproveitar um hectare para plantar cebola. No seu terreno há uma espécie de calcário que inviabiliza certas culturas e seu lote é um dos vinte que já estão condenados no projeto. Campos está esperando uma decisão dos técnicos para mudar para um terreno melhor. Apesar de ser possível plantar milho e feijão, ele diz que essas duas culturas não são viáveis financeiramente.

Outro problema constatado em alguns lotes de Brígida, é o excesso de água no terreno, o que também inviabiliza as culturas tradicionais da área. Ivan de Oliveira, gerente-geral do consórcio de empresas Itaparica, que presta assistência técnica aos projetos especiais, reconhece o problema e diz que, com a drenagem, boa parte destes terrenos ficará em situação melhor.



EXEMPLO — O agricultor Jorge Gomes vem plantando cebolas desde agosto passado numa área de dois hectares. Na primeira safra de tomate ele empregou 10 pessoas durante a colheita.

Planejar autogestão é um começo para o êxito

Os agricultores reassentados no projeto Brígida já começaram a se organizar em associações e cooperativas para viabilizar a independência do projeto em relação à Chesf, mas há quem questione se afirmar que este é apenas um primeiro passo de um longo caminho.

Pelo acordo entre Chesf e Polo Sindical dos trabalhadores rurais do submédio São Francisco, firmado em 1986, a estatal se responsabiliza pela assistência técnica e pagamento da verba de manutenção temporária até que cada projeto esteja funcionando de forma lucrativa.

"Podemos levar três, seis ou até nove anos para tornar o projeto auto-suficiente", prevê Victor Alberto de Souza, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Orocó e um dos reassentados de Brígida. Segundo ele, se o projeto não se viabilizar em nove anos, é sinal de que não há saída para o reassentamento de Brígida. E justamente este compromisso de médio prazo que

a Chesf tem com os reassentados, que estimula, dentro dos projetos, a oposição à venda da estatal para iniciativa privada. Como também prevê o acordo, foi criada uma comissão de coordenação para estudar e implementar a produção com a participação de representantes da Chesf, do Polo Sindical do Submédio São Francisco e da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf), responsável pela assistência técnica. A comissão discute cinco itens básicos: produção e comercialização; assistência técnica; área de seqüer; questões jurídicas; e operação e manutenção.

Ao mesmo tempo mesmo em que discutem com a Chesf e a Codevasf, os agricultores já planejam formas de comercializar a produção. Recentemente, foi formada a Associação de Cooperação Agrícola Boa Esperança, que já tem cerca de duzentos sócios. Uma cooperativa deverá estar formada até o fim do ano para cuidar da comercialização da safra.



VIABILIDADE — Victor diz que é preciso longo prazo.

A associação está discutindo a compra de três tratores e um caminhão para ajudar na plantação e transporte da produção. Os veículos vão pertencer à associação e estarão à disposição de todos os associados. "A auto-gestão é o principal fator para este projeto dar certo. Somos pequenos produtores mas se julgarmos tudo isso aqui é uma grande empresa", diz Victor de Souza. (M.A.)

Plantio tem linha de crédito do BNB

Os reassentados de Brígida conseguiram uma linha de crédito do Fundo Constitucional do Nordeste, através da agência do Banco do Nordeste de Salgueiro, para financiar o plantio da primeira safra. Cerca de 200 agricultores obtiveram uma carta de anuência da Chesf, autorizando o empréstimo sem que os colonos ofereçam seus lotes como garantia. O financiamento é de curto prazo, inclui uma área de até três hectares (com uma cultura diferente por hectare) e será pago pelo valor equivalente em produtos colhidos na safra.

Ivan de Oliveira, gerente do Consórcio Itaparica — que presta assistência técnica aos agricultores dos projetos especiais — diz que esta linha de crédito é uma forma de evitar que os reassentados acabem trabalhando para empresas agrícolas privadas interessadas na produção. Em Brígida, por exemplo, a empresa Cicanorte fez um acordo com alguns agricultores: fornece os insumos básicos (sementes e adubos) e recebe como pagamento parte da colheita. Oliveira diz que é

preciso evitar que os reassentados "acabem sendo meeiros no próprio lote", quando comprometem parte de sua safra com uma empresa privada. A linha de crédito do BNB/FNE é uma forma de evitar este tipo de situação.

O Consórcio Itaparica reúne as empresas brasileiras Enerconsult, Projeteck, Plena e a italiana Elk (por exigência do Banco Mundial, a concorrência foi internacional). Estas empresas foram contratadas pela Codevasf para prestar assistência técnica e extensão rural aos agricultores dos projetos especiais (Brígida, Caraíbas e Pedra Branca).

O consórcio é também responsável pelo treinamento que os agricultores devem ter antes da operação de cada projeto. Este treinamento tem dois objetivos: capacitar os reassentados a operar o sistema de irrigação por aspersão e financiar o plantio e colheita da primeira safra. Em Brígida, o plantio ocorreu antes do treinamento que só agora será fornecido pelo consórcio.

O sistema de irrigação usa-

do na área é composto de estações de captação de água na beira do lago de Itaparica ou do Rio São Francisco, transporte da água até as estações de bombeamento, de onde ela é encaminhada para os canais e aspersores.

BORDA DO LAGO — Nos projetos da Borda do Lago de Pernambuco e da Bahia, o consórcio responsável pela assistência técnica e extensão rural é composto pela empresa brasileira Hidroservice e pela francesa Gersar. Apesar de considerar o sistema de irrigação muito sofisticado, Alexandre Araújo, gerente do consórcio, reconhece a precariedade dos solos onde foram reassentados os agricultores na região de Petrolândia e de Rodelas (BA). Além de um baixíssimo teor de matéria orgânica, os terrenos são, em geral, arenosos e rasos.

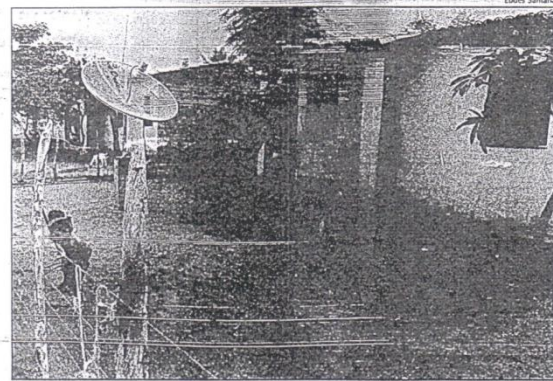
Diante deste quadro, Alexandre Araújo propõe que a pecuária seja adotada na área dos projetos da Borda do Lago como uma alternativa de produção de matéria orgânica. (M.A.)

As parabólicas nas agrovilas

As agrovilas construídas pela Chesf para relocar os agricultores que perderam suas terras devido à construção da usina de Itaparica, eram conjuntos de casas isoladas que com o tempo estão ganhando os contornos de pequenas cidades. Inicialmente soltas no meio da caatinga, hoje algumas vilas já dispõem de muitas árvores e casas maiores construídas pelos próprios moradores.

Em zonas de integração dentro de cada projeto, a situação é mais difícil no Caraíbas, onde, devido às grandes dimensões da área, a distância entre uma vila e sua vizinha mais próxima pode chegar a três quilômetros.

Em termos de amenidades da vida moderna, só há mesmo as antenas parabólicas existentes em grande parte das casas e com as quais os moradores podem sintonizar, via sateli-



APARÊNCIAS — Uma casa modesta ostenta um símbolo de status social em uma das agrovilas: a antena parabólica é, aparentemente, uma contradição para a simplicidade do local.

Existem efeitos nocivos, dizem alguns prefeitos

Os três projetos especiais de reassentamento de Itaparica provocaram grandes alterações na região do submédio São Francisco entre as cidades de Cabrobó e Santa Maria da Boa Vista, em Pernambuco, e Abaré e Curacá, na Bahia. Quando começou o projeto em Caraíbas, por exemplo, a população de Santa Maria da Boa Vista aumentou de 30 mil para 43 mil pessoas.

"O município é pobre e de repente se viu pressionado na área de serviços sociais", observa o prefeito de Santa Maria, José Gualberto (PMDB). Segundo ele, a prefeitura enfrentou uma "sobrecarga de demanda por serviços, principalmente na área de saúde, educação e segurança".

Gualberto é um dos prefeitos da região que atua mais junto aos reassentados. Teve, inclusive, muitos votos no projeto de Caraíbas. Mesmo assim, na área de atendimento médico e educação, o prefeito admite que os

de uma reunião com o secretário da Agricultura, no Recife, quando ficou acertado que o secretário vai visitar os projetos nos próximos dias 5 e 6 de junho para conhecer de perto os problemas da área.

Em Orocó, município onde se localiza Brígida, a situação é semelhante. O prefeito Laudemiro Granja afirma que os projetos até agora "só geraram ônus". Segundo ele, seu município é pequeno e não tem condições de atender a população de Brígida. Granja afirma que Orocó poderia lucrar com o ICMS gerado pelos produtores rurais, mas "o Estado não tem eficiência para cobrar o imposto". (M.A.)

Leia amanhã

— O fracasso das piscigranjas em Rodelas
— Jusante: projeto só

JC NEGÓCIOS

► Pedro Jorge de Andrade

Qualidade e excesso

O consumo de vinho em Portugal está caindo ano a ano, baixando de 150 litros per capita em 1979 para menos de quarenta em 1993. Para reduzir o excesso de produção, o Governo, com recursos da Comunidade Europeia, estimula a destruição de vinhedos parreirais, enquanto subsidia a produção de vinhos finos, de fácil exportação.

É o caso da J.P. Vinhos, que produz principalmente o espumante natural, nome dado ao tipo champagne Lorrain, centenária vinha de Pinhal Novo, que tem como acionista brasileira a empresa Vini Nabuco, neta do abolicionista pernambucano. O espumante nasce depois de

três anos de fermentação das uvas Periquita, das mais antigas castas lusas e exportada para o Brasil em pequenas garrafas de duas taças de capacidade. Este tipo de tecnologia, uma dedicação quase de amor ao produto, é que podemos introduzir em nossos vinhedos do Sertão. Nosso clima garante, o ano todo, produção de quase uma arroba de uva por pé, dez vezes mais que nas arensas terras da península. Podemos aproveitar a próxima visita da comitiva de empresários, capitaneados pelo próprio ministro da Indústria, Comércio e Turismo de Portugal para começar os entendimentos.

“Vamos voltar aos grandes espetáculos do tempo da Sociedade de Cultura criada por Waldemar de Oliveira”.

Marilene Mota, anunciando a Dell'Arte Assinatura.

Estoques

Criada pelo governador Cordeiro de Farias nos anos 50, só agora o secretário Eugênio de França cuida de restaurar a rede estadual de silos para começar a estocar as safras, prevenindo as secas. Quando o general inaugurou o sistema, havia warrantagem porque o IVC era de 4%. Hoje, o ICMS é 17% e mais, desestimula os agricultores a confiarem suas colheitas a qualquer empresa estatal.

Mérito

Ontem à noite, o empresário Gustavo Perez recebeu a Medalha de Mérito Industrial da Fiepe por ter continuado o crescimento da sua fábrica Yolanda em plena crise. Artur Valente por le-

Inventor

O doutor em física do solo, Fernando Antônio Franco da Encarnação, dirigente da Alittec e inventor consagrado foi classificado como operário no release da Fiepe. Fernando é detentor de vários prêmios e patentes de invenções importantes para nosso futuro.

Procura

Na Fiepe, todas as tardes chegam pedidos de inscrição de empresários nortistas querendo contatos diretos com empresas da missão comercial belga. O interesse cresce a partir de reportagens nos jornais e anúncios divulgados pela Fiepe na região.

Crédito

A missão, chefiada pelo próprio Ministro da Indústria,

► Mendes Júnior

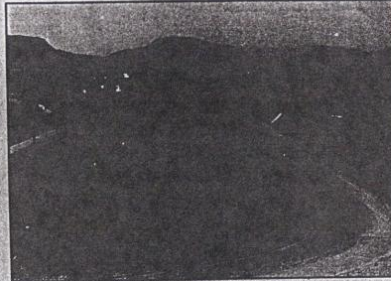
Chesf perde ação bilionária

A Justiça decidiu que empreiteira tem a receber US\$ 1,8 bilhão.

César Rocha

A Chesf perdeu mais uma batalha judicial na guerra que mantém com a empreiteira Mendes Júnior, desde 1988. O juiz Eloy D'Almeida Lins, da 4ª Vara Cível do Recife, considerou procedente a cobrança da construtora à Chesf, no valor de US\$ 1,8 bilhão (US\$ 200 milhões apenas em honorários de advogados). Tal débito representaria a falência da Companhia, que mantém hoje endividamento de quase metade de seu patrimônio líquido, estimado em US\$ 9,5 bilhões. A Chesf tem até o próximo dia 9 de junho para apelar ao Tribunal de Justiça de Pernambuco (TJP) contra a decisão do juiz. Caso contrário, deverá fazer o pagamento imediatamente.

O conflito entre a empreiteira e a Companhia teve início em 1987. A Chesf ficou sem recursos para concluir a Hidrelétrica de Itaparica e a Mendes Júnior resolveu tocar a obra, que custou ao Gover-



Maneco Novais

CONSEQUÊNCIAS — As divergências dizem respeito ao pagamento pela construção da Hidrelétrica de Itaparica

no Federal pouco mais de US\$ 1 bilhão. Faltavam, segundo a própria Chesf, cerca de 10% deste valor para finalizá-la. Há informações, inclusive, de que a empreiteira gastaria muito mais para desmobilizar o canteiro de obras e reativá-lo novamente quando houvesse dinheiro.

Após a conclusão de Itaparica, em 88, a Mendes Júnior decidiu contestar na Justiça o valor pago pela Chesf, cujos juros e correção monetária

foram calculados de acordo com os percentuais definidos no contrato. A empresa mineira reivindica um valor maior, baseando-se nas taxas de juros que pagou ao mercado pelo empréstimo que, segundo seus diretores, foi necessário contrair para dar andamento à obra. Após quase cinco anos, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) acatou os argumentos da Mendes Júnior, apresentados através de ação declaratória. A Justiça, na prá-

tica, reconheceu o débito da Chesf.

Em seguida, a empreiteira deu entrada, na 4ª Vara Cível do Recife, a outra ação, desta vez de cobrança. No dia 15 deste mês, o juiz Eloy Lins considerou procedente tal cobrança. A Chesf tentou contestar, mas não teve êxito. O processo seguirá agora para o Tribunal de Justiça e, em instância superior, para o STJ. O juiz não foi localizado ontem pelo JC e na Chesf, a assessoria da presidência insiste em afirmar apenas que o valor cobrado pela Mendes Júnior é absurdo, "visto que a obra já foi paga".

O diretor comercial da empreiteira, em Belo Horizonte, Marco Aurélio Domingues, disse ontem que não há previsão encerramento do caso. Considera "quase impossível um acordo com a Companhia" e realinha ser justa a cobrança da empreiteira. "A Chesf não pode reclamar que o valor cobrado seja maior que o custo da obra. Quanto a empresa recebeu em função de termos concluído a obra no prazo que eles desejavam? Pelo menos cinco vezes mais que o custo de Itaparica", argumentou Domingues.

► Petrolina

Projetos atrasam por falta de verba

Da Socal

PETROLINA — A demora na assinatura de um convênio entre os governos Federal e estadual para liberar recursos da ordem de R\$ 750 mil é o principal responsável pelo atraso da execução de trinta projetos agrícolas na região do São Francisco. A informação do economista e técnico do Pró-Rural, Romilson

de trabalhadores rurais e órgãos como Inera e Emater, Romilson Marques explorou várias questões ligadas à atual realidade dos programas de financiamento agrícola. Além disso, foram analisados e definidos os projetos inclusos na demanda apresentada no Sertão (semi-árido) e outros ligados aos programas desenvolvidos pelo Pró-Rural.

De acordo com o economista, nos próximos meses e Programa de Apoio Agrícola

dência de automatização na atual estrutura de projetos, o que tem implicado no desemprego estrutural, interferindo na mão-de-obra e aniquilando o processo produtivo.

Ele disse que na região do São Francisco o PAC será desenvolvido junto às associações rurais a fundo perdido, contando com apenas 10% da comunidade. "Essa participação será viabilizada com a própria mão de

cas de pequenas confecções, padaria e olaria comunitárias.

Ainda de acordo com Romilson Marques, a principal preocupação do Pró-Rural diante da implementação dos programas de apoio ao desenvolvimento social, junto às famílias rurais, tem sido a precária situação em que se encontram as associações. Para ele,

a maioria das associações está des-

Chesf utilizou mal suas verbas

R\$ 1,3 bilhão não foi suficiente para a companhia energética concluir o projeto de reassentamento em Itaparica

Erlene Araújo
Da equipe do DIÁRIO

Sabe o que é possível fazer com R\$ 1,3 bilhão? Pagar 500 prêmios da mega sena, implantar quase sete projetos irrigados semelhantes ao Nilo Coelho, em Petrolina, comprar 10,5 mil apartamentos avaliados em R\$ 123,8 mil cada ou ainda construir uma hidrelétrica como a de Itaparica, com potencial para gerar 1,5 mil megawatts de energia. O dinheiro pode até parecer muito para você. Entretanto, o valor não foi suficiente para a Companhia Hidroelétrica do São Francisco (Chesf) concluir o projeto de reassentamento de seis mil famílias na zona rural de Itaparica e construir casa para outras 4,5 mil na cidade. Faltam ainda R\$ 300 milhões, dos quais R\$ 170 deverão ser liberados este ano, e a garantia de que quando o dinheiro for liberado, não sairá pelas pedras no meio do caminho que possam novamente atrapalhar o programa.

O coordenador geral do Pólo Sindical dos Trabalhadores do Sub-médio São Francisco (PE e BA), Heraldo José de Souza, denuncia: "o programa se não foi concluído porque houve mau uso e desvio do verba". O dinheiro foi mal aplicado, por exemplo, em projetos que a comunidade afirmava não ter interesse em manter, como as 100 piscigranjas que foram implantadas na região. Enquanto a Chesf subutiliza o programa, tudo funciona, mesmo que precariamente. Logo que os benefícios

Números de Itaparica	
Famílias reassentadas	6.054
Agrovilas implantadas	126
Casas construídas	5.327
Prédios comerciais construídos	540
Cidades construídas	3
mais o povoado de Barra do Tarrachil (BA)	
Escolas construídas	74
Postos de saúde implantados	16
Piscigranjas	100
Área irrigável	19.767
ha (46% concluído, 26% iniciado e 28% sem nada feito)	
Estações de bombeamento	112 Km
Canais de Adução	81 Km
Rede de distribuição de água	990 Km
Sistema viário	1.307 Km

Assaf/Junior

foram cortados, as pessoas deixaram a piscicultura de lado. Hoje, restam apenas 20 piscigranjas em atividade. Segundo ele, "a Chesf deu dinheiro para que o projeto andasse, mas não os ensinou a pescar".

DESCASO

As declarações de Heraldo Souza não encerram por aí. Ele afirma que de cada quatro reais que deveriam ser aplicados no projeto,

três reais ficaram pelo meio do caminho e apenas um real chegava ao seu destino. Além do desvio de verba, ele lamenta o descaso dos técnicos da Chesf, que não estão fazendo sequer os trabalhos de drenagem, que teoricamente, teriam garantia de cinco anos. "Alguns lotes começam a ter infiltrações, a produtividade está caindo e o sal subindo", lamenta.

A direção da Chesf admite: os gastos poderiam ter sido menores se,

Gastos da Chesf em Itaparica	
Custo total com implantação do reservatório	R\$ 400 milhões
Aquisição da área para implantação do projeto	R\$ 80 milhões
Reposição de infra-estrutura pública (rodovia, rede elétrica, sistema de saúde, segurança, abastecimento de água, prédios e construção de quatro cidades: Petrolândia e Itacuruba (PE), Rodelas e Barra do Tarrachil (BA))	R\$ 320 milhões
Implantação do reassentamento rural de Itaparica	R\$ 900 milhões
Infra-estrutura rural (126 agrovilas, estradas de acesso, abastecimento de água potável e energia elétrica)	R\$ 55 milhões
Projeto de engenharia, aquisição de material e equipamento e implantação de obras de irrigação	R\$ 605 milhões
Aquisição de área para irrigação	R\$ 35 milhões
Custo social com educação, saúde e VMT	R\$ 150 milhões
Serviços agrônômicos, de operação e manutenção dos perímetros irrigados, energia elétrica para irrigação e drenagem	R\$ 55 milhões
Total	R\$ 1,3 bilhão

*Verba de Manutenção Temporária

Assaf/Junior

por exemplo, as obras não tivessem paralisado durante quatro anos, no período compreendido entre 1988 e 1992. As despesas seriam, no mínimo, R\$ 300 milhões menores que o orçamento atual, avaliado em R\$ 1,3 bilhão. Os gastos da Verba de Manutenção Temporária (VMT) com as famílias, R\$ 226,00 para cada, também seriam menores R\$ 62,4 milhões. Desvio de recursos, no entanto, é uma possibilidade totalmente descartada pela direção.

CUSTO SOCIAL

O coordenador Especial de Relações Institucionais da Chesf, Carlos Augusto Costa, tentou justificar cada milhão gasto em Itaparica (ver quadro). Segundo ele, só o projeto de engenharia, execução de obras de irrigação, aquisição de material e equipamento custou aos cofres públicos R\$ 605 milhões. O custo social com educação, saúde e a Verba de Manutenção Temporária (VMT) já

leveu R\$ 150 milhões do total de investimentos. "Também não pode ficar de fora a construção de três cidades - Petrolândia e Itacuruba (PE), Rodelas e o povoado de Barra do Tarrachil (BA). Para isso, foram construídas mais de quatro mil casas, 540 prédios comerciais, estradas e implantados projetos de eletrificação, sistemas de saúde e segurança", completa.

■ Mais notícias na página 11

Anexo V

Ores
m
ra
revelutando
por EHC

ncionário público
sber o problema
forma imediata e
mando Henrique,
ar a expulsão dos
do país. Bandeira
que é difícil que
acela porque, di-
foram feitas pro-
do processo, na-
da foi feito. Há
equestradora chi-
sília Marchi rece-
do regime semi-
das Execuções
a decisão foi re-
TSP (Tribunal de
Paulo), a sequestradora
nido emprego no
o Chile em São
lago que, mesmo
poderia obter esse
nada mais a pen-
uma família
Se não acabar
a greve de fome
dores poderá ser
ou 5 dias a situa-
o e eles conti-
ando a tomar aro,
ado de saúde deles
ficar irreversível
Haley Nunes, da
do Estado, que es-
diariamente.

utada
canti

empo de vigília
es preso por conta
a exequatistas,
a saúde piorada
fratura na bacia,
amada,
nova e não tinha
npre estava ao seu
cinho Luperício
se considerava
da ex-deputada,
relatando lutado-
ua lucidez, tinha
os cargos no par-
de reuniões que
sua própria casa,
olítica pernambu-
grande peso",
a passou 28 dias
JTI do Hospital
Ipsoc.

ssassina
r nos EUA

W—Um garotote
a tiros um prelo-
do sexta, durante
"crack-antil" na
SUA). O dono do
realizava e batia
ca de 250 jorões,
reto e após alca-
ve a arma. O go-
ma escola na la-
boro, a 160 km de
a identidade não
de permaneceu
John Gillette, era
bônica.

Hospitals

Brasil
1998

EDITORA: Lúcia Fátima ASSISTENTE: Carlos Eduardo de Araújo TELEFONES: 425-7724 FAX: 425-7790 E-MAIL: brasil@globo.com.br

DIÁRIO DE PERNAMBUCO
Recife, domingo, 26 de abril de 1998 • 3

A cidade esquecida no tempo

Itacuruba, o município pernambucano com o menor número de eleitores, não desperta o interesse dos governantes

Silvia Bessa
Enviada Especial

ITACURUBA - Esperança. Neste município, localizado no Sertão do estado, essa é uma palavra abolida do vocabulário dos moradores. Por isso, a cidade que possui o menor eleitorado de Pernambuco (2.344) é um dos principais exemplos das ações mal elaboradas de políticos. Na expressão de cada morador, a revolta de ter sofrido o descaso de políticos, vereadores, deputados e governadores. Para muitos, não resta dúvida de 3 de outubro, quando ocorreriam eleições, será apenas mais uma data no calendário e nada mudará a rotina da população. Sem terra para plantar e nem opções de emprego, sobreviver é o maior desafio dos moradores da antiga Itacuruba, inundada, em 1988, pela Companhia Hidrelétrica (Chesf) para a construção de Itaipica.

Situada numa região de conflitos políticos, o município, que fica a 306 quilômetros do Recife, usufrui, sorcamente, de uma situação econômica privilegiada de sobreviver com uma receita mensal de R\$ 150 mil, o correspondente a uma cidade com 50 mil habitantes, quando, segundo dados do censo de 1990 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de moradores não ultrapassa 3.200 pessoas. A cidade, construída para funcionar como projeto experimental de agricultura, atualmente tem suas terras secas. Casas-tanques para a reprodução de peixes tiveram suas obras paradas enquanto as terras milhões de reais foram jogados no lixo.

Segundo o vereador governista Paulo Chino (PT), o salário do prefeito também tem proporções maiores que a maior parte das prefeituras do interior: R\$ 8 mil mensais. O vice-prefeito acumula em seu cargo o salário de R\$ 4 mil e os secretários municipais R\$ 12 mil. Os vereadores, eleitos até em 120 votos, recebem R\$ 1,8 mil. Este quadro financeiro gorduroso atribuído aos recursos des-



Pal de seis filhos, o caseiro Francisco Gomes da Cruz tem a roça como fonte de renda e vende na cidade os peixes que consegue pescar nos pequenos açudes de Itacuruba, quase vazios

tinados pelo governo federal para Itacuruba, a título de fundo perdi-

ABANDONO

Com aproximadamente 600 funcionários na folha de pessoal, a prefeitura de Itacuruba tem pouca infraestrutura e não oferece condições de funcionamento. Ainda segundo o vereador, apenas 15 funcionários estão lotados na sede do Executivo. O prefeito da cidade, Romero Magalhães (PFL), pouco permanece em Itacuruba, tendo inclusive casa em Recife juntamente

com a família. Já o vice-prefeito, Aderval Freire, é uma autoridade pouco conhecida pela população. Segundo denúncias dos moradores, Aderval reside em Floresta, que fica a poucos quilômetros, e possui um comércio de transportes de carretas.

A cidade passou uma média de quatro anos para ser construída, mas, depois de 11 anos de iniciado o projeto, ela ainda revela as marcas de um município incompleto. Na paisagem onde funcionava um conjunto de reservatórios de peixes que serviria como meio de subsis-

tiência para os moradores, as famílias seriam instaladas à beira dos tanques, e assim teriam condições semelhantes às que os habitantes da antiga Itacuruba possuíam. Mas, atualmente há apenas pedras de construções. Paredes levantadas e casas sem telhado, situações de grandes escavações.

VIOLENCIA

"Não tem água para beber e eu não posso beber", diz um morador.

caseiro de 64 anos, pai de 6 filhos que vive a alguns quilômetros do Centro do município, Sen Francisco tem como fonte de renda a roça e, quando consegue fugir um peixe no pequeno açude em um tanque perto da sua casa, leva para cidade para negociar. No caminho, encontra um cenário que lhe causa tristeza: dezenas de outros tanques inúteis.

"Itacuruba é muito bonita, nova, mas as pessoas são infelizes", define o agricultor de José Frei Leite, de 58 anos, acusando a Chesf de ser irresponsável com a relocalização

população para uma área improdutiva. "Só vivo porque sou teimoso", lamenta José, lembrando da sua vida antes de morar na nova Itacuruba. A penitência em que vive seu José Frei Leite é a mesma da maioria da população. Eles acreditavam na promessa do governo federal de que seriam indenizados com R\$ 226 mensais, através de uma Verba de Manutenção Temporária (VMT) - ironicamente conhecida por alguns moradores como Vítimas de Morte Temporária.

■ Mais notícias em

Moradores revoltados com a Chesf

Em meados do mês passado, cerca de 120 moradores rurais da região do Rio São Francisco, incluindo moradores de Itacuruba, resolveram protestar contra o não cumprimento do acordo firmado com Companhia Hidrelétrica de Pernambuco (Chesf) que seria oferecida toda a infraestrutura para a mudança dos moradores das terras em que hoje está localizada a barragem de Itaipica, entre os estados da Bahia e Pernambuco. A data foi criteriosamente escolhida para coincidir com o aniversário de 50 anos da odiada instituição.

Saída da construção da barragem, em 1957, foram

priados em toda a região cerca de cinco mil quilômetros quadrados de área e 130 mil pessoas tiveram que deslocar o local. Itacuruba é apenas uma agrola - projeto irrigado - que não deu certo. O governo tem suas defesas: segundo a Chesf foram gastos somente com os benefícios oferecidos aos moradores, R\$ 1,3 bilhão, incluindo indenizações de terras e pagamento do Verbo de Manutenção Temporária (VMT) a algumas pessoas. Ainda de acordo com a Chesf, aproximadamente R\$ 800 milhões com os reassentamentos.

Mas, na avaliação de um coordenador do Pólo Sindical dos Trabalhadores Rurais da região, Erlando José, apenas 33% das ben-

feitorias nos lotes, que tinham previsão de serem entregues em 1988, estão completas. Trinta e cinco por cento estão em fase de implantação e outros 30% não foram iniciados. O compromisso firmado com a Chesf incluía ainda, além do pagamento do VMT e dos assentamentos, a garantia de prestações de serviços de drenagem no terreno, durante cinco anos, depois de concluída a irrigação.

O problema no acordo surgiu com o marasmo dos governantes. A previsão da Companhia era de que o pagamento da Verba de Manutenção seria suspenso logo depois de finalizado o projeto de irrigação, que até agora não foram entregues à população.

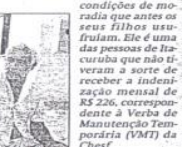
ITACURUBA EM DETALHES

- Município com 3.200 habitantes, segundo o IBGE
- O número de eleitores é de 3.344.
- Vive com uma renda de R\$ 350 mil, o que corresponde a uma cidade de 50 mil moradores
- Situada entre Floresta e Belém de São Francisco, no Sertão do estado.
- Construída em 1987, com a inundação da antiga cidade para a construção da barragem de Itaipica, situada em Pernambuco e Bahia.
- Segundo o projeto da Chesf, foi criada para funcionar com um projeto irrigado.
- Atualmente o cenário é de uma cidade ainda inacabada, com casas e tanques de reprodução de peixes inutilizados

JOSÉ NEVES DE CARVALHO

38 11 anos, seu José Neves de Carvalho, que hoje tem 57 anos, além de homem de saúde, era lembrado como um dos moradores mais ricos da antiga Itacuruba. Em 88, fez algumas malas, recebeu seus oito filhos e vendeu suas propriedades: aproximadamente 50 hectares de terra, vinte colheitas de milho e um criatório, com uma média de mil ovelhas e bovinos. Não disse, carava e caminhões foram nortados

Seu José Neves de Carvalho ficou quase imobilizado depois de uma queda e não conseguiu mais trabalhar e hoje não tem como oferecer as mesmas condições de vida que antes os seus filhos usufruíam. Ele é uma das pessoas de Itacuruba que não tiveram a sorte de receber a indenização mensal de R\$ 226, correspondente à Verba de Manutenção Temporária (VMT) da Chesf.



A INCERTEZA DA PRÓXIMA GERAÇÃO

O futuro das crianças e a migração para os municípios mais desenvolvidos. A maioria dos pais tem pouca instrução escolar, mas carrega a certeza que essa é a única solução para que as próximas gerações tenham

JOSÉ FREI LEITE

"Tudo pode mudar, mas não dependemos dos políticos e nem sempre eles querem", diz José Frei Leite, um morador de 58 anos. Mas, falar sobre políticos, ex-prefeitos e vereadores não é um dos assuntos que mais lhe agrada. Enquanto era repentinamente pela filha para ser cuidada com o que conversava, ele Frei disse que a única coisa que podia fazer era criticar a Chesf, uma empresa que, na opinião dele, deve ser criticada por

pedir esmolas", revelou. Também originado da Itacuruba que ofereceu esmola e capangas, José Frei também não tem muito o que festejar. Perdeu os seus bens, vive de terras arrendadas em agrolas situadas a duas horas da cidade onde mora. Ele também não recebeu o VMT da Chesf. "Não sei o critério da Companhia, não recebi nada e, por isso, não devo favor a ninguém", avalia, demonstrando orgulho. Com advogados contrariados

Anexo VI

Economia

JORNAL DO COMERCIO

GARANTIA DE 10 ANOS
 Telefone agora | 429.1754
OS & R
Obras, Serviços & Restauração Ltda.

Recife, 28 de maio de 1995, domingo

Itaparica rejeita a privatização

O projeto de reassentamento para mais de 5 mil famílias pode se complicar se a Chesf for privatizada

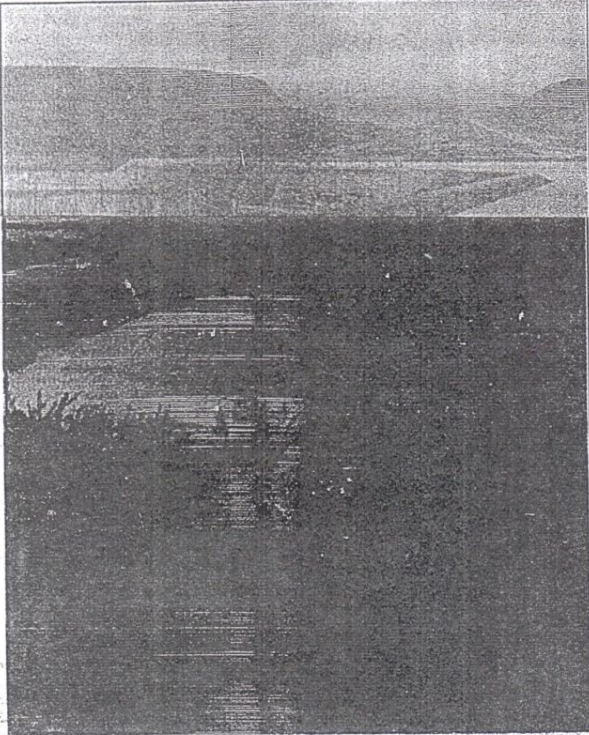
Marcelo Abreu
enviado especial

PETROLÂNDIA
Para concretizar a venda da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf), o governo federal vai ter de enfrentar a oposição dos cerca de cinco mil agricultores que participam do projeto de reassentamento da barragem de Itaparica. A notícia da privatização da estatal repercutiu mal entre as lideranças sindicais que representam os reassentados no sertão do submédio São Francisco e foi encarada como mais um entrave para a conclusão do reassentamento na área.

O projeto de reassentamento de se arrasta desde que o lago de Itaparica foi formado em 1988 após a construção da barragem da Chesf. As 5.563 famílias que tiveram suas terras alagadas pelo lago receberam lotes e casas para morar em áreas determinadas que compõem os projetos de reassentamento na área. Devido à falta de verbas, os projetos não foram concluídos dentro do cronograma gerando uma série de problemas para os agricultores e para a Chesf que já gastou cerca de US\$ 811 milhões no reassentamento. "Itaparica é um problema completo, chega a ser holístico", define o diretor de engenharia da Chesf, Leonardo Lins.

O anúncio de privatização aumentou a incerteza que existe entre os pequenos agricultores reassentados na área. "Somos contra a privatização e vamos ser uma espinha na garganta da Chesf", disse Eraldo Souza, presidente do Pólo Sindical do Submédio São Francisco, que representa uma dezena de sindicatos rurais na área e a maioria dos reassentados de Itaparica e cuja sede fica em Petrolândia, a 527 quilômetros do Recife. Segundo ele, o reassentamento já é um assunto complexo demais para ser tratado pelo governo. "Se a iniciativa privada entra, vai ficar ainda mais difícil. O governo criou o problema e agora tem de resolver".

A ele somam-se as vozes de todas as lideranças sindicais e de agricultores ouvidas pela reportagem do **Jornal do Comércio** na área do projeto. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Orocó, Victor Alberto de Souza, afirma que "a Chesf não vai ficar livre da gente nem tão cedo" referindo-se ao compromisso que a estatal tem de construir e manter o projeto de irrigação, o qual tornou-se auto-sustentável.



ÁGUA NO SERTÃO — Construído em 1988, o lago de Itaparica provocou a remoção de cerca de 50 mil pessoas, com um custo social elevado



Eudes Santana

no, um dos representantes da igreja progressista que atua nos projetos da Borda do Lago constatou a reação à privatização entre as centenas de reassentados com quem tem contato diário. "A reação foi de preocupação e de descontentamento. A gente pede ao povo que fique de orelha em pé e faça ouvir a sua voz".

O reassentamento de Itaparica é um dos mais ambiciosos projetos de reforma agrária do governo federal. Se for concluído, terá uma área de 20 mil hectares irrigados e seu custo total que deve chegar a US\$ 1 bilhão.

Representa também uma tentativa de estabelecer um pólo de produção agrícola na região - a exemplo do que existe em Petrolândia - e fixar os agricultores no campo.

Através de um acordo firmado em 1986, a Chesf comprometeu-se indenizar as terras atingidas pelas águas dando em troca de uma casa em uma agrovila, um lote irrigado que varia de 1,5 a 6 hectares, uma "área de sequeiro" (para plantio com água de chuva e criação de animais), e assistência técnica e financeira para o plantio por um período de no mínimo cinco anos.

A polêmica que se criou em torno do projeto de reassentamento nos últimos anos atraiu a atenção de organizações não-governamentais do Brasil do exterior, de setores da igreja progressista, partidos políticos e empresas privadas que vislumbram a chance de lucrar com a produção que pode surgir na área. Quando estiver funcionando, os projetos de irrigação deverão gerar cerca de 13 mil empregos diretos e 27 mil indiretos, segundo números da Chesf.

A situação dos diversos projetos bastante distinta mas na maior parte dos casos os agricultores moram em agrovilas que funcionam com problemas e não utilizam ainda o sistema de irrigação. Caso a venda da estatal se concretize, os agricultores tem que o compromisso com a Chesf é rompido e eles fiquem numa situação ainda mais difícil.

O atual presidente da Chesf, Sérgio Moreira, diz que mesmo privatizada a empresa terá de cumprir com todos os seus compromissos. "A questão é saber se temos ou não os recursos para concluir o projeto", afirma Moreira. Para ele, a situação só vai ser resolvida se o problema financeiro Chesf for solucionado como um todo.

"O problema de dinheiro está insuperável". Segundo o presidente, se a Chesf não recuperar o "fôlego" dos investimentos no reassentamento, "tão comprometidos até para este ano".

O agricultor Jorge de Menezes, já planta cebola no projeto de Borda do Lago, resume o clima de ceticismo reinante na área. "Quando colocarmos a mão sobre estes projetos para o momento, acho difícil que alguma empresa privada queira comprar a Chesf e de segurar 5 mil famílias".

Continúa na página 2

AS CHEGARAM! EMPILHADEIRAS



FILHAS: "OS MÉDICOS
DIZEM QUE É DEPRESSÃO"

QUÊ É UM TRANSTORNO DEPRESSIVO?

Um transtorno depressivo é uma doença que envolve o corpo, o humor e os pensamentos. Ele afeta a maneira da pessoa se alimentar, dormir, como ela se sente em relação a si própria e como se pensa sobre as coisas. Um transtorno depressivo não é o mesmo que tristeza passageira. As pessoas com uma doença depressiva não podem simplesmente se acalmar e melhorar sem tratamento, os sintomas podem durar semanas, meses ou anos. Um tratamento apropriado, porém, pode ajudar muitas pessoas que sofrem de depressão.

SINTOMAS DA DEPRESSÃO

- Humor persistentemente triste, ansioso ou irritado
- Sentimento de desespero, pessimismo
- Sentimento de culpa, desvalia, impotência
- Perda do interesse ou prazer em atividades que eram anteriormente apreciadas, incluindo sexo
- Energia diminuída, fadiga, ficar devagar
- Dificuldade de se concentrar, recordar, tomar decisões
- Insônia, despertar precoce ou dormir demais
- Perda de apetite e/ou peso ou comer demais e ganho de peso
- Pensamentos de morte ou suicídio; tentativas de suicídio
- Irritabilidade
- Sintomas físicos persistentes que não respondem a tratamento, como dores de cabeça, transtornos digestivos e dores crônicas

FONTE: Associação Brasileira
(ABP)

Imagens que ficaram no passado

Quando as águas da barragem de Itaparica tomaram conta do Vale do Médio São Francisco, repressando as águas do Velho Chico, muito pouco ficou de pé nas cidades baianas e pernambucanas inundadas. A igreja católica de Petrolândia parecia querer resistir, mas em três anos desabou nas águas. Junto com ela, foram embora as imagens de um passado. A torre da igreja de Barreiras ainda reluta até hoje contra uma "morte" que se faz certa, a cada dia que passa. A cena do templo ao longe dá um certo arrepio. Impossível negar o misticismo da história. Muita gente até hoje se reúne na Nova Petrolândia para ver as cenas gravadas no dia da

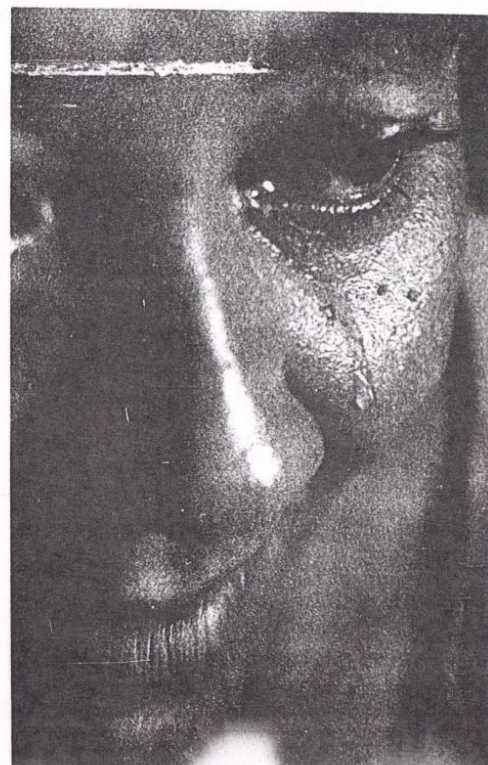
mudança definitiva. Gostam de ser ver quando tinham vinte anos e menos de idade.

No início eram 10 mil famílias de frente com as novidades de viver num outro lugar. Pela primeira vez, muitas pessoas ganharam casas de alvenaria e ruas com saneamento básico. Como indenização acordada entre a Chesf e o pólo sindical da região, a Companhia Hidroelétrica deu início a um pagamento avaliado em dois salários mínimos e meio. Com o tempo e com o sobe e desce da inflação, o objeto do acordo mudou para cestas básicas e, desde 2000, o pólo sindical quer mudar o mesmo para o valor pago anteriormente, mas sem sucesso.

Ainda faltam psiquiatras

Fatores sociais como desemprego, violência e estresse não são os únicos culpados pelo aumento no número de casos de depressão no interior pernambucano. A mudança de atitude médica perante o paciente também deve ser levada em conta. O psiquiatra Lindemberg Macedo, coordenador de Saúde Mental de Canhotinho e Garanhuns ressalta que há três décadas, o que contava para o diagnóstico da depressão era a idade. "Os psiquiatras consideravam que pessoas com menos de trinta anos não tinham depressão.

* A psiquiatra Jane Lemos, que foi gerente de Saúde Mental no estado, reconhece o aumento no uso de antidepressivos. "Esse medicamento passou a ser mais usado nos últimos dez anos porque a ciência já reconhece que esse tipo de remédio não causa dependência, ao contrário dos tranquilizantes". Jane Lemos lembra, no entanto, que há déficit de psiquiatras no estado. "Por isso, antes de chegarem ao médico especialista em depressão, os pacientes já ingeriram vários medicamentos re-



ELIANA PEREIRA ESTÁ DOENDO POR SUAS FILHAS, QUE TÊM TUDO NA MENTE E NA VIDA